



Por toda a Eternidade

*Algumas pessoas esperam a vida inteira por uma relação assim,
mas as histórias chegam ao fim. A gente perde as pessoas que ama
e tem que encontrar uma maneira de seguir adiante...*



DA AUTORA BEST-SELLER #1 DO
THE NEW YORK TIMES
KRISTIN HANNAH



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Por Toda A Eternidade

Kristin Hannah

Série: Firefly Lane vol 2

Algumas pessoas esperam a vida inteira por uma relação assim, mas as histórias chegam ao fim, não é? A gente perde as pessoas que ama e tem que encontrar uma maneira de seguir adiante...

KRISTIN HANNAH

Para Benjamin e Tucker, que me mostram todos os dias o que o amor realmente significa;

Para minha família — Laurence, Debbie, Kent, Julie, Mackenzie, Laura, Lucas e Logan.

Todos me mantêm seguindo adiante e nossas memórias contam nossa história; E, finalmente, para minha mãe.

Sentimos sua falta.

AGRADECIMENTOS

A cada livro que escrevo, parece que me apoio em amigos em busca da força necessária para imaginar uma história e lhe dar vida. Essa jornada foi especialmente difícil, e houve momentos em que eu teria desistido se não fosse por meus amigos. Agradeço a Susan Elizabeth Phillips e Jill Barnett por me dizerem que era hora de escrever esta história, e a Megan Chance e Jill Marie Landis; digo, com toda a honestidade, que não teria conseguido se não fosse por vocês. Obrigada.

Obrigada também a Jennifer Enderlin e Matthew Shear por me darem aquilo de que eu mais precisava: tempo.

O encanto, pode-se dizer sobre a genialidade da memória, é que é exigente, perigoso e temperamental: ele rejeita a catedral edificante e as fotografias indeléveis do menininho do lado de fora, comendo um pedaço de melão no chão.

— Elizabeth Bowen

Se um homem pode entrar no Paraíso num sonho, e tem uma flor dada a ele como prova de que sua alma realmente esteve lá, e se ele descobriu a flor na mão quando acordou.

— Aye!

E daí?

— das anotações de S. T. Coleridge

PRÓLOGO

Ela está no banheiro, abaixada, com lágrimas secando no rosto, manchando o rímel que ela aplicou com tanto cuidado há apenas algumas horas. Você pode ver instantaneamente que ela não pertence a este lugar, e ainda assim ela está aqui.

O luto é sorrateiro, indo e vindo como um convidado que você não quis convidar, mas que também não pode mandar embora.

Ela quer esta dor, apesar de nunca admitir.

Ultimamente, é a única coisa que parece real. Ela se percebe pensando intencionalmente em sua melhor amiga mesmo agora, depois de tanto tempo, porque ela quer chorar. Ela é como uma criança remexendo numa ferida, incapaz de se impedir, mesmo sabendo que doerá.

Ela tentou seguir adiante sozinha.

Tentou mesmo. Ela ainda está tentando, a seu modo, mas às vezes uma pessoa pode lhe dar apoio, mantê-la de pé, e, sem uma mão para se segurar, você pode se perceber caindo, por mais forte que seja, por mais que tente se manter estável.

Uma vez — há muito tempo — ela caminhou por uma rua escura chamada Firefly Lane totalmente sozinha, na pior noite da sua vida, e encontrou um espírito amigável.

Este foi nosso início. Há mais de trinta anos.

TullyeKate. Você e eu contra o mundo.

Melhores amigas para sempre.

Mas as histórias chegam a um fim, não?

Você perde as pessoas que ama e tem de encontrar uma maneira de seguir adiante.

Preciso deixar para trás. Dizer adeus com um sorriso.

Não vai ser fácil.

Ela ainda não sabia ao que havia dado início. Em poucos instantes, tudo vai mudar.

CAPÍTULO UM

**2 de setembro de 2010
22h14**

ELA SE SENTIA UM POUCO TONTA.

Era bom, como estar envolta num cobertor quentinho, recém-tirado da secadora. Mas, quando percebeu onde estava, não foi tão bom.

Ela estava sentada no banheiro, abaixada, com lágrimas no rosto. Havia quanto tempo estava ali?

Ela se levantou aos poucos e saiu do banheiro, abrindo caminho pelo lobby cheio do cinema, ignorando os olhares das belas pessoas bebendo champanhe sob o candelabro reluzente do século XIX.

O filme devia ter acabado.

Do lado de fora, ela chutou seu escarpin de couro nas sombras. Em sua calça preta cara de náilon, caminhou para casa sob a chuva e pelas sujas calçadas de Seattle. Eram apenas umas dez quadras mais ou menos.

Ela conseguiria, e nunca encontraria um táxi àquela hora da noite, de qualquer forma.

Ao se aproximar da Virginia Street, um cartaz rosa com os dizeres MARTINI BAR chamou sua atenção. Algumas pessoas se reuniam do lado de fora, fumando e conversando sob um toldo.

Mesmo prometendo a si mesma não parar, ela se percebeu virando-se, aproximando-se da porta e entrando. Ela entrou no ambiente escuro e cheio e foi diretamente para o bar comprido de mogno.

— Em que posso servi-la? — perguntou um homem magrinho com um quê de artista e cabelos cor de tangerina e mais ferros no rosto do que o corredor de parafusos e porcas da Sears.

— Tequila — disse ela.

Ela bebeu a primeira dose e pediu outra.

A música alta a confortava. Ela bebeu outra dose e se deixou levar pela batida. Todas as pessoas ao seu redor estavam falando e rindo. Parecia que ela fazia parte de toda aquela atividade.

Um homem usando um caro terno italiano se sentou ao lado dela. Ele era alto e obviamente em forma, com cabelos loiros cuidadosamente cortados e estilizados. Um banqueiro, provavelmente, ou o advogado de uma grande empresa. Jovem demais para ela, claro. Não devia ter mais do que 35 anos.

Havia quanto tempo ele estava ali, caçando um encontro, procurando pela mulher mais bela do lugar?

Um, dois drinques?

Por fim, ele se virou para ela. Ela podia perceber pelo olhar dele que sabia quem ela era, e o reconhecimento a seduziu.

— Posso lhe pagar uma bebida?

— Não sei. Pode? — Ela estava hesitando?

Não era nada bom. E ela não conseguia pensar com clareza.

O olhar dele passou do rosto dela para os seios e depois voltou ao rosto. Era um olhar que desnudava qualquer intenção.

— Diria que pelo menos uma bebida.

— Geralmente não saio com estranhos — ela mentiu. Ultimamente só havia estranhos em sua vida.

Todos os outros, todos os que importavam, a haviam esquecido. Podia sentir o Xanax fazendo efeito agora ou era apenas a tequila?

Ele a tocou no queixo e o carinho a fez estremecer. Havia uma ousadia no toque; ninguém fazia mais isso.

— Sou Troy — disse ele.

Ela viu seus olhos azuis e sentiu o peso de sua própria solidão. Qual fora a última vez que um homem a desejara?

— Sou Tully Hart — disse ela.

— Eu sei.

Ele a beijou. O gosto dele era doce, de algum tipo de licor com cigarro. Ou talvez maconha. Ela queria se perder na pura sensação física, se dissolver como um pedaço de doce.

Queria esquecer tudo o que dera errado em sua vida e como ela terminara num lugar como aquele, sozinha num mar de estranhos.

— Me beije de novo — disse ela, odiando o apelo patético que percebia em sua voz. Ela fora assim quando criança, quando era uma menininha com o nariz apertado contra a janela, esperando pela volta da mãe. “O que há de errado comigo?”, a menininha perguntava a qualquer pessoa que a escutasse, mas nunca obtivera uma resposta. Tully se aproximou dele, mas, mesmo quando ele a beijou e ela sentiu seu corpo contra o dela, percebeu que começava a chorar; quando as lágrimas começaram, não havia como detê-las.

3 de setembro de 2010
2h01

Tully foi a última pessoa a deixar o bar.

As portas se fecharam com um estampido atrás dela; o cartaz de néon piscava e zunia. Já passava das duas horas; as ruas de Seattle estavam vazias. Quietas.

Ao caminhar pela calçada escorregadia, ela se sentia tonta. Um homem a beijara — um estranho — e ela começara a chorar.

Patético. Não era de admirar que ele tivesse se afastado.

A chuva jorrava sobre ela e quase a assolava. Ela pensou em parar, olhar para cima e beber até se afogar.

Não seria tão ruim assim.

Pareceu levar horas para chegar em casa.

Em seu prédio, ela passou pelo porteiro sem olhar direto para ele.

No elevador, ela se viu na parede espelhada.

Ah, Deus.

Ela estava horrível.

Seus cabelos castanho-avermelhados — precisando de tingimento — eram um ninho de pássaros, e sua maquiagem parecia uma pintura de guerra em seu rosto.

As portas do elevador se abriram e ela saiu para o corredor. Estava tão desequilibrada que demorou para chegar à porta, e foram necessárias quatro tentativas para colocar a chave na fechadura. Quando abriu a porta, ela estava tonta e a dor de cabeça voltara.

Entre a sala de jantar e a de estar ela bateu numa mesinha e quase caiu. Um agarrão de última hora no sofá a salvara. Ela se deixou cair na almofada branca e macia com um suspiro. A mesa diante dela estava cheia de correspondência. Contas e revistas.

Ela se recostou e fechou os olhos, pensando em como sua vida estava confusa.

— Que se dane, Katie Ryan — sussurrou para sua melhor amiga, que não estava ali. A solidão era intolerável. Mas sua melhor amiga se fora. Morta. Fora isso o que dera início a tudo. A perda de Kate.

Quão patético era isso? Tully começara a cair depois da morte da amiga e não fora capaz de se levantar.

— Preciso de você. — Então ela gritou: — Preciso de você!

Silêncio.

Ela deixou a cabeça pender. Dormiu?

Talvez...

Ao abrir os olhos novamente, encarou com os olhos arregalados a pilha de correspondência na mesa de centro. Lixo, na maior parte; catálogos e revistas que ela não se dava ao trabalho de ler. Começou a desviar o olhar, mas uma imagem chamou sua atenção.

Ela franziu a testa e se inclinou para a frente, livrando-se da correspondência para revelar uma revista *Star* sob a pilha. Havia uma pequena fotografia do seu rosto no canto superior direito. Não era uma boa imagem. Não uma imagem da qual se orgulhar.

Sob ela estava escrita uma única e horrível palavra:

Viciada.

Ela pegou a revista com as mãos trêmulas e a abriu. As páginas se seguiram até que lá estava novamente: sua imagem.

Era uma história pequena, nem mesmo uma página inteira.

A HISTÓRIA REAL POR TRÁS DOS RUMORES

A idade não é fácil para nenhuma mulher pública, mas pode se provar especialmente difícil para Tully Hart, a ex-estrela do fenomenal *talk show The Girlfriend Hour*. A afilhada da Srta. Hart, Marah Ryan, fez contato exclusivo com a *Star*. A Srta. Ryan, 20,

confirma que Hart, de 50 anos, tem lutado ultimamente com problemas que teve durante toda a vida.

Recentemente, Hart “ganhou muito peso” e esteve abusando de drogas e álcool, de acordo com a Srta. Ryan...

— Ah, meu Deus...

Marah.

A traição doía tanto que ela não conseguia respirar. Ela leu o restante da história e deixou a revista cair de suas mãos.

A dor que ela segurava havia meses, anos, ganhou vida, levando-a para o lugar mais solitário e melancólico onde já estivera. Pela primeira vez ela não conseguia sequer se imaginar saindo deste poço.

Ela se pôs de pé, a visão embaçada pelas lágrimas, e pegou as chaves do carro.

Não podia mais viver assim.

CAPÍTULO DOIS

3 de setembro de 2010
4h16

ONDE ESTOU EU?

O que aconteceu?

Respiro de maneira superficial e tento me mover, mas não consigo fazer meu corpo funcionar, nem meus dedos ou minha mão.

Finalmente abro os olhos. Eles parecem ásperos. Minha garganta está tão seca que não consigo engolir.

Está escuro.

Há alguém aqui comigo. Ou algo. Há um som de pancada, martelos no aço. As vibrações sobem pela minha espinha, se alojam nos meus dentes e me dão dor de cabeça.

O som — de metal triturado, moído — está em todos os lugares; fora de mim, no ar, ao meu lado, dentro de mim.

Bang-arranhão, bang-arranhão.

Dor.

Sinto tudo ao mesmo tempo.

Insuportável, cortante. Uma vez que tomo consciência disso ou sinto isso, não há mais nada.

A dor me acorda: uma agonia abrasadora e atormentadora em minha mente, um latejamento no meu braço. Algo dentro de mim está obviamente errado. Tento me mover, mas dói tanto que desmaio.

Quando acordo, tento novamente, respirando fundo, o ar preenchendo meus pulmões. Posso sentir meu próprio sangue, senti-lo no meu pescoço.

Me ajude, tento dizer, mas a escuridão envolveu minha intenção.

ABRA SEUS OLHOS.

Ouçõ a ordem, uma voz e o alívio toma conta de mim. Não estou sozinha.

ABRA SEUS OLHOS.

Não consigo. Nada funciona.

ELA ESTÁ VIVA.

Mais palavras, agora gritadas.

FIQUE IMÓVEL.

A escuridão se move ao meu redor, muda, e a dor explode novamente. Um barulho — em parte o de uma serra elétrica e em parte o de um grito de criança — está ao meu redor.

Na minha escuridão, a luz parece vagalumes e algo nesta imagem me deixa triste. E cansada.

UM DOIS TRÊS ERGA-SE.

Eu me sinto puxada, erguida por mãos frias que não consigo ver. Grito de dor, mas o barulho é instantaneamente engolido, ou talvez seja apenas em minha mente.

Onde estou?

Atinjo algo e grito.

ESTÁ TUDO BEM.

Estou morrendo.

É algo que me vem repentinamente e tira o ar dos meus pulmões.

Estou morrendo.

**3 de setembro de 2010
4h39**

Johnny Ryan acordou pensando que havia algo de errado. Algo estava errado. Ele se sentou e olhou em volta.

Não havia nada para ver, nada fora do lugar.

Ele estava no escritório da sua casa em Bainbridge Island. Mais uma vez ele dormira trabalhando. A maldição do pai solteiro trabalhando em casa. Não havia horas suficientes no dia para fazer tudo, então ele roubava horas da noite.

Esfregou seus olhos cansados. A seu lado, o monitor revelava a imagem congelada de um menino de rua maltrapilho sentado em

cima de um letreiro de néon crepitante, que apagava e acendia, fumando. Johnny apertou o play.

Na tela, Kevin — nome de rua “Frizz” — começou a falar sobre seus pais.

Eles não se importam, *disse o menino*, dando de ombros.

O que o faz estar tão certo disso?, perguntou Johnny.

A câmera flagrou o olhar de Frizz — a dor e a raiva em seus olhos quando ele levantou a cabeça.

Estou aqui, não estou?

Johnny assistira a essa filmagem ao menos cem vezes. Ele conversara com Frizz em várias ocasiões e ainda não sabia onde o menino crescera, onde morava ou quem esperava à noite por ele, espiando a escuridão, preocupado.

Johnny sabia das preocupações paternas, como uma criança podia se esvair nas sombras e desaparecer. Era por isso que ele estava ali, trabalhando dia e noite num documentário sobre crianças de rua. Talvez, se procurasse melhor, se fizesse mais perguntas, a encontraria.

Ele encarou a imagem na tela. Por causa da chuva, não houvera muitas crianças na rua na noite em que a filmagem fora feita.

Ainda assim, sempre que ele via uma forma no fundo, uma silhueta que podia ser a de uma jovem, ele se ajeitava e olhava com mais cuidado a imagem, pensando: Marah?

Mas nenhuma das meninas que ele vira fazendo este documentário era sua filha.

Marah fugira de casa e desaparecera. Ele nem mesmo sabia se ela ainda estava em Seattle.

Desligou as luzes do escritório e caminhou pelo corredor escuro e silencioso. À sua esquerda, dezenas de fotografias de família com molduras pretas penduradas na parede.

Às vezes ele parava e seguia o rastro dessas imagens — sua família — e as deixava levá-lo para um tempo mais feliz. Às vezes ele se permitia estar diante da imagem da esposa e se perder no sorriso que uma vez já iluminara seu mundo.

Esta noite ele continuou em movimento.

Parou no quarto dos filhos e abriu a porta. Era algo que ele fazia agora: verificar obsessivamente como estavam seus gêmeos de onze anos. Uma vez que você tenha aprendido como a vida pode ser ruim, e com que rapidez, você tenta proteger o que restou. Lá estavam eles, dormindo.

Ele soltou um suspiro, sem saber que havia inspirado, e foi para a porta fechada do quarto de Marah. Lá ele não parou. Doía demais olhar seu quarto, ver o lugar congelado no tempo — o quarto de uma menina —, inabitado, tudo como ela deixara.

Foi para seu quarto e fechou a porta.

Estava cheio de roupas e papéis e livros que ele havia começado e deixado de ler e pretendia retomar quando a vida se acalmasse.

Indo para o banheiro, tirou a camisa e a jogou no cesto. No espelho, ele se viu. Às vezes, ao se ver, pensava: “Nada mau para cinquenta e cinco anos” e às vezes — como agora —, ele pensava: “Mesmo?!”.

Ele parecia... Triste. Estava principalmente nos olhos. Seus cabelos estavam mais compridos do que deveriam, com fios cinza entre os pretos. Ele sempre se esquecia de cortar o cabelo. Com um suspiro, abriu o chuveiro e entrou, deixando que a água quente jorrasse sobre ele, eliminando seus pensamentos. Ao sair do banho, sentia-se melhor de novo, pronto para assumir o dia.

Não havia sentido em tentar dormir. Não agora. Secou seus cabelos e vestiu uma velha camiseta do Nirvana que encontrou no chão do armário e uma calça jeans velha. Ao voltar para o corredor, o telefone tocou.

Era o telefone fixo.

Ele fez uma careta. Era 2010. Nesta nova era, apenas as ligações mais raras eram feitas para seu velho número.

Claro que as pessoas não ligavam às 5h03 da manhã. Só más notícias vinham a esta hora.

Marah.

Ele pegou o telefone e atendeu.

— Alô?

— Kathleen Ryan está?

Malditos atendentes de telemarketing.

Eles não atualizavam seus registros?

— Kathleen Ryan faleceu há quase quatro anos. Você precisa tirá-la de sua lista — disse, ríspido, esperando por algo como: “É o senhor quem toma decisões na sua casa?”.

No silêncio que se seguiu, ele ficou impaciente. — Quem é? — perguntou.

— Oficial Jerry Malone, polícia de Seattle.

Johnny franziu a testa.

— E você está ligando para a Kate?

— Houve um acidente. A vítima tinha o nome Kathleen Ryan na carteira como contato de emergência.

Johnny se sentou na beirada da cama. Só havia uma pessoa no mundo que ainda teria o nome de Katie como contato para emergências. O que ela fizera agora? E quem ainda mantinha contatos de emergência na carteira?

— É a Tully Hart, certo? Foi um acidente porque ela dirigia embriagada? Porque se ela...

— Não tenho essa informação, senhor. A Srta. Hart está sendo levada para o Sacred Heart agora.

— Quão mal ela está?

— Não posso responder isso, senhor. O senhor precisará falar com alguém no Sacred Heart.

Johnny desligou, procurou o número do hospital no Google e ligou. Levou pelo menos dez minutos de transferências até ele encontrar alguém que pudesse responder às suas perguntas.

— Sr. Ryan? — disse a mulher. — Presumo que o senhor seja da família da Srta. Hart?

Ele hesitou diante da pergunta. Havia quanto tempo não falava com Tully?

Uma mentira. Ele sabia exatamente havia quanto tempo não conversava com ela.

— Sim — respondeu. — O que aconteceu?

— Não tenho os detalhes, senhor. Sei apenas que ela está vindo para cá agora.

Ele olhou para o relógio. Se fosse rápido, podia pegar a balsa das 5h20 e estar no hospital em pouco mais de uma hora.

— Estarei aí o mais rápido que puder.

Ele só percebeu que não se despedira ao ouvir o telefone tocar no ouvido. Desligou e jogou o telefone na cama.

Johnny pegou sua carteira e o telefone de novo. Apanhando uma blusa, ele discou um número.

Tocou várias vezes, o que o fez se lembrar de que era muito cedo.

— A-alô?

— Corrin. Desculpe por ligar tão cedo, mas é uma emergência. Você pode pegar os meninos e levá-los à escola?

— O que houve?

— Preciso ir ao Sacred Heart. Houve um acidente. Não quero deixar os meninos sozinhos, mas não tenho tempo de levá-los até você.

— Não se preocupe — disse ela. — Estarei aí em quinze minutos.

— Obrigado — disse ele. — Fico lhe devendo. — Então ele correu pelo corredor e abriu a porta do quarto dos meninos. — Vistam-se, meninos. *Agora.*

Eles se levantaram lentamente.

— Hããã? — fez Wills.

— Estou saindo. A Corrin vem pegá-los em quinze minutos.

— Mas...

— Mas nada. Vocês vão para a casa do Tommy. A Corrin talvez precise pegá-los no futebol também. Não sei quando volto para casa.

— O que houve? — perguntou Lucas, seu rosto marcado pelo sono numa cara de preocupação. Eles não sabiam nada sobre emergências, esses meninos, e a rotina os consolava. Principalmente Lucas. Ele era como sua mãe, um alentador, um preocupado.

— Nada — disse Johnny. — Preciso ir à cidade.

— Ele acha que somos bebês — disse Wills, voltando a se cobrir.
— Vamos, Skywalker.

Johnny olhou impacientemente para seu relógio. Eram 5h08. Ele precisava sair agora para pegar a balsa das 5h20.

Lucas saiu da cama e se aproximou dele, olhando para Johnny por entre os cabelos embaraçados.

— É a Marah?

Claro que eles estavam preocupados.

Quantas vezes correram para ver a mãe no hospital? E só Deus sabia que problemas Marah tinha nestes dias. Todos estavam preocupados com ela.

Johnny havia se esquecido de quão desconfiados eles às vezes podiam ser ainda agora, depois de quase quatro anos. A tragédia marcara a todos. Ele faria o melhor com estes meninos, mas o melhor não era o suficiente para compensá-los pela perda da mãe.

— A Marah está bem. É a Tully.

— O que há de errado com a Tully? — perguntou Lucas, parecendo assustado.

Eles amavam tanto Tully. Quantas vezes no ano passado imploraram para visitá-la?

Quantas vezes Johnny dera alguma desculpa? A culpa o assolou.

— Não tenho os detalhes ainda, mas conto o que aconteceu assim que puder — prometeu Johnny.

— Estejam prontos para a escola quando a Corrin chegar aqui, certo?

— Não somos bebês, papai — disse Wills.

— Você vai nos ligar depois do futebol? — perguntou Lucas.

— Ligo.

Ele lhes deu um beijo de adeus e pegou as chaves do carro na mesinha perto da entrada. Johnny olhou para os filhos uma última vez — dois meninos idênticos que precisavam cortar o cabelo, de pé em seus calções e camisetas grandes demais, franzindo a testa de preocupação. E então ele saiu para pegar o carro. Eles tinham onze anos; podiam ficar sozinhos por dez minutos.

Ele entrou no carro, ligou o motor e dirigiu até a balsa. A bordo, ficou no carro, tamborilando impacientemente no volante de couro durante a travessia de 35 minutos.

Às 6h10, precisamente, estacionou no hospital, sob um poste de luz. O sol só nasceria dali a meia hora, por isso a cidade ainda estava às escuras.

Ele entrou no hospital e correu para a mesa de informações.

— Tallulah Hart — disse ele, amedrontado. — Sou da família.

— Senhor, eu...

— Quero saber da condição da Tully, e agora. — Ele disse isso com tanta raiva que a mulher se ajeitou na cadeira como se uma corrente de ar tivesse passado pelo seu corpo.

— Ah — disse ela. — Já volto.

Ele se afastou do balcão de informações e começou a andar de um lado para o outro.

Deus, ele odiava aquele lugar, com todos os cheiros familiares.

Ele se sentou numa cadeira plástica desconfortável, batendo nervosamente com o pé no piso de linóleo. Os minutos passavam; cada um deles deixando-o um pouco mais fora do controle.

Nos últimos quatro anos, ele aprendera a sobreviver sem sua esposa, o amor da sua vida, mas não fora fácil. Ele tivera de parar de olhar para o passado. As lembranças simplesmente doíam demais.

Mas como podia não olhar para ali, entre todos os lugares? Eles vieram a este hospital para a cirurgia, quimioterapia e radioterapia; passaram horas aqui, ele e Kate, prometendo um ao outro que o câncer não era páreo para o amor deles.

Mentira.

Quando finalmente encararam a verdade, ela estava num quarto aqui. Em 2006. Ele estava deitado com ela, abraçando-a, tentando não notar como ela ficara magra durante seu ano de batalha pela vida.

Ao lado da cama, o iPod de Kate tocava Kelly Clarkson. Some people wait a lifetime... For a moment like this.

Ele se lembrava de olhar no rosto de Kate. A dor era um fogo líquido em seu corpo; ela doía por inteiro. Seus ossos, músculos, pele. Ela tomava o máximo de morfina possível, mas queria estar alerta o bastante para que as crianças não tivessem medo.

Quero ir para casa, dissera.

Quando Johnny olhou para ela, tudo o que conseguiu pensar foi: ela está morrendo.

A verdade o atingiu duramente, trazendo lágrimas a seus olhos.

— Meus bebês — disse ela suavemente e depois riu. — Bom, eles não são mais bebês. Estão perdendo os dentes. É um dólar, por sinal. Da fada dos dentes. E sempre tire uma foto. E a Marah. Diga a

ela que entendo. Fui má com a minha mãe também quando tinha dezesseis anos.

— Não estou preparado para esta conversa — disse ele, odiando sua fraqueza. Ele viu decepção no olhar dela.

— Preciso da Tully — disse ela, surpreendendo-o. Sua esposa e Tully eram amigas havia tempos — até que uma briga as separara. Elas não se falavam havia dois anos, e, naqueles anos, Kate enfrentara o câncer. Johnny não podia perdoar Tully, não pela briga em si (que, claro, fora culpa de Tully), nem por sua falta quando Kate mais precisava dela.

— Não. Depois do que ela fez para você? — disse ele, amargurado.

Kate virou-se ligeiramente para o lado dele; dava para ver como lhe doía fazer isso.

— Preciso da Tully — disse ela novamente, com mais suavidade desta vez. — Ela é minha melhor amiga desde a oitava série.

— Eu sei, mas...

— Você tem que perdoá-la, Johnny. Se eu posso, você pode.

— Não é tão fácil. Ela magoou você.

— E eu a magoei. Melhores amigas brigam. Nós ignoramos o que realmente importa. — Ela suspirou. — Acredite, Johnny, sei o que importa agora, e preciso dela.

— O que faz você pensar que ela virá se você ligar? Já faz muito tempo.

Kate sorriu em meio à dor.

— Ela virá. — Ela tocou o rosto dele e o fez olhar para ela. — Preciso que você cuide dela... depois.

— Não diga isso — sussurrou ele.

— Ela não é tão forte quanto finge ser. Você sabe disso. Me prometa.

Johnny fechou os olhos. Ele dera tão duro nos últimos anos para superar a dor e criar uma nova vida para sua família. Não queria se lembrar daquele terrível ano; mas como era possível... principalmente agora?

Tully e Kate. Elas foram melhores amigas por quase trinta anos, e, se não fosse por Tully, Johnny não teria conhecido o amor de sua

vida.

Assim que Tully entrara em seu escritório, Johnny ficara maravilhado com ela.

Ela tinha vinte anos e era cheia de paixão e calor. Ela havia conseguido um emprego numa pequena estação de TV que ele administrava na época. Johnny achou que se apaixonaria por ela, mas não era amor; era algo além. Ele fora enfeitiçado. Ela tinha mais vida e brilho do que qualquer pessoa que ele conhecia. Ficar ao lado dela era como estar sob o sol depois de meses de sombra. Soube instantaneamente que ela seria famosa.

Quando ela o apresentou à sua melhor amiga, Kate Mularkey, que parecia mais pálida e calada, um pedaço de isopor flutuando na crista da onda de Tully, ele mal a notou.

Anos mais tarde, quando Katie se atreveu a beijá-lo, é que Johnny viu seu futuro nos olhos de uma mulher. Ele se lembrou da primeira vez que fizeram amor. Eles eram jovens — ele tinha trinta; ela, vinte e cinco —, mas só ela fora ingênua. “É sempre assim?”, perguntara ela suavemente.

O amor lhe surgira assim, antes de ele estar preparado. “Não”, dissera ele, incapaz de mentir para ela. “Não é sempre assim.”

Depois que ele e Kate se casaram, observaram a ascensão meteórica de Tully no jornalismo a distância, mas, por mais separada que fosse a vida de Kate da de Tully, as duas permaneciam juntas, como irmãs. Elas conversavam ao telefone quase diariamente e Tully os visitava na maioria dos feriados.

Quando ela abandonara as grandes redes e Nova York e voltara para Seattle para criar seu próprio *talk show* vespertino, Tully implorara para que Johnny produzisse o programa. Foram bons anos. Anos de sucesso.

Até que o câncer e a morte de Kate arruinassem tudo.

Ele não conseguia deixar de se lembrar agora. Fechou os olhos e se recostou. Johnny sabia quando tudo começara.

No funeral de Kate, havia quase quatro anos. Outubro de 2006. Eles estavam sentados na primeira fila da igreja de Santa Cecília, sentados juntos...

... rígidos e melancólicos, cientes do porquê de estarem aqui. Estiveram nesta igreja tantas vezes ao longo dos anos, para a Missa do Galo no Natal e as missas de Páscoa, mas agora era diferente. Em vez das decorações douradas, havia lírios por todos os cantos. O ar da igreja era claustrofobicamente doce.

Johnny sentou-se ereto, os ombros para trás. Ele tinha de se mostrar forte para as crianças, os filhos deles, os filhos dela. Era uma promessa que ele lhe fizera quando ela estava morrendo, mas era difícil de cumprir.

Por dentro, Johnny estava seco feito areia.

Marah, com dezesseis anos, estava sentada igualmente rígida ao lado dele, as mãos no colo. Ela não olhava para o pai havia horas, talvez dias. Ele sabia que devia cruzar aquela ponte, obrigá-la a se conectar, mas, quando olhava para ela, perdia a calma. A dor combinada deles era profunda e escura como o mar. Então ele ficou sentado, os olhos em fogo, pensando: Não chore. Seja forte.

Cometeu o erro de olhar para a esquerda, onde um grande cavalete abrigava um cartaz com a foto de Kate. Na foto, ela era a jovem mãe, na praia diante da casa de Bainbridge Island, os cabelos ao vento, o sorriso brilhante como um farol à noite, os braços abertos para receber as três crianças correndo em sua direção. Ela lhe pedira que encontrasse a fotografia para ela certa noite na cama, abraçados.

Johnny ouvira a pergunta e sabia o que ela queria dizer.

— Não ainda, — murmurara ele em seu ouvido, acariciando sua cabeça calva.

Ela não lhe pedira novamente.

Claro que não. Mesmo no fim, ela fora a forte, protegendo a todos com seu otimismo.

Quantas palavras ela escondera em seu coração para que ele não fosse ferido por seu medo? Quão sozinha ela se sentira?

Deus. Ela havia morrido havia apenas dois dias.

Dois dias e Johnny já queria se desfazer daquilo. Queria abraçá-la novamente e dizer:

Diga-me, meu bem, do que você tem medo?

O Padre Michael subiu ao púlpito e a congregação — já quieta — ficou imóvel.

— Não estou surpreso por ver tantas pessoas aqui para dizer adeus a Kate. Ela era importante para muitos de nós...

Era.

— Vocês não se surpreenderão com o fato de ela ter me dado ordens específicas para este serviço religioso, e eu não quero decepcioná-la. Ela queria que eu dissesse a todos vocês que contassem uns com os outros. Ela queria que vocês se livrassem da dor e a transformassem na alegria pelo que permanece vivo. Ela queria que vocês se lembrassem do som da risada dela e do amor que ela tinha por sua família. Ela queria que vocês *vivessem*. — Ele perdeu a voz. — Esta era Kathleen Mularkey Ryan. Até mesmo no fim ela estava pensando nos outros.

Marah resmungou para si mesma.

Johnny pegou na mão dela. A menina tirou a mão e o olhou, e lá estava ela, a inequívoca dor que Marah tentava disfarçar.

A música começou. Parecia distante no começo, ou talvez fosse o trovejar em sua mente. Ele precisou de algum tempo para reconhecer a música.

— Ah, não — disse ele, sentindo a emoção transbordar com a música.

A música era *Crazy for you*.

A música que eles dançaram em seu casamento. Johnny fechou os olhos e a sentiu ao seu lado, envolvida por seus braços enquanto a música os movia. *Toque-me uma vez e você saberá que é verdade.*

Lucas — o doce Lucas de oito anos, que começara a ter pesadelos de novo e às vezes ficava furioso quando não encontrava seu cobertorzinho de bebê — o puxou pela manga.

— A mamãe dizia que não há nada demais em chorar. Ela pediu que o Wills e eu prometêssemos que não teríamos medo de chorar.

Johnny sequer tinha percebido que estava chorando. Ele enxugou os olhos e meneou a cabeça, sussurrando:

— Está certo, homenzinho.

Mas ele não conseguia olhar para seus filhos. Lágrimas naqueles olhos o desestabilizariam. Em vez disso, olhou para a frente e tentou

ignorar o que havia à sua volta. Ele transformou as palavras do padre em coisinhas, pedras jogadas contra um muro de tijolos. Elas batiam e caíam e o tempo todo ele se focava em sua respiração e tentava não se lembrar da esposa. Isso ele fazia na solidão, à noite, quando não houvesse ninguém por perto.

Por fim, depois do que pareceu horas, a missa terminou. Ele reuniu sua família e eles desceram para a recepção. Lá, ao olhar em volta, sentindo-se ao mesmo tempo surpreso e arrasado, viu dezenas de rostos familiares e não familiares, entendendo que Kate tinha peças em sua vida sobre as quais ele nada sabia, o que o fazia se sentir distante dela. De certo modo, doeu ainda mais. Na primeira oportunidade, ele levou seus filhos para o porão da igreja.

O estacionamento da igreja estava cheio de carros, mas não foi isso o que ele notou.

Tully estava no estacionamento, o rosto voltado para o último raio de sol do dia. Ela tinha os braços abertos e estava se movendo, rebolando, como se houvesse música em algum lugar.

Dançando. Ela estava no meio da rua, fora da igreja, dançando.

Ele mencionou seu nome com tanta raiva que Marah recuou ao seu lado.

Tully se virou e os viu rumando para o carro. Ela tirou os fones de ouvido e se aproximou de Johnny.

— Como foi? — perguntou ela tranquilamente.

Ele sentiu uma onda de raiva e se agarrou a ela. Qualquer coisa era melhor do que aquela dor sem fim. Claro que Tully tinha de se colocar em primeiro lugar. Doía ir ao funeral de Kate, então Tully não ia. Ela ficara no estacionamento e dançara. Dançara.

Melhor amiga. Kate talvez fosse capaz de perdoar Tully por seu egoísmo, mas não era tão fácil para Johnny.

Ele se voltou para sua família.

— Entrem no carro.

— Johnny... — Tully tentou tocá-lo, mas ele se desviou. Não podia ser tocado, agora, por ninguém.

— Não consegui entrar — disse ela.

— É. Quem conseguiria? — disse ele, amargurado. Percebeu instantaneamente que era um erro olhar para ela. A falta de Kate

era ainda mais evidente ao lado de Tully. As duas sempre andaram juntas, rindo, conversando, ouvindo versões ruins de músicas dançantes.

Tully e Kate. Durante mais de trinta anos elas foram as melhores amigas, e agora, ao olhar para Tully, doía demais. Era ela quem deveria ter morrido. Kate valia quinze Tullys.

— As pessoas estão indo para casa — disse ela. — É o que ela queria. Espero que você consiga ir.

Ele percebeu a aspereza na respiração dela e soube que a magoara.

— Isto não é justo — disse ela.

Ignorando isso, ignorando-a, ele guiou sua família para o SUV e eles foram para casa num doloroso silêncio.

O sol pálido do fim de tarde brilhava sobre a casa cor de caramelo de estilo Craftsman. O jardim estava um desastre, esquecido durante o câncer de Kate. Ele estacionou na garagem e seguiu até a casa, onde o fraco cheiro da doença se mantinha no tecido das cortinas e no carpete.

— E agora, papai?

Sem se virar, ele sabia quem havia feito a pergunta. Lucas, o menino que chorara com a morte de seu peixinho e que fazia um desenho para sua mãe moribunda todos os dias, o menino que começara a chorar na escola novamente e que se sentara silenciosamente na sua recente festa de aniversário, incapaz até mesmo de sorrir para seus presentes não abertos. Ele sentia tudo com tanta intensidade.

“Principalmente Lucas” ,dissera Kate em sua última e terrível noite. “Ele não saberá lidar com a minha falta. Cuide dele.”

Johnny se virou.

Wills e Lucas estavam lá, tão perto que seus ombros se tocavam. Os meninos de oito anos usavam calças pretas iguais e suéteres de gola em V. Johnny se esquecera de obrigar os meninos a tomar um banho, e seus cabelos estavam desgrenhados, amassados pelo sono.

Os olhos de Lucas estavam arregalados; seus cílios, umedecidos. Ele sabia que sua mãe estava *morta*, mas não entendia direito como isso era possível.

Marah se aproximou dos irmãos. Ela parecia magra e pálida, como um fantasma, em seu vestido preto.

Todos olhavam para ele.

Era seu momento de destaque, de falar palavras de consolo, de lhes dar conselhos dos quais eles se lembrariam. Como pai, era sua função transformar as horas seguintes numa celebração pela vida da esposa. Mas como?

— Vamos, meninos — disse Marah, com um suspiro. — Vou colocar *Procurando Nemo*.

— Não — reclamou Lucas. — Nada de *Procurando Nemo*.

Wills levantou a cabeça. Ele pegou na mão do irmão.

— A mãe dele morre.

— Ah — fez Marah. — *Que tal Os Incríveis?*

Lucas fez que sim melancolicamente.

Johnny ainda estava tentando descobrir o que dizer para seus filhos quando a campainha tocou pela primeira vez.

Ele recuou ao ouvir o barulho. Depois, estava vagamente ciente do tempo passando, com as pessoas ao seu redor e as portas se abrindo e fechando. Do sol se pondo e a noite se impondo contra as cortinas. Ele *continuava pensando*: Mova-se, siga adiante, diga oi, mas não parecia conseguir começar essa coisa toda.

Alguém tocou em seu braço.

— Sinto muito, Johnny — ouviu uma mulher dizer, e se virou.

Ela estava ao lado dele, usando preto, segurando um prato de ensopado. Ele não fazia a menor ideia de quem era.

— Quando o Arthur me abandonou por aquela barista, achei que minha vida tinha acabado. Mas você continua se levantando e um dia percebe que está tudo bem. Você encontrará o amor novamente.

Ele precisou de todo o seu autocontrole para não dizer à mulher que a morte era diferente da infidelidade, mas, antes de pensar no nome dela, outra mulher apareceu. Ela também achava que sua fome era seu maior problema agora, a julgar pela bandeja em suas mãos gordas.

Ele ouviu "... lugar melhor..." e se afastou.

Abriu caminho pela multidão e foi até o bar, na cozinha. No caminho, passou por várias pessoas, todas elas murmurando alguma

combinação das mesmas palavras *inúteis* — sinto muito, o sofrimento acabou, *lugar melhor*. Ele não parou para responder.

Continuou seguindo adiante. Johnny não olhava para as fotografias que foram colocadas ao redor do ambiente, em cavaletes e coladas contra as janelas e abajures. Na cozinha, encontrou um grupo de mulheres de olhos tristes trabalhando com eficiência, pegando pratos e remexendo nas gavetas dos utensílios. A piedade delas — assim como o medo de que isso um dia pudesse lhes acontecer — era uma presença tangível no ambiente.

Na pia, sua sogra, Margie, abaixou a jarra que estava enchendo com água. A jarra bateu na bancada.

Tirando os cabelos de seu rosto preocupado, ela se aproximou dele. As mulheres abriram caminho para ela passar. Ela parou na bancada, serviu uísque e água gelada e lhe entregou.

— Não conseguia encontrar um copo — disse ele. Estupidamente. Os copos estavam ao seu lado. — Onde está o Bud?

— Assistindo à televisão com o Sean e os meninos. Isto não é exatamente algo com que ele saiba lidar. Compartilhar a morte da filha com estes estranhos, quero dizer.

Johnny fez que sim. Seu sogro sempre fora um homem quieto, e a morte da sua única filha o arruinara. Até mesmo Margie, que permanecera cheia de vida, com os cabelos escuros e rindo depois de seu aniversário, envelhecera imensamente desde o diagnóstico. Ela girava, como se esperando outro golpe divino a qualquer momento.

Margie deixara de aplicar tintura e os fios brancos fluíam por seus cabelos como um rio congelado. Óculos sem borda ampliavam seus olhos úmidos.

— Vá ver seus filhos — disse Margie, apertando o braço dele com sua mão pálida e de veias azuis.

— Tenho que ficar aqui e ajudar você.

— Estou bem — disse ela. — Mas estou preocupada com a Marah. Dezesseis anos é uma idade complicada para perder uma mãe, e acho que ela se arrepende do quanto ela e a Kate brigaram antes que a Kate adoecesse. As palavras permanecem com você por um tempo, principalmente as de raiva.

Ele bebeu um grande gole e observou o gelo se debater no copo ao terminar o uísque.

— Não sei o que dizer a eles.

— Palavras não importam. — Margie apertou seu braço e o guiou para fora da cozinha.

A casa estava cheia; em meio à multidão de pessoas em luto, Tully Hart era perceptível. O centro das atenções. Em seu vestido preto que custara tanto quanto alguns dos carros estacionados ali fora, ela conseguia parecer linda na dor. Seus cabelos na altura dos ombros estavam castanhos hoje, e ela devia ter retocado a maquiagem desde o funeral. Na sala de estar, cercada por pessoas, ela gesticulava dramaticamente, obviamente contando uma história, e, quando terminou, todos ao seu redor riram.

— Como ela consegue sorrir?

— A Tully sabe uma ou outra coisa sobre a dor, não se esqueça disso. Ela passou toda a vida escondendo essa dor. Lembro-me da primeira vez que a vi. Atravessei a Firefly Lane até a casa dela porque ela ficara amiga da Kate e eu quis conhecê-la. Naquela velha casa do outro lado da rua, conheci a mãe dela, Cloud. Bom, na verdade não a conheci.

A Cloud estava deitada no sofá, espalhada e com um bocado de maconha em cima do estômago. Ela tentou se sentar, mas, sem conseguir, disse *F***se, estou chapada*, e deixou-se cair novamente. Quando olhei para a Tully, que tinha uns catorze anos, vi aquele tipo de vergonha que marca a pessoa para sempre.

— Você teve um pai alcoólatra e superou.

— Apaixonei-me e tive filhos. Uma família. A Tully acha que ninguém é capaz de amá-la, exceto a Kate. Acho que a dor ainda não a atingiu em cheio, mas, quando acontecer, vai ser feio.

Tully pôs um CD no aparelho de som e procurou uma música. *Born to be w-iiii-ld*, gritavam os alto-falantes.

As pessoas na sala de estar se afastaram dela, parecendo ofendidas.

— Vamos lá — disse Tully. — Quem quer uma dose?

Johnny sabia que deveria detê-la, mas não conseguia chegar perto. Não agora, não ainda. Todas as vezes que olhava para Tully,

ele pensava que Kate havia morrido e a ferida se abria novamente.

Afastando-se, foi consolar seus filhos.

Ele precisou de todas as forças do mundo para subir a escada.

Fora do quarto dos gêmeos, parou, tentando arranjar forças.

Você consegue.

Ele *conseguia*. Tinha de conseguir. As crianças do outro lado da porta acabaram de aprender que a vida era injusta e que a morte esfaqueava corações e dividia famílias. Era sua função fazer com que entendessem, mantê-los juntos e consolá-los.

Ele respirou fundo e abriu a porta.

A primeira coisa que ele viu foram as camas — desfeitas, desarrumadas, as roupas de cama de *Star Wars* amontoadas. As paredes azul-escuras — pintadas por Kate com nuvens, estrelas e luas — foram cobertas ao longo dos anos pelos trabalhinhos das crianças e por alguns cartazes de seus filmes preferidos. Troféus dourados eram exibidos com orgulho na prateleira.

Seu sogro, Bud, estava sentado na poltrona que comportava facilmente os dois meninos quando eles jogavam videogame, e Sean, o irmão mais novo de Kate, dormia na cama de Wills.

Marah estava sentada no chão diante da TV, com Lucas a seu lado. Wills estava num canto, assistindo ao filme com os braços cruzados, parecendo com raiva e isolado.

— Ei — disse suavemente Johnny, fechando a porta atrás de si.

— Papai! — Lucas pulou a seus pés.

Johnny o pegou no colo e o abraçou firmemente.

Bud saiu atabalhoadamente da poltrona e ficou de pé. Ele parecia amarrotado em seu terno fora de moda, com uma camisa branca e gravata de poliéster. Seu rosto pálido, marcado por manchas da idade, parecia ter ganhado rugas nas últimas semanas. Sob as sobrancelhas grisalhas, seus olhos pareciam tristes.

— Vou lhe dar um pouco de tempo com eles. — Ele foi até a cama, bateu no ombro de Sean e disse: — Acorde.

Sean acordou rapidamente e se pôs de pé.

Ele parecia confuso até ver Johnny.

— Ah, claro — disse, e seguiu seu pai para fora do quarto.

Johnny ouviu a porta se fechar. Na tela, super-heróis coloridos corriam pela selva.

Lucas desceu do colo do pai e se pôs ao lado dele.

Johnny olhava para os meninos em luto, que por sua vez olhavam para ele. As reações deles à morte da mãe eram tão diferentes e únicas quanto eles próprios. Lucas, o terno, estava arrasado por sentir falta da mãe e confuso com relação ao lugar para onde exatamente ela fora. Seu irmão gêmeo, Wills, era uma criança que contava com esportes e popularidade. Ele já era popular. A perda o ofendia e assustava. Ele não gostava de sentir medo, por isso sentia raiva.

E havia Merah; a bela Merah, de dezesseis anos, para quem tudo sempre viera com facilidade. No ano do câncer, ela se fechara, tornando-se contida e quieta, como se pensasse que, ao não fazer nenhum barulho, não causar nenhum problema, a inevitabilidade desse dia poderia ser postergada.

Johnny sabia que ela se arrependia profundamente da maneira como tratara Kate antes de ela ficar doente.

Mas a necessidade nos olhos de todos era a mesma. Eles procuraram por Johnny para reconstruir seus mundos, para amenizar a dor inimaginável.

Mas Kate era o coração e a alma da família, o elo que mantinha tudo junto. Era ela quem sabia o que dizer. Tudo o que ele dissesse seria uma mentira. Como eles se curariam? Como as coisas melhorariam?

Como mais tempo sem Kate os tranquilizaria?

Marah se levantou de repente, revelando aquele tipo de graça que a maioria das meninas nunca conhece. Ela parecia esbelta em sua dor, pálida e quase etérea, com seus longos cabelos pretos, seu vestido de luto e a pele quase translúcida. Ele percebeu a aspereza em sua respiração, na maneira como ela fez força para inalar o ar.

— Vou colocar os meninos para dormir — disse ela, aproximando-se de Lucas. — Venha cá, ratinho. Vou ler uma história.

— Que jeito de fazer a gente se sentir melhor, papai — disse Wills, a boca raivosa. Era uma expressão sombria e melancolicamente adulta num rosto de 8 anos de idade.

— As coisas vão melhorar — disse Johnny, odiando a própria fraqueza.

— Vão? — perguntou Wills. — Como?

Lucas olhou para ele.

— É, como, papai?

Johnny olhou para Marah, que parecia tão fria e pálida como se tivesse sido esculpida em gelo.

— Dormir ajuda — disse ela, e Johnny se sentiu pateticamente grato a ela. Ele sabia que estava perdendo, fracassando, que deveria dar apoio, e não aceitá-lo, mas estava vazio por dentro.

Simplesmente vazio.

Amanhã ele estaria melhor. Faria melhor.

Mas, ao ver a decepção no rosto de seus filhos, percebeu que aquilo era uma mentira.

Desculpe, Katie.

— Boa noite — disse ele, com uma voz áspera.

Lucas olhou para ele.

— Amo você, papai.

Johnny se ajoelhou lentamente e abriu os braços. Seus filhos aceitaram o abraço e o apertaram.

— Amo vocês também. — Por sobre a cabeça deles, Johnny viu Marah, que parecia inabalada. Ela estava de pé, os ombros para trás.

— Marah?

— Não se dê ao trabalho — disse ela.

— Sua mãe nos fez prometer sermos fortes. Juntos.

— É — disse ela, o lábio inferior tremendo um pouco. — Eu sei.

— Vamos conseguir — disse ele, mesmo percebendo a incerteza em sua voz.

— É, claro que vamos — disse Marah com um suspiro. E depois: — Vamos, meninos, vamos nos preparar para dormir.

Johnny sabia que deveria ficar para consolar Marah, mas não tinha palavras.

Em vez disso, foi covarde e deixou o quarto, fechando a porta atrás de si.

Ele desceu, ignorando todos, abrindo caminho. Ele pegou seu casaco na lavanderia e saiu.

A noite caía e não havia uma estrela no céu. Uma camada fina de nuvens as obscurecia. Uma brisa fria soprava em meio às árvores da propriedade, fazendo-as dançar.

Nos galhos acima, potes de vidro pendiam de cipós, cheios de pedras negras e velas cheirosas.

Quantas noites ele e Kate se sentaram sob a luz de velas, ouvindo as ondas na praia e conversando sobre seus sonhos?

Ele se segurou no corrimão para não cair.

— Ei.

A voz o surpreendeu e irritou. Ele queria ficar sozinho.

— Você me deixou dançando sozinha — disse Tully, aproximando-se dele. Ela tinha uma manta azul sobre os ombros; a extremidade chegava até seus pés descalços.

— Deve ser o intervalo — disse ele, virando-se.

— O que você quer dizer com isso?

Ele podia sentir o cheiro de tequila no seu hálito e se perguntou quão embriagada ela estava.

— O espetáculo Tully Hart Centro das Atenções. Deve estar no intervalo.

— A Kate me pediu para tornar a noite divertida — disse ela, recuando. Estava tremendo.

— Não acredito que você não foi ao funeral dela — disse ele. — Teria partido o coração dela.

— Ela *sabia* que eu não iria. Ela até mesmo...

— E isso torna tudo bem? Você não acha que a Marah teria gostado de ver você lá? Ou não se importa com sua afilhada?

Antes que ela pudesse responder — e o que poderia dizer? —, Johnny se livrou dela e voltou para dentro, jogando seu casaco na lavadora ao passar pela lavanderia.

Ele sabia que explodira injustamente.

Noutra ocasião, noutro mundo, ele se importaria em pedir desculpas. Kate iria querer que fizesse isso, mas agora Johnny não conseguiria dar conta. Ele usava tudo o que tinha só para se manter

de pé. Sua esposa estava morta havia 48 horas e ele já era uma versão pior de si mesmo.

CAPÍTULO TRÊS

NAQUELA NOITE, ÀS QUATRO DA MANHÃ, Johnny desistiu da ideia de dormir. Como pudera considerar possível encontrar paz na noite do funeral de sua esposa?

Ele tirou o cobertor de cima de si e saiu da cama. A chuva batia no telhado e ecoava por toda a casa.

Na lareira do quarto, ele tocou no interruptor e, depois de um som esquisito, chamas azuis e alaranjadas ganharam vida, consumindo a madeira de mentira. O leve cheiro de gás o afogou. Ele perdeu alguns minutos de pé ali, olhando para o fogo.

Depois disso, percebeu-se à deriva. Era a única palavra que descrevia seu perambular de um quarto para o outro. Mais de uma vez, ele se percebeu de pé em algum lugar, olhando para algo sem uma memória clara de como chegara até ali ou por que dera início àquela jornada em particular.

De algum modo, terminou em seu próprio quarto. O copo de água dela estava ainda na mesinha de cabeceira. Assim como seus óculos de leitura e as luvas que ela usava na cama já no fim, quando sentia frio demais. Claramente, como o som de sua própria respiração, ele a ouvia dizer: "Você é o único homem para mim, John Ryan. Amei-o a cada segundo nas últimas duas décadas".

Fora o que ela lhe dissera na última noite.

Eles estavam juntos na cama, ele envolvendo-a porque Kate estava fraca demais para abraçá-lo. Ele se lembrava de esconder o rosto no pescoço dela, dizendo:

"Não me deixe, Katie. Não ainda".

Até naquele instante, com ela morrendo, ele a decepcionara.

Johnny se vestiu e desceu as escadas.

A sala de estar estava cheia de uma luz acinzentada. A chuva caía das calhas acima e amenizava a vista. Na cozinha, ele encontrou uma bancada cheia de louças limpas e secas que foram colocadas sobre um pano de prato e uma lata de lixo cheia de pratos de papel e guardanapos coloridos. O refrigerador e o freezer estavam cheios

de potes. Sua sogra fizera o que devia ter sido feito, enquanto ele se escondera no escuro, sozinho.

Ao preparar para si uma xícara de café, tentou imaginar uma nova versão da sua vida. Tudo o que Johnny via eram espaços vazios na mesa da sala de jantar, carona com o motorista errado e café da manhã feito pelas mãos erradas.

Seja um bom pai. Ajude-os a lidar com isso.

Ele se apoiou na bancada, bebendo café.

Ao se servir da terceira xícara, Johnny sentiu a adrenalina da cafeína.

Suas mãos começaram a tremer e ele serviu um pouco de suco de laranja para si mesmo.

Açúcar e cafeína. Que mais? Tequila? Ele não tomara a decisão de agir. Em vez disso, apenas saiu da cozinha, onde cada centímetro quadrado o fazia se lembrar da esposa — o amaciante de lavanda que ela adorava, o prato VOCÊ É ESPECIAL que ela usava às menores conquistas das crianças, o jarro de água que ela herdara da avó e usava em ocasiões especiais.

Ele sentiu alguém lhe tocar no ombro e recuou.

Margie, sua sogra, estava ao seu lado. Ela estava usando jeans de cintura alta e gola rulê preta. Seu sorriso era cansado.

Bud veio ao lado da esposa. Ele parecia dez anos mais velho do que Margie. Tornara-se mais quieto no último ano, apesar de ninguém considerá-lo um tagarela antes disso. Bud começara a se despedir de Katie muito antes de os outros aceitarem o inevitável, e agora que ela havia morrido ele parecia ter perdido a voz. Como sua esposa, ele estava com suas roupas de costume — jeans Wrangler que acentuava suas pernas finas e a barriga, camisa marrom e branca e um cinto com uma enorme fivela prateada.

Seus cabelos haviam caído havia muito tempo, mas ele tinha o bastante crescendo nas sobrancelhas para compensar.

Sem dizer nada, todos voltaram para a cozinha, onde Johnny serviu a todos uma xícara de café.

— Café. Graças a Deus — finalmente disse Bud, pegando sua xícara com as mãos nodosas.

Eles ficaram olhando uns para os outros.

— Precisamos levar o Sean ao aeroporto dentro de uma hora, mas depois disso podemos voltar e ajudar — disse Margie. — Pelo tempo que você precisar.

Johnny a amou pela oferta. Ela era mais próxima dele do que sua própria mãe jamais fora, mas ele tinha de se manter por si só.

O aeroporto. Esta era a resposta.

Aquele *não era* apenas mais um dia, e ele certamente não conseguia fingir que era.

Johnny não podia alimentar os filhos e levá-los para a escola e trabalhar na estação, produzindo algum programa brega ou de estilo de vida que não mudaria a vida de ninguém.

— Vou nos tirar daqui — disse.

— Hã? — fez Margie. — Para onde?

Ele disse a primeira coisa que lhe veio à mente: — Kauai. — Katie adorava esse lugar.

Eles sempre quiseram levar as crianças.

Margie o via por seus óculos sem armação recém-comprados.

— Fugir não muda as coisas — disse Bud, mal-humorado.

— Sei disso, Bud. Mas estou me afogando aqui. Para todos os lugares onde olho...

— É — disse seu sogro.

Margie tocou seu braço.

— O que podemos fazer para ajudar?

Agora que Johnny tinha um plano — por mais que fosse imperfeito e temporário —, ele se sentia melhor.

— Vou começar com as reservas. Não diga nada às crianças. Deixe-as dormir.

— Quando vocês vão?

— Com sorte, hoje mesmo.

— É melhor você ligar para a Tully e contar. Ela está planejando voltar aqui às onze.

Johnny fez que sim, mas Tully era a menor de suas preocupações agora.

— Certo — disse Margie, batendo as mãos. — Vou limpar a geladeira e mover todos os potes para o freezer na garagem.

— Eu vou interromper a entrega de leite e ligar para a polícia — disse Bud. — Para que eles olhem a casa.

Johnny não havia pensando em nada disso. Kate sempre fizera os preparativos para as viagens.

Margie bateu no braço dele.

— Vá fazer as reservas. Nós cuidamos do restante.

Ele agradeceu a ambos e foi para seu escritório. Sentado no computador, demorou menos de vinte minutos para fazer as reservas. Às 6h50, ele comprara as passagens, reservara um carro e alugara uma casa. Tudo o que precisava fazer agora era contar às crianças.

Ele seguiu pelo corredor. No quarto dos meninos, foi até os filhos e os encontrou aos pés da cama, enrolados como uma dupla de filhotinhos.

Ele remexeu nos cabelos castanhos de Lucas.

— Hei, Skywalker, acorde.

— Quero ser Skywalker — murmurou Wills, ainda dormindo.

Johnny sorriu.

— Você é o Conquistador, lembra?

— Ninguém sabe quem foi William, o Conquistador — disse Wills, sentando-se com seu pijama azul e vermelho do Homem Aranha. — Ele precisa de um *vídeo game*.

Lucas se levantou, olhando em volta.

— Já está na hora da escola?

— Não vamos para a escola hoje — disse Johnny.

Wills franziu a testa.

— Porque a mãe morreu?

Johnny hesitou.

— Acho que sim. Vamos para o Havaí. Vou ensinar meus filhos a surfar.

— Você não sabe surfar — disse Wills, ainda de cara feia. Ele já se tornara um cético.

— Ele sabe, sim. Não é, papai? — perguntou Lucas, olhando em meio a seus cabelos longos. Lucas, o crédulo.

— Vou saber em uma semana — disse Johnny, e eles gritaram, pulando na cama. — Escovem os dentes e se vistam. Volto para

fazer suas malas em dez minutos.

Os meninos pularam da cama e correram para o banheiro, empurrando-se pelo caminho. Ele saiu lentamente do quarto e foi para o corredor.

Johnny bateu na porta do quarto da filha e ouviu um cansado: — Que é?

Ele respirou fundo antes de entrar no quarto dela. Johnny sabia que não seria fácil levar sua popular filha de dezesseis anos para uma viagem. Nada importava mais para Marah do que suas amigas. Isso era verdadeiro sobretudo agora.

Ela estava na cama, escovando seus cabelos longos e pretos. Vestida para a escola numa calça jeans ridiculamente baixa e uma camiseta infantil, ela parecia preparada para uma turnê da Britney Spears.

Johnny deixou sua irritação de lado. Não era hora de discutir sobre moda.

— Ei — disse ele, fechando as portas atrás dele.

— Ei — respondeu ela, sem olhar para ele.

Sua voz tinha aquela rispidez que se tornara moda desde a puberdade. Ele suspirou; nem mesmo o luto, ao que parecia, suavizara sua filha. A dor a deixara com ainda mais raiva.

Ela deixou de lado a escova de cabelos e o encarou. Agora ele entendia por que Kate se magoava tanto com a crítica nos olhos da filha. Ela sempre tinha uma forma de feri-lo com o olhar.

— Desculpe pela noite passada — disse ele.

— Que seja. Tenho aula de futebol depois da escola hoje. Posso pegar o carro da mamãe?

Johnny percebeu sua voz hesitar ao falar *mamãe*. Ele se sentou na ponta da cama e esperou que Marah se juntasse a ele. O que ela não fez, e ele sentiu uma onda de cansaço. Marah estava obviamente frágil.

Todos estavam — mas Marah era como Tully. Nenhum deles sabia como demonstrar fraqueza. Marah só se importava com o fato de ele interromper sua rotina, e Deus sabia que ela passava mais tempo se preparando para a escola do que um monge se dedicava às orações matinais.

— Vamos passar uma semana no Havaí. Podemos...

— O quê? Quando?

— Vamos partir em duas horas. Kauai é...

— *De jeito nenhum!* — reclamou ela.

Seu ataque foi tão inesperado que Johnny se esqueceu do que estava falando.

— O quê?

— Não *posso* deixar de ir à escola. Tenho que manter as notas para a faculdade. Prometi à mamãe que me sairia bem na escola.

— Isso é admirável, Marah. Mas precisamos de algum tempo como família. Para acertar as coisas. Você pode levar seus trabalhos da escola, se quiser.

— Se eu quiser? Se eu quiser? — Ela se levantou. — Você não sabe *nada* sobre a escola. Sabe como é competitivo lá? Como vou entrar numa boa faculdade se falhar neste semestre?

— Uma semana não vai atrapalhar.

— Rá! Tenho Álgebra 2, papai. E Estudos norte-americanos. *E* estou no time de futebol este ano.

Ele sabia que havia uma maneira certa e uma errada de lidar com isso; só não sabia qual a forma certa e, honestamente, estava cansado e estressado demais para se importar.

Johnny se levantou.

— Partimos às dez. Faça sua mala.

Ela o segurou pelo braço.

— Me deixe ficar com a Tully!

Ele viu como a raiva marcava sua pele clara de vermelho.

— Tully? Como companhia? Ah, não.

— A vovó e o vovô ficariam aqui comigo.

— Marah, nós vamos. Precisamos ficar juntos, só nós quatro.

Ela bateu o pé de novo.

— Você está arruinando minha vida.

— Duvido. — Ele sabia que deveria dizer algo de valor ou importância. Mas o quê? Ele já desprezava as coisas superficiais que as pessoas lhe diziam depois da morte. Não acreditava que o tempo curava tudo ou que Kate estava num lugar melhor ou que eles aprenderiam a seguir adiante.

Johnny não transmitiria qualquer sensação vazia para Marah, que estava claramente se segurando mal como ele.

Ela abriu caminho, entrou no banheiro e bateu a porta.

Johnny sabia que não deveria esperar que ela mudasse de ideia. Em seu quarto, pegou o telefone e fez uma ligação entrando no armário, procurando por uma mala.

— Alô? — atendeu Tully, parecendo tão mal quanto ele se sentia.

Johnny sabia que deveria pedir desculpas pela noite passada, mas sempre que pensava nisso sentia uma onda de raiva. Ele não conseguira deixar de mencionar o comportamento decepcionante dela na noite passada, mas, mesmo ao mencionar isso, soubera que ela se defenderia, e fora o que Tully fizera.

Era o que Kate queria. Aquilo o deixara furioso. Ela ainda estava falando sobre isso quando Johnny a interrompeu: — Vamos para Kauai hoje.

— O quê?

— Precisamos de algum tempo juntos. Você mesma disse. Nosso voo é às duas pela Hawaiian.

— Não é tempo o bastante para se preparar.

— Pois é. — Johnny já estava preocupado com aquilo. — Tenho que ir. — Ela ainda estava falando, perguntando algo sobre o clima, quando ele desligou.

O Aeroporto Internacional SeaTac estava surpreendentemente cheio naquela tarde de outubro de 2006.

Eles chegaram mais cedo para deixar o irmão de Kate, Sean, que estava voltando para casa.

No quiosque de auto-atendimento, Johnny pegou suas passagens e olhou para os filhos, cada qual com um aparelho eletrônico; Marah estava enviando alguma mensagem de texto em seu novo celular.

Ele não tinha ideia de como isso funcionava e não dava a mínima. Fora Kate quem quisera que sua filha de dezesseis anos tivesse um celular.

— Estou preocupada com a Marah — disse Margie, aproximando-se dele.

— Aparentemente, estou arruinando a vida dela ao levá-la para Kauai.

Margie fez um som de reprovação.

— Se você não está arruinando a vida da sua filha de dezesseis anos, não está sendo pai dela. Não é com isso que me preocupo. Ela se arrepende de como tratou a mãe, acho. Normalmente é algo que se supera, mas, quando sua mãe morre...

Atrás deles, as portas automáticas do aeroporto se abriram e Tully se aproximou usando óculos de sol, sandálias de saltos altíssimos e um chapéu branco. Ela trazia uma mala Louis Vuitton consigo.

Parou quase sem fôlego diante deles.

— O quê? O que há de errado? Se for o horário, fiz meu melhor.

Johnny encarou Tully. O que ela estava fazendo ali? Margie disse algo baixinho e balançou a cabeça.

— Tully! — gritou Marah. — Graças a Deus.

Johnny pegou Tully pelo braço e a puxou de lado.

— Você não foi convidada para esta viagem, Tul. Ela é somente para nós quatro. Não acredito que você achou...

— Ah. — A expressão foi dita suavemente, quase num sussurro. Ele podia ver como Tully estava magoada. — Você disse "nós". Achei que isso me incluísse também.

Ele sabia com que frequência Tully fora deixada para trás na vida, abandonada pela mãe, mas não tinha forças para se preocupar com Tully Hart neste momento. Johnny estava prestes a perder o controle da sua vida; ele só conseguia pensar em seus filhos e em não desistir. Resmungou alguma coisa e se afastou dela.

— Vamos, crianças — disse, ríspidamente, dando-lhes apenas alguns minutos para se despedir de Tully. Ele abraçou seus sogros e sussurrou: — Adeus.

— Deixe a Tully vir — lamuriou-se Marah. — Por favor...

Johnny continuou seguindo em frente.

Era só nisso que ele conseguia pensar.

Nas seis horas seguintes, tanto no ar quanto no aeroporto de Honolulu, Johnny foi completamente ignorado por sua filha.

No avião, ela não comeu, não assistiu ao filme nem leu. Ela se sentou do outro lado do corredor, de olhos fechados, a cabeça balançando no ritmo da música que ele não podia ouvir.

Johnny precisava que ela soubesse que, por mais que se sentisse sozinha, não estava.

Ele tinha de se certificar de que Marah sabia que ele ainda estava lá por ela, que ainda eram uma família, por mais instável que tudo parecesse.

Mas o tempo importava. Com adolescentes, era preciso escolher o momento certo para se aproximar ou você acabaria com um toco sanguinolento no lugar onde antes havia um braço.

Eles pousaram em Kauai às 16h do horário havaiano, mas parecia que tinham viajado durante dias.

Ele saiu pelo corredor do avião, com os meninos à frente. Semana passada eles estariam rindo; agora, estavam em silêncio.

Johnny se aproximou de Marah.

— Ei.

— Que foi?

— Não se pode só dizer “ei” para a filha?

Ela revirou os olhos e continuou andando.

Eles passaram pela área das bagagens, onde mulheres em trajes típicos entregavam coroas de flores roxas e brancas para as pessoas que chegavam.

Lá fora, o sol brilhava. Buganvílias rosa pendiam sobre a cerca do estacionamento.

Johnny cruzou a rua até a área de aluguel de carros. Em dez minutos eles estavam num Mustang prata conversível e rumavam para o norte pela única estrada da ilha. Pararam numa loja de conveniência, compraram amenidades e voltaram para o carro.

À direita, o litoral era uma interminável praia dourada marcada por ondas azuis e ladeada por rochedos negros de lava. À medida que viajavam para o norte, a paisagem se tornava mais exuberante e verde.

— Ah, é lindo aqui — disse ele para Marah, que estava ao seu lado no banco do passageiro, encolhida e olhando para o telefone. Enviando mensagens de texto.

— É — disse Marah, sem olhar.

— Marah — disse ele, num tom de aviso.

Como se dissesse: *Você está cutucando a onça com vara curta.*

Ela olhou para o pai.

— Estou pegando a lição de casa com a Ashley. Eu *disse* que não podia deixar a escola.

— Marah...

Ela olhou para a direita.

— Ondas. Areia. Pessoas gordas com roupas havaianas. Homens que usam meias e sandálias. Ótimas férias, papai. Já esqueci totalmente que a mamãe morreu. Obrigada. — Depois ela voltou a trocar mensagens de texto com seu Motorola Razr.

Ele desistiu. À frente, a estrada serpenteava pelo litoral e se deixava cair pela colcha de retalhos verdejantes do Vale Hanalei.

A cidadezinha de Hanalei era um conjunto de prédios de madeira e cartazes coloridos e barraquinhas. Ele entrou na rua indicada pelo MapQuest e imediatamente teve de diminuir a velocidade para evitar ciclistas e surfistas de ambos os lados da rua.

A casa que haviam alugado era um chalé havaiano à moda antiga na Rua Weke — pronunciava-se *Veke*, aparentemente. Ele entrou na garagem de cascalho e estacionou.

Os meninos saíram do carro instantaneamente, empolgados demais para serem contidos. Johnny carregou as duas malas até a porta da frente e a abriu. O chalé com piso de madeira era decorado com mobília de bambu dos anos 1950 e almofadas com estampas florais. Uma cozinha de acácia havaiana e um lugar para comer à esquerda da sala principal, com uma confortável sala de estar à direita. Uma TV de bom tamanho encantou os meninos, que imediatamente correram pela casa gritando: — Dibs!

Ele foi até a porta de correr que dava para a baía. Para além do jardim verde estava a Baía de Hanalei. Johnny se lembrava da última vez que ele e Kate estiveram aqui. *Me leve para a cama, Johnny Ryan. Vou fazer valer a pena...*

Wills bateu nele com força.

— Estamos com fome, papai.

Lucas estava ao seu lado.

— Morrendo de fome.

Claro. Eram quase nove da noite no horário de casa. Como ele se esquecera de que as crianças precisavam jantar?

— Certo. Vamos para o bar que sua mãe e eu amamos.

Lucas riu.

— Não podemos entrar num bar, papai.

Ele despenteou Lucas.

— Talvez não em Washington, mas aqui tudo bem.

— Isso é tão legal! — disse Wills.

Johnny ouviu Marah na cozinha atrás dele, ajeitando as compras. Parecia um bom sinal. Ele não teve de implorar ou ameaçá-la.

Demorou menos de meia hora para colocar as coisas no lugar, distribuir os quartos, vestir calções e camisetas; depois eles caminharam pela rua silenciosa até um prédio de madeira velho perto do centro da cidade. O Tahiti Nui.

Kate adorava o estilo kitsch polinésio retrô do lugar, que ali era mais do que uma simples decoração. O rumor dizia que o interior era o mesmo havia mais de quarenta anos.

Dentro do bar, cheio de turistas e pessoas do vilarejo — facilmente diferenciadas pelo estilo de vestir —, eles encontraram uma mesinha de bambu perto do “palco” — uma área de pouco mais de um metro quadrado com dois banquinhos e um par de microfones.

— Isso é ótimo! — disse Lucas, balançando tanto em seu assento que Johnny temeu que ele fosse cair no chão. Normalmente Johnny teria dito algo, tentado domar os meninos, mas o entusiasmo deles era exatamente o que eles foram buscar ali, por isso ele acariciou sua cabeça e não disse nada. A garçonete cansada havia acabado de lhes entregar a pizza quando a banda — dois havaianos com violões — surgiu. A primeira canção era a clássica versão para *ukulele* de Israel Kamakawiwo’ole para *Somewhere over the rainbow*.

Johnny sentiu Kate se materializar no banco ao seu lado, cantando suavemente em sua voz desafinada, encostada nele; mas, ao se virar, tudo o que viu foi Marah franzindo a testa para ele.

— O quê? Não estava no celular.

Ele não soube o que dizer.

— Que se dane — disse Marah, mas pareceu decepcionada.

Outra música começara. *Quando você vê Hanalei sob o luar...*

Uma bela mulher com cabelos loiros manchados pelo sol e um sorriso brilhante subiu no minúsculo palco e dançou a hula para a música. Quando a música cessou, ela foi até a mesa deles.

— Eu me lembro de você — disse ela para Johnny. — Sua esposa queria lições de hula da última vez que esteve aqui.

Wills encarou a mulher.

— Ela morreu.

— Ah — disse a mulher. — Sinto muito.

Deus, como ele estava cansado destas palavras.

— Significaria muito para ela o fato de você ter lembrado — disse Johnny, cansado.

— Ela tinha um belo sorriso — disse a mulher.

Johnny fez que sim.

— Bom... — Ela lhe deu um tapinha no ombro como se fossem amigos. — Espero que a ilha os ajude. Ela consegue, se você deixar. *Aloha.*

Mais tarde, ao voltarem para a casa na luz evanescente, os meninos estavam tão cansados que começaram a brigar. Johnny estava cansado demais para se importar. Na casa, ele os ajudou a fazerem a cama e os colocou para dormir, dando um beijo de boa noite em cada um deles.

— Papai? — disse um sonolento Wills. — Podemos entrar na água amanhã?

— Claro, Conquistador. É para isso que estamos aqui.

— Vou primeiro, aposto. O Luke é um medroso.

— Não sou!

Johnny lhes deu um beijo de novo e se levantou. Passando a mão pelos cabelos e suspirando, ele andou pela casa à procura da filha. Encontrou-a na varanda, sentada numa cadeira de praia. O luar iluminava a baía. O ar cheirava a sal, mar e jasmim.

Emocionante, doce, sedutor. Na praia havia fogueiras ao redor das quais pessoas dançavam. O som de risadas se elevava sobre as ondas.

— Devíamos ter vindo aqui quando ela estava viva — disse Merah. Ela parecia jovem, triste e distante.

Aquilo doeu. Era a intenção. Quantas vezes eles planejaram a viagem só para cancelá-la por um motivo qualquer? Você acha que tem todo o tempo do mundo até perceber que não o tem.

— Talvez ela esteja nos vendo.

— É. Claro.

— Muitas pessoas acreditam nisso.

— Queria ser uma delas.

Johnny suspirou.

— É. Eu também.

Marah se levantou. Ela olhou para ele e a tristeza que Johnny viu em seus olhos era devastadora.

— Você está errado.

— Sobre o quê?

— A vista não muda nada.

— Eu precisava fugir. Você entende isso?

— Pois bem. Eu precisava ficar.

Dizendo isso, ela se virou e voltou para a casa. A porta se fechou atrás dela. Johnny ficou ali, abalado por suas palavras. Ele não havia pensado no que seus filhos precisavam.

Incluía as necessidades deles nas suas próprias e dissera a si mesmo que era melhor se todos viajassem.

Kate ficaria decepcionada com ele. Já. De novo. E pior: ele sabia que sua filha tinha razão.

Não era o paraíso o que ele queria ver.

Era o sorriso da sua esposa, e aquilo se fora para sempre.

A vista não mudava nada.

CAPÍTULO QUATRO

ATÉ MESMO NO PARAÍSO — ou talvez especialmente no paraíso — Johnny dormia mal, desacostumado a estar sozinho. A cada manhã, no entanto, ele acordava para o brilho do sol, o céu azul e as ondas, que pareciam rir ao quebrarem na areia. Ele geralmente era o primeiro a acordar e começava o dia com uma xícara de café na varanda. Dali, observava o dia cair sobre as águas azuis da baía em forma de ferradura. Ele costumava conversar com Katie naquele lugar, dizendo coisas que desejava ter dito antes. Por fim, com Kate morrendo, o ânimo na casa era sombrio como uma flanela cinza, amena e suave. Ele sabia que Margie deixara Katie falar sobre o que a assustava —deixar as crianças, saber que elas ficariam tristes, a dor —, mas Johnny fora incapaz de ouvir, nem mesmo no último dia.

— Estou pronta, Johnny — dissera ela numa voz tão suave quanto uma pena. — Preciso que você esteja preparado também.

— Não consigo — dissera ele. O que deveria ter dito era: *Sempre vou te amar*. Ele deveria ter segurado em sua mão e dito que estava tudo bem.

— Desculpe, Katie — disse para ela, mas era tarde demais. Ele procurou por um sinal de que ela tivesse ouvido. Uma brisa nos cabelos, uma flor caindo em seu colo. Alguma coisa. Mas não houve nada. Só o barulho das ondas quebrando na areia.

A ilha ajudara os meninos, pensava ele.

Do nascer ao pôr do sol, eles estavam ativos.

Corriam pelo jardim, aprendiam *bodysurf* nas espumas borbulhantes e se enterravam um ao outro na areia. Lucas falava muito de Kate, mencionando-a em conversas casuais quase todos os dias. Parecia que ela estava numa loja e voltaria logo para casa. A princípio isso desconcertara os demais, mas, com o tempo, como o movimento incessante das ondas, Lucas incluiu Kate no círculo deles novamente, mantendo-a presente, mostrando-lhes como se lembrar dela. *A mamãe teria adorado isso* se tornou um refrão comum que ajudou a todos.

Bem, talvez isso não fosse exatamente verdade. Depois de uma semana em Kauai, Johnny ainda não tinha ideia do que poderia ajudar Marah. Ela se tornara uma versão reduzida de si mesma — a mesma beleza elegante e o comprometimento com os cuidados pessoais, mas com um olhar pasmo e uma maneira automática de se mover. Enquanto ele e os meninos brincavam nas ondas, ela ficava sentada na praia, ouvindo música e digitando no celular como se fosse um tele-transporte que a resgatasse. Ela fazia tudo que lhe pediam e mais, mas era uma versão fantasmagórica de si mesma. Lá e não lá.

Quando Kate era mencionada, Marah invariavelmente dizia algo como *Ela se foi* e se afastava. Estava sempre se afastando. Ela não quisera fazer aquela viagem e queria reiterar esse argumento diariamente. Ela nem mesmo molhou os dedos do pé na água.

Como agora. Johnny estava de pé na água azul morna, ajudando os meninos a pegarem onda com suas pranchas de isopor, enquanto Marah se sentava na cadeira rosa na areia, olhando à esquerda.

Enquanto ele a observava, um grupo de jovens a abordou.

— Sigam em frente, meninos — murmurou ele.

— O quê, papai? — gritou Wills. — Me empurre!

Johnny empurrou Wills na onda e disse:

— Bata os pés!

Mas ele não estava observando o filho.

Na praia, os jovens se reuniram em torno da sua filha como abelhas em torno de uma flor.

Os garotos eram mais velhos, provavelmente universitários. Ele estava prestes a sair da água, andar sobre a areia quente e agarrar um dos meninos pelos cabelos de surfista quando eles se afastaram.

— Já volto, meninos — disse, caminhando pelas ondas até a praia. Ele se sentou ao lado da filha. — O que os Backstreet Boys querem? — Tentou parecer à vontade.

Ela não respondeu.

— Eles são velhos demais para você, Marah.

Ela finalmente o encarou. Óculos escuros escondiam a expressão de seus olhos.

— Não estava fazendo sexo com eles, papai. Estávamos só conversando.

— Sobre o quê?

— Nada. — Com esta resposta esclarecedora, Marah se levantou e voltou para casa.

A porta se fechou com força atrás dela. Eles não tiveram uma conversa que durasse mais de três sentenças durante toda a semana.

Sua raiva tinha uma camada de Teflon.

Johnny ocasionalmente percebia sua dor, confusão e luto, mas aqueles segundos não duravam. Ela estava oculta por trás de toda aquela raiva, a menininha dentro da adolescente com a defesa perfeita, e ele não sabia como romper a fachada. Esta sempre fora a função de Kate.

Naquela noite, Johnny estava deitado na cama, os braços atrás da cabeça, encarando o nada. O ventilador de teto zunia preguiçosamente, o mecanismo rangendo a cada giro, emitindo um clique entre o *tuóp-tuóp-tuóp* das pás. As persianas da sua porta batiam suavemente, empurradas pela brisa.

Não lhe surpreendeu que ele estivesse acordado na última noite de suas férias — se era assim que a viagem podia ser chamada —, e Johnny tinha certeza de que não seria capaz de dormir. Ele olhou para o relógio digital: 2h15.

Afastou os lençóis e saiu da cama. Abriu a porta e saiu para a varanda. A lua cheia pendia no céu, incrivelmente brilhante. Palmeiras escuras brandiam no ar. A praia parecia um amontoado prateado.

Ele ficou lá por muito tempo, sentindo o ar doce, ouvindo o som das ondas. Aquilo o acalmou tanto que talvez ele fosse capaz de dormir.

Passeou pela casa às escuras. Tornara-se um hábito seu na semana anterior verificar seus filhos durante a noite. Johnny cuidadosamente abriu a porta do quarto dos meninos. Eles dormiam lado a lado. Lucas agarrado a seu brinquedo preferido — uma orca de pelúcia. Seu irmão não tinha tempo para esse tipo de brinquedinho de criança.

Ele fechou a porta lentamente e foi até o quarto de Marah, abrindo a porta com cuidado.

O que viu dentro do quarto foi tão inesperado que precisou de um segundo para compreender.

A cama dela estava vazia.

— Como assim...?

Johnny acendeu as luzes e olhou mais de perto.

Ela desaparecera. Assim como suas sandálias douradas. E sua bolsa. Aquelas eram as coisas das quais ele tinha certeza, mas bastavam para lhe dizer que Marah fora abduzida. Isto e a janela aberta — que estivera trancada quando ela fora dormir e que só podia ser aberta de dentro para fora.

Ela fugira.

— Filha da mãe! — Johnny voltou para a cozinha e remexeu pelas prateleiras até encontrar uma lanterna. Depois saiu em busca da filha.

A praia estava quase vazia. Aqui e ali ele viu casais andando de mãos dadas ao longo do litoral prateado ou agarrados nas toalhas de praia. Não hesitou em iluminar todos com sua lanterna.

No velho píer de concreto que se prolongava sobre as ondas, ele parou, ouvindo.

Pôde ouvir risada e sentir o cheiro de fumaça. Havia uma fogueira à frente.

E ele sentiu cheiro de maconha.

Johnny pisou na grama e deu a volta pelo píer, indo para as grandes árvores que cresciam numa região que os nativos chamavam de Black Pot Beach.

Havia uma fogueira na faixa de terra que separava a Baía de Hanalei do rio do mesmo nome. Dali ele podia ouvir música — Usher, ele tinha certeza — saindo de alto-falantes baratos. Vários carros tinham seus faróis acesos.

Johnny podia ver alguns jovens dançando ao redor da fogueira e mais alguns reunidos em volta de caixas de isopor.

Marah estava dançando com um jovem de cabelos longos, sem camisa e usando calça cargo. Ela bebia o que restava da sua cerveja e movia os quadris de acordo com a música.

Marah usava uma saia jeans tão pequena que podia servir como guardanapo e uma camiseta que ela cortara para mostrar a barriga.

Ninguém o notou quando ele entrou na festa. Ao segurar Marah pelo pulso, ela riu a princípio e depois arfou ao reconhecer o pai.

— Opa, meu velho — disse o parceiro de dança, franzindo a testa e tentando focar a visão.

— Ela tem dezesseis anos — disse Johnny, pensando que deveria receber uma medalha por não socar o garoto.

— Mesmo? — O jovem se endireitara e recuara, as mãos ao ar. — Cara...

— O que isso significa? É uma pergunta, uma afirmação ou uma confissão de culpa?

O menino parecia confuso.

— Opa. Hã?

Johnny tirou Marah da festa. A princípio ela reclamou, mas ficou calada antes mesmo de calçar as sandálias. Na praia, depois de vomitar mais duas vezes (com Johnny segurando seus cabelos), ele pôs um braço em volta dela para endireitá-la.

Diante do chalé, ele a guiou até uma cadeira na varanda.

— Eu me sinto um lixo — reclamou ela ao se sentar.

Johnny se sentou ao lado dela.

— Você tem ideia dos problemas que uma menina pode ter numa situação como aquela? Você podia ter se machucado seriamente.

— Vá em frente e grite comigo. Não me importo. — Ela se virou para o pai. Havia uma dor em seus olhos que partiu o coração dele, uma compreensão nova do luto e da injustiça. A perda da mãe moldaria sua vida a partir de agora.

Ele estava contra a parede agora. Johnny sabia do que a filha precisava: segurança. Ela precisava que ele mentisse para ela, que dissesse que ela podia ser feliz mesmo com a mãe morta. Mas aquilo não era verdade.

Ninguém conheceria Marah tão bem novamente, e ambos sabiam disso. Ele era um pobre substituto.

— Que seja — disse Marah, levantando-se. — Não se preocupe, papai. Isso não vai acontecer de novo.

— Marah. Estou tentando. Me dê uma...

Ignorando-o, ela entrou na casa. A porta se fechou com um baque atrás dela.

Ele voltou para seu quarto, mas não havia paz alguma esperando por ele na cama.

Ficou lá, ouvindo o ventilador de teto, tentando imaginar a vida de agora em diante.

Não conseguia.

Nem conseguia se imaginar voltando para casa, entrando na cozinha de Kate, dormindo de um lado da cama, esperando pelo beijo dela para acordá-lo todas as manhãs.

De jeito nenhum.

Ele precisava recomeçar. Todos precisavam. E só havia uma maneira. Não férias de uma semana.

Às 7h da manhã no horário de Kauai, ele fez uma ligação.

— Bill — disse quando o amigo atendeu.

— *Você ainda está à procura de um produtor executivo para o Bom dia, Los Angeles?*

**3 de setembro de 2010
6h21**

— Sr. Ryan?

Johnny voltou ao presente. Ao abrir os olhos, luzes reluzentes o cercavam; o lugar cheirava a desinfetante. Ele estava sentado numa cadeira plástica na sala de espera do hospital.

Um homem estava diante dele, usando uniforme azul e uma touca cirúrgica.

— Sou o Dr. Reggie Bevan. Neurocirurgião. O senhor é da família da Tallulah Hart?

— Sim — respondeu ele, depois de uma pausa. — Como ela está?

— A condição dela é grave. Nós a estabilizamos o suficiente para a cirurgia, mas...

Código azul, trauma nove soou pelos corredores.

Johnny se levantou.

— Isso tem a ver com ela?

— Sim — respondeu o médico. — Fique aqui. Eu já volto. — Sem esperar por uma resposta, o Dr.

Bevan se virou e correu para os elevadores.

CAPÍTULO CINCO

ONDE ESTOU?

Escuridão.

Não posso abrir meus olhos, ou talvez eu possa e não haja nada para ver. Ou talvez meus olhos estejam arruinados. Talvez eu esteja cega.

CLARO.

Algo me acertou no peito com tanta força que perdi o controle do meu corpo. Sinto que estou me levantando e volto a cair.

NADA DOUTOR BEVAN.

Houve uma onda de dor, do tipo que nunca imaginei, do tipo que nos faz querer desistir, e depois...

Nada.

Ainda estou imóvel; a escuridão que me conforta é espessa e tranquila.

Não faço esforço para abrir meus olhos agora. Ainda estou no escuro, mas é diferente. Líquido e negro como a água no fundo do mar. Quando tento me mover, ele resiste.

Forço-me até me sentar.

A escuridão desaparece em estágios, se torna cinza e sombria, e uma luz aparece, difusa, quase como um nascer do sol ao longe.

E então, de repente, tudo brilha.

Estou em algum tipo de quarto. Estou acima, olhando para baixo.

Sob mim, vejo uma multidão se movendo fervorosamente, dizendo palavras que não entendo. Há máquinas no quarto e algo vermelho no chão branco. A imagem é familiar, algo que eu vi antes.

São médicos e enfermeiros. Estou num quarto de hospital. Eles estão tentando salvar a vida de alguém. Estão reunidos ao redor de um corpo numa maca. Uma mulher.

Não. Espere.

Meu corpo.

Sou o corpo nu, sangrando e quebrado na maca. É meu o sangue que pinga no chão.

Posso ver meu rosto cortado, sangrando, ferido...

O estranho é que não sinto nada. Sou *eu*, Tully Hart. Eu sou o corpo que sangra naquele quarto, mas isto também sou eu.

Estou flutuando num canto, acima de todos.

Casacos brancos se reúnem em torno do meu corpo. Eles gritam uns para os outros — posso ver como eles estão preocupados pelo tanto que abrem as bocas e como seus rostos se tornam avermelhados e pelas caras feias que fazem. Eles trazem outras máquinas para o quarto, rodinhas rolando pelo piso cheio de sangue, deixando marcas brancas no vermelho.

As vozes deles emitem sons que não significam nada para mim, como adultos num especial de Charlie Brown para a TV. *Wa-WA-wa*.

ELA TEM PULSO.

Eu deveria me importar, mas não me importo. O drama lá embaixo é como uma novela a que já assisti. Viro-me repentinamente e as paredes desaparecem. Ao longe, vejo uma luz efervescente que me acena e me acalenta.

Penso *Vá e*, ao pensar nisso, me movo.

Flutuo em direção a um mundo tão fino e claro que fere meus olhos. Azul, céu azul, verde, grama verde, uma flor branca caindo das nuvens de algodão. E luz.

Uma luz bela e incandescente como nada que vi antes. Pela primeira vez desde que me lembro, me sinto em paz. Ao passar pelo gramado, uma árvore aparece diante de mim, uma muda, a princípio, inclinada e corcunda; ela cresce à medida que fico ali, expandindo-se, alargando-se até que ocupe todo o meu campo de visão. Eu me pergunto se devo voltar, se essa árvore crescerá sobre mim, me engolirá em sua rede de raízes. À medida que ela cresce, a noite cai ao meu redor.

Quando levanto a cabeça, vejo estrelas. A Ursa Maior. O Cinturão de Órion. As mesmas constelações que estudei no meu jardim quando criança, quando o mundo não parecia grande o bastante para conter todos os meus sonhos.

De algum lugar distante, ouço os primeiros esforços hesitantes de música.

Billy, don't be a hero...

A canção me atinge de uma forma que se torna difícil respirar. Essa música me fez chorar aos treze anos. Na época eu achava que era uma história de amor trágica. Agora sei que é uma trágica história de vida.

Não seja um tolo com sua vida.

Uma bicicleta aparece diante de mim, uma bicicleta de menina à moda antiga, com um cestinho branco. Ela está encostada numa cerca-viva de rosas. Eu subo e pedalo...

Para onde? Não sei. Uma rua aparece embaixo de mim, ela se estende até onde posso enxergar. É o meio de uma noite estrelada e de repente estou descendo a rua como uma criança de novo, meus cabelos vivos, batendo pelo meu rosto.

Conheço este lugar. Summer Hill. Está entrelaçado à minha alma. Obviamente não estou *mesmo* aqui. Eu mesma estou deitada na cama do hospital, quebrada e sangrando.

Então estou imaginando isso, mas não me importo.

Abro os braços e deixo que a velocidade aumente, lembrando-me da primeira vez que fiz isso.

Estávamos na oitava série, Kate e eu, e estávamos com estas bicicletas, nesta colina, pedalando no início de uma amizade que é a única história de amor verdadeira da minha vida. Eu a obriguei a fazer isso, claro. Jogo pedras na janela do seu quarto e a acordo no meio da noite e imploro para ela fugir comigo.

Você sabia que toda a sua vida pode ser transformada com uma única escolha? Não.

Mas sabia que minha vida precisava de mudanças. Como podia não saber? Minha mãe aperfeiçoara a arte de me abandonar e passei toda a minha infância fingindo que a verdade era uma mentira. Somente com Kate fui honesta. Minha melhor amiga para sempre. A única pessoa que me amou pelo que sou.

O dia em que nos tornamos amigas é um dia que jamais esquecerei. Faz sentido para mim que eu me lembre dele agora. Tínhamos quatorze anos, ambas não tínhamos amigos e éramos tão diferentes quanto o sal e a pimenta. Naquela primeira noite, disse para minha mãe chapada — que começara a se autodenominar

Cloud nos anos 1970 — que ia a uma festa da escola e ela me disse para eu me divertir.

Numa floresta escura, um menino que eu mal conhecia me estuprou e me deixou para voltar para casa sozinha. No caminho, vi Katie sentada no alto da cerca. Ela falou comigo enquanto eu passava.

— Adoro aqui à noite. As estrelas são tão brilhantes. Às vezes, se olhar para o céu tempo o bastante, você é capaz de jurar que os pontinhos brancos estão caindo ao seu redor, como vagalumes. — Um aparelho ortodôntico a fazia pronunciar o “s” entre os dentes. — Talvez tenha sido assim que esta rua ganhou seu nome. Você provavelmente deve me achar uma nerd por dizer isso... Ei, você não parece bem. E você fede a vômito.

— Estou bem.

— Está bem? Mesmo?

Para meu horror, comecei a chorar.

Esse foi o início. Nosso início. Conteí meu segredo vergonhoso, ela estendeu a mão para mim e eu a segurei. Daquele dia em diante, nos tornamos inseparáveis. Por toda a escola e a faculdade e para sempre depois disso, nenhuma experiência era real antes de contar a Katie sobre ela, nenhum dia parecia certo se não conversávamos. Aos dezoito anos, éramos TullyeKate, a dupla, impossível de separar. Estive lá no casamento dela e no nascimento de seus filhos e quando ela tentou escrever um livro e estive lá em 2006, quando ela deu seu último suspiro.

Com meus braços estendidos e o vento batendo no meu rosto e as memórias me acompanhando, penso: É assim que eu deveria morrer. Morrer? Quem diz que você morre?

Reconheceria aquela voz em qualquer lugar. Senti falta dela todos os dias nos últimos quatro anos.

Kate.

Viro a cabeça para ver algo impossível:

Kate está na bicicleta ao meu lado. A visão dela me assola e eu penso: *Claro.* Esta é a minha versão de caminhar para a luz e ela sempre foi minha luz. Por um breve e belo segundo, somos TullyeKate novamente.

— Katie — digo, pasma.

Ela me dá um sorriso que parece queimar ao longo dos anos.

Quando dou por mim, estamos sentadas no barranco do rio Pilchuck, como costumávamos fazer, nos anos 1970. O ar cheira a chuva e lama e árvores verdejantes. Um tronco podre e recoberto por musgo nos oferece algo em que podemos nos encostar.

A melodia do rio nos cerca.

— Ei, Tul — diz ela.

Ao som de sua voz, a felicidade me preenche, um belo pássaro branco abrindo as asas. A luz está em todos os lugares, banhando-nos. Nela, sinto aquela bela paz novamente, e isso me consola. Sinto dor há tanto tempo e estou sozinha há mais tempo ainda.

Volto-me para Kate, bebo da visão dela.

Ela é quase translúcida, cintilante. Quando ela se move, nem que seja um pouco, posso ver um trecho da grama sob ela. Quando ela olha para mim, vejo tristeza e alegria em seus olhos e me pergunto como duas emoções podem conviver num equilíbrio tão perfeito dentro dela. Ela suspira e sinto o cheiro de lavanda.

O rio corre ao nosso redor, emanando seu cheiro exuberante e fecundo de crescimento e apodrecimento. Ele se transforma em música, nossa música; as ondas formam notas e posso ouvir aquela velha canção de Terry Jacks, *We had joy, we had fun, we had seasons in the sun* [Tivemos alegria, tivemos diversão, passamos temporadas sob o sol].

Quantas noites trouxemos meu radinho até aqui e nos sentamos e ouvimos nossa música enquanto conversávamos? *Dancing queen...*

You make me feel like dancing... Hotel California... Da Do Run Run.

— O que aconteceu? — pergunta-me Kate.

Sei o que ela está perguntando. Por que estou aqui — e no hospital.

— Converse comigo, Tul.

Deus, como sinto falta de ouvi-la dizendo aquilo para mim. Eu *quero* conversar com minha melhor amiga, dizer-lhe como estraguei tudo. Ela sempre dava um jeito em tudo. Mas as palavras não me

vêm. Não consigo encontrá-las na minha mente; elas dançam como fadas quando tento pegá-las.

Você não precisa de palavras. Apenas feche os olhos e se lembre.

Eu me lembro de quando começou a dar errado. Aquele dia que foi pior do que os outros, o dia que mudou tudo.

Outubro de 2006. O funeral. Fecho meus olhos e me lembro de estar no meio do estacionamento da Igreja de Sta. Cecília...

... sozinha. Há carros ao meu redor, perfeitamente estacionados em suas vagas.

Vários SUVs, noto.

Kate me deu um iPod como presente de adeus e uma carta. Devo ouvir *Dancing queen* e dançar sozinha. Não quero fazê-lo, mas que escolha tenho? E, na verdade, quando ouço as palavras *você pode dançar*, por um breve e maravilhoso momento a música toma conta de mim.

E depois tudo acabou.

Vejo a família dela vindo em minha direção: Johnny; os pais de Kate, Margie e Bud; seus filhos; seu irmão, Sean. Eles parecem prisioneiros de guerra libertos depois de uma longa marcha — arruinados e surpresos por ainda estarem vivos. Nós nos reunimos e alguém diz algo — o quê, não sei.

Eu respondo. Fingimos estar bem uns para os outros. Johnny está com raiva — e como ele poderia não estar?

— As pessoas vão para casa — diz ele.

— É o que ela queria — diz Margie (Como ela está de pé? Sua dor lhe acrescenta uns 50 quilos).

A ideia disso — a chamada celebração da vida de Kate — me causa enjoo.

Nunca fui boa com essa coisa de transformar a morte numa transição positiva.

Como poderia?

Queria que ela lutasse até seu último suspiro. Foi um erro. Deveria ter ouvido seus medos, tê-la consolado. Em vez disso, prometi-lhe que tudo ficaria bem, que ela se curaria.

Mas fiz outra promessa também. No fim.

Jurei cuidar de sua família, estar presente para as crianças, e não a decepcionaria novamente.

Sigo Margie e Bud no Volvo deles. Dentro, o carro cheira à minha infância com os Mularkey — cigarros mentolados, perfume Jean Nate e laquê.

Imagino Katie ao meu lado novamente, no banco de trás do carro, com seu pai dirigindo e sua mãe soprando fumaça para fora da janela. Quase consigo ouvir John Denver cantando sobre as Montanhas Rochosas.

Os seis quilômetros que separam a igreja católica da casa dos Ryan parecem demorar uma eternidade. Para onde quer que eu olhe, vejo a vida de Kate. A cafeteria que frequentávamos, a sorveteria que preparava seu preferido *dulce de leche*, a livraria que era sempre sua primeira parada na época do Natal.

E aqui estamos nós.

O jardim tem um quê de desleixo. A grama crescida demais. Katie sempre “ia aprender” jardinagem.

Estacionamos e eu saio do carro. O irmão de Kate, Sean, fica ao meu lado. Ele é cinco anos mais jovem do que Kate e eu... Ou só do que *eu*, acho... Mas é tão frágil e nerd e corcunda que parece mais velho. Ele está perdendo cabelos e seus óculos estão velhos, mas por trás das lentes seus olhos são tão verdes quanto os de Katie que quero abraçá-lo.

Depois recuo e espero que ele diga alguma coisa. Ele não diz nada e nem eu.

Nunca tivemos muito o que dizer um ao outro, e hoje obviamente não é o melhor dia para começar uma conversa. Amanhã ele voltará para seu emprego no Vale do Silício, onde o imagino vivendo sozinho, jogando *vídeo game* à noite e comendo sanduíches em cada refeição. Não sei se a vida dele é assim, mas é como a vejo.

Ele se afasta e fico sozinha no carro, olhando para a casa que sempre me pareceu um lar.

Não consigo entrar.

Não consigo.

Mas devo.

Respiro fundo. Se há uma coisa que eu sei fazer é seguir em frente. Aperfeiçoei a arte da negação, não é? Sempre fui capaz de ignorar minha dor, sorrir e seguir adiante. É isso o que tenho de fazer agora.

Por Kate.

Entro e me junto a Margie na cozinha.

Juntas, organizamos a celebração. Movo-me rapidamente, tornando-me uma daquelas mulheres ágeis que se movem como beija-flores. É a única maneira que consigo. *Não pense nela. Não se lembre.* Margie e eu nos tornamos a tripulação, preparando silenciosamente a casa para uma festa da qual nenhuma das duas quer participar. Espalho cavaletes pela casa e coloco fotografias neles, imagens que Kate escolheu para refletir sua vida. Não consigo olhar para nenhuma delas.

Mantenho minha compostura a cada respiração quando ouço a campainha. Atrás de mim, passos no piso de madeira.

Chegou a hora.

Viro-me e exibo meu melhor sorriso, mas é impossível mantê-lo. Movo-me pela multidão com cuidado, servindo vinho e pegando pratos. Cada minuto parece um triunfo da vontade. Ao me mover, ouço pedaços de conversas. Pessoas falando sobre Kate, compartilhando memórias. Não ouço nada — dói demais e estou perto de perder o controle —, mas as histórias estão por todos os lugares.

Ao ouvir *seu lance no leilão do Rotary*, percebo que estas pessoas estão falando de uma Kate que não conhecia, e isso me entristece.

E mais: me deixa com ciúmes.

Uma mulher com um vestido preto fora de moda se aproxima de mim e diz: — Ela falava muito de você.

Sorriso, grata.

— Fomos melhores amigas por mais de trinta anos.

— Ela foi tão corajosa durante sua quimioterapia, não acha?

Não posso responder a isso. Não estava lá para ela. Nas três décadas da nossa amizade, houve um hiato de dois anos por causa de uma briga. Eu sabia como Kate estava deprimida e tentei ajudar,

mas, como é comum para mim, tudo deu errado. Por fim, magoei profundamente Kate e não pedi desculpas.

Na minha ausência, minha melhor amiga combateu um câncer e fez uma dupla mastectomia. Não estava lá com ela quando seus cabelos caíram ou quando os exames mostraram o avanço do câncer ou quando ela decidiu parar com o tratamento. Vou me arrepender disso para sempre.

— A segunda rodada foi brutal — diz outra mulher, que parece recém-saída da ioga, com calça preta, sapatilhas e um casaquinho de lã também preto.

— Eu estava lá quando ela raspou a cabeça — diz outra mulher.

— Ela estava *rindo*, chamando a si mesma de recruta Kate. Nunca a vi chorar.

Engoli em seco.

— Ela levou bolo de limão para a peça da Marah, lembra? — diz alguém. — Somente a Katie para levar alguma coisa quando estava...

— Morrendo — diz alguém, e finalmente a mulher para de falar.

Não suporto mais isso. Kate me pediu para manter as pessoas sorrindo. Ninguém anima uma festa como você, Tul. Esteja lá por mim.

Sempre, amiga.

Livro-me da mulher e vou até o CD player. Aquele jazz antiquado não está ajudando em nada.

— Isto é para você, Katie Scarlett — digo, colocando um CD na bandeja. Quando a música começa, aumento o volume.

Vejo Johnny do outro lado da sala. O amor da sua vida e, infelizmente, o único homem na minha. O único homem no qual conseguirei confiar. Quando olho para ele, vejo como está arrasado, arruinado.

Talvez se você não o conhecesse não perceberia — os ombros curvados, a falha na barba, as olheiras criadas pela sucessão de noites não dormidas. Sei que ele não tem consolo para me oferecer, que foi afetado pelo luto.

Conheço este homem há muito tempo, primeiro como meu chefe e depois como o marido da minha melhor amiga. Em todos os

eventos de suas vidas, estivemos juntos, e isso é um consolo para mim.

Basta vê-lo para amenizar um pouco a solidão. Preciso disso, de me sentir menos sozinha neste dia em que perdi minha melhor amiga. Antes de me aproximar dele, ele se afasta.

A música, nossa música, toca como um elixir em minhas veias, me preenche. Sem pensar, começo a dançar. Sei que deveria sorrir, mas minha tristeza está se elevando novamente. Vejo a maneira como as pessoas olham para mim. Encaram-me. Como se eu fosse de algum modo inadequada. Mas estas pessoas não a conheciam. Eu era sua melhor amiga.

A música, nossa música, a traz de volta para mim de uma maneira que as palavras ditas jamais seriam capazes de fazer.

— Katie — murmuro, como se ela estivesse ao meu lado.

Vejo as pessoas se afastando de mim.

Não me importo com o que elas pensam.

Eu me viro e lá está ela.

Kate.

Paro diante de um cavalete. Nele está uma imagem de Kate comigo. Nele, somos jovens e estamos sorrindo, de braços dados.

Não consigo me lembrar de quando a fotografia foi tirada — nos anos 1990, a julgar pelo meu corte de cabelo “Rachel”, colete e calça cargo.

O luto tira a força das minhas pernas e eu caio de joelhos. Lágrimas que contive o dia todo emergem em soluços. A música muda para *Don... n't stop bee-lieving* [Não... deixe de acreditar], do Journey, e eu choro ainda mais.

Há quanto tempo estou aqui? Para sempre.

Por fim, sinto uma mão no meu ombro, um toque suave. Levanto os olhos e vejo Margie em meio às lágrimas. A ternura de seu olhar me faz chorar novamente.

— Vamos lá — diz ela, me ajudando a me levantar. Eu me apego a ela e permito que ela me ajude a ir até a cozinha, que está cheia de mulheres cuidando das louças, e depois para a lavanderia, que está silenciosa. Nós nos abraçamos sem dizer nada. O que há para dizer? A mulher que amamos morreu.

Morreu.

E de repente me sinto mais do que cansada. Estou exausta. Sinto-me caindo como uma tulipa. A maquiagem se prende a meus olhos; minha visão ainda está embaçada por conta das lágrimas. Toco o ombro de Margie notando como ela se tornou magra e frágil.

Sigo-a para fora da escura lavanderia e volto à sala de estar, mas sei instantaneamente que não posso mais ficar aqui. Para minha vergonha, não posso fazer o que Kate me pediu. Não posso fingir celebrar sua vida.

Eu, que passei a vida toda fingindo ser boa-ótima-melhor, não consigo fazer isso agora.

É cedo demais.

Quando dou por mim, é manhã. Antes mesmo de abrir os olhos aquilo me atinge.

Ela se foi.

Dou um gemido alto. Esta é a minha nova vida, esta constante redescoberta da perda?

Ao sair da cama, sinto uma dor de cabeça começar. Ela se reúne atrás dos meus olhos, lateja. Chorei em meu sono novamente. É um antigo hábito da infância que o luto reavivou. Isso me lembra como sou frágil.

É um estado de ser que me ofende, mas não consigo encontrar forças para combatê-lo.

Meu quarto me parece estranho. Mal estive aqui nos últimos cinco meses. Em junho, quando fiquei sabendo do câncer de Kate, mudei instantaneamente minha vida; afastei-me de tudo — meu *talk show* de sucesso estrondoso e meu condomínio — e dediquei minha vida a cuidar da minha melhor amiga.

Meu telefone toca e eu me jogo sobre ele, grata por qualquer distração. O identificador de chamadas diz *Ryan* e meu primeiro pensamento é *Kate está ligando*, e sinto uma pontada de alegria. Depois eu me lembro.

Atendo, ouvindo a hesitação na minha voz ao dizer: — Alô?

— O que aconteceu com você na noite passada? — pergunta Johnny, sem se dar ao trabalho de me cumprimentar.

— Não suportei — digo, caindo no chão ao lado da cama. —
Tentei.

— É. Grande surpresa.

— O que você quer dizer com isso? — Sento-me. — A música? Era
o que a Kate queria.

— Você ao menos conversou com sua afilhada?

— Tentei — digo, magoada. — Ela só queria estar com as amigas.
E li uma história para os meninos antes de eles dormirem.

Mas... — Minha voz se torna trêmula. — Não consegui suportar,
Johnny. Estar sem ela...

— Você ficou bem nos dois anos da sua briga.

Respiro fundo. Ele nunca disse algo assim antes. Em junho,
quando Kate me ligou e eu corri para o hospital, Johnny me recebeu
de volta na família sem dizer nada.

— Ela me perdoou. E, acredite, eu não estava bem.

— Sei.

— Você está me dizendo que não me perdoou?

Ele suspira.

— Nada disso importa agora — diz, depois de uma pausa. — Ela
amava você. Isso é fato. Estamos todos tristes. Jesus! Como vamos
conseguir suportar? Todas as vezes que olho para a cama ou para as
roupas dela no armário... — Ele pigarreia. — Vamos para Kauai hoje.

— O quê?

— Precisamos de um tempo juntos agora. Você mesma disse.
Nosso voo é às duas, pela Hawaiian.

— Não há muito tempo para se preparar — digo. Imagino flores
na minha mente — nós cinco na praia, nos curando juntos. — É
perfeito. Sol e...

— É. Tenho que ir.

Ele suspira. Podemos nos falar mais tarde. Agora, preciso correr.
Desligo e me ponho em ação.

Arrumar as malas para o paraíso não demora, e em menos de
vinte minutos fiz minhas malas e tomei banho. Prendo meu cabelo e
me maquio o mais rápido possível. Johnny odeia quando me atraso.
Hora da Tully, diz ele, e não sorri ao mencionar isso.

No meu armário embutido, encontro um vestido Lilly Pulitzer azul e branco, um par de sandálias prateadas de salto alto e um chapéu de palha.

Ao me vestir, imagino a viagem. É algo de que preciso — este tempo com a única família que tenho. Vamos sofrer juntos, compartilhar memórias e manter o espírito de Kate vivo entre nós.

Precisamos um do outro. Deus sabe como preciso deles.

Estou pronta às 11h20 — alguns minutinhos atrasada — e peço um táxi. Não estou tão atrasada.

Ninguém precisa de duas horas no aeroporto.

Pego minha mala e saio do apartamento.

Lá embaixo, um táxi executivo está me esperando diante do prédio.

— SeaTac — digo, colocando minha bagagem na calçada perto do porta-malas.

Surpreendentemente, o tráfego está ameno nesta manhã quente de outono. Olho em meu relógio repetidamente.

— Mais rápido — digo para o motorista, batendo com o pé no chão do carro. No SeaTac, estacionamos no terminal e saio do carro antes mesmo que o motorista consiga abrir sua porta. — Rápido — digo, esperando que ele pegue minhas malas e olhando no meu relógio. São 11h47. Estou atrasada.

Por fim, pego minha mala e corro, segurando o chapéu na cabeça e arrastando a mala comigo.

Minha bolsa cai dos meus ombros, arranhando meu braço nu. O terminal está cheio.

Leva um minuto para encontrá-los na multidão, mas lá estão eles, perto do balcão da Hawaiian Airlines.

— Estou aqui! — grito, acenando como uma participante de um jogo tentando ser notada. Corro para eles. Johnny me encara, confuso. Fiz algo de errado?

Paro, já sem fôlego.

— O quê? O que houve de errado? Se for o horário, fiz o meu melhor.

— Você está sempre atrasada — diz Margie com um sorriso triste. A roupa é exagerada? Tenho shorts e sandálias.

— Tully! — diz Marah, sorrindo. — Graças a Deus.

Johnny se aproxima de mim. Margie abre caminho ao mesmo tempo. Seus movimentos parecem ensaiados, coreografados como *O Lago dos Cisnes*, e aquilo me incomoda.

Johnny me pega pelo braço e me puxa de lado.

— Você não foi convidada para esta viagem, Tul. É só para nós quatro. Não acredito que você pensou...

Sinto-me como se tivesse levado um soco no estômago. A única coisa que penso em dizer é: — Ah, você disse “nós”. Achei que estava incluída também.

— Você entende — diz ele, afirmando, e não perguntando.

Aparentemente sou uma tola por *não* entender.

Sinto-me como a menina de dez anos abandonada de novo, sentada na cidade, esquecida pela minha mãe, me perguntando por que é tão fácil me deixarem para trás.

Os gêmeos se juntam a nós, jubilantes em sua empolgação, agitados pela ideia de aventura. Eles têm cabelos castanhos desgrenhados que estão compridos demais e encaracolados nas extremidades e olhos azuis e sorrisos que voltaram a seus rostos desde ontem.

— Você vem para Kauai com a gente, Tully? — pergunta Lucas.

— Vamos *surf* — diz Wills, e posso imaginar como ele será agressivo na água.

— Tenho que trabalhar — digo, mesmo que todos saibam que deixei meu programa de lado.

— Sei — diz Marah. — Tipo, você ir seria divertido, então claro que você não vai.

Livro-me dos meninos e me aproximo de Marah, que está sozinha, fazendo algo com seu telefone.

— Dê um tempo para o seu pai. Você é jovem demais para conhecer o amor de verdade, mas eles encontraram e agora ela morreu.

— E, tipo, *areia* vai ajudar?

— Marah...

— Posso ficar com você?

Queria tanto isso que me senti mal e, apesar de ser notoriamente autocentrada — em nossas brigas, Kate geralmente me chamava de narcisista —, reconheço a decepção quando a vejo. Isto não tem a ver comigo. E Johnny não está com ânimo para isso. Dá para ver.

— Não, Marah. Desta vez, não. Você precisa estar com a sua família.

— Achava que você fazia parte da família.

— Divirtam-se — é tudo o que consigo dizer.

— Que seja.

Ao vê-los se afastarem, sinto-me insuportavelmente sozinha. Nenhum deles olha para mim.

Margie se aproxima e toca em meu rosto.

Sua mão é suave contra meu rosto. Sinto o cheiro cítrico da loção que ela tanto ama e aquele toque leve de cigarros mentolados.

— Eles precisam disso — diz ela suavemente. Ouço sua voz áspera e percebo como ela está cansada — até os ossos. — Você está bem?

Sua filha está morta e ela está preocupada comigo. Fecho meus olhos, desejando ser mais forte.

Então eu a ouço chorando; é um barulho baixinho como o de uma pena caindo, quase perdido em meio ao barulho do aeroporto.

Ela foi forte por tanto tempo, forte para sua filha e todos os demais. Sei que não há palavras, por isso não ofereço nenhuma. Apenas a abraço. Por fim ela se solta e recua.

— Quer vir conosco?

Não quero ficar sozinha, mas não posso ir para a casa na Firefly Lane. Não ainda.

— Não posso — digo, e percebo que ela entende.

Depois disso, seguimos caminhos separados.

Em casa, caminho pelo meu apartamento caro. Este lugar nunca foi um lar. Ninguém jamais morou aqui além de mim e eu só morei mesmo aqui. Há poucas lembranças e enfeites pessoais. Minha decoradora escolheu praticamente tudo, e aparentemente ela gosta de marfim. Tudo tem um tom branco: piso de mármore, móveis brancos e mesas de pedra e vidro.

É bonito e se parece com a casa de uma mulher que tem tudo. Mas aqui estou eu, quarenta e seis anos e sozinha.

Trabalho.

Minha carreira foi minha escolha, sempre. Desde que me lembro, tinha sonhos com S maiúsculo.

Tudo começou na casa da Firefly Lane, com Kate, quando tínhamos quatorze anos.

Eu me lembro como se fosse ontem; é uma história que contei em dezenas de entrevistas ao longo dos anos. Como Katie e eu estávamos em sua casa e Margie e Bud estavam assistindo ao noticiário e Margie se virou para mim e disse: — Jean Enerson está mudando o mundo. Ela é uma das primeiras mulheres a serem âncoras do noticiário noturno.

E eu disse:

— Vou ser a repórter.

Foi algo natural dizer aquilo. Queria ser uma mulher que o mundo todo admirasse.

Consegui isso ignorando todos os sonhos exceto um: precisava do sucesso como um peixe precisa de água. Sem isso, o que seria de mim? Somente uma moça sem família que podia ser deixada de lado.

É o que tenho na vida — fama, dinheiro e sucesso.

Neste momento, sei: é hora de voltar a trabalhar.

Assim é que suportarei o luto. Farei o que sempre fiz. Serei forte e fingirei. Deixarei que a adoração de estranhos me conforte.

Entro no meu armário e troco o vestido colorido por uma calça preta e uma blusa. É então que percebo que ganhei peso. A calça está tão apertada que não consigo fechá-la.

Faço uma careta. Como não notei o ganho de peso nos últimos meses? Visto uma saia e noto o volume da minha barriga e o aumento nos quadris.

Maravilha. Mais uma coisa com que se preocupar: ganho de peso no mundo da alta definição. Pego minha bolsa e saio, ignorando a pilha de correspondência que o administrador do prédio colocou sobre a bancada da minha cozinha.

É apenas um tanto de quadras até meu estúdio e geralmente um motorista me pega, mas hoje, em honra ao tamanho dos meus quadris, decido caminhar. É um belo dia de outono em Seattle, uma

daquelas obras-primas que fazem da cidade uma das mais belas do país. Os turistas voltaram para casa e por isso as calçadas estão tranquilas, habitadas por nativos que vão e vêm sem notar ninguém.

Entro num enorme prédio tipo armazém que abriga a produtora. Firefly, Inc. O lugar é absurdamente caro, localizado na Pioneer Square, a menos de uma quadra das praias Baía Elliott, mas o que eu tenho a ver com o preço? O programa que produz gera milhões.

Destranco a porta e entro. As paredes estão escuras e vazias, um lembrete de que saí e não olhei para trás. Sombras se reúnem nos cantos e se escondem nos corredores. Ao caminhar rumo ao estúdio, sinto meu coração acelerar. O suor surge na minha testa, coça. Minhas mãos ficam úmidas.

E lá estou eu, de pé atrás da cortina vermelha que separa os bastidores do meu mundo. Abro a cortina.

Da última vez que estive neste palco, contei à plateia sobre Katie, sobre como ela foi diagnosticada com câncer de mama, mencionei sinais de alerta e depois me despedi.

Agora teria de dizer o que aconteceu, explicar como me senti ao sentar na cama da minha melhor amiga e segurar sua mão e lhe dizer que tudo ficaria bem, mesmo que não fosse verdade. Ou como me senti ao pegar seus comprimidos e servi-la com o jarro de água na sua mesa de cabeceira.

Seguro-me no pilar ao meu lado. Ele parece frio e impávido ao meu toque, mas me segura.

Não consigo. Não ainda. Não posso falar sobre Katie e, se não puder falar sobre ela, não posso voltar à minha vida antiga, ao meu palco, e ser a Tully Hart da TV vespertina.

Pela primeira vez na vida, não sei quem sou. Preciso de tempo para mim mesma, para que possa encontrar meu equilíbrio novamente.

Quando saio para a rua, está chovendo. O tempo em Seattle é assim: imprevisível.

Agarro minha bolsa e ando pela calçada, surpresa por descobrir que estou sem fôlego ao sair do prédio.

Lá, eu paro.

E agora?

Subo até minha cobertura e vou até a cozinha, a esmo, onde a correspondência se acumula em várias pilhas. Engraçado, mas, em todos aqueles meses fora, nunca pensei nos detalhes da minha outra vida.

Não verifiquei mensagens ou abri contas ou pensei em nada disso. Contava com o maquinário da minha vida — agentes, gerentes, contadores, corretores — para me manter.

Agora preciso voltar, tomar conta das coisas novamente e retomar minha vida; mas, honestamente, a ideia de ver toda aquela correspondência é assustadora. Em vez disso, ligo para meu gerente de negócios, Frank. Darei a ele essa responsabilidade. É para isso que o pago: para pagar minhas contas e investir meu dinheiro e tornar minha vida mais fácil. Preciso disso agora.

O telefone toca e cai na secretária eletrônica. Não me dou ao trabalho de deixar uma mensagem. É sábado?

Talvez uma soneca ajude. A Sra. Mularkey costumava dizer que uma boa noite de sono podia mudar tudo, e eu preciso que as coisas mudem. Assim, entro no meu quarto, fecho as cortinas e subo na cama. Nos cinco dias seguintes, faço pouca coisa além de comer demais e dormir mal. A cada manhã, quando acordo, penso que é isto, que hoje é o dia em que serei capaz de sair do luto e ser eu novamente, e todas as noites bebo até não conseguir mais me lembrar da voz da minha melhor amiga.

E é então que me acontece, no sexto dia depois do funeral de Kate. Uma ideia tão grandiosa e perfeita que não acredito que não pensei nela antes.

Preciso fechar um ciclo. É assim que me livrarei da tristeza e seguirei adiante, é assim que me curarei. Preciso encarar esta dor e dizer adeus. Preciso ajudar Johnny e as crianças também.

De repente, sei o que fazer.

Está anoitecendo quando estaciono na garagem dos Ryan. As estrelas pontuam o céu arroxeadado, a brisa outonal sopra pelos cedros que contornam a propriedade. Tenho dificuldade para pegar as caixas do meu Mercedes e levá-las pelo jardim, que está cheio de brinquedos e ervas daninhas. No ano passado, a jardinagem e a manutenção não estavam na lista de prioridades.

Lá dentro, a casa está escura e silenciosa de uma maneira como eu nunca me lembro que ela tenha estado.

Paro e penso: *Não consigo fazer isso.* No que eu estava pensando?

Fechar o ciclo.

E há outra coisa. Lembro-me da nossa última noite juntas, Katie e eu. Ela tinha se decidido; todos já sabíamos. A decisão nos abalara, por isso avançamos mais devagar, conversando em sussurros.

Tínhamos apenas mais uma hora juntas, só nós duas. Queria me deitar na cama com ela e abraçar seu corpo frágil, mas, mesmo com o coquetel de analgésicos, o tempo para isso passara. Cada respiração a machucava e, por extensão, machucava a mim também.

Cuide deles, sussurrara ela, segurando minhas mãos. *Fiz tudo por eles.* Dizendo isso, ela rira; era um suspiro entrecortado.

Eles não saberão como recomeçar sem mim.

Ajude-os.

E eu dissera: *Quem vai me ajudar?*

A vergonha disso me assola e me dá um nó no estômago.

Sempre estarei com você, mentira ela, e fora o fim. Ela pediu para ver Johnny e as crianças.

E eu soube.

Agarro-me às caixas e subo até o andar de cima, ignorando a maneira como as caixas batem nos degraus desgastados. No quarto de Kate e Johnny, paro, sentindo-me de repente hesitante por invadir.

Ajude-os.

O que Johnny me disse da última vez que nos falamos? Todas as vezes que olho para as roupas dela no armário...

Engulo em seco e entro no armário embutido, ligando a luz. As roupas de Johnny estão do lado direito, bem organizadas. As de Kate estão à esquerda.

Ao ver as coisas, quase perco a coragem; meus joelhos tremem. Insegura, monto uma das caixas e a coloco ao meu lado. Pego várias roupas nos cabides e as coloco no fundo da caixa.

Blusas. Camisetas e golas rulê e em V.

Dobro cada uma cuidadosa e reverencialmente, sentindo o último e duradouro cheiro dela — lavanda e frutas cítricas.

Saio-me bem até chegar a uma camiseta gasta e cinza, macia pelos anos de lavagem.

Uma lembrança me assola: estamos no quarto de Kate, arrumando as coisas para irmos à faculdade juntas. Duas meninas de dezoito anos que imaginaram este momento há tempos, que falaram sobre isso o verão todo, polindo o sonho até que ele estivesse brilhante.

Vamos entrar para a mesma fraternidade e nos tornar jornalistas famosas.

Eles vão querer você, disse Kate baixinho. Sabia que ela estava com medo, a menina impopular cujos colegas a chamavam de Kootie.

Sei que não vou entrar para uma fraternidade a não ser que entremos juntas, certo?

Eis o que Kate nunca entendeu ou pelo menos nunca acreditou: de nós duas, eu precisava mais dela do que ela de mim.

Dobro a blusinha e a deixo de lado. Eu a levarei para casa comigo.

Pelo restante da noite, sento-me no armário da minha melhor amiga, lembrando-me da nossa amizade e encaixotando sua vida. A princípio, tento ser forte, e a tentativa me dá uma terrível dor de cabeça.

Suas roupas são como recortes de nossas vidas.

Finalmente me deparo com um casaco que estava fora de moda desde o final dos anos 1980. Eu lhe comprei isso no seu aniversário, com o meu primeiro salário. Há lantejoulas nas ombreiras.

Você não pode comprar isso, disse ela ao tirar o terno roxo da caixa.

Estou a caminho.

Ela rira. *É. Você. Estou grávida e engordando.*

Você vai vir para Nova York e vai me ver depois que o bebê nascer e você vai precisar de algo para usar...

Levanto-me. Segurando o casaco contra o peito, desço as escadas e me sirvo de uma taça de vinho.

A voz de Madonna emana dos alto-falantes da sala de estar. Paro para ouvir e me ocorre que deixei a louça do almoço na bancada e as caixas de comida do jantar deveriam ser colocadas no lixo, mas como posso pensar nisso com a música me envolvendo de novo?

Vogue. Dançamos esta música em terninhos exatamente como este. Vou ao CD player e aumento o volume para que possa ouvir no andar de cima. Por um instante, fecho meus olhos e danço, segurando o casaco, e a imagino aqui, rebolando e rindo comigo. Depois volto ao trabalho.

Acordo no armário, usando calça de moletom preta e a velha camiseta da UW. A taça de vinho ao meu lado caiu e se quebrou. A garrafa está vazia. Não é de admirar que eu me sinta tão mal.

Tenho dificuldade para me sentar, tirando os cabelos que me caem sobre os olhos.

É minha segunda noite aqui e quase acabei de empacotar as coisas de Kate. Seu lado do armário está completamente vazio e há seis caixas empilhadas ao lado da coluna prateada.

Ao lado da minha taça quebrada está o diário de Kate, o que ela escreveu nos últimos meses de vida.

Marah vai me procurar um dia, dissera Kate, com o diário nas mãos. *Estarei com ela quando ela ler isso. E meus meninos...*

Mostre-lhes estas palavras quando eles não conseguirem mais se lembrar de mim.

A música ainda toca lá embaixo. Bebi vinho demais e me esqueci de desligar o som na noite passada. Prince. *Purple Rain.*

Levanto-me, sentindo-me fraca, mas pelo menos fiz *alguma coisa.* Isto facilitará a vida de Johnny quando ele voltar. É um trabalho difícil que ele não precisa fazer.

Lá embaixo, a música para.

Viro-me, mas, antes de sair do armário, Johnny aparece na porta.

— Que *merda* é esta ? — grita ele para mim.

Fico tão surpresa que só olho para ele.

Era hoje que eles voltariam de Kauai?

Ele me olha, vê as caixas na parede com etiquetas como roupas de verão da Kate e Legião da Boa Vontade e Kate, miscelânea.

Percebo a dor dele, como ele está lutando para manter a compostura quando as crianças sobem atrás dele. Forço um abraço, esperando — esperando — que ele me envolva.

Como Johnny não me abraça, recuo. Sinto lágrimas queimando meus olhos.

— Sei que você não ia querer...

— Como você *ousa* entrar nesta casa e mexer nas coisas delas e empacotá-las como se fossem lixo? — Ele se cala e as palavras vibram. — Você está usando a blusa dela?

— Estava tentando ajudar.

— Ajudar? Ajudar significa deixar garrafas de vinho e caixas de comida sobre a bancada? Deixar a música no volume máximo? Você acha que vai me *ajudar* se eu olhar para o armário dela vazio?

— Johnny... — Tento me aproximar dele.

Ele me empurra para o lado com tanta força que tropeço e quase deixo cair o diário.

— Me dê isso — diz ele numa voz grave.

Seguro-o contra meu peito e me desvio.

— Ela o confiou a mim. Devo estar com a Marah quando ela o ler. Prometi à Katie.

— Ela cometia vários erros quando se tratava de você.

Faço que não. Isto está acontecendo com tanta rapidez que não consigo processar as coisas.

— Cometi um erro limpando o armário? Achava que você...

— Você só pensa em si mesma, Tully.

— Papai — diz Marah, abraçando-se aos irmãos. — A mamãe não ia querer...

— Ela se foi — diz ele, ríspidamente. Vejo como as palavras o atingem, como o luto transparece em seu rosto, e sussurro seu nome, sem saber mais o que dizer. Ele está errado. Minha intenção era ajudar.

Johnny se afasta de mim. Ele passa a mãos nos cabelos e olha para os filhos, que parecem assustados e incertos.

— Vamos nos mudar — diz ele.

Marah fica pálida.

— O quê?

— Vamos nos mudar — repete Johnny, com a voz mais controlada desta vez. — Para Los Angeles. Aceitei um novo trabalho. Precisamos de um recomeço. Não posso viver aqui sem ela. — ele indica o quarto. Ele mal consegue olhar para a cama. Em vez disso, olha para mim.

— Se isso é porque tentei ajudar...

Ele ri. É um som seco e áspero.

— Claro que você acha que tem a ver com você. Você me *ouviu*? Não posso mais viver nesta casa.

Aproximo-me dele.

Ele se desvia.

— Simplesmente vá embora, Tully.

— Mas...

— Vá — repete ele, e vejo que ele está falando sério.

Seguro o diário e passo por ele. Abraço os meninos com força e beijo seus rostos fofos, tentando imprimir a imagem deles na minha alma.

— Você vai nos visitar, certo? — pergunta Lucas, hesitante. Este menino perdeu tanto, e a incerteza em sua voz me mata.

Marah me segura pelo braço.

— Me deixe morar com você.

Atrás de nós, Johnny ri, amargurado.

— Você pertence à sua família — diz ele.

— Isto não é mais uma família. — Os olhos de Marah estão cheios de lágrimas. — Você disse a ela que estaria presente para mim.

Não consigo mais ouvir. Dou um abraço forte e desesperado na minha afilhada, tanto que ela tem dificuldade para se libertar.

Quando a solto e deixo o ambiente, mal posso enxergar.

CAPÍTULO SEIS

— PODE, POR FAVOR, PARAR DE ZUMBIR? — digo para Kate. — Como posso pensar com esse barulho?

Estas não são boas memórias para mim.

Não estou zumbindo.

— Certo. Pare de fazer bip. Quem é você? O Papa-Léguas? — O som é ameno no princípio, como um mosquito perto do meu ouvido, mas ele se amplifica constantemente e se torna ridiculamente alto.

— Pare de fazer esse barulho. — Estou começando a ficar com dor de cabeça.

Uma dor de cabeça *de verdade*. A dor ganha vida em minha mente, lateja e se transforma numa enxaqueca martelante.

Estou quieta como uma lápide aqui.

— Muito engraçado. Espere. Não é você.

Soa como o alarme de um carro. O quê...?

NÓS A PERDEMOS, alguém diz; na verdade, grita. Quem?

Ao meu lado, ouço o suspiro de Katie. É um barulho de certo modo triste, como o rasgar de um velho laço. Ela sussurra meu nome e diz: *Tempo*. Aquilo me assusta, tanto o cansaço na sua voz quanto a palavra em si.

Será que usei todo o tempo de que dispunha?

Por que não *falo* mais? Faço mais perguntas?

O que me aconteceu? Sei que ela sabe.

— Kate?

Nada.

De repente, estou caindo.

Posso ouvir vozes, mas as palavras não fazem sentido e a dor é tão grande, tão brutal que preciso de tudo o que tenho para não gritar.

AFASTEM-SE.

Sinto meu espírito arruinado, tirado do meu corpo. Quero abrir os olhos — ou talvez eles estejam abertos — não sei dizer. Só sei que esta escuridão é feia, fria e espessa como carvão em pó. Grito por

ajuda, mas tudo acontece na minha cabeça e eu sei disso. Não consigo abrir a boca. O som que imagino ecoa e desaparece, e eu faço o mesmo...

**3 de setembro de 2010
6h27**

Johnny estava de pé ao lado de fora da sala nove de traumatismo. Ele precisou de cinco segundos para decidir seguir o Dr. Bevan até esta sala e precisou de menos tempo ainda para decidir abrir a porta.

Afinal, ele era um jornalista. Ganhava a vida entrando onde não era chamado.

Ao abrir a porta, ele levou um susto e foi puxado de lado por uma mulher usando trajes hospitalares.

Ele saiu do caminho e se aproximou da sala cheia. Ela estava bem iluminada e cheia de pessoas com trajes hospitalares reunidos em torno de uma maca. Elas falavam todas ao mesmo tempo, para a frente e para trás como as teclas de um piano. Por causa dos corpos, ele não conseguia ver a paciente — somente dedos do pé saindo pela extremidade de um cobertor azul.

Um alarme soou. Alguém gritou: — Nós a perdemos. *Carregar.*

Um zumbido vibrou pela sala, pairando por sobre as vozes. Ele sentiu a vibração do som em seus ossos.

— Afastem-se.

Ele ouviu o *vrrr* alto e depois o corpo na maca se arqueou. Um braço caiu de lado, pendendo da maca.

— Ela voltou — disse alguém.

Johnny viu os batimentos cardíacos no monitor. O enxame pareceu se acalmar. Algumas das enfermeiras se afastaram da cama e pela primeira vez ele viu a paciente.

Tully.

Foi como se o ambiente se enchesse de ar. Johnny finalmente conseguiu respirar.

Havia sangue por todo o chão. Uma enfermeira pisou nele e quase caiu.

Johnny se aproximou da cama. Tully estava inconsciente; seu rosto, ferido e ensanguentado; um osso saía pelo músculo rasgado de seu braço.

Ele sussurrou seu nome, ou talvez tenha só pensado que o fez. Johnny passou por entre duas enfermeiras — uma que estava aplicando uma injeção intravenosa e outra que puxava o cobertor para cobrir o peito nu de Tully.

O Dr. Bevan se materializou ao lado dele.

— Você não deveria estar aqui.

Johnny desprezou o comentário, sem responder. Ele tinha tantas perguntas a fazer a este homem.

Ainda assim, de pé e surpreso com a extensão dos ferimentos, o que sentia era vergonha. De alguma forma, Johnny tinha um papel nisso tudo. Ele culpava Tully por alguma coisa que não fora sua culpa e a tirara de sua vida.

— Precisamos levá-la para a sala de cirurgia, Sr. Ryan.

— Ela vai sobreviver?

— Suas chances não são boas — disse o Dr. Bevan. — Saia do caminho.

— Salve-a — disse Johnny, recuando enquanto a maca passava por ele.

Sentindo-se paralisado, ele saiu do quarto e andou pelo corredor até a área de espera do quarto andar, onde havia uma mulher sentada num canto, agulhas de tricô na mão, chorando.

Ele foi conversar com a mulher na recepção, disse-lhe que estava esperando notícias de Tully Hart e foi se sentar ao lado de um televisor. Sentindo a dor distante de uma enxaqueca, ele se recostou.

Johnny tentou não se lembrar de tudo o que dera errado nos anos sem Kate; todos os erros que cometera — e foram dezenas. Em vez disso, ele orou para um deus no qual deixara de acreditar no dia em que sua esposa morrera e para o qual retornara depois que sua filha desaparecera.

Durante horas, ele ficou sentado na sala de espera, vendo as pessoas ir e vir. Johnny não ligara para ninguém ainda. Estava esperando notícias sobre a condição de Tully.

Houvera tragédias o bastante na família. Bud e Margie viviam no Arizona agora; Johnny não queria que Margie corresse para o aeroporto a não ser que fosse absolutamente necessário. Ele teria ligado para a mãe de Tully, mesmo a esta hora da manhã, mas Johnny não fazia ideia de como encontrá-la.

E havia Marah. Ele não sabia nem mesmo se ela atenderia sua ligação.

— Sr. Ryan?

Johnny levantou os olhos rapidamente e viu o neurocirurgião se aproximando dele.

Ele quis se levantar, mas se sentiu fraco.

O cirurgião o tocou no ombro.

— Sr. Ryan?

Johnny se obrigou a se levantar.

— Como ela está, Dr. Bevan?

— Ela sobreviveu às cirurgias. Venha comigo.

Johnny se permitiu ser guiado para fora da sala de espera até uma pequena sala de reuniões ali perto. Em vez de um arranjo floral no meio da mesa, havia uma caixa de lenços de papel.

Ele se sentou.

O Dr. Bevan se sentou diante dele.

— Neste momento, a maior preocupação é o edema cerebral — o inchaço no cérebro dela. Ela teve um grande traumatismo craniano. Instalamos um dreno para ajudar com o inchaço, mas a eficácia é incerta. Diminuímos a temperatura corporal dela e a colocamos em coma induzido para ajudar a aliviar a pressão, mas o estado dela ainda é grave. Ela está respirando com a ajuda de aparelhos.

— Posso vê-la? — perguntou Johnny.

O médico fez que sim.

— Claro. Venha comigo.

Ele guiou Johnny por um corredor branco depois do outro, até um elevador e para fora dele. Por fim, chegaram à UTI. O Dr. Bevan

entrou num quarto privado de paredes envidraçadas, um entre os doze dispostos em U ao redor da estação das enfermeiras.

Tully estava deitada numa cama estreita, cercada por máquinas. Seus cabelos foram raspados e um buraco fora feito em seu crânio. Um cateter e uma bomba tentavam aliviar a pressão no seu cérebro.

Havia vários tubos entrando nela — um respirador, um alimentador e um tubo em sua cabeça. Uma tela preta atrás da maca mostrava a pressão intracraniana; outro monitorava seus batimentos cardíacos. Seu braço esquerdo estava imobilizado. O frio irradiava de sua pele pálida, azulada.

— É impossível dar prognósticos para traumas cerebrais — disse o Dr. Bevan. — Nós realmente ainda não sabemos qual é a extensão dos ferimentos. Esperamos saber mais dentro de 24 horas. Gostaria de lhe dar uma opinião mais assertiva, mas este é um território incerto.

Johnny sabia sobre ferimentos cerebrais.

Ele sofrera um como repórter, cobrindo a primeira guerra no Iraque. Foram necessários meses de terapia para que ele voltasse a ser quem era e ainda assim não conseguia se lembrar da explosão.

— Ela vai voltar ao normal quando acordar?

— A verdadeira questão é se ela vai acordar. Seu cérebro está funcionando, mas não sabemos quão bem, por causa dos medicamentos que lhe demos. Suas pupilas estão reagindo, e isso é um bom sinal. O coma vai dar tempo ao corpo dela, esperamos. Mas se houver uma hemorragia ou se o inchaço continuar...

Ele não precisou terminar a frase. Johnny sabia.

O barulho do respirador o fazia se lembrar de que ela não estava respirando por conta própria.

Este é o som de bancar Deus e manter alguém vivo — uma cacofonia de monitores, indicadores e o zumbido do respirador.

— O que aconteceu a ela? — perguntou finalmente Johnny.

— Acidente de carro, pelo que ouvi dizer, mas não sei dos detalhes. — O Dr. Bevan se virou para ele. — Ela é uma mulher espiritualizada?

— Não. Diria que não.

— Pena. A fé pode ser um consolo em momentos como este.

— É — disse Johnny.

— Acreditamos que ajuda conversar com pacientes em coma — disse o Dr. Bevan.

O médico bateu no ombro de Johnny novamente e depois saiu da sala.

Johnny se sentou ao lado da cama.

Quanto tempo ficou ali, olhando para ela, pensando: *Lute, Tully*, sussurrando palavras que não podia dizer em voz alta? O bastante para a culpa e o arrependimento se tornarem um nó em sua garganta.

Por que era preciso uma tragédia para ver a vida com clareza?

Ele não sabia o que dizer para ela, não agora, depois de tudo o que fora dito — e não dito — entre eles. A única coisa que ele sabia com certeza era isto: se Kate estivesse aqui, ela teria lhe dado um chute no traseiro pela maneira como ele se comportara depois de sua morte e como ele tratara sua melhor amiga.

Ele fez a única coisa em que pensou para tocar Tully. Silenciosamente, sentindo-se estúpido por fazê-lo, começou a cantar uma música que lhe veio à mente, a música que sempre o fazia se lembrar de Tully. Só uma menina de uma cidadezinha, vivendo num mundo solitário...

Onde estou? Morta? Viva? Entre a vida e a morte?

— Kate?

Sinto um calor ao meu lado e o alívio é enorme.

— Katie — digo, virando-me. — Onde você esteve?

Morta, diz ela simplesmente. *Agora estou de volta. Abra seus olhos.*

Meus olhos estão fechados? Por isso tudo é tão escuro? Abro meus olhos lentamente, e é como acordar de cara para o Sol. A luz e o calor são tão intensos que perco o fôlego.

Demora alguns segundos para que meus olhos se ajustem ao brilho e, quando isso acontece, vejo que estou num quarto de hospital com meu corpo. Abaixo de mim, uma operação está sendo realizada. Várias pessoas em trajes hospitalares estão ao redor de uma mesa de cirurgia. Bisturis e instrumentos brilham nas mesas

instrumentadoras. Há máquinas por todos os lugares, emitindo sons, sugando, zunindo.

Olhe, Tully.

Não quero.

Olhe.

Estou me movendo, apesar da minha intenção de ficar imóvel. Um medo gélido toma conta de mim.

É pior do que a dor. Sei o que verei na mesa.

Eu mesma. E, de certo modo, não eu mesma.

Meu corpo está na mesa, envolto em azul, ensanguentado. As enfermeiras e o cirurgião conversam; alguém está raspando minha cabeça.

Pareço tão pequena e pálida sem cabelos, como uma criança. Alguém passa um líquido marrom na minha cabeça raspada.

Ouçó o zumbido de uma serra e aquilo me dá enjoo.

— Não gosto daqui — digo para Kate. — Me leve para outro lugar.

Sempre estaremos aqui, mas feche os olhos.

— Com prazer.

A escuridão repentina me assusta desta vez. Não sei por quê. É estranho, na verdade, porque suporto várias emoções sombrias na minha alma, mas o medo não é uma delas.

Não tenho medo de nada.

Rá. Você tem mais medo do amor do que qualquer outra pessoa que conheci. Por isso é que você insiste em testar as pessoas e afastá-las. Abra os olhos.

Abro meus olhos e, por um segundo, tudo ainda está escuro; depois as cores surgem da escuridão impenetrável acima, caindo como aqueles códigos de computação em *Matrix*, solidificando-se.

Primeiro vem o céu, de um azul perfeito e sem nuvens, depois as cerejeiras em flor — tufos de flores rosa pendendo dos ramos e flutuando no ar doce.

Os prédios se põem em seus devidos lugares, estruturas góticas rosa com alas e torres elegantes; e finalmente a grama verde, marcada por trilhas de concreto indo para lá e para cá. Estamos na Universidade de Washington. As cores são vívidas. Há jovens em todos os lugares — meninos e meninas — carregando mochilas e

brincando de *footbag* e deitados na grama com livros abertos diante deles. Em algum lugar toca uma música alta e uma versão moderna de *I've never been to me* emana dos alto-falantes. Deus, odiava essa música!

— Nada disso é real — digo. — Certo?

O real é relativo.

Não muito longe de onde estamos sentadas na grama, uma dupla de meninas está sentada uma ao lado da outra; uma delas é morena e a outra, loira. A loira está usando calça larga e uma camiseta e tem um caderno Trapper Keeper aberto diante dela. A outra — certo, sou eu, eu sei, eu me lembro de quando usava meus cabelos soltos daquele jeito e seguros por uma tiara metálica, e me lembro da blusa branca. Era minha preferida. Elas — nós — parecem tão jovens que não resisto e sorrio.

Deito-me, sentindo a grama pinicar meus braços expostos, sentindo seu perfume doce costumeiro.

Kate faz o mesmo. Estamos juntas novamente, ambas olhando o céu azul. Quantas vezes, durante nossos quatro anos na Universidade de Washington, fizemos exatamente isso? A luz ao nosso redor é mágica, clara e faiscante como champanhe contra o sol. Neste brilho me sinto em paz. Minha dor é uma memória distante aqui, principalmente com Kate ao meu lado.

O que aconteceu hoje à noite?, pergunta ela, acabando com a paz

— Não consigo me lembrar. — É estranhamente verdade. Não consigo me lembrar.

Você consegue se lembrar. Mas não quer.

— Talvez haja um bom motivo para isso.

Talvez.

— Por que você está aqui, Kate?

Você me chamou, lembra? Vim porque você precisava de mim. E também para lembrá-la.

Do quê?

As lembranças são o que somos, Tul. Por fim, esta é toda a bagagem que leva com você. O amor e as lembranças são o que dura.

Por isso é que a vida passa diante de seus olhos quando você morre — você está escolhendo as memórias que quer. É como embalar as coisas.

— Amor e lembranças. Então estou duplamente ferrada. Não me lembro de nada, e amor...

Ouçã.

Uma voz está falando.

— Ela vai ser ela mesma quando acordar?

— Ei — digo. — Isto é...

Johnny. A maneira como ela diz o nome do seu marido é cheia de amor e dor.

— ...se ela vai acordar... — Uma voz de homem.

Espere. Eles estão falando sobre a minha *morte*. E a chance de algo pior — uma vida com uma lesão cerebral. Uma imagem surge em minha mente — eu mesma, confinada a uma cama, com tubos ao meu redor, incapaz de falar ou me mover.

Concentro-me e estou no quarto do hospital novamente.

Johnny está ao meu lado, olhando para mim. Um estranho em trajes hospitalares ao seu lado.

— Ela é uma mulher espiritualizada? — Isto vem do estranho.

— Não. Diria que não — responde Johnny, cansado. Ele parece tão triste que quero pegar sua mão, mesmo depois de tudo o que aconteceu entre nós, ou talvez justamente por isso.

Ele se senta ao lado da cama onde está meu corpo.

— Desculpe — diz ele para o eu que não pode ouvir.

Esperarei tanto para ouvir estas palavras dele, mas por quê? Posso ver agora que ele me ama. Posso ver em seus olhos úmidos, em suas mãos trêmulas, na maneira como ele inclina a cabeça para orar.

Ele não ora — conheço bem; é derrota, a cabeça baixa.

Ele sentirá minha falta, mesmo depois de tudo.

E eu sentirei a falta dele.

— Lute, Tully.

Quero lhe responder, quero lhe dizer que ele me tocou, que estou *aqui*, mas nada funciona.

— Abra os olhos — digo para meu corpo.

— Abra os olhos. Diga que você sente muito também.

E então ele começa a cantar numa voz hesitante.

— *Só uma menina de uma cidadezinha...*

— Deus, como eu amo este homem, *diz* Kate.

Ele está cantando quando alguém entra no quarto. Um homem musculoso com um casaco esportivo marrom e calça azul.

— Sou o detetive Gates — diz o homem.

Ouçó as palavras *acidente de carro* e imagens surgem em minha mente — uma noite chuvosa, um poste de concreto, minhas mãos no volante. Quase se torna uma memória.

Posso sentir as coisas se reunindo, significando algo, mas, antes que eu possa reuni-las, sou atingida com tanta força no peito que caio contra a parede. A dor é excruciante.

CÓDIGO AZUL CHAME O DOUTOR BEVAN.

— Kate! — grito, mas ela se foi.

Os barulhos são tormentosos agora, ecoando, batendo, zunindo. Não consigo respirar. A dor no meu peito está me matando.

AFASTEM-SE.

Sou jogada no ar como uma boneca de pano e, no alto, queimo. Quando acaba, estou flutuando novamente, caindo juntamente com a luz.

Kate segura minha mão na escuridão e, em vez de cair, estamos voando. Descemos como borboletas em poltronas de madeira com vista para a praia. O mundo é escuro, mas, de algum modo, eletricamente iluminado: branco, lua branca, infinitas estrelas, velas em jarros pendurados nos galhos de um velho bordo.

O deque dos fundos dela. De Kate.

Aqui a dor é um eco, não uma batida.

Graças a Deus por isso.

Ouçó Kate respirando ao meu lado. A cada exalação, sinto o cheiro de lavanda ou alguma coisa, talvez neve. *Johnny se desintegrou*, diz ela, lembrando-me de onde estávamos antes — falando sobre minha vida. *Não achei que isto aconteceria.*

— Todos nós nos desintegramos. — Esta é a verdade triste sobre isso. — Você era a cola que nos mantinha unidos. Sem você...

Houve um longo silêncio; nele, imagino se ela está se lembrando da sua vida, de seus amores. Como é sentir que as pessoas não

conseguem lidar com sua ausência? Como é se sentir tão amada por tantas pessoas?

O que lhe aconteceu depois que ele se mudou para Los Angeles?

Suspiro.

— Não posso apenas caminhar para a maldita luz e acabar com tudo isso?

Você gritou por mim, lembra? Você disse que precisava de mim. Estou aqui. E eis o porquê: você precisa se lembrar. É isso. Então, fale.

Reclino-me na cadeira, olhando para uma vela que queima dentro de um pote de vidro.

Treliças mantêm o jarro no lugar; uma brisa o toca de vez em quando, derramando luz sobre os galhos mais baixos da árvore.

— Depois que você morreu, o Johnny e as crianças se mudaram para Los Angeles. Foi tudo muito rápido. Seu marido simplesmente decidiu que ia para Los Angeles e, assim que percebi, ele e as crianças haviam ido.

Eu me lembro de me despedir em novembro de 2006, de pé com sua mãe e seu pai na garagem, acenando. Depois disso, fui para casa e me arrastei...

... para a cama. Sei que preciso voltar a trabalhar, mas não consigo. Honestamente, a própria ideia é absurda. Não consigo reunir forças para começar o processo de recomeçar minha vida sem uma melhor amiga.

Isso pesa e eu fecho os olhos. Não há nada de mau em ficar deprimida por algum tempo; quem não ficaria?

De algum modo, perco duas semanas.

Quero dizer, não realmente as *perco*. Sei onde elas estão e onde estou. Sou como um animal ferido numa toca escura, cuidando do espinho na minha pata, sem encontrar ninguém para tirá-lo. Ligo para Marah todas as noites, às onze. Sei que ela também não consegue dormir. Deito-me na cama, ouvindo-a reclamar da decisão do pai de se mudar, e lhe digo que tudo ficará bem, mas nenhuma de nós acredita nisso. Prometo visitá-la logo.

Por fim, não suporto mais. Tiro as cobertas de cima de mim e ando por meu apartamento, acendendo as luzes e abrindo armários.

A luz preenche os ambientes, e em seu brilho eu me vejo pela primeira vez: meus cabelos desgrenhados e sujos, os olhos vítreos e minhas roupas amassadas.

Pareço minha mãe. Estou com vergonha de ter caído tanto e tão rápido.

É hora de me recuperar.

Aí está. Meu objetivo. Não posso ficar deitada sentindo falta da minha melhor amiga e de luto.

Tenho de pôr isso para trás e seguir adiante.

Sei como fazer isso. Fiz isso minha vida inteira. Ligo para meu agente, marco um horário para vê-lo. Ele está em Los Angeles: verei meu agente, voltarei a trabalhar e surpreenderei Johnny e as crianças com uma visita.

Sim. Perfeito. Um plano.

Com o compromisso agendado, sinto-me melhor. Tomo um banho e cuido dos meus cabelos. Noto os cabelos brancos nas raízes.

Quando isso aconteceu?

Franzindo a testa, tento esconder os cabelos brancos prendendo-os num rabo de cavalo. Faço uma maquiagem pesada. Afinal, vou sair para o mundo, e há câmeras em todos os lugares hoje em dia.

Visto-me com a única coisa que parece confortável em meus quadris maiores — uma saia preta, botas de cano alto e uma blusa de seda preta de gola assimétrica.

Saio-me bem — quero dizer, ligo para meu agente de viagens e faço reservas e me visto, e o tempo todo estou sorrindo, *pensando*: Posso fazer isso, claro que posso — e então abro a porta do meu apartamento e sinto uma onda de pânico. Minha garganta seca, começo a suar e meu coração acelera.

Estou *com medo* de deixar minha casa.

Não sei o que há de errado comigo, mas não me deixarei abater. Respiro fundo e sigo adiante. Até o elevador, meu carro, o banco do motorista. Sinto meu coração pulsando dentro do meu peito.

Ligo o carro e dirijo pelas ruas movimentadas de Seattle. Chove forte, com pingos grossos sobre o para-brisa, obscurecendo minha visão. A cada segundo quero voltar, mas não volto. Obrigo-me a continuar adiante até estar no avião, sentada na primeira classe.

— Um martíni — peço para a comissária.

A expressão dela faz com que eu me lembre de que ainda não é meio-dia. Mas uma bebida é tudo em que consigo pensar para fazer com que eu atravessasse este vergonhoso episódio.

Amansada por dois martínis, finalmente consigo me recostar na poltrona e fechar os olhos. Estarei melhor depois que voltar a trabalhar. O trabalho sempre foi minha salvação.

Em Los Angeles, vejo um motorista vestido todo de preto e segurando um cartaz.

HART. Entrego-lhe minha mala de couro e o sigo para o carro que me aguarda. No trajeto do aeroporto até Century City, o tráfego está pesado. As pessoas na estrada buzina constantemente, como se fizesse alguma diferença, e motocicletas avançam perigosamente por entre as pistas.

Reclino-me no banco e fecho os olhos, reservando um instante para pensar e organizar minhas ideias. Agora que estou aqui, seguindo adiante, recuperando minha vida, sinto-me mais calma. Ou talvez sejam os martínis. De qualquer forma, estou pronta para meu retorno.

O carro estaciona diante do imponente prédio branco identificado apenas por uma discreta placa:

AGÊNCIA CREATIVE ARTISTS.

Lá dentro, o prédio é um corredor sem fim de mármore branco e vidro, como um iglu gigantesco e igualmente frio. Todos se vestem bem, em ternos caros. Belas mulheres e homens se movem pelo que parece ser um ensaio fotográfico.

A moça da recepção não me reconhece.

Nem mesmo quando digo meu nome.

— Ah — diz ela, o olhar desinteressado. — O Sr. Davison a está aguardando?

— Sim — digo, tentando manter o sorriso.

— Sente-se, por favor.

Honestamente, tenho vontade de colocar a moça em seu devido lugar, mas sei que preciso tomar cuidado nos corredores da ACA, por isso me calo e me sento na sala de espera modernamente decorada.

Onde espero.

E espero.

Vinte minutos depois do meu horário marcado, um jovem num terno italiano vem até mim. Sem dizer nada, como um robô, ele me guia até o terceiro andar e até um escritório no canto.

Meu agente, George Davison, está sentado atrás de uma enorme mesa. Ele se levanta quando entro.

Nós nos abraçamos um pouco sem jeito e eu recuo.

— Bem, bem — diz ele, indicando a cadeira para mim.

Eu me sento.

— Você parece bem — digo.

Ele me olha. Percebo que ele nota que ganhei peso e meu rabo de cavalo não o engana. Ele vê meus cabelos grisalhos. Eu me ajeito na poltrona.

— Sua ligação me surpreendeu — disse ele.

— Não faz tanto tempo assim.

— Seis meses. Deixei ao menos uma dúzia de mensagens para você. Nenhuma das quais foi retornada.

— Você sabe o que aconteceu, George. Descobri que minha melhor amiga tinha câncer. Queria ficar com ela.

— E agora?

— Ela morreu. — É a primeira vez que digo isso em voz alta.

— Sinto muito.

Enxugo os olhos.

— Sei. Bem. Estou pronta para voltar ao trabalho agora. Gostaria de começar a gravar na segunda.

— Diga que você está brincando.

— Você acha que segunda é cedo demais? — Não gosto da maneira como George está me olhando.

— Que é isso, Tully? Você é mais inteligente do que isso.

— Não entendo o que você quer dizer, George.

Ele se ajeita em sua poltrona. O couro caro emite um som sussurrado.

— Seu programa, *The girlfriend hour*, estava em primeiro lugar no seu horário no ano passado. Os anunciantes imploravam para comprar tempo. Os fabricantes adoravam dar produtos para as

pessoas da sua plateia, muitas das quais dirigiam por centenas de quilômetros e perdiam horas na fila para ver você.

— Sei de tudo isso, George. Por isso é que estou aqui.

— Você se afastou, Tully. Tirou seu microfone, disse adeus para sua plateia e foi embora.

Inclino-me para a frente.

— Minha amiga...

— Quem se importa?

Recosto-me, surpresa.

— Como você acha que a emissora se sentiu com sua saída? Ou seus funcionários, todos os quais de repente foram demitidos?

— Eu... Eu...

— Isso mesmo. Você não pensou neles, não é? A emissora queria processá-la.

— Eu não sabia...

— Telefonemas não atendidos — atacou ele. — Lutei como um tigre para proteger você. Eles decidiram não processar você, acharam que seria um pesadelo de relações públicas por causa do câncer. Mas eles tiraram o show, sem reapresentações, e substituíram você.

Como não fiquei sabendo disso?

— Eles me *substituíram*? Por quem?

— *O Rachael Ray show*. Está fazendo sucesso. E crescendo rápido. E *Ellen* e *Judge Judy* também têm alta audiência. E a *Oprah*, claro.

— Espere. O que você está me dizendo exatamente? Eu *sou dona* do meu programa, George. Eu o produzo.

— Pena que não tenha sua própria emissora. Eles têm o direito exclusivo de exibir reapresentações agora. Mas não estão exibindo. De tão furiosos que estão.

Mal consigo processar a informação. Fui *sempre* um sucesso.

— Você está dizendo que *The girlfriend hour* acabou?

— Não, Tully. Estou dizendo que *você* acabou. Quem vai contratar alguém que vai embora sem dizer nada?

Certo, isso é ruim.

— Vou produzir um novo programa. De acordo com as regras. Nós vamos vendê-lo.

— Você tem falado com seu gerente financeiro recentemente?

— Não. Por quê?

— Você se lembra de doar uma soma substancial para o Stand Up 2 Cancer há quatro meses?

— Foi um presente para a Kate. E foi boa publicidade. Eles deram a notícia no *Entertainment tonight*.

— Um belo e adorável gesto, sim. Só que você não tem rendimentos, Tully. Não desde que saiu.

Você teve que pagar a rescisão de vários funcionários depois que parou de gravar o espetáculo. Isso lhe custou uma pequena fortuna. E, vamos encarar os fatos, economizar nunca foi seu ponto forte.

— Você está dizendo que estou quebrada?

— Quebrada? Não. Você ainda está mais do que em uma posição confortável. Mas conversei com o Frank. Você não tem o bastante para bancar uma produção. E ninguém vai querer investir em você neste momento.

Sinto uma onda de pânico; bato com o pé no piso; meus dedos se seguram firmemente aos meus braços cruzados.

— Então preciso de um trabalho.

O olhar que George me dá é de tristeza.

Em seus olhos, vejo o arco da nossa relação.

Ele se tornou meu agente há quase duas décadas, quando eu era uma pequena funcionária num show matinal. Nós nos interessamos um pelo outro por causa de nossa ambição mútua. Ele cuidou de cada contrato importante da minha carreira e me ajudou a ganhar milhões, boa parte dos quais gastei com viagens e presentes extravagantes.

— Não vai ser fácil. Você é como criptonita, Tul.

— Você está dizendo que só posso trabalhar localmente?

— Estou lhe dizendo que você vai ter *sorte* se conseguir trabalhar localmente.

— Não entre as dez mais.

— Acho que não.

A pena e a compaixão no olhar dele são mais do que consigo suportar.

— Trabalho desde os quatorze anos, George. Trabalhei no jornal *Queen Anne Bee* na escola e estava no ar antes dos 22 anos. Construí esta carreira *do nada*. Ninguém nunca me deu nada. — Minha voz falha. — Investi tudo no trabalho. Tudo. Não tenho filhos, marido ou família. Tenho... trabalho.

— Acho que você deveria ter pensado nisso antes — diz ele, e a gentileza no seu tom de voz não ameniza a ferroadada da observação.

Ele tem razão. Conheço o mundo do jornalismo e, pior, da TV. Sei que “longe dos olhos, longe do coração”. Sei que não se pode fazer o que eu fiz e voltar.

Então, por que eu não sabia disso em junho?

Eu sabia.

Devia saber. Mas optei por Kate.

— Me arranje um trabalho, George. Eu imploro. — Viro-me antes que ele veja o que isso me custou. Nunca implorei nada... exceto pelo amor da minha mãe. E foi uma perda de tempo.

Saio rapidamente pelas paredes brancas sem olhar para ninguém, meus saltos batendo no chão de mármore. Lá fora, o sol brilha tanto que fere meus olhos. O suor na minha testa pinga pelo meu crânio.

Eu vou resolver isso.

Eu vou.

É um obstáculo, claro, mas sou uma sobrevivente e sempre serei.

Chamo meu motorista e entro no interior escuro e tranquilo do carro. Estou com dor de cabeça.

— Beverly Hills, senhora?

Johnny e as crianças.

Quero vê-los agora. Quero contar esses problemas para Johnny e ouvir dele que tudo ficará bem.

Mas não posso. Minha vergonha é avassaladora e o orgulho me impede.

Coloco os óculos de sol.

— Aeroporto.

— Mas...

— Aeroporto.

— Sim, senhora.

Contenho-me um segundo de cada vez.

Aperto meus olhos e digo em silêncio: *Você ficará bem.*

Repetidamente.

Mas, pela primeira vez na minha vida, não consigo acreditar. Pânico, medo, raiva e perda tomam conta de mim, me preenchem, transbordam. No voo de volta, por duas vezes choro e tenho de levar a mão à boca para silenciar meus soluços.

Ao fim do voo, saio do avião como um zumbi, meus olhos vermelhos ocultos atrás dos óculos escuros.

Sempre me orgulhei do meu profissionalismo, e minha ética profissional é lendária.

Isso é o que digo a mim mesma, fingindo que não me sinto tão frágil quanto um fio de cabelo.

No meu programa, costumava dizer a minhas espectadoras que você pode ter tudo na vida. Dizia para elas pedirem ajuda, reservarem um tempo para si mesmas, saberem o que querem.

Serem egoístas.

Serem altruístas.

A verdade é que não tenho ideia de como ter tudo. Nunca tive nada além da minha carreira. Com Kate e os Ryan, bastava, mas agora percebo o vácuo na minha vida.

Tremo ao estacionar diante do meu prédio. O controle parece bem distante.

Abro a porta e vou até a recepção.

Meu coração bate forte, minha respiração é fraca. As pessoas estão olhando para mim.

Elas sabem o fracasso que sou.

Alguém me toca. Aquilo me surpreende tanto que quase caio.

— Srta. Hart?

É meu porteiro. Stanley.

— A senhora está bem?

Balanço ligeiramente a cabeça. Preciso que ele estacione meu carro, mas eu me sinto... tonta, eletrificada. Minha risada parece aguda demais e nervosa, até mesmo para meus ouvidos.

Stanley franze a testa.

— Srta. Hart? A senhora precisa de ajuda em casa?

Casa.

— A senhora está chorando, Srta. Hart — diz ternamente meu porteiro.

Olho para ele. Meu coração bate tão forte que me sinto enjoada e fora de controle.

O que há de errado comigo?

De repente parece que um caminhão passou por cima do meu peito. Sinto a dor disso.

Tento me apegar a Stanley e digo “*socorro*” antes de cair no chão de concreto.

— Srta. Hart?

Abro os olhos e descubro que estou numa maca de hospital.

Há um homem com um avental branco ao meu lado. Ele é alto e com a aparência um tanto desgrehada, com cabelos pretos grandes demais para esta época certinha.

Seu rosto é todo anguloso, o nariz um pouco aquilino demais. Sua pele tem um tom de café com creme. Ele é parte havaiano, talvez, asiático ou afro-americano. Difícil dizer. Vejo tatuagens em seus pulsos — desenhos tribais.

— Sou o Dr. Grant — diz ele. — Você está no pronto-socorro. Você se lembra do que aconteceu?

Eu me lembro de tudo; a amnésia seria uma dádiva. Mas não quero falar a respeito disso, principalmente não com este homem, que me olha como se eu fosse louca.

— Eu me lembro, sim — respondo.

— Isto é bom. — Ele olha meu prontuário.

— Tallulah.

Ele não faz ideia de quem sou. Aquilo me deprime.

— Então, quando posso ir embora? Meu coração está bem agora. — Quero ir para casa e fingir que não tive um ataque cardíaco. O que me faz lembrar: tenho quarenta e seis anos. Como é possível que eu tenha tido um ataque cardíaco?

Ele põe óculos de leitura ridiculamente fora de moda.

— Bem, Tallulah...

— Tully, por favor. Só a louca da minha mãe me chama de Tallulah.

Ele olha por sobre a borda dos óculos.

— Sua mãe é louca?

— Foi uma piada.

Ele não está impressionado pelo meu humor. Provavelmente vive num mundo onde as pessoas cultivam seu próprio alimento e leem filosofia antes de dormir. Ele é tão alienígena para o meu mundo quanto sou para o dele.

— Entendo. Bem. A questão é que você não teve o que é comumente chamado de ataque cardíaco.

— Derrame?

— Um ataque de pânico às vezes tem os mesmos sintomas...

Sento-me.

— Ah, não. *Não* tive um ataque de pânico.

— Você tomou remédios antes do ataque de pânico?

— *Não* tive um ataque de pânico. Claro que não usei drogas. Eu pareço uma viciada?

Ele parece não saber como lidar comigo.

— Tomei a liberdade de contatar um colega para uma consulta...

Antes que ele possa terminar, as cortinas se abrem e a Dra. Harriet Bloom caminha em direção à minha cama. Ela é alta e magra; severa é a palavra que me vem à mente — até você perceber a suavidade em seus olhos.

Conheço Harriet há anos. Ela é uma famosa psiquiatra e foi convidada do meu show várias vezes. É bom ver um rosto familiar.

— Harriet. Graças a Deus.

— Oi, Tully. Fico feliz por ter sido chamada. — Harriet sorri para mim e depois olha o outro médico. — Então, Desmond, como está nossa paciente?

— Nada feliz por ter tido um ataque de pânico. Aparentemente ela prefere um ataque cardíaco.

— Me chame um táxi, Harriet — digo. — Quero ir embora daqui.

— Ela é uma psiquiatra de renome — diz Desmond para mim. — Ela não chama táxis.

Harriet me sorri como se pedisse desculpas.

— O Des não assiste à TV. Ele provavelmente também não reconheceria a Oprah.

Não me surpreende que meu médico se considere melhor do que a TV. Ele tem aquele olhar superior sobre si mesmo.

Aposto que foi motoqueiro em algum momento, mas homens de meia-idade com tatuagens não são exatamente meu público alvo. Imagino que ele tenha uma Harley-Davidson na sua garagem, juntamente com uma guitarra. Mas você tem de viver nas cavernas para não conhecer Oprah.

Harriet pega meu prontuário de Desmond.

— Pedi uma ressonância magnética. Os paramédicos disseram que você bateu no chão com força. — Ele me olha e novamente percebo que está me julgando, me achando louca, talvez.

Uma mulher branca de meia-idade em roupas caras que dá de cara com as plantas sem um bom motivo para isso. — Fique bem, Srta. Hart. — O sorriso que ele me dá é irritantemente gentil, e depois ele sai.

— Graças a Deus — digo, com um suspiro.

— Você teve um ataque de pânico — diz Harriet quando estamos sozinhas.

— É o que diz o Dr. Granola.

— Você teve um ataque de pânico — diz Harriet, agora com mais cuidado. Ela deixa meu prontuário de lado e se aproxima da cama. Seu rosto angular, com arestas demais para ser belo, tem uma frieza real e despojada, mas seus olhos revelam uma mulher que, apesar do rosto austero e do comportamento conservador, se importa com as pessoas.

— Você está deprimida, suponho? — pergunta Harriet.

Quero mentir, sorrir, rir. Em vez disso, faço que sim, humilhada por essa fraqueza.

De certo modo, eu *preferia* ter tido um ataque cardíaco.

— Estou cansada — digo. — Nunca durmo.

— Vou prescrever Xanax para sua ansiedade — diz Harriet. — Vamos começar com 0,5 mg três vezes ao dia. E acho que algumas sessões de terapia podem ajudar. Se estiver preparada para trabalhar nisso, talvez possa ajudar você a se sentir mais no controle da sua vida.

— A vida de Tully Hart? Obrigada, mas não. — Por que pensar nisso dói tanto? Este sempre foi meu lema.

— Conheço depressão — diz ela, e em sua voz percebo uma emotiva tristeza. De repente penso que Harriet Bloom sabe um pouco sobre dor, desespero e solidão. — A depressão não é vergonha nenhuma, Tully, e não pode ser ignorada. Ela pode piorar.

— Pior do que hoje? Como é possível?

— Ah, é possível, acredite.

Estou cansada demais para questioná-la e, honestamente, não quero saber o que ela tem a dizer. A dor em minha nuca aumenta.

Harriet escreve duas receitas e arranca as páginas, entregando-as a mim. Olho para elas. Xanax para ataques de pânico e Ambien para dormir.

A minha vida toda evitei drogas. Não é preciso ser um gênio para saber por quê.

Quando você cresce vendo sua mãe ficar chapada, tropeçar e vomitar, você vê o lado nada glamoroso das drogas.

Olho para Harriet.

— Minha mãe...

— Eu sei — diz Harriet. É uma das verdades que vêm à tona com a fama. Todos conhecem minha história triste. Pobre Tully, abandonada e não amada pela mãe hippie viciada. — Sua mãe tem um problema com o vício. Você tem o direito de ter cuidados. Apenas siga as prescrições.

— Seria bom dormir.

— Posso perguntar uma coisa?

— Claro.

— Há quanto tempo você finge não estar sofrendo?

A pergunta machuca.

— Por que você me pergunta isso?

— Porque, Tully, às vezes o poço se enche de lágrimas. E a água começa a transbordar.

— Minha melhor amiga morreu no mês passado.

— Ah — diz Harriet. Só isso. Depois meneia a cabeça e diz: — Venha me ver, Tully. Marque uma consulta. Posso ajudar você.

Depois que ela sai, deito-me no travesseiro e suspiro. A verdade da minha situação sobe na cama comigo e ocupa boa parte do espaço.

Uma senhora boazinha me leva para o exame de ressonância magnética e um lindo médico me chama de senhora e diz que, na minha idade, quedas como a minha geralmente causam trauma no pescoço e que a dor diminuirá. Ele me prescreve analgésicos e me diz que fisioterapia ajudará.

Quando volto ao meu corpo, estou mais do que cansada. Deixo a enfermeira me contar sobre como meu programa sobre crianças autistas salvou a vida da melhor amiga da prima dela e até consigo sorrir e agradecer-lhe quando a história finalmente termina. A enfermeira me dá Ambien. Depois eu me deito e fecho os olhos.

Pela primeira vez em meses, durmo a noite toda.

CAPÍTULO SETE

O XANAX AJUDA. Com ele, sinto-me menos instável e ansiosa.

Quando o Dr. Granola me dá alta, tenho um plano.

Chega de choramingar. Chega de esperar.

Em casa, começo imediatamente a fazer ligações. Estou no ramo há décadas; com certeza alguém precisa de uma âncora de primeira qualidade.

Uma velha amiga, Jane Rice, é minha primeira ligação.

— Claro — diz ela. — Venha me visitar.

Quase rio. É assim que me sinto aliviada.

George estava enganado. Não sou Arsenio Hall. Sou Tully Hart.

Eu me preparo para minha entrevista com cuidado. Sei como é importante a primeira impressão.

Corto meu cabelo e o tinjo.

— Ah, meu Deus — diz Charles, meu cabeleireiro há anos, quando me sento na cadeira. — Alguém tem estado ao natural. — Ele coloca uma capa azul-turquesa ao redor do meu pescoço e se põe a trabalhar.

No dia da minha reunião com Jane, visto-me de maneira conservadora — um terninho preto e uma blusa lavanda clara. Não vou à sede da KING-TV há anos, mas imediatamente me sinto à vontade.

Este é o meu mundo. Na recepção, sou recebida como uma heroína e não preciso dar meu nome, e o alívio ameniza a pressão sobre meus ombros. Atrás das recepcionistas há grandes fotos de Jean Enerson e Dennis Bounds, os âncoras do noticiário noturno.

Um assistente me guia até as escadas, por várias portas fechadas e até um escritório no segundo andar, onde Jane Rice está de pé perto da janela, obviamente esperando por mim.

— Tully — diz ela, aproximando-se, a mão estendida.

Nós nos cumprimentamos.

— Oi, Jane. Obrigada por me receber.

— Claro. Claro. Sente-se.

Sento no local que ela me indica.

Ela se senta atrás da mesa e se ajeita, olhando-me.

E eu sei. Naquele instante.

— Você não pode me contratar.

Não é nem uma pergunta, não da maneira como digo. Posso ter sido uma apresentadora de *talk show* nos últimos anos, mas ainda sou uma jornalista. Percebo bem as pessoas. É uma das minhas habilidades.

Ela suspira.

— Eu tentei. Mas acho que você queimou algumas pontes pelo caminho.

— Nada? — pergunto, esperando que minha voz não demonstre meu desespero. — Que tal um trabalho de repórter, sem câmera? O trabalho pesado não é estranho para mim.

— Sinto muito, Tully.

— Por que você concordou em me ver?

— Você era uma heroína para mim — diz ela. — Eu sonhava em ser como você.

Era uma heroína.

De repente eu me sinto estranha.

Levanto-me.

— Obrigada, Jane — digo, e saio da sala.

Um Xanax me acalma. Sei que não deveria tomar — não um extra —, mas eu preciso.

Em casa, ignoro o pânico crescente e volto ao trabalho. Sento-me na minha mesa e começo a ligar para todo mundo que conheço no ramo, especialmente para aqueles aos quais fiz algum favor.

Às seis horas, estou exausta e derrotada.

Liguei para todos os meus contatos nos dez principais mercados, nos maiores canais a cabo e para meu agente. Ninguém tinha uma oferta para mim. Não entendo: há seis meses estava no topo do mundo. Como posso ter caído tanto e tão rápido?

Meu apartamento de repente parece menor do que uma caixa de sapato e estou começando a hiperventilar novamente. Eu me visto no que consigo encontrar — calça jeans apertada demais e uma blusa larga que esconde minha cintura.

Passa das seis e meia quando saio do meu prédio. As ruas e calçadas estão cheias de gente voltando do trabalho para casa. Eu me misturo à multidão usando capa de chuva, ignorando a chuva que cai sobre nós. Nem mesmo sei para onde estou indo até que vejo a área ao ar livre diante do Virginia Inn, restaurante e bar.

Passo pelas mesas ao ar livre e entro. O interior escuro é exatamente do que preciso agora. Posso desaparecer aqui. Vou ao bar e peço um dirty martíni.

— Tallulah, certo?

Olho para o lado. O Dr. Granola está ao meu lado. Por sorte me deparei com o homem que me viu na pior. Sob aquela luz, seu rosto parece cheio de ângulos, talvez um pouco bravo. Seus cabelos longos estão soltos e caem para a frente. Tatuagens de braceletes recobrem seus braços.

— Tully — digo. — O que você está fazendo num lugar como este?

— Coletando fundos para as viúvas e os órfãos.

Faz sentido.

Ele ri.

— Estou bebendo, Tully. O mesmo que você. Como está?

Sei o que ele está perguntando e não gosto. Com certeza não quero falar sobre como me sinto vulnerável.

— Bem, obrigada.

O barman me entrega minha bebida. Eu me esforço para não ser agressiva.

— Até mais tarde, doutor — digo, levando minha bebida até uma mesinha no canto dos fundos do bar. Sento-me.

— Posso me juntar a você?

Levanto os olhos.

— Faria diferença se eu dissesse que não?

— Diferença? Claro. — Ele se senta na cadeira à minha frente. — Pensei em ligar para você — diz ele, depois de um longo e estranho silêncio.

— E?

— Não me decidi.

— Ainda acho que é meu coração.

Por alto-falantes ocultos nas paredes, a voz áspera de Norah Jones chama as pessoas com a música Come away with me.

— Você tem muitos encontros?

Aquilo me surpreende tanto que eu rio.

Aparentemente ele é um homem que diz o que lhe vem à mente.

— Não. E você?

— Sou um médico solteiro. As pessoas me arranjam encontros. Quer que eu lhe diga como isso funciona ultimamente?

— Exames de sangue e investigação do passado? Camisinhas da Rubbermaid?

Ele me encara como se eu fosse um caso do programa Acredite se quiser.

— Certo — digo. — Como funciona o mundo dos encontros atualmente?

— Na nossa idade, todos temos histórias. Elas são mais importantes do que você pensa. Compartilhá-las e ouvi-las é o começo. Do jeito que vejo, há duas maneiras: conte sua história já no começo e deixe as porções caírem ou a prolongue por uma série de almoços e jantares. O vinho ajuda neste segundo ataque, principalmente se a história de alguém for longa, entediante e auto-degradante.

— Por que acho que você me pôs na última categoria?

— Deveria?

Sorriso, surpresa comigo mesma.

— Talvez.

— Eis meu plano. Por que você não me conta a sua história e eu conto a minha e vemos se isto é um encontro ou se somos navios passando um pelo outro à noite?

— Não é um encontro. Paguei pela minha própria bebida e não depilei as pernas.

Ele sorri e se recosta na cadeira.

Há algo nele que me intriga, um charme que não vi da primeira vez. E, na verdade, o que tenho de melhor para fazer?

— Você primeiro.

— Minha história é simples. Nasci no Maine, numa fazenda que pertence à minha família há gerações. A Janie Traynor era minha

vizinha. Nós nos apaixonamos na oitava série, logo depois que ela parou de cuspir em mim. Por uns vinte anos, fizemos tudo juntos. Fomos para a Universidade de Nova York, nos casamos numa igreja na cidade e tivemos uma bela filha. — Seu sorriso começa a obscurecer, mas ele o retoma e ajeita os ombros. — Motorista bêbado — diz. — Cruzou no sinal fechado e acertou o carro. A Janie e a Emily morreram na hora. É aqui que a minha história dá uma guinada, você diria. Desde então, sou apenas eu. Eu me mudei para Seattle, achando que uma nova paisagem poderia ajudar. Tenho quarenta e três anos, no caso de você estar se perguntando. Você parece uma mulher que gosta de detalhes. — Ele se inclina para a frente. — Sua vez.

— Tenho quarenta e seis. — Vou começar com isso, apesar de não gostar. — Infelizmente, você pode conseguir toda a história da minha vida na Wikipédia, então não faz sentido mentir. Tenho um diploma em jornalismo pela UW. Subi na carreira e me tornei famosa. Comecei um *talk show* de sucesso, *The girlfriend hour*. O trabalho tem sido minha vida, mas... há alguns meses, descobri que minha melhor amiga foi diagnosticada com câncer de mama. Eu me afastei da minha carreira para estar com ela. Aparentemente esse foi um ato imperdoável e agora sou uma história de alerta em vez de uma estrela brilhante. Nunca fui casada e não tenho filhos, e minha única parente viva — minha mãe — chama a si mesma de Cloud. Isso resume tudo.

— Você não disse nada sobre o amor — diz ele, baixinho.

— Não. Não disse.

— Nunca?

— Uma vez — digo. Depois, mais baixo. — Talvez. Há muito tempo.

— E...

— Escolhi minha carreira.

— Hmm.

— Hmm o quê?

— Esta é a primeira vez para mim, só isso.

— Primeira vez? Como assim?

— Sua história é mais triste do que a minha.

Não gosto de como ele me olha, como se estivesse de algum modo vulnerável. Bebo o restante do meu martíni e me levanto. Seja lá o que for que ele dirá a seguir, não quero ouvir.

— Obrigada pela atualização no mundo dos encontros — digo. — Tchau, Dr. Granola.

— Desmond — eu o ouço dizer, mas já estou me afastando, indo para a porta.

Em casa, tomo dois Ambiens e me deito na cama.

Não gosto do que estou ouvindo. Xanax. Ambien, diz Kate, interrompendo minha história.

É o que dá ser sua melhor amiga. Ela conhece você. Por dentro e por fora, nas profundezas, como se diz. Pior, ela vê sua vida por meio de seus próprios olhos. Isto sempre foi verdade: Kate é a voz em minha mente. Meu Grilo Falante.

— É — digo. — Cometi alguns erros. Mas o pior não foram os remédios.

O que foi o pior?

Sussurro o nome da sua filha.

**3 de setembro de 2010
8h10**

O tempo demora a passar em hospitais.

Johnny estava sentado na cadeira desconfortável, perto da cama de Tully.

Ele tirou o celular do bolso e o encarou.

Por fim, abriu sua lista de contatos e ligou para Margie e Bud. Eles moravam no Arizona agora, perto da irmã viúva de Margie, Georgia.

Margie atendeu no terceiro toque, parecendo um pouco sem fôlego.

— Johnny! — disse ela, e ele pôde ouvir o sorriso em sua voz. — Que bom ouvir você.

— Oi, Margie.

Houve uma pausa, e então: — O que há de errado?

— É a Tully. Ela sofreu um acidente de carro. Não tenho todos os detalhes, mas ela está no Sacred Heart. — Ele ficou em silêncio. — A

situação é feia, Margie. Ela está em coma...

— Vamos pegar o próximo voo. Vou mandar o Bud diretamente para Bainbridge para ficar com os meninos quando eles voltarem da escola.

— Obrigado, Margie. Você sabe como entrar em contato com a mãe dela?

— Não se preocupe. Eu lido com a Dorothy. A Marah já sabe?

Ele suspirou ao pensar em ligar para sua filha.

— Não ainda. Honestamente, não tenho ideia se vou ser capaz de falar com ela. Ou se ela vai se importar.

— Ligue para ela — diz Margie gentilmente.

Johnny se despediu e desligou. Ele fechou os olhos por um instante, preparando-se. O limite em que sua filha vivia agora era estreito; um sussurro e ela podia cair.

A seu lado, uma máquina soava com um bipe, lembrando a cada som que era aquilo o que mantinha Tully viva, respirando por ela, dando-lhe uma chance.

Uma chance que o Dr. Bevan dissera não ser nada boa.

Ele não precisava do médico para ver isso. Era possível ver como ela estava acinzentada, quebrada e frágil.

Relutantemente, ele abriu sua lista de contatos novamente e fez outra ligação.

Marah.

CAPÍTULO OITO

**3 de setembro de 2010
10h17**

A LIVRARIA DARK MAGICK, EM PORTLAND, Oregon, se orgulhava da ambientação com luz fraca, incenso e cortinas pretas. Livros usados estavam reunidos em prateleiras empoeiradas; eram seções devotadas a temas como cura espiritual, práticas wiccanas, rituais pagãos e meditação.

Nem mesmo o mais perdido observador tinha dúvida de que aquela era uma loja que queria ser fantasmagórica e espiritual ao mesmo tempo. O único problema eram os ladrões. Na luz fraca e no ar esfumaçado, era difícil rastrear as mercadorias. Muita coisa acabava em bolsos e mochilas.

Marah Ryan disse isso a sua chefe em várias ocasiões, mas a mulher se recusava a se incomodar com assuntos tão terrenos.

Então Marah deixou para lá. Não que ela se importasse. Este era só mais um trabalho estúpido numa sucessão de trabalhos estúpidos que ela realizara nos dois anos desde que se formara no Ensino Médio.

A única coisa boa era que ali ninguém a incomodava pela forma como ela se vestia.

Ah, e em geral as horas eram boas. Mas esta era a semana de fazer o inventário, por isso Marah tinha que entrar super cedo, o que a incomodava, principalmente porque ela simplesmente contava itens que nunca eram vendidos mesmo. A maioria das lojas faz o inventário depois do trabalho. Não a Dark Magick.

Ali, eles faziam o inventário antes do nascer do sol. Por quê? Marah não tinha a menor ideia.

Agora na seção de vodu, contando e registrando velas com formato de crânios pretos, ela pensava em largar este trabalho sem

futuro, mas a ideia de procurar trabalho novamente, de seguir adiante, a deprimia.

Se bem que tudo a deprimia. Ela não deveria olhar para o futuro; tinha de aceitar o presente. Fora isso o que a psiquiatra lhe dissera havia anos, a mulher de olhos de tubarão usando um terninho e que mentira para Marah sobre quase tudo. Dra. Harriet Bloom.

O tempo cura todas as feridas.

Vai melhorar.

Dê a si mesma permissão para sofrer.

Não há nada de mau com o que você sente.

Besteira em cima de besteira. Não fora bom desviar o olhar da dor na sua alma. O oposto é que era verdade.

O exame de perto era o único consolo.

Em vez de ignorar a dor, você precisa mergulhar nela, usá-la como um casaco quente num dia frio. Havia paz na perda, beleza na morte, liberdade no arrependimento. Ela aprendera isso da forma mais difícil.

Terminou de contar as velas de caveira e deixou a folha de inventário na prateleira.

Marah tinha certeza de que se esqueceria de onde ela estava, mas quem se importava?

Era hora do seu intervalo.

Bem, ela estava adiantada, mas regras como esta não importavam aqui.

— Vou almoçar, Star — avisou.

De algum lugar, ela ouviu:

— Tudo bem. Diga às bruxas que eu disse oi.

Ela revirou os olhos. Por mais que dissesse a sua chefe que não era uma bruxa e que suas amigas também não eram, Starla não acreditava.

— Que seja — disse, passando pela escura caixa registradora da loja, de onde pegou seu telefone de uma gaveta cheia de lixo. Uma das poucas regras da loja era a proibição de celulares durante o trabalho. Starla dizia que nada quebrava mais o feitiço de uma venda do que um telefone tocando.

Marah pegou seu celular e saiu da loja.

Assim que a porta se abriu, um gato miou — a versão da loja para a campainha de boas-vindas. Ignorando o barulho, ela saiu para a luz. Literalmente.

Um aviso de mensagem tocou em seu celular. Ela olhou para ele. Seu pai havia ligado quatro vezes nas últimas duas horas.

Marah guardou o telefone no bolso e começou a caminhar.

Era um belo dia de setembro no centro de Portland. O sol banhava esta porção histórica da cidade, fazendo com que os prédios de tijolos à vista parecessem bem cuidados. Ela abaixou a cabeça. Marah aprendera havia muito tempo a não fazer contato visual com as pessoas “normais” quando andava.

Elas desprezavam garotas como ela com um olhar. Elas não eram de fato pessoas “normais”. A maioria era como ela por dentro, uma fruta apodrecendo lentamente.

Ao andar para seu apartamento, a vista se degenerava ao seu redor. Depois de apenas alguns quarteirões, a cidade ficava mais feia e escura. Lixo acumulado e cartazes de crianças perdidas estavam pregados em postes de madeira ou grudados nas janelas sujas.

No estacionamento do outro lado da rua, adolescentes sem casa dormiam sob árvores em velhos sacos de dormir, os cachorros ao lado deles. Nesta parte da cidade, você não podia dar dois passos sem que uma criança sem-teto lhe implorasse por dinheiro.

Não que lhe pedissem.

— Ei, Marah — um garoto todo de preto disse. Ele estava sentado numa porta, fumando cigarro e dando M&M para um dobermann esquelético.

— Ei, Adam. — Ela seguiu por mais alguns quarteirões e parou, olhando à direita e à esquerda.

Ninguém a estava observando. Ela pisou nos degraus de concreto e entrou na missão Light of God.

O silêncio era incômodo, levando em conta a quantidade de pessoas no local. Marah continuou olhando para baixo, passou pela confusão da recepção e foi até o espaço principal.

Pessoas sem-teto se sentavam juntas em longos bancos, os braços protegendo bandejas plásticas amarelas de comida diante

delas. Havia filas e mais filas de pessoas sentadas em mesas de fórmica, usando várias camadas de roupas, mesmo neste belo dia.

Bonés, a maioria com buracos, cobriam cabelos sujos.

Havia mais jovens aqui do que o normal.

Devia ser a economia. Marah sentia pena deles. Aos vinte anos, ela já sabia o que era levar tudo o que você tinha para dentro de um banheiro de posto de gasolina porque, por pouco que fosse, era tudo o que você tinha.

Ela entrou na fila lenta, ouvindo os pés se arrastando ao seu redor.

O café da manhã que serviam era um mingau de aveia aguado com um pedaço de torrada seca. Por pior que fosse, isso a alimentava e ela se sentia grata por aqui. Seus colegas de quarto odiavam quando ela ia à missão. Paxton chamava isso de tirar do “cara lá de cima” — mas ela tinha fome. Às vezes você tinha de escolher entre comida e aluguel, principalmente nos últimos tempos.

Ela levou sua tigela vazia e a colher até a janela, onde as depositou no lixo que já transbordava com tigelas e colheres sujas — nada de facas — e copos.

Ela saiu da missão e voltou para a rua.

Subindo lentamente a colina, foi até o velho edifício de tijolos à vista com janelas quebradas e varanda pendente. Pedacos velhos de papel serviam de cortina em várias janelas.

Lar.

Marah passou por uma lata de lixo transbordando e por um gato vira-latas. Lá dentro, seus olhos demoraram um instante para se ajustarem à luz fraca. A lâmpada na luminária da frente quebrara havia dois meses e ninguém tinha dinheiro para consertá-la. O suposto síndico não dava a mínima.

Ela subiu quatro lances de escadas. Na porta da frente do apartamento, metade de uma notificação de despejo pendia de um prego enferrujado. Ela rasgou o restante e o jogou no chão, e depois abriu a porta. O pequeno estúdio, com seu piso estragado pela água, tinha o ar pesado e cheirava a maconha e cigarros de cravo. Seus colegas estavam sentados em cadeiras e no chão, a maioria deles espalhada confortavelmente.

Leif estava batendo em sua guitarra, chapado, enquanto Sabrina, com seus dreadlocks, fumava maconha de um *bong*. O menino que dizia se chamar Mouse dormia num monte de sacos de dormir. Paxton estava sentado numa poltrona La-Z-Boy que ela encontrara no lixo perto do trabalho dela.

Como sempre, ele estava vestido de preto — calça justa, botas antigas sem cadarço e uma camiseta rasgada da banda Nine Inch Nails. A brancura da sua pele era enfatizada pelos cabelos azulados na altura dos ombros e por olhos castanhos.

Ela passou por roupas e caixas de pizza e pelos velhos sapatos de Leif. Paxton a olhou e sorriu, chapado. Ele lhe mostrou um pedaço de papel com rabiscos escritos. Dava para ver pela letra dele como estava chapado.

— Meu mais recente — disse.

Ela leu o poema em voz alta, num tom baixo demais para que todos ouvissem.

“Somos nós... Nós dois... Sozinhos no escuro, esperando, sabendo... O amor é nossa salvação e perdição... Ninguém nos vê salvando um ao outro”.

— Entendeu? — perguntou ele, sorrindo languidamente. — Tem duplo sentido.

O romantismo dele conversava com sua alma debilitada. Ela pegou o pedaço de papel dele, estudou as palavras como antes estudara Shakespeare na aula de literatura da escola, havia muito tempo.

Quando ele esticou os braços, ela viu as belas cicatrizes brancas em seu pulso. Ele era a única pessoa que Marah conhecia que entendia sua dor; ele lhe mostrara como transformá-la, acariciá-la, amalgamá-la. Todas as pessoas naquele ambiente sabiam dos ferimentos que uma faca é capaz de deixar para trás.

No chão, Sabrina olhava de lado, ainda segurando seu *bong* aceso.

— Ei, Mar. Quer um pega?

— Sim, claro. — Ela precisava sugar a fumaça doce para dentro de seus pulmões e deixá-la fazer sua mágica, mas antes que cruzasse a sala seu telefone tocou.

Ela enfiou a mão no bolso e de lá tirou o pequeno Motorola Razr roxo que tinha havia anos.

— Meu pai está ligando — disse ela. — De novo.

— Ele fica louco quando você está sozinha. Claro que ele quer saber de você — disse Leif. — Por isso é que ele continua pagando sua conta de telefone.

Paxton olhou para ela.

— Ei, Sabrina, me passe o *bong*. A princesa recebeu uma ligação.

Marah imediatamente sentiu vergonha de como crescera, dos luxos que tivera. Pax tinha razão; ela fora como uma princesa até a morte da rainha. Daí o conto de fadas todo acabara. O celular parou de tocar. Imediatamente entrou uma mensagem de texto. Lia-se: *Emergência. Me ligue*. Ela fez uma careta. Marah não falava com seu pai havia, o quê, um ano?

Não. Aquilo não estava certo. Ela sabia precisamente quando falara com ele pela última vez. Como poderia se esquecer?

Dezembro de 2009. Havia nove meses.

Ela sabia que seu pai sentia sua falta e que ele se arrependia da última conversa.

Suas mensagens eram uma prova disso.

Quantas vezes ele deixara mensagens implorando para que Marah voltasse para casa?

Mas nunca dissera que havia uma emergência. Ele nunca a enganara para que ela ligasse.

Ela passou por sobre Sabrina e deu a volta em Leif, que dormira com a guitarra sobre o peito, e foi até a cozinha, que cheirava a madeira podre e mofo. Lá, ligou para o celular do pai. Ele atendeu rapidamente; ela sabia que ele estava esperando.

— Marah, é o papai — disse ele.

— É. Tô sabendo. — Ela foi até um canto da cozinha, onde um fogão quebrado e uma pia enferrujada faziam companhia a uma geladeira verde dos anos 1960.

— Como você está, fofinha?

— Não me chame disso. — Ela se apoiou na geladeira, culpando-a pelo frio repentino.

Ele suspirou.

— Está pronta para me dizer onde você está? Não sei nem em que fuso horário você está. A Dra. Bloom diz que esta fase...

— Não é uma fase, papai. É a minha vida. — Ela se afastou da geladeira. Atrás dela, na sala, Marah podia ouvir o *bong* borbulhando e Pax e Sabrina rindo. A fumaça doce a deixou desnorçada. — Estou ficando velha, papai. Qual é a emergência?

— A Tully se envolveu num acidente de carro — disse ele. — Está mal. Não sabemos se ela vai sobreviver.

Marah arfou. *A Tully também, não.*

— Ah, meu Deus...

— Onde você está? Posso buscar você...

— Portland — respondeu ela, baixinho.

— Oregon? Vou lhe enviar uma passagem de avião. — Houve uma pausa. — Há voos a toda hora. Posso conseguir uma passagem aberta para você na bancada da Alaska.

— Duas passagens — disse ela.

Ele parou mais uma vez.

— Tudo bem. Duas. Que voo...?

Ela desligou o telefone sem dizer adeus.

Paxton entrou na cozinha.

— O que houve? Você parece transtornada.

— Minha madrinha pode estar morrendo — disse ela.

— Estamos todos morrendo, Marah.

— Preciso vê-la.

— Depois do que ela fez?

— Venha comigo. Por favor? Não posso ir sozinha — disse ela. —

Por favor.

Ele estreitou os olhos; Marah se sentiu ferida pela rispidez do seu olhar. Exposta.

Pax ajustou seus cabelos longos atrás de uma orelha com um brinco prateado.

— É uma má ideia.

— Não vamos ficar muito tempo. Por favor, Pax. Vou tirar algum dinheiro do meu pai.

— Claro — disse ele finalmente. — Eu vou.

Marah sentiu as pessoas olhando para ela e Pax ao andarem pelo pequeno aeroporto de Portland.

Ela gostava de as chamadas pessoas normais se sentirem ofendidas pela aparência gótica de Pax e os grampos em suas orelhas e a tatuagem em seu pescoço e clavícula. Elas não viam a beleza dos arabescos em torno das palavras tatuadas ou o humor irônico.

Marah entrou no avião, sentou-se em seu lugar, no fundo, e fechou seu cinto de segurança.

Ela olhou pela janela, vendo o reflexo de seu rosto pálido: olhos castanhos maquiados, lábios arroxeados e cabelos espetados roxos.

Um *ping* soou pela aeronave e eles saíram em disparada pela pista, levantando voo no límpido céu azul.

Ela fechou seus olhos. Lembranças se debatiam em sua consciência como um corvo do poema preferido de Pax. Tap. Tap. Tap.

Ela não queria se lembrar do passado, nunca mais. Durante anos ela enterrara tudo — o diagnóstico, o câncer, o adeus, o funeral, os longos meses cinzentos que se seguiram —, mas tudo estava voltando agora, abrindo caminho até a superfície.

Marah fechou seus olhos e se viu como fora no seu último dia de vida comum: uma menina de quinze anos a caminho da escola.

— Você com certeza não está pensando em usar isso na escola — disse a mamãe, entrando na cozinha.

Do outro lado da mesa, os gêmeos ficaram repentinamente quietos e olharam para Marah como um par de bonecos com cabeça de mola.

— Oh-oh — disse Wills.

Lucas meneou a cabeça com tanta rapidez que seu cabelo brilhou.

— Não há nada de errado com as minhas roupas. — Marah levantou-se da mesa. — É a moda, mamãe. — Ela deixou que seu olhar analisasse o traje da mãe: pijama de flanela barato, cabelos cansados, chinelos fora de moda — e fez uma careta. — Você deveria confiar em mim quanto a isso.

— Seu traje é perfeito para estar na Pioneer Square à meia-noite com seu cafetão. Infelizmente, é uma terça-feira de manhã de

novembro e você está no segundo ano do Ensino Médio e não é uma convidada no programa do Jerry Springer. Me deixe ser mais clara: essa saia jeans é tão curta que consigo ver sua calcinha — rosa com florezinhas — e a camiseta claramente veio da sessão infantil. Você não vai mostrar sua barriga na escola.

Marah bateu o pé, frustrada. Era exatamente aquilo o que ela queria que Tyler visse hoje. Ele a olharia e pensaria nela como alguém legal em vez de novinha demais.

A mãe pegou a cadeira diante dela e se segurou como se fosse uma senhora muito, muito idosa.

Com um suspiro, ela se sentou. Depois ela pegou sua xícara de café — a que trazia os dizeres MELHOR MÃE DO MUNDO — e a segurou com as duas mãos, como se precisasse se aquecer.

— Não me sinto muito bem para brigar com você hoje, Marah. Por favor.

— Então não brigue.

— Exatamente. Não vou discutir. Você não vai para a escola parecendo a Britney Spears usando crack. Ou mostrando o seu traseiro. Ponto final. O legal é que sou sua mãe. O que faz de mim a CEO desta casa. Ou a carcereira. A questão é que esta é a minha casa e estas são as minhas regras. Troque de roupa ou encare as consequências. E as consequências, devo acrescentar, começam com você chegando atrasada à escola e perdendo seu precioso telefone, e daí por diante. — A mãe pôs a xícara de café sobre a mesa.

— Você está tentando arruinar a minha vida!

— Ah, você descobriu meu super-plano. Ratos. — Mãe se inclinou e remexeu nos cabelos de Wills. — Vocês ainda são novinhos. Vai levar alguns anos para eu arruinara vida de vocês. Não precisam se preocupar.

— Sabemos disso, mãe — disse Wills, ingenuamente.

— O rosto da Marah está todo vermelho — observou Lucas, voltando a construir uma torre de cereais Cheerios.

— O ônibus escolar da família Ryan sai em dez minutos — disse a mãe. Ela pôs as mãos na mesa e se levantou lentamente. Não me sinto bem o bastante para brigar com você hoje.

Esta fora a prova número 1. Não que Marah houvesse notado ou se importado. Ela continuara fazendo o que fazia — estudando na escola, sendo popular, garantindo que todas as pessoas importantes quisessem ser suas amigas. Até a primeira reunião de família.

— *Tive uma consulta com o médico hoje — disse a mamãe. — Não é nada com que vocês devam se preocupar, mas estou doente.*

Marah podia ouvir os meninos conversando, fazendo perguntas estúpidas, sem entender. Lucas — o filhinho da mamãe — se levantou e a abraçou.

O papai acompanhou os meninos para fora da sala. Ao passar por Marah, ele a encarou e havia lágrimas em seus olhos, e ela sentiu seus joelhos tremerem. Só havia um motivo para ele chorar.

Marah olhou para sua mãe e a viu em detalhes — a pele pálida, as bolsas escuras sob os olhos e os lábios sem cor. Era como se sua mãe tivesse sido mergulhada em água sanitária e saído do balde nesta versão sem cor de si mesma. Doente.

— *É câncer, não é?*

— *Sim.*

Marah tremia tanto que juntou as mãos para que elas parassem de tremer. Como era possível que ela não soubesse disso, que sua vida toda podia derrapar numa fração de segundo?

— *Você vai ficar bem, certo?*

— *Os médicos dizem que sou jovem e saudável, então eu devo ficar bem.*

Devo ficar.

— *Estou indo aos melhores médicos — disse a mamãe. — Vou vencer esta coisa.*

Marah suspirou.

— *Então, está certo — disse, finalmente, sentindo a terrível pressão sobre seu peito se amenizar.*

Sua mãe nunca havia mentido.

Mas mentira. Mentira e morrera, e, sem ela, a vida de Marah se deformara. Nos anos que seguiram, ela tentara conhecer uma mulher que desaparecera, mas só conseguia se lembrar da mamãe com câncer — uma mulher pálida e frágil, sem cabelos e sobrancelhas e com finos braços brancos.

A terrível “celebração da vida da mamãe” fora insuportável. Marah sabia o que se esperava dela naquela noite. Todos lhe disseram. O papai lhe dissera incansavelmente: *é horrível, eu sei, mas é o que ela queria; a vovó perguntou-se você podia ajudar na cozinha — vai ser mais fácil assim.* Somente Tully fora honesta e real. E tudo o que ela dissera fora: *meu Deus, prefiro arrancar meus olhos do que fazer isso. Marah, pode me alcançar o garfo?*

Outubro de 2006. Marah fechou os olhos e se lembrou. Fora quando tudo começara a dar errado. A noite do funeral. Ela estava sentada no alto da escada, em casa, olhando para a sala cheia de pessoas...

... vestidas de preto. De minuto a minuto a campainha soava e outra mulher entrava *carregando* um prato de comida (porque, claro, nada deixa você com mais fome do que enterrar um ente querido). A música era uma versão da morte também — um jazz que fazia a Marah de dezesseis anos pensar em velhos com gravatas finas e mulheres com cabelos esquisitos.

Ela sabia que deveria descer, se misturar, oferecer bebidas e pegar pratos, mas não suportava ficar perto de todas aquelas imagens da sua mãe. Além do mais, sempre que acidentalmente encarava alguém — uma mãe do time de futebol, outra do balé, a Sra. Baakie da mercearia — tudo o que ela via era aquela expressão de “pobre Marah” que estraçalhava seu coração e a fazia se lembrar de que sua perda era Para Sempre. Haviam se passado dois dias — dois dias — e a mulher vibrante e risonha das fotos já estava desaparecendo de sua memória. Tudo o que Marah conseguia pensar era na versão sem cor e mórbida da sua mãe.

A campainha tocou novamente.

Suas amigas entraram como se fossem guerreiras prestes a salvar a princesa, ombro a ombro, a maquiagem marcada por lágrimas, os olhos arregalados de dor.

Marah nunca precisara tanto delas. Ela se levantou, sentindo-se insegura. Ashley, Coral e Lindsey subiram correndo as escadas e a abraçaram, todas de uma vez. Elas a abraçaram com tanta força que praticamente a tiraram do chão, e as lágrimas que ela estava contendo rolaram.

— Não sabemos o que dizer — disse Coral quando Marah finalmente recuou.

— Sua mãe era tão legal — disse Ashley, e Lindsey concordou.

Marah enxugou os olhos.

— Queria ter dito isso a ela.

— Ela, tipo, *sabe* — disse Ash. — Minha mãe me disse para lhe dizer isso.

— Você se lembra de quando ela levou bolinhos para a aula da Srta. Robbins? Ela os decorou como aquele livro que estávamos lendo. Qual era mesmo? — perguntou Lindsey, tentando se lembrar.

— A Ratinha Valente. Ela pôs bigodes nos bolinhos — disse Coral. — Foi, tipo, incrível.

Todas menearam as cabeças; lágrimas enchiam seus olhos.

Marah se lembrava também: *Você veio para a minha aula: AH, MEU DEUS! E o que você está usando?*

— O Pavilion está exibindo uma sessão à meia-noite de *O Estranho Mundo de Jack*. Acho que deveríamos ir — disse Lindsey. — Podemos ficar na casa do Jason até começar.

Marah quase disse: *Minha mãe nunca vai me deixar ir*. Ao pensar isso, seus olhos ficaram marejados de lágrimas. Ela podia sentir suas emoções perdendo o controle.

Marah se sentiu insegura, como um prédio em colapso. Graças a Deus suas amigas estavam ali.

— Vamos — disse ela, guiando-as pelas escadas e pela sala. Ao chegar à porta da frente, ela juraria ter ouvido a voz da sua mãe. *Volte já, mocinha. Vocês quatro não vão à sessão da meia-noite. Nada de bom acontece nesta ilha depois das onze.*

Marah parou. Suas amigas se reuniram em torno dela.

— Você não tem que, tipo, dizer ao seu pai aonde vamos? — perguntou Lindsey.

Marah se virou, olhando para a multidão de pessoas em luto na sala de estar. Parecia uma das festas de Halloween de seus pais.

— Não — disse ela amenamente. Seu pai não procuraria por ela nesta noite e Tully chorava todas as vezes que olhava para ela.

— Ninguém vai notar que saí.

Aquela era a função da mamãe, cuidar das crianças. E a mamãe estava morta.

Na manhã seguinte, seu pai decidiu que eles precisavam de férias. Por que seu pai achava que areia e ondas ajudariam, Marah não tinha a menor ideia. Ela tentou demovê-lo, mas não tinha poder de decisão nas coisas que importavam. Assim foi ela na viagem estúpida número 1 DM (Depois da Mamãe — o modo como a vida era calculada agora, antes e depois), e nem mesmo se esforçou para aproveitá-la.

Ela queria que seu pai soubesse como ela estava irritada. Tudo o que tinha eram suas amigas, que estavam a milhares de quilômetros quando ela mais precisava.

Ela odiava o paraíso. O brilho do sol a irritava, bem como o cheiro de hambúrgueres na grelha, e ver o rosto triste do seu pai a fazia querer chorar. Eles não falaram sobre nada importante naquela semana.

Ele tentou — aqui e ali — estabelecer contato, mas a dor em seus olhos só a aborrecia ainda mais e piorava as coisas, por isso ela parou de olhar para seu pai.

Ela ligou para suas amigas pelo menos dez vezes por dia até que as férias do inferno finalmente terminassem.

Quando pousaram em Seattle, Marah se sentiu relaxada pela primeira vez, respirando sem dificuldade. Ela pensou que o pior havia passado.

Como estava enganada!

Eles voltaram para casa e encontraram a música alta, caixas de comida vazias na bancada da cozinha e Tully no armário, com as roupas da mamãe todas embaladas. O papai ficou furioso e disse coisas horríveis para Tully e a fez chorar, mas nada do que ele disse foi pior do que: — Estamos nos mudando.

CAPÍTULO NOVE

EM NOVEMBRO DE 2006, menos de um mês depois do funeral da mamãe, eles se mudaram para a Califórnia. As duas semanas antes da partida foram horríveis. Marah passou o tempo todo irritada com seu pai ou inconsolável. Ela parou de comer e de dormir. Tudo o que lhe importava era conversar com as amigas, e quando as quatro melhores amigas se reuniram foi um adeus interminável, dividido em partes. Toda frase começava com *lembra quando*.

A raiva de Marah mal podia ser contida.

Era uma *coisa* dentro dela que pressionava suas costelas e fazia seu sangue ferver. Até mesmo seu luto fora consumido por ela.

Marah dava pisadas fortes pela casa e chorava a cada lembrança que tinha de que devia embalar suas coisas. Ela não suportava a ideia de trancar a casa — a casa deles — e ir embora. A única notícia ligeiramente boa era de que eles não a venderiam. Algum dia, prometera o papai, eles voltariam. As coisas grandes — móveis, obras de arte, tapetes — seriam deixadas para trás. Eles alugariam uma casa mobiliada. Como se a mobília diferente os ajudasse a se esquecer de que haviam perdido a mamãe.

Quando finalmente chegou o dia da mudança, ela se agarrou a suas amigas e chorou em seus braços e disse a seu pai que o odiava.

Nada importava. *Ela* não importava. Esta era a dura verdade. A mamãe era um junco; ela se inclinava de acordo com a vontade de Marah. O papai era uma muralha de aço, frio e implacável. Ela sabia porque havia se arremessado contra ele e caído a seus pés.

Nos dois dias de viagem de carro até Los Angeles, Marah não disse nada. Nem uma palavra. Ela colocou seus fones de ouvido e escutou música, trocando mensagens de texto com as amigas.

Eles deixaram o verdejante e azul estado de Washington e rumaram para o sul. Na região central da Califórnia, tudo era castanho.

Colinas marrons aconchegadas sob o sol de outono. Não havia uma única árvore decente em quilômetros. E Los Angeles era ainda pior: plana e interminável. Uma estrada depois da outra, todas as pistas cheias de veículos.

Quando estacionaram na casa que o papai alugara em Beverly Hills, Marah estava com dor de cabeça.

— Uau — disse Lucas.

— O que você acha, Marah? — perguntou o papai, virando-se no banco para vê-la.

— É — disse. — Como se você se importasse com o que acho. — Ela abriu a porta do carro e saiu.

Ignorando tudo, ela enviou uma mensagem de texto para Ashley, *Lar, doce lar*, enquanto ia para a porta da frente da casa.

Era uma casa que obviamente fora remodelada recentemente — um trambolho dos anos 1970 que fora reformado para parecer moderno e funcional. O jardim da frente estava bem aparado. As flores cresciam onde tinham de crescer, flores gigantescas por causa do sol e dos irrigadores.

Não era um lar. Não para os Ryan. Dentro, tudo era liso e frio, com janelas do piso ao teto e uma cozinha de aço inoxidável e pisos de cerâmica. A mobília era desafiadoramente moderna, com arestas e detalhes em cromo.

Ela olhou para seu pai.

— A mamãe teria odiado isso. — Ela percebeu como suas palavras o machucaram, pensou “*bom*” e subiu as escadas para escolher seu quarto.

Em seu primeiro dia na Beverly Hills High School, Marah soube que jamais se adequaria ali. As pessoas eram como seres de outro planeta. O estacionamento dos alunos estava cheios de Mercedes-Benz, Porsches e BMWs. A pista da carona tinha até mesmo algumas limusines entre os carros de luxo e os Range Rovers. Nem todos tinham motorista, claro, mas a questão é que *alguns* tinham. Marah não podia acreditar. As meninas eram lindas, com cabelos bem pintados e bolsas que custavam mais do que alguns carros. Elas se reuniam em panelinhas de bem-vestidas. Ninguém disse ao menos “oi” para Marah.

No seu primeiro dia, ela passou pelas aulas no piloto automático. Nenhum dos professores a chamou ou lhe fez perguntas.

Ela se sentou sozinha no almoço, mal ouvindo a baderna ao seu redor, sem se importar com nada.

No quinto período, ela se sentou nos fundos e abaixou a cabeça enquanto os demais alunos faziam uma prova. A solidão que sentiu foi épica, avassaladora. Ela continuava pensando no quanto precisava de suas amigas — e de sua mãe — para conversar. Doía tanto que ela sentiu que estava começando a tremer.

— Marah?

Ela olhou em meio aos cabelos que lhe caíam sobre o rosto.

A professora — Srta. Appleby — parara em sua mesa.

— Me procure se você precisar de ajuda para pegar o ritmo. Estou sempre disponível. — Ela pôs um plano de estudos sobre sua carteira. — Todos sabemos que é difícil, com sua mãe...

— Morta — disse Marah diretamente. Se os adultos iam conversar com ela, também teriam de dizer a palavra. Ela odiava todas aquelas pausas e suspiros.

A Srta. Appleby não conseguiu se afastar com bastante rapidez.

Marah sorriu melancolicamente. Não era uma boa defesa dizer a palavra, mas era eficiente.

O sinal soou.

Os demais alunos se levantaram e começaram a conversar. Marah não fez contato visual com nenhum deles e ninguém fez contato visual com ela. As roupas de Marah estavam todas erradas; ela percebera assim que descera do ônibus. Naquela escola uma calça jeans da Macy's e uma blusinha não bastariam.

Marah guardou as coisas em sua mochila, certificando-se de que seus livros estivessem em ordem.

Era uma nova obsessão, algo que ela não conseguia superar. Precisava que suas coisas estivessem em ordem.

Sozinha, ela caminhou pelo corredor. Alguns alunos ainda estavam ali, fazendo algazarra e rindo.

Sobre a cabeça deles, havia uma grande faixa amarela que pendia precariamente.

Lia-se: VAMOS LÁ, NORMANS. Alguém rabiscara NORMANS, escrevera TROJANS e desenhara um pênis sob as palavras.

Era o tipo de coisa que Marah teria contado à sua mãe. Elas ririam juntas e, depois, a mamãe daria início a uma de suas conversas sérias sobre sexo, adolescentes e o que era ou não apropriado.

— Você percebe que está no meio do corredor, olhando para um pênis e chorando, certo?

Marah se virou e viu uma menina ao seu lado. Ela usava maquiagem o bastante para um ensaio fotográfico e tinha seios que pareciam bolas de futebol americano.

— Suma daqui — disse Marah, afastando-se da menina. Ela sabia que deveria ter feito um comentário sabidinho em voz alta o suficiente para que todos ouvissem. Era assim que teria alguma credibilidade, mas não se importava. Marah não queria novas amigas.

Ela ignorou o último período e saiu da escola mais cedo. Talvez *isso* chamasse a atenção do seu pai.

Marah caminhou até sua casa, mas não ajudou em nada estar naquela casa fria que fazia eco quando ela caminhava. Os meninos estavam com Irena — a senhora que seu pai contratara para ser babá em meio expediente — e o papai ainda estava no trabalho. Ela caminhou por aquela casa grande e impessoal, mas só quando já estava no seu quarto é que sua resolução começou a ruir.

Aquele não era seu quarto.

Seu quarto tinha um papel de parede listrado claro, piso de madeira e abajures em vez daquela luminária em forma de ponto de interrogação. Ela foi até a penteadeira imaginando o móvel que deveria estar ali — sua penteadeira, aquela que a mamãe e o papai pintaram a mão anos atrás. (*Mais cores, mamãe; mais estrelas*). Ela destoaria deste quarto austero, tão estranho quanto Marah na Beverly Hills High.

Ela pegou o pequeno porta-joias do Shrek que embalara com cuidado e trouxera para cá. Ela o ganhara de Tully no seu 12º aniversário.

Parecia menor do que ela se lembrava, e mais verde. Ela virou a chave para abri-lo e ergueu a tampa. Uma Fiona de plástico surgiu,

girando no ritmo de música: *Hey, now, you're an all-star.*

Dentro estavam várias de suas coisas preferidas: uma ágata da praia de Kalaloch, um grampo de cabelo que ela achara em seu próprio quintal, um velho dinossauro de plástico, um bonequinho do Frodo, brincos de granada que Tully lhe comprara no seu 13º aniversário, e, no fundo, o canivete Space Needle rosa que ela comprara no Seattle Center.

Ela abriu o canivete e ficou olhando para a lâmina.

Johnny, não acho que ela tenha idade o bastante.

Ela tem idade, Kate. Minha menina é inteligente o bastante para não se cortar. Certo, Marah?

Tome cuidado, bebê, não se machuque.

Ela apertou a lâmina prateada contra a palma de sua mão esquerda.

Seu corpo se arrepiou. Uma *sensação*.

Ela moveu a lâmina um pouquinho e acidentalmente cortou a mão.

O sangue jorrou. A cor dele a deixou perplexa. Era inesperadamente brilhante e bela.

Ela não se lembrava de ver uma cor tão perfeita, como os lábios da Branca de Neve.

Marah não conseguia desviar o olhar.

Havia dor, claro; era ríspida, doce e amarga ao mesmo tempo.

Melhor do que a sensação vaga de perder o que importava, de ser deixada para trás.

Isso *machucava*, e ela aceitou a honestidade daquilo, a clareza. Marah ficou olhando o sangue escorrer pela lateral da mão e pingar em seus sapatos pretos, que quase desapareceram.

Pela primeira vez em meses, ela se sentiu melhor.

Nas semanas que seguiram, Marah perdeu peso e marcou sua dor com pequenos cortes na parte interna do seu braço e nas coxas. Sempre que se sentia emocionada ou perdida ou com raiva de Deus, ela se cortava.

Sabia que estava fazendo algo ruim e doentio, mas não conseguia parar. Quando pegava seu canivete rosa com a lâmina agora avermelhada, sentia a emoção do poder.

Por mais impossível que soe, quando estava mais deprimida, a única coisa que a ajudava era se cortar. Ela não sabia por quê; não se importava. Sangrar era melhor do que chorar ou gritar. Cortar-se permitia que ela seguisse em frente.

Na manhã de Natal, Marah acordou mais cedo. Seu primeiro pensamento foi: *É Natal, mamãe*, mas depois ela se lembrou. A mamãe havia ido embora. Ela fechou os olhos novamente, querendo dormir, querendo um monte de coisas.

Lá embaixo, ela ouvia os sons de sua família se reunindo. Passos na escada; portas batendo. Seus irmãos gritavam por ela. Eles provavelmente já estavam correndo feito loucos, segurando a mão da vovó, tirando presentes debaixo da árvore, chacoalhando-os. E a mamãe não estava ali para acalmá-los. Como eles passariam o dia?

Ajuda. Você sabe que ajuda e só dói por um segundo. Ninguém vai ficar sabendo.

Ela saiu da cama e foi até a penteadeira, para a caixinha do Shrek. Suas mãos tremiam quando ela a abriu.

Lá estava, seu canivete. Ela o abriu.

A ponta era tão afiada, tão linda.

Marah enfiou a ponta da lâmina no seu dedo e sentiu a carne se abrindo. O sangue surgiu, uma perfeita gota vermelha, e a visão dele a emocionou novamente. A pressão que aumentava em seu peito desaparecera, como vapor liberado ao abrir de uma válvula. Algumas gotas escorreram pelas costas da mão e caíram no piso de madeira.

Ela ficou olhando o fluxo vermelho maravilhada.

Seu celular tocou. Ela se afastou, olhou em volta, encontrou o telefone na cama.

Pegando-o, atendeu:

— Alô?

— Ei, Marah. Sou eu, a Tully. Quis ligar antes que seu dia de abrir os presentes começasse. Sei como demora, com todos aqueles presentes abertos um de cada vez.

Marah pegou uma meia de sua gaveta e a enrolou no dedo.

— O que houve? — perguntou Tully.

Marah apertou seu dedo cortado. O corte latejou. Aquilo deveria consolá-la, aquela dor, mas, com Tully ouvindo, tudo o que ela sentia era vergonha.

— Nada. Você sabe... Natal sem ela.

— É.

Marah se sentou na beirada da cama. Ela se perguntava o que aconteceria se contasse a alguém sobre seus cortes. Ela queria parar com aquilo; queria mesmo.

— Você já fez amigos? — perguntou Tully.

Marah odiava a pergunta.

— Vários.

— São meninas más, não são? — disse Tully. — O povinho de Beverly Hills.

Marah não sabia como responder. Ela não fizera nenhuma amiga na escola, mas tampouco tentara.

— Você não precisa de muitas amigas, Marah. Precisa só de uma.

— *TullyeKate* — disse ela. A mítica história de amizade.

— Estou aqui para você. Você sabe disso, né?

— Então me ajude. Me diga como ser feliz.

Tully suspirou.

— Sua mãe se sairia melhor em momentos como este. Ela acreditava em finais felizes e na vida melhorando. Eu? Eu praticamente acredito que a vida é uma droga e você morre.

— Acredite, a vida é mesmo uma droga. E depois você morre.

— Fale comigo, Marah.

— Não gosto daqui — disse ela. — Sinto a falta dela todos os dias.

— Eu também.

Depois disso, não havia mais o que dizer.

A morte é a morte. Ambas aprenderam esta lição.

— Eu amo você, Marah.

— O que você está fazendo no Natal?

Houve uma pausa. Nela, Marah pensou ter ouvido sua madrinha suspirar.

— Ah, você sabe.

— Tudo mudou — disse Marah.

— É — disse Tully. — Tudo mudou e eu odeio isso. Especialmente em dias como hoje.

Era o que Marah mais gostava em sua madrinha. Tully era a única que não mentia para ela dizendo que as coisas iam melhorar.

Os primeiros meses na Beverly Hills High foram um pesadelo. Marah teve dificuldades em todas as matérias; suas notas caíram. O currículo era difícil e competitivo, mas este não era o problema. Ela não conseguia se concentrar na aula e não se importava. No começo de 2007, ela e seu pai tiveram uma reunião com o diretor e um orientador.

Houve olhares tristes, vários barulhos e as palavras *luto* e *terapia* citadas frequentemente. No fim da reunião, Marah entendeu o que se esperava dela neste novo mundo sem mãe onde ela vivia. Ela quase disse que não se importava.

Até que olhou nos olhos de seu pai e viu quão profundamente o havia decepcionado.

Como posso ajudar você?, perguntou-lhe ele. Antes Marah achava que era isso o que queria dele — a oferta —, mas, quando seu pai a fez, ela se sentiu ainda pior. Marah percebeu então algo que não sabia: ela não queria ajuda. Ela queria desaparecer. E sabia como fazer isso.

Sem agitação.

Depois disso, Marah fingiu estar bem. Ao menos bem o suficiente para passar despercebida por seu pai, o que era depressivamente fácil. Desde que suas notas aumentassem e ela sorrisse no jantar, ele a ignorava. Estava ocupado demais trabalhando. Marah aprendera sua lição: precisava agir normalmente. A babá dos meninos, Irena (uma mulher de olhar triste que nunca perdia a oportunidade de mencionar que seus filhos cresceram e se afastaram, deixando-a com tempo de sobra), tampouco passava algum tempo com Marah. Ela só precisava fingir que estava numa equipe de esporte e podia fazer o que queria, sem ninguém perguntar sobre seus jogos ou se ela estava bem.

No último ano, tudo se resumia a uma ciência: ela acordava no horário todas as manhãs, os olhos marcados por pesadelos, e se arrastava até o banheiro. Ela mal se importava em tomar banho ou

lavar os cabelos, nem mesmo durante os dias de aula. Era exaustivo demais. E não importava se ela estava limpa ou suja.

Ela desistira de qualquer esperança de fazer amigos na BHHS — libertando-se do grupo superficial que achava que o carro certo provava seu valor.

Por fim, foi em junho de 2008. Sua formatura na Beverly Hills High. Todos estavam lá embaixo, esperando por Marah. A vovó, o vovô e Tully vieram para o grande evento.

Eles estavam entusiasmados, jogando pingue-pongue com palavras como empolgação e realização e orgulho.

Marah não sentia nada disso. Ao pegar sua beca de formatura, ela sentiu um medo frio. O tecido barato de poliéster farfalhava em suas mãos. Ela vestiu a beca e a fechou e depois foi ao espelho.

Estava pálida e magra e tinha sombras cor de lavanda sob os olhos. Como é que nenhuma dessas pessoas que supostamente a amavam notou como Marah estava mal?

Desde que fizesse o que era esperado dela — sua lição de casa, se inscrevesse nas universidades, fingisse ter amigos —, ninguém nem mesmo a olhava. Era isso o que Marah queria e escolhera, mas isso a magoava. A mamãe teria visto como ela estava infeliz.

Era uma daquelas verdades que Marah havia aprendido: ninguém conhece você tão bem quanto sua mãe. Ela daria tudo por um daqueles olhares ah-não-você-não-vai-mocinha que costumava odiar.

Seu pai gritou lá de baixo: — Hora de ir, Marah.

Ela foi até a penteadeira e olhou demoradamente para a caixinha de música do Shrek.

A ansiedade fez seu coração bater mais rápido.

Ela abriu a tampa. Dentro, encontrou o canivete e vários pedacinhos de gaze, manchados de marrom com sangue velho; lembranças que ela não conseguia jogar fora.

Lentamente, abriu o canivete, puxou a manga e fez um corte rápido e belo na parte de dentro do seu braço, onde ele não seria visto.

Ela cortou fundo demais. Marah percebeu imediatamente.

O sangue jorrou por seu braço e escorreu até o chão. Ela precisava de ajuda. E não apenas para parar de sangrar. De alguma

forma, Marah estava descontrolada.

Ela desceu. Na sala de estar, o sangue manchou o piso de pedra a seus pés.

— Preciso de ajuda — disse Marah, baixinho.

Tully foi a primeira a reagir.

— Jesus, Marah — disse sua madrinha, jogando a câmera no sofá. Ela deu um passo à frente e segurou Marah pelo outro pulso e a arrastou para o banheiro mais próximo, obrigando-a a se sentar sobre o vaso.

O papai entrou correndo no banheiro atrás delas e Tully remexia nas gavetas, tirando barras de sabonetes e escovas e tubos de creme para as mãos.

— O que aconteceu? — gritou seu pai.

— Curativos — disse Tully, ajoelhando-se ao lado de Marah. — *Agora!*

O pai saiu. Ele voltou rapidamente com gaze e esparadrapo. Recuou, parecendo confuso e com raiva, enquanto Tully aplicava pressão para parar com o sangramento e depois fazia o curativo.

— Pronto — disse Tully. — Mas acho que ela precisará de pontos.

— Ela recuou, permitindo que o pai se aproximasse.

— Jesus... — disse ele, balançando a cabeça.

Ele se ajoelhou para olhar Marah nos olhos.

Ele tentou sorrir e ela pensou: Este não é meu pai, não este homem que não consegue erguer os ombros e que raramente ri. Ele não era o mesmo, assim como Marah não era a filha de que ele costumava se lembrar. Ele estava até mesmo ficando grisalho — quando isso começara?

— Marah? — disse ele. — O que aconteceu?

Ela estava envergonhada demais para responder. Ela já o havia decepcionado tanto.

— Não tenha medo — disse Tully. — Você pediu ajuda. Você quer dizer “terapia”, não é?

Marah levantou a cabeça e encarou o olhar ameno da madrinha.

— Sim — disse ela, baixinho.

— Não entendo — disse o papai, olhando de Tully para Marah.

— Ela fez isso de propósito — disse Tully.

Marah podia ver como seu pai estava confuso. Não fazia sentido nenhum para ele o fato de que se cortar *ajudava*.

— Como não vi que você estava se ferindo?

— Conheço alguém que pode ajudar — disse Tully.

— Aqui em LA? — perguntou Johnny, virando-se para olhar Tully.

— Em Seattle. Lembra-se da Dra. Harriet Bloom? Do meu programa? Aposto que consigo que ela veja a Marah na segunda-feira.

— Seattle — disse Marah. Era uma boia salva-vidas que lhe jogavam. Como ela havia sonhado em voltar e ver suas amigas. Mas, agora que a oportunidade estava ali, ela descobriu que não se importava. Era mais uma prova do quanto Marah estava doente.

Atormentada. Deprimida.

O papai balançou a cabeça.

— Não sei...

— Ela fez isso aqui, Johnny, em Los Angeles — disse Tully. — Hoje e todos os outros dias. Posso não ser Freud, mas sei que isso é um pedido de ajuda. Me deixe ajudá-la.

— Você? — perguntou ele, ríspido.

— Você ainda está com raiva de mim? Por quê? Não, não responda. Não me importo. Não vou recuar desta vez, Johnny Ryan. Não vou lhe dar espaço. Se eu não brigasse com você agora mesmo, a Katie me daria um chute no traseiro. Prometi a ela que cuidaria da Marah. Você obviamente não fez um belo trabalho.

— Tully. — A advertência em sua voz era inequívoca.

— Me deixe levá-la para casa e fazê-la se consultar com a Harriet na segunda-feira ou no mais tardar na terça-feira. Depois decidimos o que fazer.

Papai olhou para Marah.

— Você quer se consultar com a Dra. Bloom em Seattle?

A verdade era que Marah não dava a mínima para a Dra. Bloom. Ela só queria ficar sozinha. E sair de Los Angeles.

— Sim — respondeu, cansada.

Papai se virou para Tully.

— Vou assim que puder.

Tully fez que sim.

Papai não parecia convencido. Ele se levantou e encarou Tully.

— Posso confiar que você vai cuidar dela por alguns dias?

— Vou ser como uma galinha chocando seus preciosos ovos.

— Vou querer um relatório completo.

Tully fez que sim.

— Vai recebê-lo.

CAPÍTULO DEZ

NO FINAL DAS CONTAS, Marah não foi à sua festa de formatura, o que era um alívio. Em vez disso, ela entrou num avião com Tully e voltou para Seattle.

Cumprindo a palavra, Tully marcou uma consulta para Marah às 14h com a Dra. Harriet Bloom na segunda-feira seguinte.

Hoje.

Marah não queria sair da cama. Ela não dormira bem na noite passada e estava exausta. Mesmo assim, fez o que se esperava dela. Tomou um banho e lavou o cabelo e até se deu ao trabalho de secá-lo. Apesar do esforço necessário, escolheu as roupas da mala em vez das que estavam numa pilha que ela deixara no chão na noite passada.

Ao vestir sua calça jeans 7 for All Mankind — que já fora uma de suas posses favoritas, na outra vida —, ficou horrorizada ao perceber quanto peso perdera. A calça pendia, expondo seus ossos do quadril. Ela escolheu um casaco Abercrombie que dava a seu corpo um pouco de volume — e para esconder as cicatrizes nos seus braços.

Fechando o casaco até em cima, ela começou a deixar o quarto. Queria apenas sair, fechar a porta atrás de si e recomeçar.

Mas, ao passar pela mala aberta, seu olhar se voltou para o bolso interno, onde o canivete estava escondido. Por um segundo, o mundo pareceu se ofuscar e desacelerar.

Ela ouviu seu coração batendo forte e sentiu o sangue correndo em suas veias. Marah o imaginou vermelho e lindo. A ideia de se cortar por um segundo, só uma vez, para que esta terrível pressão em seu peito se amainasse, era tão tentadora que ela deu um passo à frente.

— Marah!

Ela retirou a mão rapidamente e olhou em volta.

Estava sozinha.

— Marah!

Era Tully. Ela gritou duas vezes. Isso significava que estava no corredor.

Marah fechou as mãos e sentiu o espetar das unhas na palma das mãos.

— Estou indo — disse ela, embora sua voz estivesse seca e baixinha, pouco audível até mesmo para ela.

Marah saiu do quarto e fechou a porta com um clique.

Logo Tully estava a seu lado, segurando-a pelo braço, guiando Marah para fora do apartamento como se ela fosse cega.

Enquanto caminhavam, Tully falava.

Marah tentou ouvir, mas seu coração estava batendo tão rápido que a deixava surda para o restante.

Suas mãos suavam. Ela não queria se sentar com uma estranha e falar sobre se cortar.

— Aqui estamos nós — disse, finalmente, Tully, e Marah saiu da neblina e se percebeu diante de um prédio alto de vidro. Quando passaram pelo parque onde os sem-teto se reuniam sob o totem? Ela não se lembrava.

Isso a assustou.

Ela seguiu Tully no elevador e até o consultório, onde uma jovem séria cheia de sardas mostrou a elas os lugares na sala de espera.

Marah se sentou desconfortável na poltrona azul e fofa demais perto do aquário.

— Acho que os peixes devem acalmar — disse Tully. Ela se sentou ao lado de Marah e a segurou pela mão. — Marah?

— O quê?

— Olhe para mim.

Ela não queria, mas de uma coisa sabia: era uma perda de tempo ignorar Tully. Aos poucos ela se virou.

— Sim?

— Não há nada de errado com o que você está sentindo — disse ela calmamente. — Às vezes a falta dela me dói mais do que suporte também.

Ninguém *mais* dizia esse tipo de coisa.

Ah, eles falaram sobre a mamãe o tempo todo nos últimos oito meses, mas aparentemente havia um prazo de validade para o luto.

Era como se uma porta se fechasse; depois que ela estivesse fechada e você se visse no escuro, deveria se esquecer da falta que sentia da luz.

— O que você faz quando, sabe, dói lembrar?

— Se eu lhe dissesse, sua mãe desceria do céu e me chutaria no traseiro. Devo ser a adulta responsável aqui.

— Certo — disse Marah. — Não me diga como você lida com isso. Ninguém diz. — Ela desviou o olhar para ver se a recepcionista estava ouvindo a conversa, mas a moça não estava prestando atenção a elas.

Tully não respondeu nada por um minuto, que pareceu tempo demais. Por fim, ela meneou a cabeça e disse:

— Comecei a ter ataques de pânico depois da morte dela, por isso tomo Xanax. E não consigo mais dormir. E bebo demais. O que você faz?

— Eu me corto — disse Marah, baixinho.

Foi surpreendentemente bom admitir.

— Somos uma dupla e tanto — disse Tully com um sorriso.

Atrás dela, a porta se abriu e uma mulher magra emergiu do consultório. Ela era bela, daquele tipo raivoso e ríspido que Marah reconhecia como dor. A mulher usava um cachecol em volta do pescoço e o segurava firmemente com uma das mãos usando luva, como se estivesse saindo para uma tempestade de neve, e não para um dia de verão em Seattle.

— Vejo você na semana que vem, Jude — disse a recepcionista.

A mulher fez que sim e botou os óculos escuros. Ela não olhou para Marah nem para Tully ao sair do consultório.

— Você deve ser Marah Ryan.

Marah não tinha percebido a outra mulher que havia saído do consultório para a sala de espera.

— Sou a Dra. Harriet Bloom — disse a mulher, oferecendo a mão.

Marah levantou-se relutantemente.

Agora ela queria mesmo abandonar tudo.

— Oi.

Tully se levantou.

— Oi, Harriet. Obrigada por concordar em nos ajudar tão rapidamente. Sei que você teve que mudar sua agenda. Você vai precisar de algumas informações anteriores, claro. Vou entrar para...

— Não — disse a terapeuta.

Tully pareceu confusa.

— Mas...

— Vou cuidar bem dela, Tully, mas isto é entre mim e a Marah. Ela está em boas mãos. Prometo.

Marah achava que não. Na verdade, ela achava que estava em mãos estranhas, mãos ossudas com manchas de idade. O contrário de boas mãos. Mesmo assim, fez o papel de menina boazinha e seguiu a médica em seu consultório lustroso, de gente grande.

Uma parede de vidro dava para o Pike Place Market e o estreito azul. Uma mesa de madeira dividia o ambiente ao meio; atrás dela havia uma enorme cadeira de couro preta. Duas cadeiras aparentemente confortáveis davam para a mesa e havia um sofá preto contra a parede. Sobre o sofá havia um quadro ameno de uma praia no verão. Havaí, talvez. Ou Flórida. De qualquer forma, havia palmeiras.

— Suponho que a senhora queira que eu me deite — disse Marah, toda encolhida.

Estava frio ali também. Talvez por isso é que a outra moça estivesse toda agasalhada. O estranho é que havia uma lareira a gás na parede, e chamas vivas alaranjadas e azuis a aqueciam. Ela podia e ao mesmo tempo não podia sentir o calor.

A Dra. Bloom sentou-se atrás da sua mesa com uma caneta sem tampa.

— Pode se sentar onde quiser.

Marah se sentou numa poltrona e ficou olhando para uma planta no canto. Um... dois... três... Ela realmente não queria estar aqui. Quatro... cinco...

Ouviu o relógio batendo e até mesmo a respiração da terapeuta, e o barulho de sua meia-calça quando ela cruzava ou descruzava as pernas.

— Você acha que há algo sobre o que gostaria de conversar? — perguntou ela depois de dez minutos.

Marah deu de ombros.

— Não. — Cinquenta e dois...cinquenta e três... cinquenta e quatro. O consultório estava ficando quente agora. Aquela lareira era para valer. Marah sentiu o suor se acumulando em sua testa. Uma gota escorreu pelo seu rosto. Ela batia nervosamente com o pé no chão.

Sessenta e seis... Sessenta e sete.

— Como você conhece a Tully?

— Ela é uma amiga da...

— Sua mãe?

Ela disse aquilo de uma forma errada, clínica, do jeito que se pergunta sobre um carro ou aspirador de pó, mas mesmo assim Marah sentiu seu estômago se contrair. Ela não queria falar de sua mãe com uma estranha. Deu de ombros e continuou contando.

— Ela se foi, não é?

Marah parou.

— Na verdade ela está no armário do meu pai.

— Como?

Marah, um. Ponto para o time da casa.

— Alugamos um caixão para o funeral, o que foi estranho, se você quer saber minha opinião. De qualquer modo, nós a cremamos e a colocamos nessa caixa de jacarandá. Quando a Tully quis espalhar as cinzas, o papai não estava preparado, e quando o papai estava preparado, a Tully é que não estava. Assim, a mamãe está no armário, atrás das blusas do papai.

— E você, quando é que você estava preparada?

Marah fechou os olhos por um instante.

— Como assim?

— Quando você queria espalhar as cinzas da sua mãe?

— Ninguém me perguntou.

— Por quê, na sua opinião?

Marah deu de ombros e desviou o olhar novamente. Ela não gostava do rumo da conversa.

— Por que você acha que está aqui, Marah? — perguntou a terapeuta.

— Você sabe por quê.

— Sei o que você fez consigo mesma. Os cortes.

Marah olhou para a planta de novo. As folhas pareciam mesmo de cera. Setenta e cinco... setenta e seis... setenta e sete.

— Sei que isso a faz se sentir melhor. — Marah olhou para a Dra. Bloom, que se sentava imóvel, seu nariz reto pendendo sobre lábios finos. — Mas, depois, quando sua lâmina ou faca está cheia de sangue seco, aposto como você se sente pior. Envergonhada, talvez, ou com medo.

Setenta e oito... setenta e nove.

— Posso ajudar você com esses sentimentos, se você conversar comigo sobre como se sente. Não é incomum o modo como você está se sentindo.

Marah revirou os olhos. Era uma daquelas mentiras que os adultos contavam às crianças para tornar o mundo mais bonito.

— Bem — disse a Dra. Bloom, fechando seu caderno. Marah se perguntava o que ela escrevera.

Provavelmente Louca, adora plantas. — Acabou nosso tempo por hoje.

Marah se levantou e se virou para a porta.

Ao segurar a maçaneta, a Dra. Bloom falou:

— Tenho um grupo de adolescentes que pode ajudar você, Marah. Gostaria de se juntar a nós? A reunião é na quarta-feira à noite.

— Pode ser. — Marah abriu a porta do consultório.

Tully se levantou.

— Como foi?

Marah não sabia o que dizer. Ela desviou o olhar de Tully e viu que havia mais alguém na sala de espera: um jovem usando calça jeans justa que desaparecia dentro de botas pretas com os cadarços pendentes. Ele era magro, de uma maneira quase feminina, e usava uma camiseta preta com os dizeres ME MORDA sob uma jaqueta cinza. No seu pescoço, caveiras pendiam como chaves num chaveiro, e seus cabelos na altura dos ombros eram artificialmente pretos, tingidos aqui e ali com mechas magenta e verde.

Quando levantou os olhos, Marah viu que os olhos dele eram estranhos, quase dourados, e um delineador masculino pesado acentuava sua cor. Sua pele era clara. Talvez ele estivesse doente.

A Dra. Bloom surgiu ao lado de Marah.

— Paxton, talvez você possa dizer a Marah que nosso grupo não é uma reunião tão ruim.

O jovem — Paxton — levantou-se e se aproximou de Marah com uma graça que parecia ensaiada.

— Tully? — disse a Dra. Bloom. — Posso falar com você por um instante?

Marah tinha consciência das duas mulheres afastando-se dela, sussurrando uma para a outra.

Ela sabia que deveria se importar com o que estavam dizendo, mas não conseguia pensar em nada além do menino aproximando-se dela.

— Você tem medo de mim — disse ele ao se aproximar. Marah podia sentir o cheiro de chiclete de menta no hálito dele. — A maioria das pessoas tem.

— Você acha que tenho medo de roupinhas pretas?

Ele ergueu uma mão pálida e ajeitou seus cabelos atrás de uma orelha.

— Menininhas boazinhas como você deveriam ficar nos subúrbios, onde estão seguras. O grupo não é para você.

— Você não sabe nada a meu respeito. Mas talvez devesse parar de brincar com a maquiagem da sua mãe.

A risada dele a surpreendeu.

— Fogo. Gosto disso.

— Ei, Marah — disse Tully. — Hora de ir. — Ela atravessou a sala de espera e segurou Marah pelo braço e a levou para fora do consultório.

No caminho de casa, Tully continuava conversando. Ela continuava perguntando a Marah se ela queria ir a Bainbridge Island para ver suas amigas e Marah queria dizer sim, mas ela não pertencia mais àquele lugar. No ano e meio que estivera fora, as velhas amizades se degradaram como as asas de uma mariposa; agora eram pedacinhos brancos que não podiam mais voar. Ela não tinha nada em comum com aquelas meninas.

Tully levou Marah para o elegante apartamento e acendeu a lareira na sala de estar.

As chamadas subiram juntamente com o barulho falso de madeira.

— Então. Como foi?

Marah deu de ombros.

Tully se sentou no sofá.

— Não me despreze, Marah. Quero ajudar.

Deus, ela estava cansada de decepcionar as pessoas. Ela desejava que houvesse um manual para filhos de pais mortos, como em *Os Fantomas se Divertem*, para que ela soubesse o que fazer e dizer para que as pessoas a deixassem em paz.

— Eu sei.

Ela se sentou perto da lareira de pedra, olhando para Tully. O fogo aquecia suas costas, fazia-a tremer. Ela nem mesmo percebera que estava com frio.

— Eu deveria ter obrigado seu pai a colocá-la na terapia quando a Kate morreu. Mas nos separamos, seu pai e eu. Mas eu perguntava sobre você e conversava com você todas as semanas. Você nunca disse nada. Nunca ouvi você chorar. Sua avó dizia que você estava indo bem.

— Por que você deveria saber?

— Sei um pouco sobre abandono e luto. Sei sobre se fechar. Quando meu avô morreu, mal me permiti sofrer. Quando minha mãe me deixava — todas as vezes —, dizia a mim mesma que não ligava e seguia em frente.

— E com a morte de mamãe?

— Tem sido pior. Não me recuperei bem.

— É, nem eu.

— A Dra. Bloom acha que você deveria participar de um grupo de ajuda para adolescentes na quarta-feira à noite.

— É. Como se isso fosse ajudar.

Ela percebeu como sua resposta magoara Tully. Marah suspirou. Sua dor era tanta. Ela não podia suportar a dor de Tully também.

— Certo — disse Marah. — Eu vou.

Tully se levantou e abraçou Marah.

Ela se soltou o mais rápido que pôde, sorrindo tremulamente. Se sua madrinha soubesse como ela se sentia só e desesperada, aquilo partiria seu coração e só Deus sabia como nenhuma das duas

conseguia suportar mais corações partidos. Ela só precisava fazer o que fizera durante meses — passar por isso.

Podia suportar algumas sessões de terapia se isso tirasse as pessoas do seu caminho. Em setembro, ela seria caloura na UW e poderia morar onde quisesse e não estaria constantemente magoando ou decepcionando as pessoas.

— Obrigada — disse ela. — Agora vou me deitar. Estou cansada.

— Vou ligar para o seu pai e contar como foi. Ele vai estar aqui na quinta-feira para conhecer a Dra. Bloom depois da sua próxima consulta.

Maravilha.

Marah fez que sim e rumou para o quarto de hóspedes, que parecia a suíte de um elegante hotel.

Ela não podia acreditar que concordara com a terapia de grupo. O que diria a estranhos? Será que eles a fariam falar sobre sua mãe?

A ansiedade se transformou numa presença física, como insetos rastejando sobre sua pele.

Pele.

Ela não pretendia ir para o armário, não queria, mas o barulho em seu sangue a estava deixando louca. Era como ouvir uma ligação estrangeira com dezenas de conversas sobrepostas; por mais que escutasse, você não podia ouvir nada que fizesse sentido.

Suas mãos tremiam quando ela abriu a mala e buscou algo no bolso interno.

Ao abri-lo, ela encontrou o canivete Space Needle e várias gaze manchadas de sangue.

Ela levantou a manga até que seu bíceps estivesse exposto, tão magro, pálido na escuridão, macio e branco como o interior de uma pera. Dezenas de cicatrizes se cruzavam em sua pele, como uma teia de aranha.

Levou a ponta da lâmina à pele e pressionou, depois cortou. O sangue verteu. Era belo, exuberante, vermelho. Ela observou seu sangue fluir e cair, como lágrimas, na palma da mão. Todo o sentimento ruim preenchia aquelas gotas de sangue e deixava seu corpo.

— Estou bem — sussurrou ela.

Sou a única que pode me magoar. Só eu.

Incapaz de dormir à noite, enquanto Marah se deitava numa cama que não era a dela, numa cidade que antes fora seu lar, ouvindo o nada que acompanhava o fato de ter sido colocada numa caixinha de música sobre a cidade, ela se lembrou da conversa que tivera com seu pai.

Tudo bem, disse ela, quando ele perguntou como fora a conversa com a Dra. Bloom.

Mas, ao fazer isso, pensava: *Como é que ninguém me pergunta como posso estar tão bem o tempo todo?*

Você pode conversar comigo, dissera ele.

Mesmo?, retrucara ela. *Agora você quer conversar.* Mas ao ouvi-lo suspirar ela desejara não ter dito aquilo.

Marah, como chegamos a este ponto?

Ela odiara a decepção em sua voz; aquilo a fazia se sentir ao mesmo tempo culpada e envergonhada.

Vou a uma sessão de terapia de grupo para adolescentes na quarta-feira à noite. Não parece divertido?

Vou estar aí na quinta-feira. Prometo.

Claro.

Tenho orgulho de você, Marah. É difícil encarar a dor.

Ela se segurou, sentindo as lágrimas.

Memórias tomaram conta dela — momentos em que caíra ou se machucara e corraera para buscar um abraço de seu pai. Seus braços eram tão fortes e a protegiam tanto.

Quando fora a última vez que ele a abraçara? Ela não se lembrava. No último ano, Marah se afastara das pessoas que a amavam e se tornara frágil na falta delas, mas não sabia o que fazer para mudar.

Estava sempre com medo de chorar e mostrar sua dor.

Na manhã seguinte, ela acordou sentindo preguiça e dor de cabeça. Precisando de café, vestiu um roupão que pertencia a Tully e saiu do quarto.

Ela encontrou Tully dormindo no sofá, um braço apoiado na mesinha de centro.

Uma taça de vinho vazia estava ao lado da mesa, juntamente com uma pilha de papéis.

Havia um frasco de remédio perto disso.

— Tully?

Tully se sentou lentamente, parecendo um pouco pálida.

— Ah, Marah. — Ela esfregou os olhos e balançou a cabeça como que para clarear as ideias. — Que horas são? — Ela falava lentamente.

— Quase dez.

— Dez?! Merda. Vista-se!

Marah franziu a testa.

— Vamos a algum lugar?

— Tenho uma surpresa para você.

— Não quero surpresas.

— Claro que quer. Vá. Tome um banho. — Tully a espantou pelo corredor. — Eu encontro você em vinte minutos.

Marah tomou o banho e vestiu uma calça larga e uma camiseta grande demais para ela. Sem se dar ao trabalho de secar o cabelo, ela o prendeu num rabo de cavalo e saiu para a cozinha.

Tully já estava lá, usando um terninho azul que era pelo menos um número menor do que deveria ser. Ela estava tomando um comprimido com café quando Marah surgiu ao lado dela.

Tully gritou quando Marah a tocou, como se surpresa. Depois riu.

— Desculpe. Não ouvi você chegando.

— Você está estranha — disse Marah.

— Estou empolgada. Com minha surpresa.

— Eu lhe disse: não gosto de surpresas. — Marah encarou a madrinha. — O que você está tomando?

— O comprimido? É uma vitamina. Na minha idade, não se pode se esquecer das vitaminas. — Ela estudou Marah e franziu a testa.

— É isso o que você vai vestir?

— É. Por quê?

— Nenhuma maquiagem?

Marah revirou os olhos.

— O que vou fazer? Entrar para o *America's Next Top Model*? — A campanha tocou.

Marah ficou imediatamente desconfiada. — Quem é?

— Venha — disse Tully, sorrindo e acompanhando-a até a porta.
— Abra — disse.

Marah abriu a porta com cuidado.

Ashley, Lindsey e Coral estavam lá reunidas. Quando elas viram Marah, gritaram — foi mesmo um grito de furar os tímpanos — e correram para ela, dando um abraço coletivo.

Marah sentiu que estava vivenciando aquilo a distância. Ela ouvia as vozes, mas não conseguia entender o que estavam dizendo. Antes que percebesse, estava sendo arrastada para fora do apartamento numa maré de entusiasmo das três melhores amigas. Todas falavam ao mesmo tempo enquanto entraram no Honda de Coral e dirigiram até a balsa, onde um barco esperava. Elas viraram à direita e estacionaram.

— É *tão* legal que você voltou — disse Lindsey, balançando no banco traseiro, inclinando-se para a frente.

— É. Nós, tipo, não acreditamos quando a Tully ligou. Você ia nos fazer uma surpresa? — perguntou Ashley.

— Claro que ia — disse Coral, dirigindo.

— Agora temos que lhe contar *tudo*.

— A começar pelo Tyler Britt — disse Lindsey.

— Certo. Claro. — Coral se virou para Marah e se pôs a contar uma longa e engraçada história sobre Tyler Britt namorando uma menina de North Kitsap e sendo preso pelos policiais só de cuecas e sendo multado por posse de drogas e banido do time de futebol.

Marah mantinha um sorriso no rosto o tempo todo, mas o que estava pensando era: *Mal consigo me lembrar da minha paixão por Tyler Britt*. Parecia algo que tinha acontecido em outra vida. Ela se obrigou a menear a cabeça e sorrir; às vezes ela se lembrava de rir quando as meninas lhe contavam histórias divertidas da festa de formatura.

Mais tarde, quando estavam em Lytle Beach, deitadas sobre toalhas coloridas, bebendo Coca-Cola e comendo Doritos, Marah não sabia o que dizer.

Ela se sentia estranhamente separada, apesar delas estarem quase tão juntas que seus ombros se tocavam. Coral estava falando

sobre a faculdade e como estava feliz pelo fato de ela e Ashley serem colegas de quarto na Western Washington University, e Lindsey estava choramingando que não queria ir para Santa Clara sozinha.

— Para onde você vai? — Coral perguntou a Marah.

Honestamente, ela estava tão distante, mal ouvindo, que nem sequer escutou quando a pergunta foi feita pela primeira vez.

— Mar?

— Para que faculdade você vai?

— UW — respondeu Marah, tentando se concentrar. Parecia que um nevoeiro cinza se abatera sobre ela — só ela.

Ela não pertencia a este grupo de meninas que riam o tempo todo e sonhavam em se apaixonar e começar a faculdade e que achavam que suas mães eram rígidas demais.

Ela não era mais como elas, e, quando o dia terminou e elas voltaram para Seattle, o silêncio estranho no carro atestava a compreensão dessa verdade. Elas a levaram até o condomínio e se reuniram em torno de Marah na porta, mas agora todas sabiam que não havia mais o que dizer. Marah não sabia disso antes, mas amizades podiam morrer também. Ela não tinha forças para fingir ser a menina que elas conheciam.

— Sentimos sua falta — disse Coral, baixinho, e desta vez soava como um adeus.

— Também senti — disse Marah, e era verdade. Ela teria dado tudo para que aquilo ainda fosse verdade.

Quando elas foram embora, Marah caminhou de volta para o apartamento de Tully.

Ela encontrou a madrinha na cozinha, guardando a louça.

— Como foi?

Marah percebeu algo na voz de Tully, palavras que faziam muito sentido. Se não a conhecesse, pensaria que Tully tomara alguns drinques, mas era cedo demais para isso.

E, na verdade, Marah não se importava.

Ela só queria deitar na cama, se cobrir e dormir.

— Foi ótimo — disse ela. — Melhor do que ótimo. Mas estou cansada, então vou tirar uma soneca.

— *Não muito longa* — disse Tully. — Aluguei *O Jovem Frankenstein*.

Um dos filmes preferidos da mamãe.

Quantas vezes ela dissera “andar deste jeito” e fingira andar como Marty Feldman? E quantas vezes Marah revirara os olhos, impaciente com aquela velha piada?

— Ótimo. Ok — disse ela, indo para o quarto.

CAPÍTULO ONZE

— DIGA QUE NÃO É ISSO O QUE VAI VESTIR — disse Tully, quando Marah apareceu na sala de estar na noite de quarta-feira, vestindo uma calça jeans velha e uma blusa cinza grande demais.

— Hã? É terapia de grupo para jovens de luto — disse Marah. — Vamos encarar os fatos: se você foi convidado, a moda não é o maior dos seus problemas.

— Você se veste como uma mendiga desde que chegou aqui. Não quer causar uma boa impressão?

— Em adolescentes deprimidos? Não.

Tully se levantou e cruzou a sala para ficar diante de Marah. Ela levantou as mãos lentamente, pousando-as no rosto da menina.

— Tenho várias qualidades ótimas. Tenho alguns defeitos, admito, furos no tecido, mas em geral sou uma pessoa incrível. Não julgo as pessoas por nada além de suas ações, nem mesmo quando elas fazem coisas ruins; sei que é difícil ser humano. A questão é que amo você e não sou sua mãe nem seu pai. Não é meu trabalho cuidar para que você cresça e se torne uma adulta inteligente, bem-sucedida e ajustada. Meu trabalho é lhe contar histórias sobre a sua mãe quando você estiver preparada e amar você incondicionalmente. Eu devo lhe dizer o que sua mãe lhe diria, quando puder adivinhar o que ela diria. Geralmente fico encalhada nisso, mas desta vez é fácil. — Ela sorriu ternamente. — Você está se escondendo, menininha. Por trás dos cabelos sujos e das roupas largas. Mas eu vejo você e está na hora de voltar para nós.

Tully não deu a Marah tempo de responder. Em vez disso, pegou Marah pelas mãos e a levou pelo corredor até a suíte master e para o enorme armário embutido de Tully (que era um quarto — para se ter uma ideia do tamanho). Lá, Tully escolheu uma blusa justa branca com um decote e rendas ao redor do colarinho.

— Você vai vestir isto.

— Quem se importa?

Tully ignorou o comentário e tirou a blusinha do cabide.

— O triste é que eu achava que estava gorda quando vesti esta blusa. Agora não consigo abotoá-la. Aqui.

Marah pegou a blusa de Tully e entrou no banheiro. Ela não queria que Tully visse as cicatrizes.

Uma coisa era ouvir que Marah se cortava, outra era ver as cicatrizes na sua pele. O tecido branco era enganoso; ele parecia transparente, mas havia um forro cor de pele sob ele. Ao caminhar para o espelho, Marah mal se reconheceu. Sua magreza era acentuada pela blusa justa; ela a fazia parecer frágil e feminina. A calça jeans pendia de seus quadris magros. Ela se sentiu estranhamente nervosa ao voltar para o quarto.

Tully tinha razão: Marah estava se escondendo, apesar de não saber disso. Agora ela se sentia exposta.

Tully tirou o elástico dos cabelos pretos de Marah, deixando-os caírem livres.

— Você está maravilhosa. Todo menino na reunião vai ficar louco por você. Confie em mim.

— Obrigada.

— Não que nos importemos com o que os meninos da terapia pensam. Só estou dizendo.

— Sou uma menina em terapia — disse ela baixinho. — Louca.

— Você está triste, não louca. A tristeza faz sentido. Vamos, está na hora.

Marah seguiu Tully para fora do apartamento e para a recepção. Juntas, elas andaram pela First Street até a parte mais velha da cidade. Pioneer Square. Tully parou diante de um prédio de tijolinhos à vista que datava de antes do Grande Incêndio de Seattle.

— Quer que eu acompanhe você?

— Ah, meu Deus. Não. Aquele cara com delineador já acha que eu sou a Miss Suburbia. Tudo o que não preciso é de uma acompanhante.

— O cara da sala de espera? O Edward Mãos de Tesoura? E por que me importo com o que ele pensa?

— Só estou dizendo que seria vergonhoso. Tenho dezoito anos.

— Entendi. Certo. Talvez ele seja como o Johnny Depp sob toda aquela maquiagem. — Tully se virou para ela. — Então, você sabe

como voltar ao meu apartamento? São oito quarteirões pela First. O nome do porteiro é Stanley.

Marah fez que sim. Sua mãe jamais a deixaria sozinha nesta parte da cidade depois do escurecer.

Passando a bolsa com franjas de couro pelo ombro, Marah se afastou. O prédio diante dela era como muitas das estruturas antigas da Pioneer Square; o interior era escuro e o corredor era estreito e sem janelas. Uma única lâmpada pendia no alto, emanando uma luz escassa. Na recepção, um quadro estava cheio de pedaços de papel e aviso de reuniões do AA, cães perdidos, carros à venda e coisas do gênero.

Marah seguiu as escadas até um porão que cheirava vagamente a mofo.

Na porta fechada, na qual havia os dizeres GRUPO DE LUTO ADOLESCENTE, ela parou e quase deu meia-volta. Quem queria fazer parte *deste* grupo?

Ela abriu a porta e entrou.

Era uma sala enorme, bem iluminada por lâmpadas fluorescentes, com uma mesa numa das extremidades com cafeteira, xícaras e o que pareciam barraquinhas de comida de quermesse. Várias cadeiras de metal formavam um círculo no centro da sala. Uma caixa de lenços de papel ficava no chão, ao lado de cada cadeira.

Maravilha.

Já havia quatro pessoas ali, sentadas nas cadeiras. Marah olhou para os outros — pacientes? participantes? loucos? — em meio aos cabelos que caíam sobre seus olhos. Havia uma menina grande com a pele cheia de espinhas e cabelos oleosos que roía seu dedo com tanta força que parecia estar tentando abrir uma ostra. Ao lado dela estava uma menina tão magra que, se virasse de lado, desapareceria. Ela tinha um trecho careca na lateral da cabeça. Ao lado dela estava uma menina vestida toda de preto, com cabelos cor-de-rosa e piercings faciais o suficiente para jogar o jogo da velha. Ela se afastava de um menino com óculos de chifre ao lado dela, que estava brincando com seu telefone.

A Dra. Bloom estava sentada no círculo também, usando calça azul-escura e uma blusa com gola rulê cinza. Neutra como a Suíça.

Marah não se deixava enganar: não havia nada de casual no modo como a Dra. Bloom a olhava.

— Estamos felizes que você pôde se juntar a nós, Marah. Não estamos, grupo? — disse a Dra. Bloom.

Algumas das pessoas deram de ombros. A maioria nem se deu ao trabalho de olhar.

Ela se sentou ao lado da gordinha. Marah mal havia ocupado seu lugar quando a porta se abriu e Paxton entrou. Como antes, ele estava vestido como um gótico, com calça jeans preta, botas desamarradas e uma camiseta preta que mal se ajustava a seu corpo. Havia palavras tatuadas em sua clavícula e dando a volta por sua garganta. Marah desviou o olhar rapidamente.

Ele se sentou diante de Marah, perto da menina com cabelos cor-de-rosa.

Marah esperou contar até cinquenta para olhar para ele novamente.

Ele a estava encarando, sorrindo como se pensasse que Marah estava a fim dele. Ela revirou os olhos e desviou o olhar.

— Bom, são sete horas, então podemos começar — disse a Dra. Bloom. — Como vocês veem, temos um novo membro, Marah. Quem gostaria de fazer as apresentações?

Todos desviaram o olhar e roeram as unhas e deram de ombros. Por fim, a Menina dos Cabelos Cor-de-rosa disse: — Ah, que droga. Sou Ricki. Mãe morta. A gorda é a Denise. A avó dela tem doença de Parkinson. O Todd não fala há quatro meses, então não sabemos qual é o problema dele. A Elisa parou de comer depois que o pai dela se matou. E o Pax está aqui por ordem judicial. Irmã morta. — Ela olhou para Marah. Qual é a sua história?

Marah sentiu todos olhando para ela.

— Eu... Eu...

— O Sr. Jogador de Futebol não convidou você para o baile de formatura — disse a gorda, rindo da própria piada.

Alguns outros também riram.

— Não estamos aqui para julgarmos uns aos outros — disse a Dra. Bloom. — Vocês todos sabem como isso dói, não é?

Isso os calou.

— Cortadora — disse Pax. Ele se sentava largado na cadeira, um dos braços apoiado na cadeira da Menina de Cabelos Cor-de-rosa e uma perna cruzada sobre a outra. — Mas por quê?

Marah levantou os olhos, raivosa.

— Paxton — disse a Dra. Bloom. — Este é um grupo *de apoio*. A vida é difícil. Todos aprendemos isso cedo demais. Cada um de nós vivenciou uma perda profunda e sabe como pode ser difícil continuar quando um ente querido morreu ou alguém encarregado de cuidar de você traiu a confiança sagrada.

— Minha mãe morreu — acabou dizendo ela.

— Quer falar sobre ela? — perguntou a Dra. Bloom.

Marah não conseguia desviar o olhar de Paxton. Seu olhar dourado a deixava perplexa.

— Não.

— Quem iria querer? — disse ele.

— Que tal você, Paxton? — perguntou a Dra. Bloom. — Tem algo que você queira compartilhar com o grupo?

— Não sofrer nunca seria nunca ser abençoado — disse ele, dando de ombros.

— Ora, Paxton — disse a Dra. Bloom —, já conversamos sobre se esconder sob as palavras de outras pessoas. Você tem quase vinte e dois anos. É hora de encontrar sua própria voz.

Vinte e dois.

— Você não quer ouvir o que tenho a dizer — disse Paxton. Apesar de desleixado e de parecer desinteressado quanto a todos ao seu redor, seus olhos continham uma intensidade que era dissonante e quase assustadora.

Ordem judicial.

Por que o tribunal obrigaria alguém a uma terapia de grupo?

— Ao contrário, Paxton — disse a Dra. Bloom. — Você vem aqui há meses e não falou sobre sua irmã uma só vez.

— E nem vou falar — disse ele, olhando para suas unhas pretas.

— O tribunal...

— Pode me obrigar a vir, mas não pode me fazer falar.

A Dra. Bloom calou-se, em desaprovação.

Ela encarou Paxton por um longo momento e depois sorriu de novo, voltando ligeiramente sua atenção para a Menina Graveto.

— Elisa, talvez você queira nos falar mais sobre como comeu nesta semana...

Uma hora mais tarde, como que ao soar de um alarme secreto, os meninos levantaram-se de seus assentos e saíram correndo da sala. Marah não estava preparada.

Ao se inclinar para pegar a bolsa do chão e se levantar, apenas a Dra. Bloom ainda estava lá.

— Espero que não tenha doído tanto — disse a terapeuta, aproximando-se dela. — Começos são difíceis.

Marah olhou para a porta aberta.

— Não. Tudo bem. Quero dizer, sim. Obrigada. Foi ótimo.

Marah mal podia esperar para sair daquela sala que cheirava a biscoitos velhos e café queimado. Ela correu para fora e de repente parou. As ruas estavam cheias. Nesta noite de quarta-feira de junho, a Pioneer Square estava cheia de turistas e nativos. A música tocava em tavernas e bares.

Paxton surgiu do escuro ao lado dela; ela o ouviu respirar numa fração de segundo antes de vê-lo.

— Você estava esperando por mim — disse ele.

Ela riu.

— Claro, porque caras maquiados me deixam louca.

Marah se virou para encará-lo.

— Você é que estava esperando por mim.

— E se estivesse?

— Por quê?

— Você teria que vir comigo para descobrir. — Ele estendeu sua mão.

Na luz amarelada do poste, ela viu sua mão pálida e os dedos longos... e cicatrizes que corriam como um sinal de igual em seu pulso.

Marcas de cortes.

— Agora você está com medo — disse ele.

Ela fez que não.

— Mas você é uma menininha boazinha dos subúrbios.

— Eu costumava ser. — Ao dizer estas palavras, ela sentiu a pressão sobre seu peito se aliviar um pouco. Talvez pudesse mudar, se tornar uma versão diferente de si mesma; e, talvez, se o fizesse, não doesse tanto olhar no espelho e ver o sorriso da sua mãe.

— Marah? Paxton? — A Dra. Bloom apareceu na calçada ao lado deles. Marah sentiu uma estranha tristeza, como se uma bela oportunidade se perdesse.

Marah sorriu para a terapeuta. Quando se virou, Paxton havia desaparecido.

— Tome cuidado — disse a Dra. Bloom, acompanhando o olhar de Marah pela rua, para onde Paxton estava, nas sombras entre dois prédios, fumando um cigarro.

— Ele é perigoso?

Demorou um tempo antes de a Dra. Bloom se manifestar.

— Não posso responder a isso, Marah. Assim como não responderia a uma pergunta semelhante sobre você. Mas vou lhe perguntar uma coisa: você está olhando para ele *porque* acha que ele é perigoso? Esse tipo de comportamento pode ser arriscado para uma menina numa situação vulnerável.

— Não estava olhando para ele — disse Marah.

— Não — disse a Dra. Bloom. — Claro que não.

Com isso, Marah recolocou a bolsa sobre o ombro e rumou para casa. No caminho de volta para o apartamento de Tully ela achou ter ouvido passos atrás de si, mas todas as vezes que se virava a calçada estava vazia.

A caminho da cobertura, Marah encarou seu reflexo nas paredes espelhadas do elevador. Durante toda a sua vida lhe disseram que ela era bonita e, na maior parte da sua adolescência, fora isso o que ela quisera ouvir. Nos anos AC — antes do câncer — ela passava horas estudando seu rosto, maquiando-se e arrumando seus cabelos para que garotos como Tyler Britt a notassem. Mas, DC, tudo mudara.

Agora tudo o que ela via era o sorriso da sua mãe e os olhos de seu pai, e isso transformava cada olhar no espelho em algo doloroso.

Agora, porém, ela via como tinha ficado magra e pálida nos vinte meses que seguiram desde a morte de sua mãe. A expressão melancólica em seu olhar a deprimia. Se bem que tudo a deixava deprimida ultimamente.

No último andar, ela saiu do elevador e foi para o apartamento de Tully. Destrancando a porta, Merah entrou na sala de estar.

Tully estava lá, andando de um lado para o outro diante da parede de vidro que dava para a cidade à noite. Ela tinha uma taça de vinho na mão e falava ao telefone, gritando, na verdade, dizendo: — *Celebrity Apprentice?* Está *brincando* comigo? Não posso ter chegado tão fundo. — Ela se virou, viu Merah e sorriu. — Ah, Merah. — Ela riu e disse: — Tenho que ir, George — e desligou o telefone.

Jogando-o no sofá, ela recebeu Merah com os braços abertos e a abraçou forte.

— Bom, como foi? — disse, finalmente, recuando.

Marah sabia o que se esperava dela. Ela deveria dizer: *Foi ótimo, maravilhoso, perfeito. Me sinto bem agora*, mas não conseguia. Merah abriu a boca, mas nada saiu.

O olhar de Tully se estreitou, transformando-se naquela expressão de jornalista-diante-de-uma-história que Merah já vira antes.

— Chocolate quente — disse ela, levando Merah para a cozinha.

Tully preparou duas xícaras de chocolate quente com creme e levou-as para o quarto de hóspedes.

Assim como fazia quando era pequena, Merah subiu na cama. Tully fez o mesmo.

Elas se deitaram contra a cabeceira de seda cinza. Uma enorme janela emoldurava a paisagem de Seattle, que brilhava em vibrantes tons de néon contra o céu estrelado.

— Então, me conte tudo — disse Tully.

Marah deu de ombros.

— Os garotos do grupo são bem confusos.

— Acha que vai ajudar você?

— Não. Nem quero me consultar com a Dra. Bloom de novo. Podemos cancelar a consulta de amanhã? Quero dizer, qual é o sentido?

Tully bebericou o chocolate quente e depois colocou a xícara na mesinha de cabeceira.

— Não vou mentir para você, Marah — disse ela, finalmente. — Conselhos de relacionamento no mundo real nunca foram o meu forte, mas talvez se eu tivesse aprendido a lidar com as coisas na sua idade não seria tão confusa como sou agora.

— Você realmente acha que conversar com uma estranha e me sentar com um bando de loucos num porão mofado vai me ajudar? — Assim que disse “loucos”, ela pensou no cara, Paxton, e na forma como ele a olhava.

— Talvez.

Marah olhou para Tully.

— Mas é terapia, Tully. Terapia. E eu... não consigo falar sobre ela.

— Pois é — disse Tully. — Eis a questão, mocinha. Sua mãe me pediu para cuidar de você e é o que vou fazer. Fui a melhor amiga dela desde a época de David Cassidy até os anos do segundo George Bush. Ela é a voz na minha mente. E sei o que ela diria agora.

— O quê?

— Não desista, menininha.

Marah ouviu a voz de sua mãe naquelas palavras. Ela sabia que Tully tinha razão — era o que sua mãe diria agora —, mas ela não tinha forças o bastante para tentar. E se tentasse e fracassasse? O que aconteceria, então?

No dia seguinte, seu pai chegaria. Marah não parava de andar de um lado para o outro. Ela roeu suas unhas até tirar sangue.

E, então, finalmente, lá estava ele, entrando no belo apartamento de Tully, lançando um sorriso hesitante para Marah.

— Oi, papai. — Ela deveria se sentir feliz, mas vê-lo a fazia pensar na sua mãe e em tudo o que perderam. Não era de admirar que ela estivesse infeliz havia tanto tempo.

— Como você está? — perguntou ele, aproximando-se devagar, até abraçá-la.

O que ela deveria dizer? Ele queria uma mentira. *Estou bem.* Marah olhou para Tully, que estava estranhamente quieta.

— Melhor — disse ela finalmente.

— Encontrei alguém em Los Angeles, um médico especializado em adolescentes com problemas — disse o pai. — Ele pode ver você na segunda-feira.

— Mas tenho minha segunda consulta com a Dra. Bloom hoje — disse Marah.

— Eu sei, estou feliz que ela tenha podido ajudar, mas você precisa ver alguém regularmente — disse ele. — Em casa.

Marah sorriu tremulamente. Se ele soubesse como ela se sentia vulnerável, isso apenas o magoaria mais. Mas de uma coisa Marah tinha certeza: ela não voltaria para Los Angeles com ele.

— Gosto da Dra. Bloom — disse ela. — E o grupo é meio caído, mas não me importo.

O papai franziu a testa.

— Mas ela está em Seattle. Este médico em LA...

— Quero ficar aqui durante o verão, papai. Morar com a Tully. Gosto da Dra. Bloom. — Ela olhou para Tully, que parecia aturdida. — Posso passar o verão aqui? Vou continuar me consultando com a Dra. Bloom duas vezes por semana. Talvez isso ajude.

— Está brincando comigo — disse o pai. — A Tully não é sua dama de companhia.

Marah insistia. De repente, ela estava certa: era isso o que queria.

— Não tenho mais onze aninhos, papai. Tenho dezoito anos e vou começar na UW em setembro, de qualquer forma. Assim, vou ser capaz de fazer novos amigos e de ver minhas velhas amigas. — Ela se aproximou dele. — Por favor.

— Eu acho... — disse Tully — Sei o que você acha — atacou o pai. — Foi você quem achou que era perfeitamente normal que ela fosse a um show do Nine Inch Nails quando ela tinha quatorze anos. Você também aconselhou que ela trabalhasse como modelo em Nova York quando ela estava na oitava série.

Marah levantou os olhos para ele.

— Preciso de um pouco de distância, papai.

Ela percebeu a guerra se deflagrando dentro dele — ele não estava preparado para deixá-la, mas via que ela queria isso. Talvez fosse disso que ela precisava.

— Esta é uma má ideia — disse ele para Tully. — Você não consegue nem mesmo manter as plantas vivas. E não sabe nada sobre crianças.

— Ela é adulta — disse Tully.

— Por favor, papai? *Por favor.*

Ele suspirou.

— Droga.

Foi então que ela soube. Estava feito. O pai olhou para ela.

— Pedi demissão em LA. Vamos voltar para a casa em Bainbridge Island em setembro. Era uma surpresa. Queremos viver aqui enquanto você estiver na UW.

— Isto é ótimo — disse ela, sem se importar de verdade.

Ele olhou para Tully.

— É melhor você tomar conta da minha filhinha, Tully.

— Como se fosse minha própria filha, Johnny — disse Tully solenemente.

Estava feito.

Uma hora mais tarde, Marah se sentava na poltrona no consultório da Dra. Bloom.

Ela ficou olhando para o ficus no canto por pelo menos dez minutos, enquanto a Dra. Bloom escrevia algo num papel.

— O que você está escrevendo? Lista de compras? — perguntou Marah, olhando suas mãos.

— Não é uma lista de compras. O que você acha que estou escrevendo?

— Não sei. Mas, se não vamos conversar, por que estou aqui?

— Sua voz é o que importa aqui, Marah. E você sabe que pode muito bem ir embora.

— A Tully e meu pai estão lá fora.

— E você não quer que eles saibam que você não está comprometida com a terapia. Por quê?

— Você só faz perguntas?

— Faço muitas perguntas. Pode ajudar a guiar seus pensamentos. Você está deprimida, Marah. Você é inteligente o bastante para saber disso e está se cortando. Não acho que seja má ideia você pensar no porquê disso.

Marah levantou os olhos.

O olhar da Dra. Bloom era fixo.

— Realmente gostaria de ajudar, se você me deixar. — Ela fez uma pausa. — Você quer ser feliz novamente?

Marah queria tanto que se sentiu enjoada. Ela queria ser a menina que costumava ser.

— Me deixe ajudar.

Marah pensou nas redes de cicatrizes em suas coxas e braços, em como aquilo a fascinava, e na beleza vermelha do seu sangue.

Não desista, menininha.

— É — disse ela. Assim que a palavra foi dita, ela sentiu uma pontada de ansiedade no estômago.

— É um começo — disse a Dra. Bloom. — E agora seu horário acabou.

Marah se levantou e seguiu a Dra. Bloom para fora do consultório. Na sala de espera, viu primeiro seu pai. Ele estava sentado no sofá ao lado de Tully, folheando uma revista sem olhar as páginas. Ao vê-la, ele se levantou.

Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, foi a Dra. Bloom que disse: — Podemos conversar, Sr. Ryan? No meu consultório?

— Vou também — disse Tully. E assim, num piscar de olhos, eles se foram e Marah ficou sozinha na sala de espera. Ela olhou de volta para a porta fechada. O que a terapeuta estava lhes dizendo? A Dra. Bloom prometera a Marah que suas sessões seriam privadas. *Você tem dezoito anos, dissera ela, uma adulta. Nossas sessões são somente nossas.*

— Ora, ora, ora.

Ela se virou lentamente.

Paxton estava apoiado contra a parede, de braços cruzados. Ele estava todo de preto novamente, e um colete vintage pendia sobre seu peito pálido, a gola revelando uma tatuagem que dava a volta em sua clavícula e pescoço. Ela dizia: *Você não vai se juntar a mim em minha lenta descida até a loucura?*

Ela ficou olhando para as palavras enigmáticas enquanto ele se aproximava.

— Andei pensando em você. — Ele tocou de leve sua mão, uma carícia. — Você sabe como se divertir, menina dos subúrbios?

— Como o quê? Sacrifícios de animais?

O sorriso dele era lento e sedutor. Ninguém a olhara com tanta intensidade, como se ela fosse saboreada.

— Me encontre amanhã à noite, à meia-noite.

— Meia-noite?

— A hora das bruxas. Aposto como você só se encontrava com meninos bonzinhos em matinês e festas à beira da piscina.

— Você não sabe nada a meu respeito.

Ele sorriu lentamente, encarando-a. Ela podia sentir como ele estava seguro de si e dela.

— Me encontre.

— Não.

— Toque de recolher, hein? Pobre menina rica. Tudo bem, então. Vou esperar você nas colunas da Pioneer Square.

As colunas da Pioneer Square? Onde os mendigos dormiam à noite e pediam cigarros para os turistas?

Ela ouviu a porta se abrindo atrás de si.

Seu pai estava dizendo: — Obrigado, Dra. Bloom.

Marah se afastou de Paxton. Ele riu baixinho, com um pouco de crueldade, de seu movimento, por isso ela ficou imóvel.

— Marah — disse seu pai ríspidamente.

Ela sabia o que ele estava vendo: a filha antes perfeita e bela conversando com um jovem usando maquiagem e correntes. As mechas do cabelo de Paxton eram quase néon sob a luz forte do consultório.

— Este é o Paxton — disse Marah para seu pai. — Ele está na minha terapia de grupo.

O pai mal olhou para Paxton.

— Vamos — disse ele, pegando-a pela mão e levando-a para fora do consultório.

CAPÍTULO DOZE

NAQUELA NOITE, DEPOIS DE UM LONGO e cansativo dia no qual seu pai tentara de várias maneiras mudar sua ideia sobre ficar em Seattle, Marah se deitou na cama, olhando para o teto. Ela finalmente o convencera a deixá-la ficar com Tully durante o verão, mas preparara várias regras de comportamento.

Só de pensar nelas Marah tinha dor de cabeça. Ela não pudera deixar de sentir alívio quando ele fora embora.

No dia seguinte, ela e Tully agiram como turistas, aproveitando a bela tarde de verão à beira d'água.

Mas, quando a noite caiu e Marah foi para a cama sozinha, ela se percebeu pensando em Paxton.

Me encontre. Meia-noite.

Ao lado dela, o alarme digital avançava pelos minutos com um sussurrado *tique-tique-tique*. Ela olhou de lado.

11h39.

11h40.

11h41.

Vou esperar por você nas colunas.

Ela não conseguia tirar aquela promessa da sua mente.

Marah estava intrigada com Paxton. Por que não admitir? Ele era diferente dos outros caras que ela conhecera. Em sua presença, ela se sentia de algum modo desafiada, *vista*, viva.

Era loucura.

Ele era louco. E provavelmente perigoso.

E Deus sabia como ela estava arrasada; não precisava de mais perigo. Mamãe o odiaria.

11h42.

Quem marca um encontro à meia-noite?

Góticos e drogados, e talvez estrelas do rock.

Ele não era estrela do rock, embora pudesse se passar por uma.

11h43.

Marah se sentou.

Ela ia encontrá-lo. Ao tomar essa decisão, soube que ela sempre estivera presente, talvez desde que ele pedira para que ela o encontrasse. Marah saiu da cama e se vestiu.

Ela escovou os dentes e usou maquiagem pela primeira vez em meses. Depois saiu do quarto, desligando as luzes e fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Sombras cresciam pelos móveis no escuro; para além delas, Seattle à noite era um caleidoscópio de luzes coloridas e céu escuro. A porta do quarto de Tully estava fechada; não havia luz sob ela.

11h49.

Pegando sua bolsa e guardando seu celular no bolso de trás, ela começou a sair do apartamento. No último minuto, ela parou e rabiscou um bilhete rápido — *Encontrando Paxton na Pioneer Square* — e correu para colocá-lo sob o travesseiro. Só para o caso de a polícia precisar de um lugar onde começar a procurar.

Ela saiu do apartamento e entrou no elevador. Na recepção, abaixou a cabeça e andou rapidamente pelo piso de mármore.

Logo estava fora do prédio, sozinha na calçada. E começou a caminhar.

A Pioneer Square estava agitada mesmo àquela hora. Tavernas e bares com pessoas que entravam e saíam. De vez em quando a música preenchia o ar noturno. Aquele era o bairro pobre original, batizado na época em que grandes troncos deslizavam pela Yesler Street rumo à água. Agora era um paraíso para mendigos e os atraídos pelas casas noturnas e bares de jazz — a vida no escuro.

As colunas eram um ponto turístico: uma treliça preta de ferro na esquina da First com a James. Sob elas, os sem-teto deitavam em bancos, cobertos com jornais e reunidos em grupos para fumar e conversar.

Ela viu Paxton antes de ele a ver. Ele estava encostado num dos postes, com um bloco de papel nas mãos. Estava escrevendo algo quando ela disse: — Oi.

Ele levantou os olhos.

— Você veio — disse ele, e algo em sua voz — ou no seu olhar — a fez perceber o quanto ele a queria ali. Ele não tinha tanta certeza sobre ela quanto Marah pensava.

— Não tenho medo de você — disse ela, firmemente.

— Eu tenho medo de você — respondeu ele, direto.

Marah não tinha ideia do que ele queria dizer com aquilo, mas se lembrou de sua mãe contando sobre a primeira vez que beijara o papai. *Ele disse que tinha medo de mim*, dissera a mamãe. *Ele não sabia, mas já estava apaixonado por mim*.

Paxton lhe estendeu a mão.

— Está preparada, menina dos subúrbios?

Ela pegou sua mão.

— Estou, garoto do delineador.

Ele a guiou pela rua até um ônibus sujo.

A verdade — que ela nunca lhe contaria — é que ela nunca estivera num ônibus comum antes. No interior iluminado e cheio, eles ficaram juntos, encarando-se.

Ele a deixava perplexa, eletrificada de uma maneira como Marah jamais se sentira antes. Ela tentou pensar em algo para dizer, mas não estava pensando direito. Quando saíram do ônibus, ele a guiou para o mundo maravilhoso da Broadway à noite. Ela havia nascido em Seattle e fora criada numa ilha que se via da cidade, e, mesmo assim, havia um mundo sobre o qual ela não sabia nada, uma versão brilhante e divertida de néon que se escondia nas sombras e lacunas de Seattle depois do anoitecer. No universo de Paxton, havia caminhos escuros e bares sem janelas e drinques que lançavam uma névoa quando você os segurava na mão e crianças que viviam nas ruas.

Dali, pegaram outro ônibus e, desta vez, quando desceram, Seattle estava distante, uma coroa brilhante contra o céu noturno, do outro lado da água escura. Havia apenas alguns postes para iluminar a paisagem.

O terreno diante dela se prolongava pela colina; no fim, um monstro enferrujado espreitado por ondas escuras. Gas Works Park.

Ela o reconhecia agora. A atração daquele parque era a velha fábrica da virada do século. Eles vieram aqui uma vez numa visita da escola. Paxton segurou sua mão e a guiou pela grama até uma parte secreta da estrutura.

— Estamos cometendo um crime? — perguntou Marah.

— Você se importa? — perguntou ele.

— Não. — Um pequeno arrepio se apossou dela. Ela nunca fizera nada de errado. Talvez fosse hora de mudar isso.

Ele a levou para um lugar oculto dentro da estrutura de metal enferrujado, depois pegou uma caixa de papelão de um esconderijo e preparou um lugar para eles se sentarem.

— Isto está sempre aí? — perguntou ela.

— Não. Eu o pus aqui para nós.

— Como você...

— Eu sabia — disse ele, encarando-a de uma maneira que aqueceu seu sangue. — Já tomou absinto? — Ele pegou equipamentos suficientes para um experimento científico.

Ela tremeu. O medo dançava ao seu redor, ferindo e espetando, e ela pensou:

“Ele é perigoso”, e ela sabia que deveria ir embora naquele momento, antes que fosse tarde demais. Mas não conseguia.

— Não. O que é?

— Magia engarrafada.

Ele dispôs copos e várias garrafas e depois realizou uma espécie de ritual, com colheres e cubos de açúcar e água. Enquanto o açúcar se dissolvia no líquido, o absinto mudava de cor, transformando-se num verde esfumado e leitoso.

Ele lhe estendeu o copo.

Marah o encarou.

— Confie em mim.

Ela não deveria. Mas levou lentamente o copo aos lábios e bebericou.

— Ah — disse ela, surpresa. — Tem gosto de alcaçuz preta. Doce.

Enquanto ela bebia, a noite parecia despertar. A brisa soprava os cabelos para a frente dos olhos, ondas quebravam na praia e o metal enferrujado da fábrica abandonada rangia e resmungava.

Ela estava tomando o segundo copo de absinto quando Paxton pegou sua mão e a virou para cima.

Traçando as linhas da palma da mão, ele deixou seus dedos se moverem para cima, ao longo da pele sensível da parte interna do braço até a primeira cicatriz.

— O sangue pode ser belo, purificador. E a dor dura apenas um segundo — um belo segundo — e desaparece.

Marah respirou fundo. O absinto a estava relaxando, deixando-a leve, e ela não tinha certeza do que era real até que olhou para Paxton, encarou seus olhos dourados e pensou: “Ele sabe”. Finalmente alguém que a compreendia.

— Quando você começou?

— Depois que minha irmã morreu.

— O que aconteceu? — perguntou ela baixinho.

— O como não importa — disse ele, e isso ecoou nela, profunda e claramente. As pessoas sempre perguntavam o que acontecera à sua mãe, como se importasse se ela morrera de câncer ou acidente de carro ou ataque cardíaco. — Eu a segurei enquanto ela morria, isso é o que importa, e os observei enterrá-la.

Marah se esticou e pegou sua mão.

Paxton a olhou, surpreso, como se tivesse esquecido que ela estava ali.

— As últimas palavras dela foram: “Não desista de mim, Pax”. Mas tive que desistir.

— Ele respirou fundo. Depois, bebeu seu absinto de um gole só.

— Foram as drogas que a mataram. Minhas drogas. Foi por isso que o tribunal ordenou a terapia. Era isso ou a prisão.

— Seus pais?

— Eles se divorciaram por causa disso. Nenhum dos dois consegue me perdoar, e por que deveriam?

— Você sente falta deles?

Ele deu de ombros.

— Que diferença faria?

— Então você não era... — Ela meneou a cabeça diante do olhar dele, envergonhada com sua pergunta, mas intrigada. Nunca lhe ocorrera que ele fora diferente, um aluno normal de escola secundária.

— Eu precisava de uma mudança — disse ele.

— Ajudou?

— Ninguém pergunta como estou, exceto a Dra. Bloom, e ela não se importa de verdade.

— Você tem sorte. Todos me perguntam como estou indo, mas eles não querem mesmo saber.

— Às vezes você só quer ficar sozinho.

— Exatamente — disse ela, sentindo uma conexão. Paxton a *conhecia*, a via. Ele compreendia.

— Nunca disse isso a ninguém antes — disse ele, olhando-a com uma bela vulnerabilidade. Será que ela era a única a ver como ele estava ferido? — Você está aqui para deixar seu pai furioso? Porque...

— Não. — Marah queria acrescentar: *Quero ser outra pessoa também*, mas isso soaria estúpido e infantil.

Paxton tocou sua face, e seu toque era o mais suave que já havia sentido.

— Você acredita em amor à primeira vista?

— Agora, sim — disse ela.

Este momento pareceu incrivelmente solene. Ele se aproximou lentamente, tão devagar que Marah sabia que ele esperava que ela o afastasse, mas ela não podia. Naquele momento, nada importava exceto a maneira como Paxton a olhava. Ela fora fria e morta até aquele segundo; ele lhe devolvera a vida.

Marah não se importava se ele era perigoso, usava drogas ou não era confiável. Essa sensação, essa vida, valia a pena o risco.

O beijo foi tudo o que ela sonhava que um beijo seria.

— Vamos ficar chapados — murmurou ele, seus lábios contra os dela. — Isso vai fazer você se esquecer de tudo.

Ela queria. Precisava. Só precisava de um incentivo mínimo.

3 de setembro de 2010

13h16

Ping. Comissários, por favor assumam seus lugares.

Marah deixou para trás as memórias e abriu os olhos. A vida real voltou com uma vingança: era 2010. Ela tinha vinte anos e estava

num avião, voando para Seattle para ver Tully, que se envolvera num acidente de carro e talvez não sobrevivesse.

— Você está bem?

Pax.

— Eles não amam você, Marah. Não como eu. Se amassem, teriam respeitado suas escolhas.

Ela ficou olhando pela janelinha do avião enquanto ele pousava e taxiava até o terminal. Um homem em trajes alaranjados guiava o avião até o ponto de desembarque. Ela se afastou para olhá-lo, a visão borrada, até que tivesse uma imagem fantasmagórica do seu próprio rosto na janela. Pele clara, cabelos rosa, cortados com uma lâmina e caindo pelas orelhas, e olhos ressaltados com delineador.

Uma sobancelha com piercing.

— Graças a Deus — disse Paxton, ao poder abrir o cinto de segurança. Ele abriu seu cinto e pegou seu saco de papel de debaixo do banco diante dele. Marah fez o mesmo.

Ao caminharem pelo terminal, Marah segurava a bolsa manchada que continha suas posses. As pessoas olhavam para eles e rapidamente desviavam o olhar, como se o que quer que tivesse transformado dois adolescentes em fantasmas pudesse ser contagioso.

Fora do terminal, fumantes se reuniam sob a marquise, soltando fumaça, enquanto um alto-falante lembrava a eles de que aquela era uma área de não fumantes.

Marah desejou ter dito ao pai em que voo estavam.

— Vamos pegar um táxi — disse Paxton. — Você acabou de receber, não?

Marah hesitou. Paxton parecia não compreender a verdade sobre a situação financeira deles. Seu trabalho de salário mínimo não lhes permitia luxos como uma corrida de táxi até Seattle partindo de SeaTac.

Droga, ela tivera de vender sua alma por dinheiro para evitar o despejo este mês (*Não pense nisso, não agora*), e era a única entre os cinco ocupantes da casa que tinha um emprego de verdade.

Leif vendia maconha para viver e Mouse pedia esmolas. Ninguém queria saber o que Sabrina fazia, mas ela era a única que parecia ter

dinheiro. Paxton era criativo demais para manter um emprego fixo — atrapalhava na escrita de suas poesias, e este era o futuro deles.

Mas, quando ele vendesse seus poemas, ficariam ricos.

Ela podia ter dito não para o táxi, mas ultimamente era fácil demais deixá-lo irritado.

Vender sua poesia não era tão fácil quanto ele pensava e a verdade o incomodava.

Marah tinha de assegurá-lo constantemente de seu talento.

— É — disse ela.

— Além disso, o papaizinho vai lhe dar dinheiro — disse ele, e não pareceu infeliz com a ideia. Isso a confundia. Paxton queria que eles não tivessem nada a ver com a família dela. Então, por que estava tudo bem em receber dinheiro deles?

Eles entraram num táxi e se ajeitaram no banco traseiro.

Marah deu o nome do hospital e depois se recostou em Pax, que a abraçou. Ele imediatamente abriu seu exemplar velho de *Nas Montanhas da Loucura*, de Lovecraft, e começou a ler.

Vinte e cinco minutos mais tarde, o carro estacionou repentinamente diante do hospital.

Chovia, uma daquelas chuvas fracas e inconsistentes de setembro, que iam e vinham.

Diante dela, o hospital era uma grande estrutura contra o céu cinzento.

Eles entraram na recepção bem iluminada e Marah parou de repente. Quantas vezes passara por esta recepção em sua vida?

Vezeas demais. E nenhuma delas fora feliz.

Sente comigo durante a química, queridinha. Me conte sobre o Tyler...

— Você não tem que fazer isso — disse Pax, parecendo um pouco irritado. — É a sua vida, não a deles.

Ela tentou pegar sua mão, mas ele se afastou. Marah entendia: Paxton queria que ela soubesse que ele não queria estar ali.

Quando se tratava da família dela, ele podia estar ao seu lado, mas Marah estava sozinha.

No quarto andar, eles saíram do elevador e passaram por uma recepção bege bem iluminada rumo à UTI. Um lugar que ela

conhecia bem.

Marah viu seu pai e sua avó na sala de espera. O papai levantou os olhos e a viu. Ela diminuiu o passo, sentindo-se ao mesmo tempo frágil e rebelde na presença dele.

Ele se levantou lentamente. Seu movimento deve ter alertado a vovó Margie, porque ela se levantou também. A vovó franziu a testa — sem dúvida por causa da maquiagem pesada de Marah e seus cabelos cor-de-rosa.

Marah teve de se obrigar a continuar caminhando. Ela não via seu pai havia muito tempo; estava surpresa por ele parecer tão velho.

A vovó Margie se aproximou e puxou Marah num abraço apertado.

— Pode ser difícil voltar para casa. Que bom.

A vovó se afastou e encarou Marah em meio a olhos cheios de lágrimas. Ela parecia mais magra desde que Marah a vira, magra o bastante para ser soprada pelo vento.

— O vovô está em casa, cuidando dos seus irmãos. Ele mandou dizer que ama você.

Seus irmãos. Marah ficou engasgada ao pensar neles. Ela não tinha percebido o quanto sentia falta deles.

Os cabelos do pai estavam mais grisalhos do que ela se lembrava. A barba de um dia escurecia sua mandíbula. Ele estava vestido como uma velha estrela do rock, com uma camiseta do Van Halen e uma calça Levi's bem usada.

Ele se aproximou, movimentando-se com estranheza, e a puxou para um abraço.

Quando a soltou e recuou, ela sabia que ambos estavam pensando na última vez em que estiveram juntos. Marah e o papai e Tully e Paxton.

— Não posso ficar muito tempo — disse Marah.

— Você tem algo importante a fazer?

— Ainda nos julgando — disse Pax. — Grande surpresa.

O papai parecia determinado a não olhar para Pax, como se ignorar o namorado dela pudesse alterar o fato de sua existência.

— Não quero entrar nesta discussão novamente. Você está aqui para ver sua madrinha. Quer vê-la?

— Sim — disse Marah.

Por trás dela, Paxton fez um som que ela conhecia bem, um bufo de desprezo.

Quantas vezes ele lhe lembrara que sua família não a aceitava a não ser que Marah fosse a Menina Boazinha que fazia tudo o que eles queriam e tivesse certa aparência? E o pai não havia provado a verdade disso no último mês de dezembro?

Isso não é amor, disse Pax. *Eles não amam você de verdade, e qual é o propósito de tudo o mais? Sou o único que ama você pelo que é.*

— Vamos — disse o pai. — Vou levar você até ela.

Marah se virou para Paxton.

— Você...?

Ele fez que não. Claro que ele não queria ir. Paxton odiava qualquer tipo de fingimento. E ele não podia fingir se importar com a saúde de Tully. Isso seria desonesto.

Uma pena; ela bem que podia ter uma mão para segurar agora.

Ela e o pai andaram pelo corredor. Havia pessoas ao redor deles, indo e vindo. Enfermeiras e médicos e serventes e visitantes, todos sussurrando. As conversas mudas enfatizavam o silêncio entre Marah e seu pai.

Fora do quarto envidraçado da UTI, ele parou e se voltou para ela.

— Ela está mal. Você precisa se preparar.

— Você não pode se preparar para as merdas que a vida joga na sua cara.

— Sabedoria de Paxton Conrath, aposto.

— Papai...

Ele se conteve.

— Desculpe. Mas você *pode* se preparar. Ela não está bem. Os médicos diminuíram a temperatura corporal e a colocaram em coma induzido na esperança de que o inchaço no cérebro diminua. Um dreno deve ajudar. Eles raspam a cabeça dela e ela está toda enfaixada, então se prepare. Os médicos acham que ela pode nos ouvir. Sua avó passou duas horas hoje falando de quando a Tully e sua mãe eram crianças.

Marah fez que sim e se aproximou da porta.

— Querida?

Ela parou, se virou.

— Desculpe pelo que aconteceu em dezembro.

Marah o encarou, vendo remorso em seus olhos — e amor —, e aquilo a afetou tão profundamente que tudo o que ela conseguiu fazer foi murmurar: — Acontece.

Ela não podia pensar nele — e neles — agora. Virando-se, foi para a UTI e fechou a porta atrás de si.

O clique da porta a fez retroceder no tempo. De repente ela tinha dezesseis anos novamente, entrando no quarto de hospital da sua mãe. *Venha aqui, querida, não vou quebrar. Você pode segurar minha mão...*

Marah se livrou da lembrança e se aproximou da cama. O ambiente era frio e pequeno e cheio de máquinas que faziam vários barulhos. Mas tudo o que ela viu foi Tully.

Sua madrinha parecia... arruinada — arrasada, quase —, cheia de agulhas e presa a máquinas. Seu rosto estava ferido, cortado e com curativos; seu nariz parecia quebrado.

Sem cabelos, ela parecia pequena e vulnerável, e o tubo que entrava em sua cabeça era aterrorizante.

É minha função amar você.

Marah respirou fundo. Ela era a responsável por isso; sabia. Ter traído Tully era parte do motivo por sua madrinha estar ali, lutando pela vida.

— O que há de errado comigo?

Ela nunca expressara esta dúvida antes, nem quando começara a fumar maconha e a dormir com Pax, nem quando cortara o cabelo com uma lâmina e colocara um piercing na sobrancelha ou quando tatuara uma pequena cruz celta no pulso, nem quando fugira com Pax e passara a viver com a comida que encontravam no lixo. Nem mesmo quando vendera sua história para a revista Star.

Mas estava fazendo a pergunta agora. Ela traíra sua madrinha e fugira de sua família e arruinara tudo, partindo os únicos corações que importavam. Devia haver algo de errado com ela.

Mas o quê? Por que ela virara as costas tão completamente para todos que a amavam? Pior, por que escolhera fazer aquela coisa horrível e imperdoável para Tully?

— Sei que você nunca vai me perdoar — disse ela, desejando, pela primeira vez, que ela soubesse como se perdoar.

Acordei numa escuridão tão completa que me pergunto se fui enterrada viva.

Talvez eu esteja morta.

Eu me pergunto se muitas pessoas foram ao meu funeral.

Ah, meu Deus do Céu.

— Katie? — Desta vez acho que emiti um som. É o nome dela, mas não é o bastante.

Feche os olhos.

— Eles estão fechados. Está escuro. Onde estou? Você pode...?

Xiiii. Relaxe. Preciso que você escute.

— Estou escutando. Pode nos tirar daqui?

Foco. Ouça. Você pode ouvi-la.

Houve uma hesitação na sua voz ao dizer "la".

— ... Desculpe... Por favor...

— Marah. — Quando digo seu nome, as luzes se acendem. Vejo que estou no quarto de hospital de novo. Sempre estive aqui? É só isso o que há para mim? Ao meu redor há paredes de vidro, através das quais posso ver outros quartos semelhantes. Dentro daqui, há uma cama cercada por máquinas que estão presas a meu corpo ferido: tubos e eletrodos e gesso e curativos.

Marah está sentada ao lado da outra eu.

Minha afilhada está em foco, seu rosto um pouco enevoadado. Seus cabelos são cor-de-rosa, cortados com lâmina e sem graça como o diabo, parecidos com uma crista de galo do modo como ela os usa, e ela usa mais maquiagem do que Alice Cooper no auge de sua carreira. Um grande casaco preto faz com que ela pareça uma criança vestida para o Dia das Bruxas.

Ela está dizendo meu nome e tentando não chorar. Amo esta menina, e sua tristeza agita minha alma. Ela precisa que eu acorde.

Posso ver. Vou abrir meus olhos e sorrir para ela e dizer que está tudo bem. Eu me concentro e digo: — Marah, não chore.

Nada.

Meu corpo simplesmente fica lá, inerte, respirando pelo tubo, os olhos inchados e fechados.

— Como posso ajudá-la? — pergunto a Kate.

Você teria de acordar.

— Tentei.

— ...Tully... Sinto muito... pelo que fiz.

A luz no quarto brilha. Kate se afasta de mim e flutua ao redor da cama para ficar ao lado da filha.

Marah parece pequena e escura ao lado da imagem reluzente da mãe. Kate sussurra.

Sinta-me, menininha.

Marah se engasga e levanta os olhos.

— M-mãe?

Todo o ar parece desaparecer do quarto.

Há um estranho segundo no qual vejo que Marah acredita.

Depois ela se deixa abater, derrotada.

— Quando vou aprender? Você se *foi*.

— Pode-se desfazer isso? — pergunto baixinho a Kate. Assusta-me perguntar e o silêncio entre minha pergunta e sua resposta parece uma eternidade. Finalmente Kate desvia o olhar da filha e me olha.

O que pode ser desfeito?

Indico a mulher na cama — a outra eu.

— Posso acordar?

Você é que me diz. O que aconteceu?

— Tentei ajudar, mas... Quando foi que me tornei a pessoa que você quis ao seu lado numa trincheira?

Sempre, Tul. Você era a única que não sabia disso. Ela olha para Marah de novo e suspira, triste.

Será que pensei em Marah na noite passada? Não me lembro. Não me lembro de nada do que aconteceu comigo, e, quando tento, alguma verdade negra se eleva e eu a afasto.

— Tenho medo de me lembrar do que aconteceu.

Eu sei, mas já é hora. Converse comigo. Lembre-se.

Respiro fundo e consulto minha memória. De onde começar a história? Penso nos meses depois da morte dela e todas as

mudanças que aconteceram. Os Ryan se mudaram para Los Angeles e nós perdemos contato do jeito que acontece com a distância e a dor da perda. No começo de 2007, tudo havia mudado. Ah, eu ainda via Margie. Almoçava com ela uma vez por mês. Ela sempre dizia que ansiava por seus dias na cidade, mas eu percebia tristeza em seus olhos e na maneira como suas mãos começavam a tremer, por isso não me surpreendi quando ela disse que ela e Bud estavam de mudança para o Arizona. Quando eles se foram, tentei recuperar minha vida.

Inscrevi-me em todas as vagas de apresentadora que encontrei. Comecei nos dez principais mercados e daí para baixo. Mas cada estrada chegava ao mesmo fim. Ou eu era qualificada demais ou de menos; algumas estações não queria incomodar as redes me contratando. Alguns ouviram que eu era uma diva. As razões não importavam: o resultado era o mesmo. Eu não arranjava emprego. Foi assim que voltei ao ponto de partida.

Fecho meus olhos e lembro com detalhes.

Junho de 2008, menos de uma semana antes da formatura do Ensino Médio de Marah e vinte meses depois do funeral, eu...

... estou na sala de espera da KCPO, a pequena estação de TV local de Seattle onde *eu* trabalhei pela primeira vez com Johnny, há muitos anos.

Os escritórios mudaram — a estação cresceu —, mas ainda são pobres e de segunda linha. Há dois anos eu consideraria o noticiário local algo abaixo de mim.

Não sou mais a mulher que era. Sou como uma folha no meio do inverno, curvando-se, ficando preta, transparente e seca, com medo de um vento mais forte.

Estava literalmente de volta ao lugar onde comecei. Implorei por uma entrevista com Fred Rorback, que conheço há anos. Ele é o gerente da estação agora.

— Srta. Hart? O Sr. Rorback vai recebê-la agora.

Levanto-me, sorrindo com mais confiança do que sinto.

Hoje estou recomeçando. É o que digo para mim mesmo ao entrar no escritório de Fred.

O escritório é pequeno e feio, forrado com madeira falsa, com uma mesa de metal cinza e dois computadores. Fred parece menor do que me lembro e, surpreendentemente, mais jovem. Quando ele me entrevistou pela primeira vez — no verão anterior ao meu último ano no Ensino Médio —, pensei que ele era velhíssimo. Vejo agora que ele é provavelmente uns vinte anos mais velho do que eu. Ele está calvo e sorrindo para mim de uma forma que não gosto. Há pena em seus olhos quando ele se levanta para me receber.

— Oi, Fred — digo, cumprimentando-o. — Que bom que você pôde me receber.

— Claro — diz ele, sentando-se. Na sua mesa há uma pilha de papéis. Ele aponta para ela. — Sabe o que é isso?

— Não.

— Cartas que você me escreveu em 1977. Cento e doze cartas de uma menina de dezessete anos, pedindo um trabalho na afiliada da ABC. Sabia que você seria alguém.

— Talvez eu não fosse se você não tivesse me dado aquela oportunidade em 1985.

— Você não precisava de mim. Estava destinada ao sucesso. Todos viam. Sempre que via você nas emissoras, sentia orgulho.

Senti uma estranha tristeza ao ouvir aquilo. Nunca mais pensei em Fred depois que deixei a KCPO e fui para Nova York. Que dificuldade havia em ter olhado para trás ao menos uma vez, em vez de olhar só para a frente?

— Sinto muito pelo seu programa — diz ele.

E aqui estamos nós; foi para isso que eu vim.

— Acho que estraguei tudo — digo.

Ele me encara, esperando.

— Preciso de um emprego, Fred — digo. — Faço qualquer coisa.

— Não tenho vaga de âncoras, Tully, e, mesmo que tivesse, você não gostaria de...

— Qualquer coisa — repito, de mãos dadas. A vergonha queima meu rosto.

— Não posso pagar...

— Dinheiro não é minha prioridade. Preciso de uma chance, Fred. Preciso provar que sei trabalhar em equipe.

Ele sorri melancolicamente.

— Você nunca trabalhou em equipe, Tully. Por isso é que você é uma super-estrela. Você se lembra de quanto tempo me deu quando conseguiu aquele trabalho em Nova York? Nenhum. Você veio até minha sala, agradeceu-me pela oportunidade e disse adeus. Esta é a primeira vez que vejo você desde então.

Sinto a impotência se acumular. Eu me recuso a deixá-lo ver como estas palavras me afetam. O orgulho é tudo o que tenho.

Ele se inclina para a frente, apoia os cotovelos na mesa, cruza os dedos. Pelo “v” que se forma, me olha.

— Tenho um programa.

Eu me ajeito.

— Ele se chama *Teen Beat with Kendra*. São trinta minutos de não muita coisa. Mas a Kendra é agitada como você era. Ela está no último ano em Blanchet e o pai dela é o dono da estação, e foi assim que ela conseguiu um programa para adolescentes. Por causa dos horários na faculdade, o programa é gravado no começo da manhã.

— Ele faz uma pausa. — A Kendra precisa de uma co-apresentadora, uma espécie de pessoa séria que a impeça de exagerar. Você é capaz de ser a assistente de ninguém num programa de quarta categoria?

Sou?

Quero ser grata pela oferta dele — e *sou* grata, honestamente —, mas também me sinto magoada e ofendida. Deveria dizer não.

Na grande reformulação da minha imagem, isso não fará quase nada por mim.

Deveria dizer não e esperar por algo mais digno de mim.

Mas faz tanto tempo. Estar sem trabalhar, ser *nada*, está me matando. Não posso viver mais assim.

E não vai ser ruim fazer um favor para o dono desta estação.

E talvez possa orientar Kendra do mesmo jeito que Edna Guber me orientou anos atrás.

— Aceito — digo e, ao concordar, sinto um peso sair de meus ombros. Um sorriso genuíno se insinua em minha boca. — Obrigada, Fred.

— Você é melhor do que isso, Tully.

Suspiro.

— Eu costumava pensar a mesma coisa também, Fred. Acho que isso é parte do meu problema. Vou me dar bem aqui. Você vai ver. Obrigada.

CAPÍTULO TREZE

NAQUELA NOITE, FICO ACORDADA ATÉ TARDE, navegando na Internet e descobrindo tudo o que posso sobre minha nova co-apresentadora, Kendra Ladd.

Há pouca coisa. Ela tem dezoito anos, uma atleta razoavelmente boa com notas excelentes e uma bolsa integral na UW no outono. Ela aparentemente teve a ideia deste programa porque hoje os adolescentes estão de mãos atadas e confusos. Seu objetivo é “unir os adolescentes”. Ao menos foi esta sua resposta na competição Miss Seafair no ano passado, na qual ela era a favorita. Um “resultado decepcionante”, aparentemente, que ela não permitiria que a atrapalhasse.

Ao ouvir isso, reviro meus olhos e penso: *Ouça só isso, Katie.*

Horas mais tarde, quando vou para a cama, estou exausta, mas não consigo dormir. Os suores noturnos são tão insuportáveis que acordo às duas e tomo um sonífero, que me derruba; assim que percebo, meu alarme está tocando.

Estou tão esgotada e sob o efeito de remédios que leva um segundo para eu entender por que meu alarme está tocando.

Então eu me lembro. Livro-me das cobertas e saio da cama, os olhos turvos. São cinco da manhã e eu pareço um pescador que se confundiu com a pesca do dia. Duvido que um programa como *Teen Beat* tenha um maquiador, por isso me maquiei o máximo possível. Visto um terno preto justo demais, uma camisa branca e deixo meu apartamento. Logo estou estacionando no estúdio.

É um belo início da manhã em Seattle.

Registro-me na recepção (a segurança desde o 11/9 mudou tudo na minha profissão, mesmo num programa sem expressão como aquele) e vou para o estúdio. Um produtor, jovem o bastante para ser meu filho, me recebe, resmunga alguma coisa que pode ser um reconhecimento e me leva ao cenário.

— A Kendra é bem inexperiente — diz ele enquanto nos colocamos atrás das câmeras. — Um verdadeiro desafio. Talvez você

possa ajudá-la. — Ele parece ter dúvidas.

Assim que vejo o cenário, percebo que estou com problemas. Parece um quarto de adolescente, com troféus de esporte suficientes para afundar um iate.

E há Kendra. Ela é alta e magra, usa um short jeans justo, uma camiseta com renda na gola, um chapéu com detalhes metálicos e os sapatos de salto alto que costumávamos chamar de venha-me-comer antigamente.

Seu cabelo é longo e cacheado e a maquiagem enfatiza sua incrível beleza natural.

Ela está inclinada contra o armário, falando para a câmera como se fosse sua melhor amiga.

— ...hora de falar sobre as regras de mensagens de texto. Alguns dos adolescentes que conheço estão, tipo, cometendo erros hercúleos. Antigamente havia, tipo, livros para lhe explicar o que dizer ou como agir, mas nós, tipo, não temos tempo para coisas antigas, né? Os adolescentes de hoje estão a toda. Por isso a Kendra vai ajudar.

Ela sorri e se afasta do armário, caminhando para a cama. Há um X azul no chão — sua marca —, que ela ignora.

— Preparei uma lista de cinco coisas que nunca devem ser escritas.

Ela se move pelo cenário, ignorando sua marca novamente. Tully ouve o cinegrafista xingar baixinho.

— Vamos começar com sexo. Vamos encarar os fatos, meninas, fotos dos seios para seu namorado não podem...

— Corta — diz o diretor, e o cinegrafista deixa escapar um suspiro de alívio.

— Kendra — diz o diretor. — Pode se manter dentro do roteiro?

Kendra revira os olhos e começa a brincar com seu telefone.

— Vá em frente — diz o produtor, dando-me um tapinha no ombro que era para ser tranquilizador, mas que pareceu mais um empurrão.

Ajeito meus ombros e caminho para o cenário, sorrindo.

Kendra faz uma careta.

— Quem é você? — pergunta ela para mim. No microfone, diz: — Tenho uma perseguidora.

— Não estou perseguindo ninguém — digo, lutando contra a vontade de revirar os olhos.

Ela faz uma bola de chiclete.

— Você parece um garçom neste terno — diz, franzindo a testa. — Não. Espere. Você parece alguém.

— Tully Hart — digo.

— É! Você parece ela, só que mais gorda.

Fico séria. Infelizmente, meu corpo escolhe este exato momento para superaquecer. Uma onda de calor me atinge. Espeta-me. Meu rosto fica vermelho, tenho certeza. Sinto-me suar.

— Você está bem?

— Estou bem — respondo. — Sou Tully Hart, sua nova co-apresentadora. Não há nada para eu fazer hoje no roteiro, mas podemos conversar sobre amanhã. Enquanto isso, você precisa acertar sua marca. É o sinal de uma profissional.

Kendra me encara como se eu tivesse barba e começa a gritar: — Não tenho co-apresentadora! *Carl!*

O jovem produtor está ao meu lado instantaneamente, puxando-me para as sombras.

— E o Carl é? — pergunto.

— O diretor — suspira o produtor. — Mas isso na verdade quer dizer que ela vai ligar para o papai. Eles lhe contaram que ela já demitiu quatro co-apresentadoras?

— Não.

— Nós a chamamos de Veruca Salt.

Olho para ele sem entender.

— A mimadinha de *A Fantástica Fábrica de Chocolates*.

— Você está demitida! — grita Kendra para mim.

Ao meu lado, o cinegrafista ocupa seu lugar. A luz vermelha se acende e Kendra sorri.

— Estávamos falando de mensagens de sexo antes do comercial. Se você não sabe o que é isso, acho que você não precisa se preocupar, mas, se sabe...

Saio do estúdio. Meu calorão está diminuindo. Posso sentir uma gota de suor caindo de minha testa e a temperatura do meu rosto está diminuindo, mas minha vergonha não desaparece tão fácil, nem

minha raiva. Ao sair do estúdio para a calçada de Seattle, sou tomada por uma sensação de fracasso.

Cheguei até este ponto? Ser chamada de gorda e ser demitida por uma adolescente sem talento?

Mais do que qualquer coisa, quero ligar para minha melhor amiga e ouvi-la dizer que tudo vai melhorar.

Não consigo respirar.

Não consigo *respirar*.

Acalme-se, digo para mim mesma, mas me sinto doente e febril e não consigo respirar. Sinto dor no peito.

Minhas pernas falham e eu caio na calçada.

Levanto-me, luto para dar um passo, peço um táxi e entro.

— Sacred Heart — digo, remexendo na minha bolsa em busca de uma aspirina infantil, que mastigo e engulo, só por precaução.

No hospital, dou vinte dólares para o taxista e entro na emergência.

— Ataque cardíaco! — grito para a mulher na recepção.

Isso chama a atenção dela.

O Dr. Grant me olha. Ele está usando aquele tipo de óculos falsos que a Costco vende no atacado.

Atrás dele, uma cortina azul-clara e branca nos dá o pouco de privacidade possível numa sala de emergência de uma cidade grande.

— Sabe, Tully, você não precisa fazer tudo isso para me ver. Eu lhe dei meu número. Você podia ter simplesmente ligado.

Não estou com ânimo para o humor.

Ajeito os travesseiros atrás de mim.

— Você é o único médico neste hospital?

Ele se aproxima da cama.

— Deixando as brincadeiras de lado, Tully, ataques de pânico são comuns durante a pré-menopausa e a menopausa. É o desequilíbrio hormonal.

E assim as coisas pioram.

Estou desempregada e aparentemente ninguém pode me contratar. Estou gorda. Não tenho família e minha melhor amiga

morreu. E o Dr. Granola aqui pode olhar para mim e ver que estou secando de dentro para fora.

— Gostaria de examinar sua tireoide.

— Gostaria apresentar o *Today Show*.

— O quê?

Abro o lençol e saio da cama, sem perceber que meu traje permitiu que o médico desse uma olhada na minha bunda de meia-idade. Viro-me rapidamente, mas é tarde demais. Ele viu.

— Não há prova de que estou na menopausa — digo.

— Há exames...

— Exatamente. Não quero. — Sorrio, de mau humor. — Algumas pessoas veem o copo meio vazio; alguns o veem meio cheio. Eu coloco o copo no armário e me esqueço dele. Entende?

Ele larga meu prontuário.

— Ignora as más notícias. Entendo. — Ele se aproxima de mim. — E como isso está funcionando para você?

Deus, odeio me sentir estúpida ou patética, e há algo no modo como esse homem me olha que faz que eu me sinta as duas coisas.

— Preciso de Xanax. E Ambien. Eles me ajudaram antes. — Olho para o médico. — Minhas receitas se esgotaram há tempos. — É mentira. Sei que deveria lhe dizer que, no ano passado, peguei receitas de vários médicos e estou tomando altas doses, mas não digo nada.

— Não sei se é uma boa ideia. Com sua personalidade...

— Você não me conhece. Vamos deixar isso claro.

— Não — diz ele. — Não conheço. — Ele se aproxima. Luto contra a vontade de retrucar. — Mas sei como a depressão soa e conheço a aparência terrível que ela dá.

É quando me lembro de sua esposa e filha, que foram assassinadas. Ele também está pensando nelas, acho. Vejo uma repentina tristeza nele.

Ele escreve a receita e me entrega.

— Não vai durar muito. Procure ajuda, Tully. Consulte-se com alguém sobre seus sintomas de menopausa e sua depressão.

— Não confirmei nenhum dos seus diagnósticos, sabia?

— Eu sei.

— Então, onde estão minhas roupas?

Como saída, a frase é uma droga, mas não consigo pensar em outra coisa. Fico lá, em pé, encarando-o até que ele vá embora.

Depois me visto e saio do hospital. Na farmácia lá embaixo, pego os remédios, tomo dois comprimidos de Xanax e dou início à longa caminhada para casa.

Os remédios fazem o que devem fazer: me acalmam, fazem com que eu me sinta envolta em plástico-bolha e protegida. Meu coração bate normalmente. Pego meu celular e ligo para Fred Rorback.

— Tully — diz ele, e posso ver pelo seu tom de voz que a notícia da minha saída já chegou até ele. — Eu deveria ter avisado você.

— Sinto muito, Fred — digo.

— Não precisa.

— Obrigada, Fred — digo. Estou prestes a dizer mais quando passo por uma livraria Barnes & Noble. O livro na vitrine me chama a atenção.

Paro. *Claro*. Devia ter pensado nisso antes.

— Tenho que ir, Fred. Obrigada novamente.

Antes de ele responder, desligo. O Xanax está me deixando tonta. Tanto que eu preciso de várias tentativas para ligar para o meu agente.

— George — digo, assim que ele finalmente atende. — Adivinhe onde estou.

— Bom, você não está co-apresentando um programa barato numa estação local.

— Ouviu falar disso?

Ele suspira.

— Ouvi. Você deveria consultar essas escolhas comigo, Tully.

— Esqueça a Kooky Kendra, que é uma idiota. Adivinhe onde estou.

— Onde?

— Do lado de fora de uma livraria.

— E por que eu me importaria com isso?

— Porque estou olhando para o novo livro de memórias da Barbara Walters, *Audition*. Está nas prateleiras agora. Se me lembro bem, ela recebeu cinco milhões pelo livro. E a DeGeneres conseguiu

um acordo enorme. Ela não conseguiu um milhão por seu livro de ensaios? — Esta deve ser a melhor ideia que tive. — Quero um acordo literário.

— Você já escreveu algumas páginas de um livro de memórias?

— Não. Mas quão difícil isso deve ser? Vou começar esta noite. O que você diz?

George fica sem dizer nada por muito tempo; eu o incito novamente.

— E daí?

Ele suspira.

— Me deixe jogar a linha e ver se alguém morde a isca. Mas me deixe perguntar isso, Tully: você tem certeza quanto a isso? Tem algumas coisas negras no seu passado.

— Estou certa, George. Consiga o contrato.

Não pode ser difícil. Sou uma jornalista. Escreverei a história da minha vida. Será um sucesso — inspiracional e emocionante.

Assim que chego em casa, estou empolgada pela primeira vez em muito tempo.

Troco meu terninho preto por roupas de moletom e pego meu laptop. Depois me deito no sofá com uma xícara de chá e começo.

Escrevo: *Segundo Ato*.

Depois desço pela tela, abro um parágrafo e encaro a tela em branco.

Talvez o título seja um problema.

Encaro a página em branco por mais um tempo. Muito tempo, tempo o bastante para concluir que o chá é o problema. Talvez vinho ajude.

Sirvo-me de uma taça e volto para o sofá.

A tela em branco de novo.

Deixo o computador de lado e verifico meu relógio. Estava “escrevendo” havia horas e não tinha nada para mostrar. Isso me deprime, mas deixo de lado.

Pesquisa.

Qualquer escritor tem que começar com uma pesquisa. Sei disso dos meus dias de jornalismo. Já fui uma repórter aprendiz. Sei como investigar uma história.

E a história da minha vida não é exceção.

Já fui tema de vários artigos de revista e noticiários, e cuidadosamente gerenciei tudo.

Alimentei as pessoas com meu passado.

Graças à mágica da TV, transformei uma péssima infância numa história de Cinderela.

Pobre Tully, abandonada pela mãe má, se torna um sucesso norte-americano.

Minha plateia queria um conto de fadas, por isso eu lhes dou, e a nossa é uma história da Disney, e não dos irmãos Grimm; o mal são leões animados e polvos que cantam.

Esses novos contos de fadas são perfeitos para mim. Quantas vezes disse que foi uma espécie de bênção o fato de ter sido abandonada? A falta do amor de uma mãe me fez tentar mais; esta é a verdade à qual me apeguei. A ambição, digo, me salvou.

Num livro de memórias, pela primeira vez terei de contar a verdade. Foi o que George me perguntou. Alegrementemente respondi que sim, mas sou capaz? Mesmo?

Tenho que. Talvez até precise.

Um livro de memórias de sucesso pode trazer minha vida de volta.

Não tenho muita coisa da minha infância, mas o que tenho está no meu armário na garagem. Não o visito há anos; muito menos olhei dentro das caixas. Não é desleixo. Foi de propósito que não olhei dentro das caixas.

Vou fazê-lo.

Mas a decisão é débil, como todas as decisões desesperadas, e não consigo começar.

Em vez disso, vou até minha janela e fico lá, bebendo uma taça de vinho atrás da outra até que o céu comece a ficar nublado e escuro.

— Faça — digo para meu reflexo. Obrigo-me a me afastar da janela. No meu caminho para fora do apartamento, pego uma caneta, um bloco de papel e, claro, uma taça de vinho.

Na garagem, demora mais do que eu esperava para encontrar meu armário.

Abro a porta de metal, acendo as luzes e entro.

O armário não tem mais de um metro quadrado. Nunca estive nos armários de meus vizinhos, mas tenho certeza de que a maioria deles estaria cheia de sacos e caixas marcados com palavras como *Natal, Festas, Inverno, Verão, Roupas de bebê etc.* Nestas caixas haveria evidências de vidas, a trilha de migalhas que leva alguém de volta ao início.

Meu armário está praticamente vazio. Há meus esquis e raquetes de tênis e tacos de golfe — equipamentos de esportes que tentei praticar e desisti, mas que esperava um dia tentar novamente — e minhas malas extras e um espelho antigo que comprei na França e do qual me esqueci.

E duas caixas. Duas. A evidência da minha vida não ocupa muito espaço.

Pego a primeira caixa. Nela, está escrito: *Firefly Lane*. Na segunda, *Queen Anne*.

Sinto um arrepio de medo. Estas duas caixas representam as duas metades da minha vida, minha avó e minha mãe. O que quer que esteja escondido dentro delas, não vejo há décadas. Aos dezessete anos, tornei-me a executora do espólio da minha avó. Ela me deixou tudo — a casa em Queen Anne e a propriedade em Firefly Lane. Sozinha, abandonada de novo pela minha mãe e prestes a ser adotada, esvaziei a casa em Queen Anne e mantive apenas estas poucas coisas, o que quer que coubesse numa única caixa. A caixa da Firefly Lane contém as poucas coisas que minha mãe e eu colecionamos em nosso breve tempo juntas. Durante toda a minha vida, vivi com minha mãe apenas uma vez, em 1974, na casa da Firefly Lane, até que um dia ela simplesmente desapareceu. Sempre disse às pessoas que foi uma bênção aquele curto período com minha mãe, porque conheci uma menina que se tornaria minha melhor amiga. E é verdade. Foi uma bênção. Mas também foi outro abandono.

Pego um velho cobertor e me ajoelho sobre ele. Depois puxo a caixa marcada com Queen Anne.

Minhas mãos tremem enquanto abro a caixa. Meu pulso bate rápido, as pulsações se atropelam.

Tenho dificuldade para respirar. A última vez que abri esta caixa foi na casa da minha avó, ajoelhada no meu quarto. A moça do serviço social me disse para “me preparar” quando ela chegou para me levar para fora da casa. Fiz as malas com cuidado, mas, mesmo depois daqueles anos terríveis com minha mãe, esperava que ela me salvasse. Eu tinha dezessete anos, acho. Sozinha, esperando por uma mãe que não me salvaria. De novo.

Enfio a mão na caixa. A primeira coisa que encontro no interior é meu velho livro de recortes.

Eu havia me esquecido completamente dele.

É grande, com Holly Hobbie na capa, seu perfil oculto por um enorme chapéu de pioneira. Passo meu dedo pela capa branca. A vovó me deu este álbum quando fiz onze anos. Pouco depois minha mãe apareceu, bêbada e sem avisar, e me levou para o centro de Seattle.

Nunca soube o que minha mãe pretendia fazer naquele dia. Só sei que ela me abandonou na Pioneer Square no meio de uma manifestação anti-guerra.

Sua mãe tem problemas, *disse a vovó* mais tarde, enquanto eu me sentava no chão, chorando.

Por isso é que ela não me ama?

— Pare — digo a mim mesma. Isto é velharia, velhas dores.

Abro o livro de recortes e vejo uma imagem de mim mesma aos onze anos, já posando para a câmera, inclinando-me sobre um bolo para soprar as velas.

Grudada no outro lado está a primeira de centenas de cartas que escrevi para minha mãe, mas nunca mandei. *Querida mamãe, hoje é meu aniversário de onze anos...*

Fecho o livro de recortes. Mal olhei dentro dele, mal vi o que há nele e já estou me sentindo pior do que quando comecei. Essas palavras dão vida a uma Tully da qual passei o tempo todo fugindo, a menina com o coração partido.

Se Katie estivesse aqui, poderia abrir a caixa, deixar a dor de lado e examiná-la. Ela estaria aqui para dizer: *Sua mãe, que perdedora, e Olhe como você está linda nesta foto*, e todas as outras coisas que preciso ouvir.

Sem ela, não tenho forças.

Lentamente me levanto, percebendo que bebi vinho demais.

Bom.

Sem fechar a caixa, deixo o armário, esquecendo-me de trancá-lo. Se tiver sorte, talvez alguém roube estas caixas antes que eu tenha de examiná-las. Estou a caminho do elevador quando meu telefone toca. É Margie.

— Oi, Margie — respondo rapidamente, feliz pela distração.

— Oi, Tully. Estou fazendo reservas para sábado à noite em Los Angeles. Qual é o nome daquele restaurante que você adora?

Sorriso. Como me esqueci? Este fim de semana é a formatura do Ensino Médio de Marah. Ficarei com os Mularkey e os Ryan por dois dias. É uma dádiva que não subestimarei. Talvez até mesmo peça a Johnny que me ajude a arranjar um trabalho.

— Não se preocupe, Margie. Já fiz reservas para todos nós. Às sete horas no Madeo.

CAPÍTULO QUATORZE

NESTE FIM DE SEMANA SEREI A VELHA TULLY. *Fingirei que minha vida é comum e que nada mudou.*

Rirei com Johnny e me apegarei à minha afilhada e jogarei Xbox com os meninos.

Ao entrar na nova casa deles, não verei apenas as cadeiras vazias e as pessoas que faltam. Focarei nas que restaram. Como no poema de Wordsworth, encontrarei força no que resta.

Mas, quando o táxi estaciona diante da casa contemporânea no grande terreno em Beverly Hills, sinto um quê de pânico em minha resolução.

Kate odiaria esta casa.

Um Xanax acalma meus nervos, que estão em frangalhos.

Saio do carro e empurro minha mala pelo caminho de pedras. Vou até a porta da frente e toco a campainha. Como ninguém responde, abro a porta e entro, gritando.

Os gêmeos descem a escadaria como um par de filhotinhos de cães dinamarqueses, batendo um no outro, rindo alto. Com nove anos e meio, ambos têm cabelos castanhos compridos e risinhos cheios de dentes. Eles gritam ao me ver. Mal tenho um instante para me preparar antes de ser assolada pela exuberância do abraço deles.

— *Sabia* que ela viria — diz Lucas.

— Mentiroso — diz Wills com uma risada. — Eu é que disse. — E, virando-se para mim, ele diz: — O que você trouxe para a Marah?

— Provavelmente uma Ferrari — diz Johnny, entrando no ambiente.

Com um olhar, nossa história passa como um rio, umas imagens sobre as outras. Sei que estamos pensando na mulher que não está aqui e na distância que aumentou entre nós. Ele se aproxima de mim.

Dou-lhe um tapinha porque não sei o que dizer. Antes que ele seja capaz de responder, ouço Margie chamando meu nome. Em poucos

minutos sou cercada por eles — os meninos, Johnny, Bud e Margie.

Todos falam ao mesmo tempo, sorrindo e gargalhando. Quando os gêmeos levam os avós para cima para jogar algum “jogo louco de Xbox”, Johnny e eu ficamos sozinhos de novo.

— Como está a Marah? — pergunto.

— Bem. Indo bem, acho — é o que ele diz, mas ouço mais verdade em seu suspiro. — Como está você? Continuo esperando que *The Girlfriend Hour* recomece.

Este é meu momento. Podia lhe dizer a verdade e até mesmo pedir ajuda. Podia lhe contar sobre minha carreira em colapso e pedir conselho.

Não consigo. Talvez seja sua dor, ou meu orgulho, ou uma mistura dos dois. Só sei que não posso dizer a Johnny como minha vida está arruinada, não depois do que ele tem passado. Não quero sua pena.

— Estou bem — digo. — Estou escrevendo um livro de memórias. O George me diz que com certeza vai ser um sucesso.

— Então você está bem — diz ele.

— Totalmente bem.

Ele meneia a cabeça e desvia o olhar.

Mais tarde, mesmo quando sou varrida pela alegria pura de estar com aquelas pessoas novamente, não consigo deixar de pensar na minha mentira para Johnny. Eu me pergunto se estou tão bem quanto Marah.

Marah não está bem. Descobrimos isso do pior modo. No sábado, dia de sua formatura, quando estamos reunidos na sala de estar, Marah desce as escadas. Ela parece — horrível é tudo o que consigo pensar, ou fantasmagórica — pálida e magra, com ombros saltados e cabelos que caem como uma cortina por sobre seu rosto.

— Preciso de ajuda — diz ela no fim da escada, e ergue o braço. Ela está sangrando.

Corro para ajudá-la, e Johnny também. Mais uma vez nos atropelamos, dizendo coisas que não deveríamos; o que sei é que Marah precisa de ajuda e eu prometi estar presente para ela. Juro a Johnny que cuidarei dela em Seattle e que farei com que ela se consulte com a Dra. Bloom.

Johnny não gosta de deixá-la ir comigo, mas que escolha ele tem? Digo que sei como ajudá-la e que ele não tem ideia do que fazer.

Por fim, ele decide deixá-la viver comigo durante o verão. Mas ele não gosta disso.

Nem um pouco. E se certifica de que eu saiba disso.

Em junho de 2008, Marah se muda para meu apartamento num daqueles belos dias de verão que fazem com que os habitantes de Seattle saiam de suas casas escuras usando as bermudas do ano passado, piscando como toupeiras para a luz do sol, procurando óculos escuros que se perderam ou ficaram sem uso durante meses.

Sinto orgulho; nunca cumpri tão bem minha promessa para Katie. É verdade que não estou na minha melhor fase ultimamente, que o pânico às vezes se insinua na minha visão periférica, aparecendo quando menos espero. E, sim, estou bebendo mais do que deveria e tomando Xanax demais. Já não consigo dormir sem comprimidos.

Mas tudo isso desaparecerá agora que tenho esta obrigação. Ajudo-a a tirar as roupas de sua mala e, na nossa primeira noite juntas, nos sentamos na sala de estar, falando sobre sua mãe como se Kate estivesse numa loja e fosse voltar a qualquer instante. Sei que é errado esse fingimento, mas precisamos dele, nós duas.

— Está pronta para segunda-feira? — pergunto.

— Para minha consulta com a Dra. Bloom? — pergunta ela. — Na verdade, não.

— Vou estar com você a cada etapa do caminho — prometo. Não sei mais o que dizer.

No dia seguinte, enquanto Marah está na sessão com a Dra. Bloom, me movo impacientemente, andando de um lado para o outro na sala de espera.

— Você está gastando o tapete. Tome um Xanax.

Paro e me viro.

Um garoto está na porta. Ele está vestido de preto, com unhas pintadas e acessórios suficientes para encher uma loja na Bourbon Street. Mas ele é estranhamente belo sob essa aparência gótica. Ele se aproxima com um jeito de Richard Gere em *Gigolô Americano* e se senta no sofá. Está segurando um livro de poesia.

Posso usar alguma coisa para ocupar minha mente, por isso me aproximo dele e me sento ao seu lado. Perto, sinto o cheiro de maconha e incenso nele.

— Há quanto tempo você se consulta com a Dra. Bloom?

Ele dá de ombros.

— Um tempo.

— Ela está ajudando?

Ele me sorri maliciosamente.

— Quem disse que preciso de ajuda?

“Tudo o que vemos ou o que parece ser é na verdade um sonho dentro de um sonho”.

— Poe — digo. — Um pouco clichê. Ficaria surpresa *mesmo* se você citasse Rod McKuen.

— Quem?

Não consigo deixar de rir. É um nome no qual não penso há anos. Quando meninas, Kate e eu líamos muitas poesias doces de gente como Rod McKuen e Kahlil Gibran.

Decoramos *Desiderata*.

— Rod McKuen. Procure por ele.

Antes que ele possa responder, a porta se abre e eu me levanto. Marah sai do consultório parecendo pálida e abalada. Como Johnny pôde não ter notado o quanto ela está magra? Corro para ela.

— Como foi?

Antes que ela responda, a Dra. Bloom aparece ao seu lado e me pede para acompanhá-la.

— Já volto — digo para Marah, e acompanho a terapeuta.

— Quero vê-la duas vezes por semana — diz a Dra. Bloom. — Ao menos até que ela comece a faculdade, no outono. E tenho um grupo de apoio para adolescentes de luto que pode ajudá-la. Eles se reúnem às quartas-feiras, às sete.

— Ela vai fazer o que quer que você sugira — prometo.

— Vai?

— Claro. Então, como foi? — pergunto. — Ela...?

— A Marah é adulta, Tully. Nossas sessões são privadas.

— Eu sei. Só queria saber se ela disse...

— Privada.

— Ah, tudo bem. O que devo dizer ao pai dela? Ele está esperando um relatório.

A Dra. Bloom pensa cuidadosamente e diz: — A Marah está frágil, Tully. Meu conselho para você e para o pai dela é que ela seja tratada como tal.

— O que isso significa?

— O dicionário Webster diria ferida, delicada, sensível. Facilmente partida. Vulnerável. Eu ficaria de olho nela com cuidado, muito cuidado. Esteja presente para ela. Ela pode muito bem tomar uma decisão errada em seu estado atual.

— Pior do que se cortar?

— Como você pode imaginar, meninas que se cortam às vezes cortam fundo demais. Como digo. Observe-a com cuidado. Esteja presente para ela. Ela está frágil.

No caminho para casa, pergunto a Marah como foi a consulta com a Dra. Bloom. O que ela responde é:

— Tudo bem.

Naquela noite, ligo para Johnny e lhe conto tudo. Ele está preocupado, — posso perceber na sua voz — mas prometo tomar conta dela. Estou observando-a atentamente.

Quando Marah vai para sua primeira reunião da terapia de grupo, decido trabalhar no meu livro. Pelo menos tento. A tela em branco me incomoda, eu me afasto por um instante. Sirvo-me de uma taça de vinho e fico perto da janela, olhando para a paisagem urbana noturna.

O telefone toca e eu o atendo rapidamente. George, meu agente, está ligando para me dizer que houve algum interesse na minha ideia do livro — nenhuma oferta ainda, mas ele acha que há esperança. Além disso, *Celebrity Apprentice* me quer no programa.

Até parece.

Estou dizendo a George que me sinto ofendida com aquela oferta quando Marah volta de sua reunião. Preparo duas xícaras de chocolate quente e nos sentamos juntas na cama, como fazíamos quando ela era pequena. Demora um pouco para a verdade vir à tona, mas finalmente Marah diz: — Não consigo falar sobre a mãe a ela.

Não tenho resposta para isso e não posso insultá-la com uma mentira. Fui estimulada a fazer terapia várias vezes na minha vida e sou inteligente o bastante para saber que meus ataques de pânico recentes são resultantes de algo mais do que um desequilíbrio hormonal. Há um rio de tristeza em mim; sempre esteve lá, mas agora está transbordando. Sei que, se eu não tomar cuidado, há a possibilidade de que esse rio se torne uma parte maior de mim e eu me afogue. Mas não acredito que palavras o farão recuar; não acredito que nadar em minhas lembranças me salvará. Acredito em suportar e seguir em frente.

E olhe onde estou.

Abraço Marah e a puxo para perto. Conversamos sobre o que a assusta; digo-lhe que sua mãe iria querer que ela continuasse na terapia. Por fim, torço para ter feito algo de bom, mas o que sei sobre o que uma adolescente precisa ouvir?

Nós nos sentamos por muito tempo, ambas pensando no fantasma no ambiente, a mulher que nos uniu e nos deixou sozinhas.

No dia seguinte, Johnny chega e tenta fazer com que Marah mude de ideia sobre Seattle, que volte para Los Angeles, mas ela está firme em sua resolução de ficar comigo.

— Você está empolgada com a universidade? — pergunto na tarde de sexta-feira, depois da segunda consulta de Marah com a Dra. Bloom. Estou encostada nela. Estamos no meu sofá, juntas sob uma manta de cashmere. Johnny voltou para Los Angeles e estamos sozinhas novamente.

— Assustada, eu diria.

— É, sua mãe estava também. Mas adoramos, e você também vai adorar.

— Anseio pela minha aula de escrita criativa.

— Tal mãe, tal filha.

— O que você quer dizer com isso?

— Sua mãe era uma escritora de talento. Se você lesse o diário dela...

— Não — diz Marah rispidamente. É o que ela me diz sempre que abordo um tema carinhoso. Ela não está pronta para ler as palavras

que sua mãe morta escreveu. Não posso culpá-la. É como esfaquear seu próprio coração. Mas há consolo nisso também. Algum dia ela estará preparada.

Ao meu lado, o telefone toca. Inclino-me, vejo quem é.

— Oi, George — digo. — Espero que não seja sobre alguma porcaria de *reality show*.

— Oi para você também. Estou ligando para falar sobre o acordo literário. Temos uma oferta.

Meu alívio é monumental. Mal sabia eu como estava contando com isso. Afasto-me de Marah e me ajeito.

— Graças a Deus.

— É a única oferta que temos. E é boa.

Levanto-me e começo a andar de um lado para o outro. Quando seu agente começa a bajulá-la, é problema.

— Quanto, George?

— Lembre-se, Tully...

— Quanto?

— Cinquenta mil dólares.

Paro.

— Você disse cinquenta mil?

— Disse. Em adiantamento. Como *royalties*.

Sento-me tão rápido que é quase como desabar. Felizmente, há uma poltrona sob mim.

— Ah.

Sei que é muito dinheiro no mundo comum. Eu não nasci em berço de ouro. Mas passei tantos anos no mundo extraordinário que aquilo me atinge com força, esta prova de que perdi boa parte da minha fama. Você trabalha como um cão por trinta anos e acha que o que construiu durará.

— É o que é, Tully. Mas pode ser seu retorno. Sua história é a história da Cinderela. Vai conquistar o mundo novamente.

Sinto-me insegura. Minha respiração falha. Quero gritar, retrucar ou reagir à injustiça de tudo. Mas tenho apenas uma escolha e sei disso.

— Aceito — digo.

À noite, estou agitada demais para dormir. Às onze da noite, desisto. Por pelo menos dez minutos, passeio pela escuridão do meu apartamento. Uma vez, quase vou até o quarto de Marah e a acordo, mas sei que seria egoísmo de minha parte, por isso resisto à vontade de abrir a porta dela. Por fim, por volta das 23h20, decido trabalhar.

Talvez escrever ajude.

Deito-me na cama e levo meu computador ao colo, abrindo o documento mais recente. Lá está ele: *Segundo Ato*. E a tela em branco. Eu a vejo, me concentro com tanta intensidade que começo a imaginar as coisas.

Acho que escuto passos no corredor, uma porta se abrindo e fechando, mas depois faz-se silêncio novamente.

Pesquisa. É disso que preciso. Preciso vasculhar as caixas no meu armário. Não posso mais ignorar. Depois de me servir de mais uma taça de vinho, desço.

Ajoelhando-me diante da caixa, digo a mim mesma para ter força. Lembro-me de que a Random House comprou este livro de memórias e pagou por ele. Tudo o que preciso fazer é escrever a história da minha vida.

Com certeza consigo encontrar as palavras.

Vou até a caixa *Queen Anne* e a abro, tiro o livro de recortes e o coloco no chão ao meu lado. Não estou preparada ainda. Vou remoer meus sonhos e dores de cabeça.

Inclino-me e vislumbro o interior escuro.

A primeira coisa que vejo é um coelho de pelúcia.

Mathilda.

Falta-lhe um olho e seus bigodes parecem cortados. Este presente da minha avó foi minha melhor amiga quando cresci.

Deixo Mathilda de lado e busco algo na caixa novamente. Desta vez, sinto algo macio e pego uma camiseta cinza de Maguila, o Gorila.

Minhas mãos tremem um pouco.

Por que mantive isso?

Ao fazer a pergunta, sei a resposta. Minha mãe comprou para mim. É a única coisa que me lembro de ela ter me dado.

Uma memória cauteriza tudo o mais.

Sou nova — talvez quatro ou cinco anos.

Estou na minha cadeira à mesa da cozinha, brincando com a colher em vez de tomar meu café da manhã, quando *ela* entra. Uma estranha.

Minha Tallulah, diz ela, aproximando-se de mim. Seu cheiro é engraçado. Como fumaça doce. *Você sentiu falta da mamãe?*

No andar superior, um sino toca. *É o vovô*, digo.

Assim que percebo, estou nos braços de uma estranha, e ela está fugindo da casa.

O vovô está atrás de nós, gritando: — Pare! Dorothy...

A mulher diz alguma coisa sobre *e/e* e acrescenta um monte de palavras que não reconheço. Depois ela tropeça. Caio de seus braços e bato com a cabeça no chão. Minha avó grita; eu choro; a mulher me pega de volta nos braços. Depois disso, a lembrança desaparece.

Eu me lembro dela me pedindo para chamá-la de mamãe. E me lembro de como era duro o banco do carro e como eu tinha de fazer xixi no acostamento da estrada. Eu me lembro do cheiro de fumaça no carro e de seus amigos. Eles me assustam.

Lembro-me dos brownies. Ela me dá e eu os como e ela acha engraçado quando perco o equilíbrio e começo a vomitar.

Lembro-me de acordar numa cama de hospital, com meu nome, TALLULAH ROSE, preso ao meu peito.

Quem era a moça?, pergunto mais tarde ao meu avô quando ele vem me pegar.

Sua mamãe, diz o vovô. Lembro-me dessas duas palavras como se as tivesse escutado ontem.

— Não gosto de morar num carro, vovô.

— Claro que não.

Suspiro e devolvo a camiseta à caixa.

Talvez este livro de memórias seja má ideia.

Afasto-me da caixa e saio do armário, desta vez lembrando-me de trancá-lo.

CAPÍTULO QUINZE

— VOCÊ NÃO PRECISA ME ACOMPANHAR em todas as minhas consultas, sabia? — disse Marah para mim numa iluminada e ensolarada segunda-feira de fim de junho, ao caminharmos pela First Street rumo ao mercado municipal.

— Eu sei. Eu quero fazer isso — digo, dando o braço para ela.

Eis o que aprendi nas duas semanas em que ela mora comigo: ser responsável por uma adolescente é cansativo e aterrorizador.

Sempre que ela vai ao banheiro, temo que esteja se cortando. Olho no lixo e conto os band-aids em cada caixa. Temo deixá-la fora do meu alcance. Estou constantemente tentando fazer a coisa certa, mas, vamos encarar as coisas, o que sei sobre maternidade é nada.

Na sala de espera da Dra. Bloom, abro meu laptop e encaro a tela em branco. Tenho de começar esta coisa, fazer progresso.

Tenho.

Sei como estas coisas funcionam. Li centenas de memórias na minha vida. Elas sempre começam do mesmo jeito, com as origens. Preciso preparar o cenário, por assim dizer, a fim de pintar uma imagem da minha vida antes de entrar em cena. Apresentar os participantes e o lugar.

E aí está. A coisa que me impede agora, como me impediu antes: não posso escrever minha história sem conhecer minha própria história. E a da minha mãe.

Não sei quase nada dela e sei menos ainda sobre meu pai. Minha história é uma tela em branco, um grande vazio. Não é de surpreender que não consiga escrever nada.

Tenho de falar com minha mãe.

Ao pensar nisso, abro a bolsa e encontro uma caixinha alaranjada. É meu último Xanax. Engulo-o sem água e depois, lentamente, pego meu celular e ligo para meu administrador.

— Frank — digo quando ele atende. — Aqui é a Tully. Minha mãe ainda está recebendo meus cheques mensais?

— Que bom que você ligou. Deixei algumas mensagens. Precisamos conversar sobre suas finanças...

— Sim, claro. Mas agora preciso saber sobre minha mãe. Ela ainda está recebendo o dinheiro?

Ele me pede para esperar e logo volta à linha.

— Sim. Todos os meses.

— E onde ela está vivendo atualmente?

Há outra pausa.

— Está vivendo na sua casa em Snohomish. Está lá há anos. Enviamos um aviso para você. Acho que ela se mudou quando sua amiga estava doente.

— Minha mãe está morando na casa da Firefly Lane? — Eu sabia disso?

— Sim. E agora, podemos falar sobre....

Desligo. Antes de poder processar a informação, refletir sobre ela, Marah está saindo do consultório da Dra. Bloom.

É quando noto o menino gótico ao meu lado novamente. Seus cabelos pretos têm mechas vermelhas e verdes e brincos pendem de suas orelhas. Vejo uma tatuagem em seu pescoço. Acho que diz loucura, mas há mais, que não consigo ver.

À entrada de Marah, ele se levanta. Sorri.

Não gosto da maneira como ele olha para minha afilhada.

Levanto e dou a volta na mesinha de centro, colocando-me protetoramente ao lado de Marah. Pego seu braço e a levo para fora do consultório. Quando olho para a porta, o gótico está nos olhando.

— A Dra. Bloom acha que eu deveria arranjar um emprego — diz Marah enquanto a porta se fecha atrás de nós.

— Sim, claro — digo, franzindo a testa. Só consigo pensar na minha mãe. — É uma ótima ideia.

Durante a tarde toda, ando de um lado para o outro no meu apartamento, tentando pensar claramente.

Minha mãe está vivendo numa das duas casas que herdei da minha avó; a casa que nunca fui capaz de vender porque ficava do outro lado da rua dos Mularkey. Isso significa que, se vou falar com ela, tenho de voltar ao lugar onde Kate e eu nos conhecemos, onde

toda a minha vida mudou numa noite estrelada, quando eu tinha quatorze anos.

E tenho de levar Marah comigo ou deixá-la sozinha. Nenhuma das opções parece interessante. Estou observando-a como uma águia, mas não quero que ela testemunhe esse encontro com minha mãe. Reuniões desse tipo são humilhantes ou sofridas.

— Tully?

Ouçó meu nome e me viro. Penso, vagamente, que Marah me chamou antes, mas não tenho certeza.

— Sim, querida? — Pareço tão distraída quanto me sinto?

— Acabei de falar com a Ashley. Algumas das minhas amigas da escola vão ao parque Luther Burbank hoje fazer piquenique, fazer esqui aquático e coisas assim. Posso ir?

O alívio vem numa onda. É a primeira vez que ela pede para passar algum tempo com as velhas amigas. É o sinal pelo qual estava esperando. Ela está voltando a ser quem era; suavizando-se.

Aproximo-me dela, sorrindo. Talvez possa parar de me preocupar tão obsessivamente com Marah.

— Acho que é uma ótima ideia. Quando você volta?

Ela para.

— Tem um filme depois. Às nove. *Wall-E*.

— Então você vai voltar às...

— Onze?

Parece mais do que razoável. E isso me dá tempo o suficiente. Então, por que tenho a impressão de que há algo de errado?

— E alguém vai trazer você para casa?

Marah ri.

— Claro!

Estou exagerando. Não há nada com que me preocupar.

— Certo. Tenho uma coisa para fazer hoje mesmo, por isso vou ficar fora a maior parte do dia. Tome cuidado.

Marah me surpreende abraçando-me forte. É o melhor agradecimento que recebo em anos, e me dá a força de que preciso para fazer o que precisa ser feito.

Vou ver minha mãe. Pela primeira vez em anos — décadas —, farei perguntas reais e não vou sair até ter algumas respostas.

Snohomish é uma dessas pequenas comunidades de Washington que mudaram com o tempo. Antes era uma comunidade de laticínios num vale verdejante localizado entre os picos dos Montes Cascade e as águas agitadas dos rios Snohomish e Pilchuck, e havia se tornado uma cidade-dormitório de Seattle.

Velhas e confortáveis fazendas foram demolidas e transformadas em casas grandes de pedra e madeira com magnífica vista para as montanhas. Fazendas foram divididas e transformadas em terrenos que rodeiam novas ruas que levam à escola. Imagino que seja raro ver meninas a cavalo no verão, pegando atalhos para as escolas, seus pés descalços e os cabelos ao sol. Hoje há novos carros, casas e árvores, plantadas às vezes no mesmo lugar onde as velhas cresciam.

Jardins se estendem até as varandas e cercas-vivas bem cuidadas dividem os bons vizinhos.

Mesmo com a nova vista, a velha cidade ainda brilha em alguns lugares. Aqui e ali uma velha sede de fazenda se eleva desafiadoramente entre divisas, seus acres cercados com capim alto e gado.

E há a Firefly Lane. Num pedaço de asfalto, do lado de fora da cidade, não muito longe das margens do rio Pilchuck, tudo mudou pouco.

Agora, voltando ao lugar que sempre foi minha casa, tiro o pé do acelerador. Meu carro reage imediatamente e desacelera.

É um belo dia de verão; o sol brinca de esconde-esconde com as nuvens. Ao lado da estrada, pastos verdes se estendem rumo ao rio. Árvores gigantes montam guarda, seus braços provendo sombra para o gado que se reúne sob os galhos.

Quanto tempo faz que estive aqui?

Quatro anos? Cinco? É uma triste lembrança de que o tempo às vezes pode correr rápido demais, reunindo arrependimentos pelo caminho.

Sem pensar, entro na garagem dos Mularkey, vendo o cartaz de À VENDA ao lado de caixa do correio. Nesta economia, não é de surpreender que eles não tenham conseguido vender o lugar. Eles

estão morando no Arizona agora; quando a casa for vendida, comprarão alguma outra coisa.

A aparência do lugar é a mesma de sempre — uma bela casa de fazenda com uma varanda dando para dois acres verdes, demarcados por cercas de cedro recobertas por musgos.

Meus pneus freiam na entradinha enquanto eu avanço pelo jardim e estaciono.

Vejo a janela de Kate e num piscar de olhos tenho quatorze anos novamente, de pé ali com minha bicicleta, jogando pedras na janela dela.

Sorriso para a lembrança. A rebelde e a certinha. É como parecíamos ser no começo.

Kate me seguia por todos os lugares — ou pelo menos era o que me parecia, através de meus olhos de menina.

Naquela noite, pedalamos pela Summer Hill no escuro. Navegando. Voando. Os braços para o alto.

O que eu não sabia é que eu é que a estava seguindo, naqueles remotos anos. Eu é que estava apegada a ela.

A distância da casa dela à minha é de menos de um minuto, mas parece que vou de um mundo a outro.

A casa dos meus avós parece diferente do que me lembro. O jardim lateral está malcuidado, há entulho no meio dos campos.

Antes, enormes juníperos escondiam a vista.

Agora alguém eliminara os arbustos sem substituí-los por nada novo, deixando pilhas de sujeira e raízes acumuladas diante da casa.

Só posso imaginar o que encontrarei lá dentro. Nos trinta e poucos anos de vida adulta, vi minha mãe um punhado de vezes, sempre — apenas — quando a procurei. No fim dos anos 1980, quando Johnny, Katie e eu éramos os três mosqueteiros da KCPO, deparei-me com minha mãe vivendo num acampamento em Yelm, seguidora de J. Z. Knight, a dona de casa que afirmava receber um espírito milenar chamado Ramtha. Em 2003, peguei uma equipe de filmagem e a procurei novamente, pensando — ingenuamente — que o tempo havia passado e que talvez pudéssemos recomeçar.

Encontrei-a vivendo num trailer velho, mal como nunca a tinha visto. Com esperança, levei-a para casa comigo.

Ela roubou minhas joias e fugiu à noite.

Da última vez que a vi, há alguns anos, ela estava no hospital. Havia sido espancada.

Naquela vez, ela fugiu enquanto eu dormia numa cadeira ao lado de sua maca.

E aqui estou eu.

Estaciono meu carro e saio. Segurando o laptop como um escudo, ando pela paisagem malcuidada pisando em colheres de pedreiro, pás e sacos de sementes. A porta da frente é de madeira e tem uma cobertura de musgos. Respirando fundo, eu bato.

Não há resposta.

Ela está provavelmente desmaiada em algum lugar, bêbada. Quantas vezes voltei da escola para descobri-la deitada no sofá, semiconsciente, com um cachimbo não muito distante da mão, roncando alto o bastante para acordar os mortos?

Testo a maçaneta e descubro que a casa está aberta.

Claro.

Abro a porta com cuidado e entro, gritando "olá" ao avançar.

O interior é sombrio e escuro. A maioria dos interruptores que encontro não funciona. Entro na sala de estar e encontro um abajur e o ligo.

Alguém rasgou o carpete e expôs o piso de madeira negra embaixo. Não há mais a mobília dos anos 1970. Em vez dela, há uma única poltrona perto de uma mesa de segunda mão. No canto, uma mesa de jogo abriga duas cadeiras dobráveis.

Quase vou embora. No fundo, sei que nada sairá desta reunião e que mais uma vez conseguirei apenas uma dor de cabeça e uma negação da minha mãe, mas a verdade é que nunca fui capaz de me afastar dela. Nem em todos os nossos anos juntas, nem com todas as vezes em que ela me abandonou ou me decepcionou. Passei boa parte dos meus quarenta e oito anos buscando um amor que nunca foi meu. Ao menos sei que devo esperar algo diferente. Isso é um tipo de ajuda.

Sento-me na cadeira dobrável para esperar. Não é confortável como a outra cadeira, mas não estou segura da limpeza do tecido, por isso escolho a cadeira de metal.

Espero por horas.

Finalmente, depois das oito da noite, escuto pneus na calçada.

Ajeito-me.

A porta se abre e vejo minha mãe pela primeira vez em três anos. Sua pele tem o tom acinzentado e enrugado que vem com anos de uma vida miserável e bêbada. Suas unhas estão sujas. Rastejar pela vida faz isso.

— Tully — diz ela. Surpreende-me o tom firme da sua voz e o uso do meu apelido.

Durante toda a minha vida ela me chamou de Tallulah, o que odeio.

— Oi, Cloud — digo, levantando-me.

— Sou Dorothy agora.

Outra mudança de nome. Antes que eu possa dizer alguma coisa, um homem entra na casa e se põe ao lado dela. Ele é alto e magro, com rugas em sua pele bronzeada que parecem sulcos. Posso ler sua história em seus olhos — e não é uma bela história.

Minha mãe está chapada, tenho certeza.

Mas, como acho que nunca a vi sóbria, como saberei?

— Estou feliz por ver você — diz ela, sorrindo para mim de maneira hesitante.

Acredito nela, mas *sempre* acredito nela.

Acreditar nela é meu calcanhar de aquiles.

Minha fé é tão constante quanto sua rejeição.

Por mais sucesso que eu tenha, dez segundos na presença dela sempre me transformam na pobrezinha da Tully novamente. Sempre esperançosa.

Não hoje. Não tenho tempo — nem energia — para entrar neste rotor novamente.

— Este é o Edgar — diz minha mãe.

— Oi — diz ele, franzindo a testa para minha mãe. O traficante, provavelmente.

— Você tem fotografias de família? — pergunto, um pouco sem paciência. Estou começando a me sentir claustrofóbica.

— O quê?

— Fotos de família. Imagens de mim quando menina, esse tipo de coisa.

— Não.

Queria que isso não me magoasse, mas magoa, e a mágoa me irrita.

— Você não tirou fotos de mim quando bebê?

Ela faz que não, sem dizer nada. Não há desculpa e ela sabe disso.

— Você pode me dizer *qualquer coisa* sobre minha infância, sobre quem era meu pai ou onde eu nasci?

Ela se encolhe a cada palavra, pálida.

— Olhe, senhorita... — diz o traficante, aproximando-se de mim.

— Fique fora disso — ataco. Para minha mãe, digo: — Quem é você?

— Você não quer saber — disse ela, parecendo assustada. — Confie em mim.

Estou perdendo tempo. O que quer que eu precise para meu livro, não encontrarei aqui. Esta mulher não é minha mãe. Ela pode ter me dado à luz, mas foi aí que seu comprometimento terminou.

— É — digo, suspirando. — Por que iria querer saber quem você é? Quem sou eu? — Pego minha bolsa, passo por ela e deixo a casa.

Passo pelos sulcos na estrada, entro no meu carro e dirijo para casa. No caminho de volta para Seattle, reproduzo a cena com minha mãe repetidas vezes, tentando tirar um significado da nuance, mas não há nada lá.

Estaciono no meu prédio.

Sei que devo subir e trabalhar no meu livro — talvez o passeio de hoje seja uma cena.

Pelo menos é alguma coisa.

Mas não consigo, não posso entrar no meu apartamento vazio. Preciso de uma bebida.

Ligo para Marah — ela parece sonolenta ao atender — e lhe digo que vou voltar para casa mais tarde. Ela me diz que já está na cama e que não devo acordá-la quando voltar.

Saio do elevador e vou direto para o bar, onde me permito dois martinis secos, que acalmam meus nervos e me deixam bem. É

quase uma da manhã quando finalmente subo e destranco a porta do meu apartamento.

Todas as luzes estão ligadas e ouço a TV.

Franzindo a testa, fecho a porta atrás de mim. Ela se tranca.

Caminho pelo corredor, desligando as luzes pelo caminho. Amanhã terei uma conversa com Marah.

Ela precisa entender que os interruptores servem para ligar e desligar.

Ao passar pelo quarto dela, paro.

As luzes estão acesas. Posso ver a luz por sob a porta fechada. Bato, certa de que ela dormiu assistindo à TV. Não há resposta, por isso aperto a porta silenciosamente.

Não estou preparada para o que vejo.

O ambiente está vazio. Há latas de Coca-Cola nas mesinhas de cabeceira, a TV está ligada e a cama está desarrumada. Os lençóis estão amontoados no meio da cama.

— Espere um segundo.

Marah não está. É uma hora da manhã.

Ela *mentiu* para mim sobre ficar em casa na cama.

— O que faço? — Estou falando comigo mesma agora, ou talvez com Kate, ao correr de um quarto para o outro, abrindo as portas.

Ligo para o telefone dela. Não há resposta. Mando uma mensagem de texto: *Onde está você???* e aperto o botão de enviar.

Devo ligar para Johnny? Ou para a polícia?

É uma e dez agora. Estou tremendo ao pegar o telefone. Digitei 91 quando ouço chaves na fechadura da minha porta da frente.

Marah entra como se fosse uma ladra, tentando andar na ponta dos pés, mas vejo que ela está desequilibrada, rindo e calando-se.

— Marah. — Minha voz é tão ríspida que soa como uma mãe pela primeira vez na minha vida.

Ela se vira, tropeça, cai no chão e começa a rir. Depois leva a mão à boca e murmura:

— Dechculpe. Icho não foi engrachado.

Pego-a pelo braço e a levo para o quarto.

Ela tropeça ao meu lado, tentando não rir.

— Então — digo quando ela cai na cama. — Você está bêbada.

— Tomei xó duas chervejax — diz ela.

— Sei. — Eu a ajudo a se despir e depois a levo até o banheiro. Quando ela vê a privada, resmunga: — Vou vomitar... — E eu mal tenho tempo para segurar seus cabelos antes que ela vomite.

Depois, coloco pasta de dente numa escova e lhe entrego. Ela está pálida e fraca como uma boneca de pano. Sinto-a tremer ao levá-la para a cama.

Entro no cama ao lado dela e a abraço.

Ela se encosta em mim e suspira.

— Eu me sinto terrível.

— Pense nisso como uma lição de vida. Não foram só duas cervejas, por sinal. O que você estava bebendo?

— Absinto.

— Absinto. — Não é o que eu esperava. — Isso é legal?

Ela ri.

— Na minha época, meninas como a Ashley, a Lindsey e a Coral bebiam rum com Coca-Cola — digo, franzindo a testa. Sou mesmo tão velha que não sei o que os jovens estão bebendo hoje em dia?

— Vou ligar pra Ashley e...

— Não! — grita ela.

— Não o quê?

— Eu, hã... não estava com elas — diz Marah.

Outra mentira.

— Com quem você estava?

Ela me olha.

— Um grupo de adolescentes da minha terapia de grupo.

Arqueio as sobrancelhas.

— Ah.

— Eles são mais legais do que eu pensava — diz ela rapidamente.

— E é só bebedeira, Tully. Todo mundo faz isso.

É verdade. E ela está definitivamente bêbada; posso sentir o cheiro no seu hálito.

Drogas seriam diferentes. Que menina de dezoito anos não voltou para casa bêbada ao menos uma vez?

— Eu me lembro da primeira vez que fiquei bêbada. Estava com a sua mãe, claro. Fui pega também. Não foi legal. — Sorrio diante da

lembrança. Foi em 1977, no dia em que eu deveria ir para o abrigo. Mas fugi — diretamente para a casa de Kate — e a convenci a ir a uma festa comigo. Fomos pegas por policiais e colocadas em salas de interrogatório separadas.

Margie veio me socorrer no meio da noite.

Uma menina que mora conosco deve seguir as regras. Foi o que ela me disse. Depois disso, vi o que era uma família, mesmo estando do lado de fora, espiando.

— O Paxton é muito legal — diz Marah, encostando-se em mim.

Isso me preocupa.

— O gótico?

— Isso é duro. Achava que você não julgava as pessoas — Marah suspira. — Às vezes, quando ele fala sobre a irmã dele e do quanto sente falta dela, começo a chorar. E ele entende completamente como sinto falta da minha mãe. Ele não me faz fingir. Quando estou triste, ele me lê poesia e me abraça até que eu me sinta melhor.

Poesia. Dor. Escuridão. Claro que Marah se sente atraída. Entendo. Li *Entrevista como Vampiro*.

Lembro-me de achar que Tim Curry era totalmente gostoso em *Rocky Horror*, com saltos altos e espartilhos e tudo.

Mas Marah é jovem e a Dra. Bloom disse que ela estava frágil.

— Desde que você estivesse com um grupo de adolescentes...

— Totalmente — diz Marah. — E somos apenas amigos, Tully. Eu e o Pax, quero dizer.

Sinto-me aliviada por isso.

— Você não vai contar para o meu pai, né? Quero dizer, ele não é tão legal quanto você e ele não entenderia minha amizade com alguém como o Pax.

— Fico feliz que vocês sejam apenas amigos. Mantenha desse jeito, certo? Você não está preparada para mais. Quantos anos ele tem, por sinal?

— Minha idade.

— Ah. Que bom. Acho que toda menina se atrai por um poeta uma vez na vida. Eu me lembro de um fim de semana em Dublin, em... Ah, espere, não posso lhe contar esta história.

— Você pode me contar *qualquer coisa*, Tully. Você é minha melhor amiga.

Ela me conquista dizendo isso; amo-a tanto naquele momento que dói de verdade.

Mas não posso deixá-la me enganar. Preciso tomar conta dela.

— Não vou contar a seu pai sobre o Pax, porque você tem razão, ele ficaria louco. Mas não vou mentir para ele, então não me obrigue a isso. Certo?

— Certo.

— E, Marah, se eu chegar e a casa estiver vazia de novo, vou ligar para seu pai e os policiais imediatamente.

Seu sorriso desaparece.

— Certo.

Aquela conversa noturna com Marah muda algo em mim.

Você é minha melhor amiga.

Sei que não é verdade, que somos substitutas uma para a outra, ambas substituindo Kate. Mas a verdade perde força no sol de um belo verão de Seattle. O amor de Marah por mim — e meu amor por ela — é o salva-vidas de que preciso. Pela primeira vez na minha vida, sou *necessária* de verdade, e minha reação a isso me surpreende. Quero estar presente para Marah de uma maneira que nunca estive presente para ninguém.

Nem mesmo para Kate. A verdade é que Kate não precisava de mim. Ela tinha uma família que a amava, um marido atento e pais adoráveis. Ela me incluiu na sua família e me amava, mas era eu quem precisava dela.

Agora, pela primeira vez, sou a forte e a estável, ou finjo ser. Por Marah, encontro força para ser uma versão melhor de mim mesma. Deixo meu Xanax e meus comprimidos para dormir de lado e paro de beber vinho. A cada manhã acordo mais cedo para preparar café da manhã e faço ligações para que o jantar seja entregue.

Então trabalho nas minhas memórias.

Depois da reunião com minha mãe, decido ignorar a parte da minha história que não conheço. Não que eu não me preocupe — ainda me preocupo profundamente.

Estou desesperada por saber minha própria história e a da minha mãe, mas aceito a realidade. Terei de escrever um livro de memórias com base no que sei. Assim, num belo dia de julho, sento-me e simplesmente começo.

A questão é esta: quando você cresce como eu cresci, uma garota perdida sem um passado real, você confia em pessoas que parecem amá-la. Pelo menos foi o que eu fiz.

Comecei cedo, agarrando-me firme demais e precisando de muita coisa. Sempre ansiei por amor. Do tipo incondicional e até mesmo imerecido. Precisava que alguém dissesse para mim. Não é para parecer coitadinha, mas minha mãe nunca me disse.

Nem minha avó. Não havia mais ninguém.

Até 1974, quando me mudei para a casa que meus avós compraram como investimento. Ficava numa ruazinha no meio do nada. Se eu sabia que, quando mudei para uma casa velha com minha mãe maconheira, minha vida mudaria? Não.

Mas, assim que conheci Kathleen Scarlett Mularkey, acreditei em mim mesma porque ela acreditou em mim.

Talvez você esteja se perguntando por que meu livro de memórias começa com minha melhor amiga.

Talvez você esteja especulando que eu seja uma lésbica ou simplesmente alguém arruinado ou que não entende o que é um livro de memórias.

Estou começando aqui, no que parece ser o fim, porque minha história é na verdade a história da nossa amizade. Certa vez — há não muito tempo — eu tive um programa.

The Girlfriend Hour.

Afastei-me dele quando Katie estava perdendo sua batalha contra o câncer.

Aparentemente, afastar-se de um programa de TV sem avisar é ruim. Agora não tenho um emprego.

Mas como eu poderia ter agido de outra maneira?

Tirei tanto de Kate e lhe dei tão pouco.

Aquela era a hora de estar ao lado dela.

A princípio, quando a perdemos, achei que não poderia seguir em frente. Estava certa de que meu coração simplesmente pararia de

bater ou que meus pulmões deixariam de se encher de ar.

As pessoas não são tão úteis quanto você pensa. Ah, elas o consolarão quando você perde uma esposa ou marido ou filho ou um pai, mas com sua melhor amiga é diferente.

Você deve superar isso.

— Tully?

Tirei os olhos do laptop. Havia quanto tempo estava trabalhando?

— Sim? — digo distraidamente, relendo o que escrevi.

— Estou saindo para o trabalho — diz Marah. Ela está vestida de preto e a maquiagem é um pouco pesada. Ela chama isso de uniforme para seu trabalho como barista na Pioneer Square.

Olho para meu relógio.

— São sete e meia.

— Estou com o turno da noite. Você sabe disso.

Sei? Ela me disse isso antes? Marah conseguiu este trabalho há apenas uma semana.

Eu deveria ter um mapeamento em algum lugar? Isso parece algo que uma mãe faria.

Ela tem estado muito tempo fora de casa ultimamente, saindo com suas amigas do Ensino Médio.

— Pegue um táxi para casa. Você precisa de dinheiro?

Ela sorri.

— Estou bem, obrigada. Como está indo o livro?

— Ótimo. Obrigada.

Ela se aproxima e me dá um beijo. Assim que sai, volto ao trabalho.

CAPÍTULO DEZESSEIS

DURANTE O RESTANTE DO VERÃO, trabalho seriamente no livro. Ao contrário da maioria dos livros de memória, o meu ignora a infância e começa com minha carreira. Começo com o princípio na KCPO, com Johnny e Kate, e depois avanço para Nova York e a emissora.

Relembrar a história da minha ambição me anima, me lembra que posso fazer qualquer coisa. Quando não estou trabalhando, Marah e eu agimos como melhores amigas: vamos para o cinema, andamos pelo centro e compramos materiais escolares para a UW. Ela está se saindo tão bem que paro de me preocupar obsessivamente com ela.

Até que um dia ensolarado em agosto de 2008 muda tudo.

Naquela tarde, estou na nova biblioteca de King County, pegando uma coleção de revistas e artigos de jornal escritos sobre mim ao longo dos anos.

Planejei ficar lá o dia todo, mas, quando levanto os olhos e vejo o sol pelas grandes janelas, tomo uma decisão repentina. Chega de trabalho. Pego minhas anotações e meu laptop e ando pelas movimentadas calçadas de Seattle até a Pioneer Square.

A Wicked Brew é um lugar da moda que parece temer gastar dinheiro em iluminação.

O interior cheira a café, incenso e cigarro de cravo. Adolescentes se reúnem em mesas, bebendo café e conversando. A cafeteria parece não se incomodar com as leis anti-fumo de Seattle. As paredes estão cheias de anúncios de bandas das quais nunca ouvi falar. Tenho certeza de que sou a única que não está usando preto.

O garoto na caixa registradora usa jeans preto e uma jaqueta de veludo vintage sobre uma camiseta também preta. Os lóbulos de suas orelhas são do tamanho de moedas de 25 centavos.

— Posso ajudar?

— Estou procurando a Marah.

— Hã?

— Marah Ryan. Ela está trabalhando aqui hoje.

— Cara, ninguém com esse nome trabalha aqui.

— O quê?

— O quê? — repete ele para mim.

Falo lentamente.

— Estou procurando pela Marah Ryan. Menina alta, cabelos pretos. Linda.

— Definitivamente nenhuma linda trabalha aqui.

— Você é novo?

— Estou aqui há tempos, cara, tipo, seis meses. Ninguém chamado Marah trabalha aqui. Quer um *latte*?

Marah mentiu para mim o verão todo.

Dou meia-volta e saio do lugar. Ao chegar ao meu apartamento, estou furiosa. Abro a porta e chamo por ela.

Nenhuma resposta. Olho no meu relógio.

São 14h12.

Vou até a porta do quarto dela, giro a maçaneta e entro.

Marah está na cama com aquele menino, Paxton. Nua.

Uma onda gélida de fúria se abate sobre mim e eu grito para ele se afastar da minha afilhada.

Marah recua e recobre os seios com um travesseiro.

— Tully...

O menino fica lá, deitado, sorrindo para mim como se eu lhe devesse alguma coisa.

— Na sala de estar — digo. — Agora. Vestida.

Vou para a sala de estar e espero por eles.

Antes de chegar lá, tomo um Xanax para me acalmar.

Não consigo parar de andar de um lado para o outro. Sinto um ataque de pânico se formando. O que direi a Johnny?

Como uma galinha cuidando dos pintinhos, Johnny. Pode confiar em mim.

Marah entra rapidamente, as mãos juntas e a boca numa careta. Seus olhos castanhos estão preocupados. Vejo quanta maquiagem ela está usando — delineador, batom roxo, base clara — e percebo de repente que ela está escondendo isso também. Não há uniforme de trabalho. Ela se veste como uma gótica quando sai. Está usando

calça jeans preta e um top preto sobre uma camiseta também preta. Paxton aparece ao lado dela.

Ele não se move; ele paira em sua calça jeans justa e tênis Converse, também pretos. Seu peito é magro e nu, tão branco que é quase azul. Uma tatuagem vai da sua clavícula até seu pescoço.

— Vo-você se lembra do Pax — diz Marah.

— Sente-se — digo.

Marah obedece instantaneamente.

Paxton se aproxima de mim. Ele é realmente belo de perto. Há tristeza em seus olhos, em meio ao ar desafiador, e ele é perversamente sedutor. Marah nunca teve uma chance com esse menino. Como não vi isso? Por que eu romantizei? Era minha função protegê-la e eu falhei.

— Ela tem dezoito anos — diz ele, sentando-se ao lado dela.

Então é assim que ele quer jogar.

— E eu a amo — diz ele.

Marah lhe lança um olhar e percebo quão grave é o problema. *Amor.* Sento-me lentamente, olhando para eles.

Amor.

O que devo dizer quanto a isso? De uma coisa eu tenho certeza.

— Tenho que contar ao seu pai.

Marah engasga. Lágrimas surgem em seus olhos.

— Ele vai me fazer voltar para Los Angeles.

— Conte a ele — diz Paxton, segurando na mão de Marah. — Ele não pode fazer nada. Ela é adulta.

— Uma adulta sem dinheiro e sem trabalho — argumento.

Ela se afasta de Paxton e se aproxima de mim, ajoelhando-se.

— Você disse que a mamãe se apaixonou pelo papai da primeira vez que o viu.

— Sim, mas...

— E você teve um caso com seu professor. Quando você tinha minha idade, e todos achavam que era errado, mas você o amava e era verdadeiro.

Não deveria ter lhe contado tanto. Se eu não estivesse tão envolvida com meu livro e *seduzida por você* é minha melhor amiga, tenho certeza de que não teria dito tanto.

— Sim, mas...

— Eu o amo, Tully. Você é minha melhor amiga. Você tem que entender.

Quero lhe dizer que ela está enganada, que não pode amar um menino que usa delineador e lhe diz como ela se sente, mas o que sei sobre o amor? Tudo o que posso fazer é tentar desfazer o estrago, protegê-la. Mas como?

— Não conte ao papai. Por favor. Não é uma mentira — acrescenta ela. — Só não diga nada a não ser que ele pergunte.

É uma barganha horrível e perigosa de fazer. Sei o que acontecerá se Johnny descobrir este segredo, e não acabará bem para mim. Mas, se eu lhe contar, vou perdê-la; simples assim. Johnny me culpará e a levará para longe e ela nunca perdoará nenhum de nós.

— Certo — digo, e sei o que farei: mantereí Marah tão ocupada nas próximas três semanas que ela não terá tempo de ver Paxton. Depois ela começará a faculdade e se esquecerá dele. — Mas só se você prometer não mentir mais para mim.

Marah sorri de uma maneira que me deixa pouco à vontade e sei por quê. Ela está mentindo para mim o tempo todo.

De que vale a promessa dela?

Em setembro, sou a sombra de Marah.

Mal trabalho no meu livro. Estou determinada a mantê-la longe de Paxton. Fazer planos — e executá-los — ocupa o tempo todo. O único momento em que nos separamos é quando ela está dormindo, e eu verifico pelo menos uma vez a cada noite e garanto que ela saiba disso. Johnny e os meninos voltam para a casa em Bainbridge Island. Ele liga três vezes por semana e pergunta como ela está indo — todas as vezes, digo que ela está indo bem. Ele finge não se sentir magoado pelo fato de sua filha não visitá-lo, e eu finjo não perceber a mágoa em sua voz.

À medida que endureço, Marah se afasta de mim. Nossa relação começa a perecer.

Começo a vê-la se irritando um pouco, lutando para se livrar. Ela concluiu que não sou mais legal e que não sou digna de confiança, e considera as conversas um castigo.

Tento me elevar sobre tudo isso e mostrar que a amo. Nessa atmosfera de guerra fria, minha ansiedade começa a aumentar novamente. Vou me consultar com um novo médico e conseguir receitas. Minto e digo que nunca tomei Xanax antes. No dia 21 de setembro, estou me sentindo culpada e preocupada, parecem dentes quebrados.

— Não é tarde demais para entrar para a Rush — digo.

Marah revira os olhos.

— Uma fraternidade? Que nojo.

— Você costumava querer fazer parte da fraternidade da sua mãe e minha.

— E ursinhos de gelatina eram minha comida preferida.

— Você está dizendo que é madura demais para se juntar a uma fraternidade?

Marah sorri pela primeira vez no dia.

— Não. Só legal demais.

— Você é quem pensa, menina gótica. Se você tivesse nos visto em nossas calças de paraquedistas e nossas ombreiras, ficaria morrendo de inveja.

Até mesmo Johnny ri disso.

Levamos a bagagem de Marah para o elevador e subimos até o andar dela, onde entramos num corredor úmido cheio de jovens, pais e malas.

A "suíte" de Marah é uma entre vários dormitórios reunidos em torno de um pequeno banheiro. Em seu quarto, duas camas ocupam a maior parte do espaço; há ainda duas mesas de madeira.

— Bom — digo —, aqui é seu lar. — *Não.*

Marah se senta no colchão perto dela. Ela parece tão jovem e amedrontada que me toca o coração.

Johnny se senta ao lado dela. Eles se parecem tanto. Ele diz: — Temos orgulho de você.

— Eu queria saber o que ela me diria agora — diz Marah.

Ouçõ como sua voz hesita e me sento do outro lado.

— Ela diria que a vida é cheia de alegrias inesperadas e para você aproveitar ao máximo seus anos de universidade.

A porta se abre. Todos nos viramos, esperando ver uma das novas companheiras de dormitório de Marah.

Paxton está lá, vestido de preto, segurando um buquê de rosas roxas. As mechas de seus cabelos são vermelhas agora e ele está usando correntes suficientes para conter Houdini. Ele vê Johnny e para.

— Quem é você? — pergunta Johnny, levantando-se.

— Ele é meu amigo — diz Marah.

Vejo tudo em câmera lenta. A raiva de Johnny — um pequeno estágio acima da preocupação — e o desespero de Marah e a não tão sutil arrogância e o desprezo de Paxton.

Marah se lança para seu pai, segurando-o pelo braço, tentando detê-lo.

Coloco-me entre Johnny e Paxton.

— Johnny — digo, firmemente. — Este é o dia da Marah. Ela vai se lembrar disso para sempre.

Ele para, faz uma careta. Posso ver que está contendo a raiva. Demora mais do que eu esperava.

Lentamente, ele dá as costas a Paxton. É uma crítica, para deixar claro, uma crítica que Paxton aprecia, mas Marah, não. Vejo o quanto custa para Johnny fingir que não se importa com a presença de Paxton.

Marah se levanta para ficar ao lado de Paxton. Ao lado dele, ela parece ainda mais gótica. Ambos são altos e magros, como um par de candelabros de ônix.

— Bom — digo, para desfazer a tensão no ambiente —, vamos almoçar. Você também, Pax. Quero levar a Marah pela rua das lembranças. Vou lhe mostrar onde sua mãe e eu costumávamos estudar na Biblioteca Suzzallo e nosso lugar preferido no dormitório, e o departamento de comunicação...

— Não — diz Marah.

Franzo a testa.

— Não o quê?

— Não quero participar da turnê de memórias da Firefly Lane.

É uma provocação que nunca tinha vindo dela em minha direção.

— Eu... Eu não entendo. Falamos disso durante todo o verão.

Marah olha para Paxton, que meneia a cabeça, encorajando-a, e sinto um nó no estômago. Esta é a opinião *dele*.

— Minha mãe está morta — diz Marah, e seu tom de voz é devastador. — Não me ajuda em nada falar sobre ela o tempo todo.

Estou perplexa.

Johnny se aproxima dela.

— Marah...

— Agradeço que vocês tenham me trazido aqui, mas estou estressada o bastante. Podemos encerrar por hoje?

Eu me pergunto se isso magoa Johnny tanto quanto me magoa. Ou talvez pais criem calos em seus corações e eu simplesmente não esteja preparada para isso.

— Claro — diz um mal-humorado Johnny. Ele ignora Paxton completamente e se aproxima da filha, pegando-a nos braços.

Paxton não tem escolha senão recuar. A raiva transparece em seus olhos castanhos, mas ele fica quieto. Tenho certeza de que ele sabe que o estou observando.

Isso é minha culpa. Eu a levei para a Dra. Bloom, onde ela encontrou esse jovem encrencado, e, quando ela me falou sobre ele, agi como se lhe desse permissão. Devia tê-la lembrado de que ela estava frágil, uma menina que se cortava de propósito. Devia tê-la protegido. E, quando descobri que estavam fazendo sexo, devia ter contado a Johnny. Certamente teria contado a Kate.

Quando é minha vez de dizer adeus, quero dizer todas as coisas que deveria ter dito antes. Isso me deixa com raiva da minha mãe inútil de novo — se eu tivesse uma mãe, talvez soubesse *alguma coisa* sobre como agir como uma.

Nos olhos de Marah, vejo uma irritação cuidadosamente contida. Ela quer que saíamos para que possa ficar sozinha com Paxton. Como fazemos isso? Como a deixamos neste campus enorme, uma menina de dezoito anos que se corta, com um menino que usa maquiagem e acessórios em forma de caveira?

— Talvez você devesse morar comigo neste semestre — digo.

Ouçõ Paxton emitir um som de desagrado e quero bater nele.

Marah mal sorri.

— Estou pronta para ficar sozinha.

Dou-lhe um abraço que dura menos do que eu gostaria.

— Mantenha contato — diz Johnny. Depois ele me pega pelo braço e me leva para fora. Caminho com dificuldade ao lado dele, cega pelas lágrimas. Arrependimento e medo e preocupação se juntam e se tornam minha coluna, as coisas que me mantêm.

Quando dou por mim, Johnny e eu estamos num bar em Ave, cercados por garotos e garotas bebendo no meio do dia.

— Isso foi brutal — diz ele quando nos sentamos.

— Pior do que brutal.

Peço tequila.

— Quando ela fez amizade com aquele perdedor?

Sinto uma dor no estômago.

— Terapia de grupo.

— Ótimo. Dinheiro bem gasto.

Bebo minha tequila e desvio o olhar.

Johnny suspira.

— Deus, como queria que a Katie estivesse aqui. Ela saberia como lidar com isso.

— Se a Kate estivesse aqui, não haveria com que lidar.

Johnny faz que sim e pede mais bebida para nós dois.

— Vamos falar de algo menos deprimente. Diga como seu livro está indo...

Quando chego em casa, sirvo-me de uma taça de vinho que carrego de um lado para o outro. Leva um tempo para eu perceber que estou procurando por ela.

Estou ansiosa, irritada, e uma segunda taça de vinho não ajuda. Preciso fazer alguma coisa. *Dizer* alguma coisa.

Meu livro.

Afundo-me na ideia. Sei exatamente o que escrever. Pego meu laptop, abro-o e encontro meu documento.

Nunca soube dizer adeus. É uma falha que tem estado comigo durante toda a minha vida. É algo problemático, principalmente pela forma como as partidas têm acontecido. Suponho que isso remonte à minha infância — não é o que acontece com tudo? Estava sempre

esperando pela volta da minha mãe. Quantas vezes disse isso nestas memórias? Tenho de voltar e editar algumas delas. Mas apagar frases não apaga a verdade. Quando gosto de alguém, apego-me com um desespero que é quase uma doença mental. Foi por isso que não contei a Johnny sobre Paxton e Marah. Estava com medo de decepcioná-lo — de perdê-lo —, mas, vamos encarar as coisas, ele já me perdeu, não é mesmo? Ele me perdeu no momento em que Katie morreu. Sei o que ele vê quando me olha: a metade menor de uma amizade.

Mesmo assim, eu deveria ter lhe contado a verdade. Se tivesse feito isso, talvez o adeus a Marah não parecesse tão terrível e perigosamente decisivo...

O Natal de 2008 me surpreende.

Faz três meses desde que Marah se mudou para seu dormitório, e neste tempo a vida mudou para todos nós. Tenho escrito regularmente — não muitas páginas, mas encontrando regularmente as palavras que contam minha história. Isso me dá energia; essa nova busca me dá algo para fazer nas longas e vazias horas do dia e da noite. Eu me tornei uma espécie de eremita, uma daquelas mulheres de meia-idade que vivem reclusas.

Raramente deixo meu apartamento; não há necessidade. Tudo pode ser entregue e, na verdade, eu não sei o que fazer comigo mesma no mundo atualmente. Por isso, escrevo.

Até que Margie me liga num dia chuvoso de dezembro. Se eu estava esperando por sua ligação?

Não sei. Só sei que, quando vi seu nome no identificador de chamadas, quase comecei a chorar.

— Olá — diz ela, naquela sua voz rouca de fumante. — A que horas você vai chegar na sexta-feira?

— Chegar? — pergunto.

— Em Bainbridge Island. O Johnny e os gêmeos estão em casa e claro que vamos passar o Natal lá. Não podemos ter a festa sem você.

E aí está. A coisa pela qual estava esperando sem nem mesmo saber.

É um recomeço, aquele Natal em Bainbridge Island; pelo menos parece um.

Estamos todos juntos novamente pela primeira vez em muito tempo — Bud e Margie vieram do Arizona, Johnny e os gêmeos voltaram para a casa à qual pertencem. Até mesmo Marah vem para passar a semana.

Todos fingimos não notar como ela está magra e triste.

Quando nos separamos, prometemos manter contato, nos reunirmos com mais frequência. Johnny me abraça apertado e no abraço eu me lembro de quem éramos um para o outro. Amigos.

Nos meses seguintes, sou quase como era, pelo menos uma versão mais pálida e quieta da Tully de antigamente. Escrevo quase todos os dias; faço progresso, não rapidamente, talvez, mas algum progresso é melhor do que nada e me ajuda a me ancorar, a me dar um futuro. Ligo para Marah todas as segundas-feiras à noite; é verdade que ela nem sempre atende e, quando se dignifica a conversar comigo, deixa clara uma regra: se eu a chatear de algum modo, ela desliga. Mesmo assim, encontro uma maneira de estar bem com isso. É alguma coisa.

Estamos falando. Acredito que nossas conversas falsas e inúteis se tornarão reais com o tempo. Ela encontrará seu lugar na UW, fará amigos e amadurecerá. Em pouco tempo tenho certeza de que ela verá Paxton pelo que ele realmente é. Mas, quando seu ano como caloura se aproxima do fim e ele ainda está ao lado dela, começo a me preocupar um pouco mais.

Em maio daquele ano — 2009 —, Lucas me liga e me convida para o último jogo de beisebol da temporada. Encontro Johnny no campo e me sento ao lado dele na arquibancada. A princípio é estranho estarmos lado a lado; ambos não sabemos direito como nos tratar, mas no final da terceira entrada encontramos uma maneira. Desde que não mencionemos Kate, podemos rir juntos novamente.

Pelo restante do verão e no outono, eu os visito regularmente.

No inverno de 2009, sinto-me quase como a antiga Tully. Até tenho um plano de trazer Marah para casa da faculdade mais cedo para decorar o ambiente para as festas de fim de ano.

— Você está pronta? — pergunta Johnny ao abrir a porta do meu apartamento. Posso ver que ele está impaciente, empolgado.

Todos estamos preocupados com Marah, e a ideia de trazê-la para casa antes é boa.

— Nasci pronta. Você sabe disso. — Enrolo um cachecol de cashmere no pescoço e o sigo até o carro.

Nesta fria e escura noite de meados de dezembro, nuvens de chuva se reúnem sobre os prédios.

Antes de chegarmos à autoestrada, alguns flocos de neve começam a cair, tão pequenos que, quando atingem o para-brisa, tudo o que resta é um pouquinho de água acumulando-se aqui e ali, rapidamente limpa, mas dando ao momento um clima festivo. Conversamos sobre Marah, suas notas e nossa esperança de que ela se saia melhor no segundo ano.

O imenso e gótico campus da Universidade de Washington parece menor neste clima; elegantes prédios parecem fantasmagóricos sob o céu cinzento. A neve começa a engrossar; uma camada branca recobre os jardins e os bancos de concreto. Os alunos se movem agitadamente entre os prédios, os capuzes e as mochilas aos poucos ficando brancos. Há uma sensação de silêncio ali, uma solidão que raramente se sente nesses campi gigantes. São os últimos dias da Semana Final. Na segunda, a faculdade fechará até janeiro. A maioria dos alunos já se foi.

Em janelas douradas, professores correm para dar notas aos últimos exames antes do período de festas.

McMahon Hall está especialmente quieto. No quarto de Marah, paramos e olhamos um para o outro.

— Devemos gritar “surpresa”? — pergunto.

— Acho que vai ser óbvio quando ela abrir a porta.

Johnny bate na porta.

Ouvimos passos e a porta se abre. Paxton está ali, usando cueca e botas, segurando um cachimbo de maconha. Ele está mais branco que o normal e seu olhar é vítreo e perdido.

— Opa — diz ele.

Johnny empurra Paxton com tanta força que ele tropeça e cai. O lugar cheira a maconha e algo mais.

Na cabeceira há um papel-alumínio escurecido com um cachimbo sujo ao lado. *Que droga é essa?*

Johnny chuta as caixas de pizza e as latas vazias de Coca-Cola.

Marah está na cama, usando apenas calcinha e sutiã. À nossa entrada, ela recua, erguendo o cobertor até o colo.

— O que diabos vocês estão fazendo aqui? — pergunta ela. Suas palavras saem deformadas; seu olhar está enevoado. Ela está obviamente chapada. Paxton se aproxima dela.

Johnny agarra Paxton como se ele fosse um frisbee e o joga para o lado, depois o pressiona contra a parede.

— Você a estuprou! — diz Johnny. O tom de sua voz é aterrorizador.

Marah sai da cama, cai no chão.

— Papai, não...

— Pergunte *a ela* se estuprei sua filha — diz Paxton, acenando para mim.

Quando Johnny se vira e me olha, abro a boca, mas nada sai.

— O quê? — grita Johnny para mim. — O que você sabe sobre isso?

— Ela sabia que estávamos dormindo juntos — diz Paxton com um sorrisinho. Ele está nos separando; ele sabe disso e gosta.

— Pax... Não... — diz Marah, inclinando-se para a frente.

O olhar de Johnny se torna frio como gelo.

— O quê?

Seguro seu braço e o puxo na minha direção.

— Por favor, Johnny. Ouça — sussurro. — Ela acha que o ama.

— Como você *ousa* não me contar?

Estou quase com medo demais para responder.

— Ela me fez prometer.

— Ela é uma criança!

Balanço a cabeça.

— Estava tentando...

— A Kate não perdoaria você por isso. — Ele sabe exatamente como estas palavras me deixam exposta. Ele me deixa sem palavras e se vira para encarar a filha.

Marah está de pé, segurando-se a Paxton como se fosse cair sem o apoio dele. Vejo agora que ela tem um piercing na sobrancelha e que seus cabelos têm mechas roxas. Ela pega uma calça jeans e um casaco sujo do chão.

— Estou cansada de fingir ser quem você quer que eu seja — diz Marah. As lágrimas lhe enchem os olhos e ela as enxuga impacientemente. — Vou sair da faculdade e cair fora daqui. Preciso da minha própria vida. — Ela está tremendo ao colocar seus sapatos.

Posso ver de onde estou.

Paxton meneia a cabeça encorajadamente.

— Isso partiria o coração da sua mãe — diz Johnny, parecendo tão zangado como nunca o vi.

Marah o encara.

— Ela está morta.

— Vamos, Marah — diz Paxton. — Vamos cair fora daqui.

— Não vá — sussurro. — Por favor. Ele vai acabar com você.

Marah se vira. Ela está tão titubeante que se apoia na parede.

— Você disse que toda menina precisava de um poeta uma vez na vida. Achava que *você* entenderia. Com toda a sua besteira de “meu trabalho é amar você”.

— Ela disse *o quê?* — grita Johnny. — Toda menina precisa de um *poeta?* Ah, por Deus...

— Ele vai acabar com você — digo novamente. — Era isso o que eu deveria ter lhe dito.

— É — diz Marah, a expressão séria. — Me fale sobre o amor, Tully. Porque você sabe tanto sobre isso.

— Ela não sabe, mas eu sei — diz Johnny para Marah. — E você também. Sua mãe não ia querer você perto deste garoto.

Os olhos de Marah ficam sérios — Deixe-a fora disso.

— Você vem comigo *agora* — diz Johnny. — Ou...

— Ou o quê? Não venha mais para casa? — retruca Marah.

Johnny parece estar fracassando. Ele está com raiva também.

— Marah...

Ela se vira para Paxton e diz: — Me tire daqui.

— Ótimo, vão — diz Johnny.

Fico lá, incapaz de respirar. Como algo deu tão errado tão rápido?
Quando ouço a porta se fechar, viro-me para Johnny.

— Johnny, por favor...

— Não. Você sabia que ela estava dormindo com... aquele moleque... — Sua voz falha. — Não sei como a Kate ficou ao seu lado todos aqueles anos, mas sei disto: acabou. Isto é culpa SUA. Fique longe da minha família.

Pela primeira vez, Johnny me dá as costas e se afasta.

CAPÍTULO DEZESSETE

AH, TULLY.

Sobre o sussurro fraco do respirador e o bipe do monitor cardíaco, ouço a decepção na voz de Katie.

Eu me esqueço de onde meu corpo está — ou tento me esquecer — e vivo na lembrança de onde deveria estar. O dormitório na UW.

Bons tempos. Deito-me na grama. Quase posso senti-la sob mim; pontinhas pinicando minha pele. Posso ouvir o murmúrio de vozes distintas e indistintas; os sons são como ondas que se quebram na praia.

Aquela luz pura e bela envolve tudo e me dá uma sensação de paz que é totalmente diferente da lembrança que compartilhei com Kate.

Você deixou ambos irem embora?

Viro-me para o lado e encaro esta bela e incandescente visão da minha melhor amiga.

No brilho pálido dela, vemo-nos como éramos — uma dupla de meninas de catorze anos usando maquiagem demais, com sobrancelhas depiladas demais, sentadas na minha cama, com várias revistas *Tiger Beat* entre nós. Ou nos anos 1980, usando ombreiras do tamanho de pratos rasos e dançando *We Got the Beat*.

— Estraguei tudo — digo.

Ela suspira. Sinto seu hálito como um sussurro contra meu rosto. Sinto o cheiro do chiclete que ela adorava e o perfume Baby Soft, que ela não usava havia décadas.

— Sinto falta de ter você para conversar.

Estou aqui agora, Tul. Converse comigo.

— Talvez você queira conversar comigo sobre como é onde você está.

Sobre as ausências que a acordam à noite, sobre esquecer como os cabelos de seu filho cheiram depois do banho ou se perguntar se ele perdeu um dente ou como ele crescerá sem uma mãe para guiá-lo. Ela suspira. Isto é para outra hora. Diga-me o que aconteceu

depois que Marah fugiu e Johnny disse que não queria ver você mais. Você se lembra?

Eu me lembro bem. Dezembro de 2009 foi o começo do fim. Último ano. É como se fosse ontem para mim.

— Depois daquela cena horrível, eu...

... corro pelos dormitórios e me percebo sozinha no campus. Está frio, a neve caiu *por tudo* agora ;a neve suja está recobrando as ruas. Vou até a Rua 44, peço um táxi e me sento no banco de trás.

Em casa, tremo tanto que bato com o dedo na porta. Vou direto para o banheiro e tomo dois Xanax, mas os comprimidos não me impedem de ruir. Não desta vez. Sei que é porque mereço me sentir mal.

No que eu estava pensando ao dizer aquelas coisas para Marah, ao esconder a verdade de Johnny? Ele tem razão. É minha culpa. Por que continuo magoando as pessoas que amo?

Subo na minha cama e me encolho sobre o edredom de seda prateado. Ele absorve minhas lágrimas como nunca.

Eu me lembro do tempo passando de formas estranhas — do céu escurecendo lentamente, das luzes se acendendo ao meu redor, da quantidade de Xanax que tomo. No meio da noite, como tudo o que tem na geladeira e estou a caminho da despensa quando sei que exagerei. Corro para o banheiro e vomito tudo, juntamente com o Xanax, e depois me sinto fraca como uma gatinha.

Quando o telefone toca, acordo, tão atordoada e letárgica que me esqueço de onde estou e sinto que alguém passou por cima de mim com um caminhão. Então me lembro.

Atendo o telefone.

— Alô? — digo, notando como minha boca está seca.

— Oi.

— Margie — sussurro seu nome, com medo de dizê-lo em voz alta. Queria que ela não morasse no Arizona. Preciso vê-la agora.

— Olá, Tully.

Percebo a decepção em sua voz e sei por que ela está ligando.

— Ouviu as notícias?

— Ouvi.

Estou tão envergonhada que sinto enjoo.

— Estraguei tudo.

— Era para você ter cuidado dela.

A coisa mais patética é que eu achava que estava cuidando.

— Como conserto isso?

— Não sei. Talvez quando a Marah voltar para casa...

— E se ela não voltar?

Margie suspira e eu penso: *Quanta dor de cabeça uma família consegue suportar?*

— Ela vai voltar — digo, mas não acredito, e Margie sabe. Em vez de me fazer sentir melhor, esta conversa está me fazendo sentir pior. Dou uma desculpa qualquer e desligo.

Um Ambien me ajuda a dormir.

Nas duas semanas seguintes, o clima reflete meu humor. O céu cinza e inchado chora comigo.

Sei que estou deprimida. Posso *sentir*, mas o estranho é que acho isso consolador.

Durante toda a minha vida fugi das minhas emoções. Agora, sozinha em meu apartamento, livre de todos, me alegro na dor, nadando em suas águas cálidas. Nem mesmo finjo trabalhar no meu livro. Os comprimidos para dormir que tomo à noite me deixam tonta e lenta pela manhã, e mesmo com eles no meu sistema eu me reviro à noite; suores e calorões fazem com que eu me sinta alternadamente fervendo e congelando.

Até a véspera de Natal. Treze dias depois da briga no dormitório de Marah.

Naquela manhã, acordo com um plano.

Saio da cama e vou ao banheiro, onde um espelho revela uma mulher de meia-idade com olhos avermelhados e cabelos que precisam ser pintados.

Remexo na caixa de Xanax e tomo dois.

Preciso de dois porque vou sair, e só a ideia de fazer isso já me deixa em pânico.

Deveria tomar um banho, mas estou me sentindo tão abalada e fraca que não consigo.

Pego os presentes que comprei há semanas. Antes do que aconteceu.

Coloco-os numa enorme sacola da loja Nordstrom e vou para a porta.

Paro, de repente incapaz de respirar. Meu peito dói.

Isso é patético. *Eu* sou patética. Não saio do meu apartamento há quase duas semanas. É tempo demais. Quando me tornei *incapaz* de abrir a porta?

Ignoro meu pânico e abro a maçaneta.

Ela parece quente na minha mão suada, faz um soquinho — um rangido — e se solta.

Tento novamente, mais devagar. Abro a porta e saio para o corredor. Quando a porta se fecha, luto contra a vontade de voltar.

Isso é ridículo. Sei que é ridículo.

Simplesmente não consigo me controlar.

Mas tenho um plano.

Hoje é véspera de Natal. Um dia de família e perdão.

Solto minha respiração — há quanto tempo eu a estou prendendo? — e caminho resoluta para o elevador. Por todo o caminho — cinco metros de piso de mármore — meu coração bate descontroladamente no meu peito, parando e voltando a bater.

A descida de elevador até a garagem é um teste para a minha vontade. Parece heroico entrar no carro, sentar no banco do motorista e ligar o motor.

Lá fora, as ruas de Seattle estão brancas com a neve. A decoração das festas de fim de ano preenche as janelas de ambos os lados da rua. São quatro da tarde da véspera de Natal. Os únicos consumidores que vejo são homens em casacos pesados, seus rostos protegidos por colarinhos voltados para cima, comprando no último instante possível.

Viro à direita na Columbia. Essa rua oculta parece um desfiladeiro na neve, aconchegada sob o viaduto de concreto. Aqui não há pessoas sob a neve. É como dirigir por uma pintura em preto e branco; meus faróis são a única cor que vejo.

Dirijo até a balsa e estaciono, decidindo ficar no carro durante a travessia. O movimento da balsa, o ruído, o barulho da buzina me fazem entrar numa espécie de transe.

Fico olhando para a extremidade do barco e para a neve que cai diante de nós, flocos desaparecendo no estreito cinza.

Vou pedir desculpas. Vou me ajoelhar se for preciso, implorar para que Johnny me perdoe.

— Desculpe, Johnny — digo em voz alta, ouvindo minha voz tremer. Quero tanto. Preciso. Não posso continuar assim. A solidão é insuportável, assim como a culpa.

A Kate não perdoaria você.

Em Bainbridge Island, saio lentamente da balsa. Os poucos quarteirões de Winslow estão decorados para as festas; luzes brancas piscam diante das lojas e dão a volta nos postes de luz. Uma estrela vermelha de néon pende da Main Street. Parece um quadro de Norman Rockwell, especialmente com a neve caindo.

Dirijo por uma rua que é familiar como minha mão, mas parece exótica na neve.

Quanto mais me aproximo da garagem, mais fraco se torna meu controle do pânico. Na última curva, meu coração dispara. Estaciono na garagem e paro.

Tomo outro Xanax. Quando tomei o último? Não me lembro.

Vejo um Ford sedan branco na garagem.

Deve ser o carro alugado de Bud e Margie.

Engato a marcha do carro e avanço. Pela cortina de neve, vejo as luzes de Natal pendendo das calhas e o brilho luminoso dourado nas janelas. Dentro, a árvore está acesa; sombras de pessoas se reúnem em torno dela.

Estaciono, desligo as luzes e imagino.

Vou entrar na casa, bater na porta e Johnny atenderá.

Desculpe, direi. Perdoe-me.

Não.

Isso me atinge como um tapa, tão forte que recuo. Ele não vai me perdoar. Por que me perdoaria?

Sua filha se foi. Ela fugiu com um moleque e desapareceu por minha causa.

Ele me deixará lá, em pé com os presentes.

Não posso fazer isso, não posso me aproximar e ser esmagada novamente. Mal estou me mantendo do jeito que as coisas estão.

Saio da garagem, volto para a balsa. Em menos de uma hora, estou no centro novamente. Agora as ruas estão mesmo quietas; ninguém está andando nas calçadas escorregadias. As lojas estão fechadas.

As estradas estão escorregadias e eu diminuo a velocidade, só para ter mais cuidado.

Depois estou chorando. Não sinto a tristeza chegando, não a vejo me cercando, mas de repente estou soluçando e meu coração está disparado e calorões me assolam como agulhadas. Tento limpar meus olhos para me acalmar, mas não consigo. Meu corpo está pesado, letárgico.

Quantos Xanax tomei?

É nisso que estou pensando quando vejo luzes vermelhas atrás de mim.

— Droga.

Dou sinal e encosto ao lado da estrada.

O carro de polícia estaciona atrás de mim. As malditas luzes vermelhas piscam e depois param.

O oficial vem até minha janela e bate no vidro. Ocorre-me por um segundo que eu deveria ter abaixado o vidro.

Sorrindo, aperto o botão e a janela se abre sem som.

— Oi, policial — digo, esperando por um reconhecimento. *Ah, Srta. Hart. Minha esposa-irmã-filha-mãe adora seu programa.*

— Licença e registro, por favor — diz ele.

Ah. Certo. Aqueles dias se foram.

Mantenho o sorriso.

— Tem certeza de que precisa da minha identidade, policial? Sou Tully Hart.

— Licença e registro, por favor.

Pego minha bolsa e de dentro dela tiro minha carteira de motorista e os documentos do veículo.

Posso ver que minha mão treme ao lhe dar o que ele pediu.

Ele ilumina com a lanterna minha licença e depois vira a luz para mim. Não me imagino parecendo bem sob aquela claridade e aquilo me preocupa. Ele me encara.

— Bebeu, Srta. Hart?

— Não. Nada — digo, e acho que é verdade. É? Tomei vinho esta noite?

— Saia do veículo, por favor.

Ele recua e vai para a parte de trás do meu carro.

Agora minhas mãos estão mesmo tremendo. Meu coração começa a bater num ritmo louco de novo e minha boca fica seca.

Fique calma.

Saio do carro e fico no acostamento com as mãos apertadas uma contra a outra.

— Gostaria que a senhorita andasse por dez metros ao longo desta linha, Srta. Hart. Um pé colado no outro.

Quero fazer o que ele pede, rápida e facilmente, mas não consigo manter meu equilíbrio. Dou um passo maior e rio nervosamente.

— Nunca fui muito coordenada — digo. É a palavra certa? Estou tão nervosa que não consigo pensar direito; queria não ter tomado aqueles dois últimos Xanax. Meus movimentos e pensamentos estão lentos.

— Certo. Pode parar. Aqui, diante de mim. Incline a cabeça para trás e abra seus braços e toque seu nariz com um dos dedos.

Abro os braços e imediatamente perco o equilíbrio e caio para o lado. Ele me segura antes que eu atinja a calçada. Tento novamente, com toda a minha vontade.

Cutuco com o dedo o meu olho.

Ele pega um bafômetro e diz para mim:

— Assopre.

Tenho certeza de que não bebi, mas, honestamente, não confio em mim mesma. Meus pensamentos estão confusos e eu sei que não deveria soprar naquela coisa se tivesse bebido.

— Não — digo, encarando-o. — Não estou bêbada. Tenho ataques de pânico. Tenho uma receita médica...

Ele junta meus braços e me algema.

Algemas!

— Espere um pouco! — grito, tentando pensar como posso explicar isso, mas ele não me ouve. Ele me leva de volta para o carro.

— Tenho receitas médicas — digo, numa voz baixa e assustada. — Para ataques de pânico.

Ele lê meus direitos e me diz que estou presa e depois pega minha carteira de motorista, faz um furo nela e me obriga a sentar no banco traseiro da viatura.

— Vamos lá — imploro, quando ele me empurra para o banco. — Não faça isso. Por favor. É véspera de Natal.

Ele não diz nada e dirige.

Na delegacia, ele me ajuda a sair do carro e me leva pelo cotovelo para dentro do prédio.

Não há muitas pessoas ali nesta noite nevada de feriado, e estou feliz por isso.

Minha vergonha está aumentando. Como posso ter sido tão burra? Uma mulher forte me leva para uma sala e me revista da cabeça aos pés, tocando-me como se eu fosse uma terrorista.

Eles pegam todas as minhas joias e pertences e depois tiram minhas impressões digitais. Então, tiram uma foto minha.

Sinto as lágrimas e sei que elas são inúteis — chuva no deserto —, desaparecem antes de caírem.

Véspera de Natal numa cela. Um novo tipo de fundo do poço.

Sento-me no banco de concreto numa área de espera, sozinha, aconchegada sob uma única luminária. Qualquer coisa é melhor do que olhar para as barras. Na sala do outro lado da minha cela, alguns homens e mulheres aparentemente cansados em uniformes estão sentados em mesas cheias de xícaras de café de isopor e fotos de famílias e decorações de Natal, fazendo trabalho burocrático e conversando uns com os outros.

São quase onze horas — são as horas mais longas da minha vida — quando uma mulher forte vem até minha cela e a destranca.

— Rebocamos seu carro. Você pode ir, se alguém vier buscá-la.

— Posso pegar um táxi?

— Desculpe, mas não. Não temos seu relatório de toxidade ainda. Não podemos simplesmente liberá-la. Deve haver alguém para quem você possa ligar.

De repente o chão sobre o qual estou se abre e percebo que a coisa toda só piora.

Ficarei na cadeia a noite toda antes que possa ligar para Margie no Natal e pedir para ela me tirar daqui.

Olho para o rosto cansado e marcado da mulher. Posso ver que ela é uma pessoa gentil, mas é véspera de Natal e ela está aqui e há outro lugar onde ela gostaria de estar.

— Você tem família? — pergunto.

Ela parece surpresa pela minha pergunta.

— Sim — diz, depois de pigarrear.

— Deve ser difícil trabalhar esta noite.

— Tenho sorte por ter um emprego.

— É — digo, com um suspiro.

Só consigo pensar numa pessoa para ligar e nem sei por que seu nome me ocorre.

— Desmond Grant — digo. — Ele é médico no setor de emergência do Sacred Heart. Ele pode vir.

Tenho o número dele na minha bolsa.

A mulher faz que sim.

— Venha, então.

Levanto-me lentamente, sentindo-me arrasada como um pedaço de giz gasto. Caminhamos pelo corredor verde até uma sala cheia de mesas vazias.

A mulher me entrega minha bolsa. Remexo nela, ignorando o tremor nas mãos (poderia mesmo tomar um Xanax agora) e encontro o número do telefone e meu aparelho.

Sob o olhar atento da mulher, ligo e espero, sem respirar.

— Alô?

— Desmond? — Mal consigo falar. Já estou me arrependendo desta ligação. Ele não vai me ajudar; por que ajudaria?

— Tully?

Não quero dizer nada.

— Tully? — diz ele novamente, parecendo preocupado. — Você está bem?

As lágrimas se acumulam em meus olhos.

— Estou na cadeia do Condado de King — digo. — Dirigindo sob influência de substâncias. Mas não bebi nada. É um equívoco. Eles

não me deixam ir embora a não ser que alguém se responsabilize por mim. Sei que é véspera de Natal e...

— Já estou indo — diz ele, e eu sinto lágrimas quentes rolarem pelo meu rosto.

— Obrigada.

Pigarreio e desligo.

— Por aqui — diz a mulher. Ela me empurra um pouco, só para me lembrar de que preciso me mover. Sigo-a até outra sala, enorme e movimentada, mesmo na noite de festa.

Sento-me numa cadeira perto da parede, ignorando os bêbados e prostitutas e crianças de rua que são trazidos a cada minuto.

Finalmente a porta se abre e vejo Desmond entrar; a neve cai atrás dele. Seus cabelos longos estão cinza por causa da neve, seus ombros manchados pela umidade e seu nariz está vermelho.

Levanto-me, insegura, vulnerável, burra e com vergonha.

Ele cruza a sala na minha direção, seus cabelos compridos esvoaçando como asas ao movimento de seus passos.

— Você está bem?

Levanto os olhos.

— Já estive melhor. Me desculpe por ligar para você tão tarde. E na véspera de Natal. E por isso. — A vergonha se prende na minha garganta; mal consigo engolir.

— Meu turno terminou há dez minutos mesmo.

— Você estava trabalhando?

— Cubro o plantão para pessoas que têm família — diz ele. — Para onde posso levar você?

— Para casa — digo. Tudo o que quero é estar na minha cama. Quero cair num sono tão profundo que faça com que eu me esqueça desta noite toda.

Ele me pega pelo braço e me leva para seu carro, que está ilegalmente parado diante da delegacia.

Digo-lhe o endereço e ele dirige pelos poucos quarteirões até meu prédio em silêncio.

Desmond estaciona diante do prédio. Um porteiro uniformizado aparece quase instantaneamente à porta.

Ele se vira para mim.

Vejo a pergunta em seu olhar quando ele me vê. A verdade é que não quero convidá-lo a subir. Não quero ter de sorrir e conversar e fingir estar bem, mas como posso ignorá-lo agora, depois do que ele fez por mim?

— Quer subir e beber alguma coisa?

Seu olhar é questionador, incômodo.

— Certo — diz ele, finalmente.

Abro a porta do carro e saio tão rápido que quase caio. O porteiro está ali para me segurar.

— Obrigada — murmuro. Sem esperar por Desmond, passo pela recepção, meus saltos altos batendo no piso de pedra, e aperto o botão do elevador. Em silêncio, subimos juntos, nossas imagens refletidas pelo espelho.

No meu apartamento, abro a porta e o deixo entrar. Ele me segue até a sala de estar, com sua bela vista para a cidade à noite, a neve caindo, os flocos ganhando cores por causa das luzes da cidade.

— Vinho?

— Que tal um café para ambos?

Se eu o odeio por me lembrar da minha noite? Sim, um pouco.

Entro na cozinha e preparo o café. Enquanto a água ferve, peço licença. No banheiro, fico impressionada pela minha aparência — os cabelos amarranhados pela neve, o rosto pálido e cansado, sem maquiagem.

Meu Deus.

Abro o armário de remédios, encontro meu Xanax e o tomo. Depois, volto para a sala de estar. Ele encontrou meu CD player e pôs músicas natalinas.

— Fiquei surpreso por você ter me ligado — diz ele.

A resposta para isso é tão patética. Fico quieta. Sento-me no sofá, meio que caio. O impacto da noite está me atingindo agora; não sou forte o suficiente para aguentar. O Xanax não está fazendo efeito. Sinto o pânico crescendo.

— Desmond Grant — digo. Qualquer coisa para quebrar o silêncio.

— Dormi com um cara chamado Grant durante alguns anos.

— Uau. — Ele se aproxima de mim, senta-se. Está tão perto que posso sentir o cheiro levemente metálico da neve derretida na lã e o

aroma de café em seu hálito.

— Uau o quê? — pergunto, incomodada pela maneira como ele está me estudando.

— A maioria das pessoas diria diferente, usando palavras como *amor* ou *namorando* ou *namorado* ou *relacionamento* para descrever alguém com quem dormiu por anos .

— Sou uma jornalista. Escolho as palavras com cuidado. Dormi com ele. Não o namorei nem o amei.

— Você disse que se apaixonou uma vez.

Talvez.

Não gosto do rumo que esta conversa está tomando. Já não pareço patética o bastante com a acusação de dirigir sob influência de bebida? Dou de ombros.

— Eu tinha dezenove anos. Uma menina.

— O que aconteceu?

— Só percebi que o amei quando tinha quase quarenta anos. — Tento sorrir. — A história da minha vida. Ele se casou com uma mulher chamada DeeAnna há uns seis anos.

— Deve ter sido difícil. Como era o outro Grant?

— Exibido, acho. Ganhei muitas flores e joias, mas não...

— Não o quê?

— Não o tipo de presente que você dá a uma mulher com a qual quer envelhecer.

— E quais seriam estes presentes?

Dou de ombros. Como saberia?

— Chinelos, talvez, ou uma camisola de flanela. — Suspiro. — Olhe, Desmond, estou mesmo cansada. Foi um dia horrível. Obrigada por vir.

Eu o vejo colocar sua xícara na mesinha e se virar lentamente para mim. Ele me pega pela mão e me levanta. Ele me olha de um jeito que torna difícil respirar. De algum modo ele me vê, vê a vulnerabilidade e meu medo.

— Você é como a Lady of Shalott^[1], Tully, observando o mundo da segurança da sua torre. Você fez de tudo, foi mais bem-sucedida do que as pessoas até mesmo sonham ser. Então, por que você não

tem ninguém para quem ligar na véspera de Natal nem nenhum lugar para estar?

[1] Poema vitoriano escrito pelo poeta inglês Alfred Tennyson.
(N.T.)

— Saia — digo, cansada. Odeio-o por esta pergunta, por expor assim minha solidão e meu medo, por agir como se eu pudesse fazer algo de diferente. — Por favor. — Minha voz hesita um pouco, treme. Tudo o que quero fazer é me deitar na cama e dormir.

Amanhã será um dia melhor.

CAPÍTULO DEZOITO

EM JUNHO DE 2010, sei que estou com problemas, mas não sei como tratá-los. A depressão me assolou.

Sinto-me afastada de tudo e de todos.

Nem mesmo minhas ligações semanais para Margie conseguem me animar.

Saio da cama e me sinto letárgica ao ir ao banheiro. Quantos comprimidos para dormir tomei na noite passada? Assusta-me o fato de não me lembrar.

Tomo um Xanax para me acalmar e entro no chuveiro. Honestamente, o Xanax não está funcionando tão bem ultimamente; preciso de cada vez mais para conseguir o mesmo efeito calmante.

Sei que isso deveria me incomodar, e me incomoda, de uma forma distante e racional.

Depois, prendo os cabelos molhados num rabo de cavalo e visto uma calça de moletom.

Minha cabeça está latejando.

Tento comer alguma coisa — me fará bem —, mas meu estômago está com um nó tão grande que tenho medo de vomitar.

A manhã avança lentamente. Tento ler um livro e assistir à TV e até mesmo passar o aspirador de pó. Nada me faz esquecer como me sinto mal.

Talvez uma taça de vinho ajude. Só uma.

E já passa do meio-dia.

Ajuda um pouco. Assim como a segunda taça.

Estou decidindo — de novo — parar de beber quando meu celular toca. Vejo o número e pego o telefone como se fosse uma ligação de Jesus Cristo.

— Margie!

— Oi, Tully.

Sento-me no sofá, percebendo o quanto precisava ouvir uma amiga.

— É tão bom falar com você!

— Estou na cidade. Pensei em fazer uma visita. Estarei aí em dez minutos. Me deixe entrar.

Ergo-me, quase chorando por conta de como isso é importante para mim. Estou mesmo confusa.

Conversarei com Margie — minha quase mãe. Talvez ela possa me ajudar.

— Adoraria.

Desligo e corro para o banheiro, onde seco meus cabelos rapidamente e coloco produtos suficientes para dobrar o aço. Depois, me maquio e visto uma calça jeans e uma camiseta de mangas curtas. Estou pateticamente ansiosa para ver alguém que me ama, para me sentir aceita e querida. Calço sandálias (não devia ter tomado aquelas duas taças de vinho; meu equilíbrio não é bom o suficiente para saltos altos).

A campainha toca e eu corro, abrindo a porta.

Lá está minha mãe, parecendo magra e áspera como um pedaço de corda. Ela está vestida como uma refugiada de uma comuna dos anos 1970: calça larga, sandálias Birkenstock e uma daquelas camisas mexicanas que não vejo há anos. Seus cabelos grisalhos lutam contra a faixa de couro que ela usa; mechas caem sobre o rosto estreito e enrugado. Estou tão impressionada pela visão dela que não sei o que dizer.

— A Margie me enviou — diz ela. — Mas foi minha ideia. Queria ver você.

— Onde está ela?

— Ela não vem. Eu é que queria ver você. Sei que não abriria a porta para mim.

— Por que você está aqui?

Ela passa por mim e entra na minha casa como se tivesse o direito de estar aqui.

Na sala de estar, ela se vira para mim.

Com uma voz hesitante, diz: — Você tem problemas com drogas ou álcool.

Por um segundo, minha mente fica vazia.

Penso: *fui pega*. É horrível e humilhante e eu me sinto nua e vulnerável e arruinada.

Recuo, balançando a cabeça.

— Não — digo. — *Não*. Meus remédios são *prescritos* para mim. Você faz parecer que sou uma viciada. — Rio diante desta ideia. Será que ela pensa que percorro as esquinas e compro drogas e as injeto na veia e caio na rua? Vou a um *médico*. Compro meus remédios no Walmart, meu Deus do Céu! E depois penso na fonte da acusação.

Minha mãe se aproxima. Ela parece deslocada no meu ambiente projetado. Posso ver toda a decepção da minha vida em suas rugas, nas marcas de sol em seu rosto. Não me lembro de uma única vez em que ela tenha me abraçado ou me beijado ou disse que me amava. Mas agora ela vai me chamar de viciada e me *ajudar*.

— Passei por uma reabilitação — diz ela, com uma voz tímida e incerta. — Acho...

— Você não tem direito de dizer nada para mim! — grito para ela. — Nada, entendeu? Como *ousa* vir aqui e me julgar?

— Tully — diz minha mãe. — A Margie diz que sua voz pareceu incompreensível das últimas vezes que ela conversou com você. Vi sua fotografia na TV. Sei pelo que você está passando.

— Vá embora — digo, minha voz hesitando.

— Por que você não vem me visitar em Snohomish?

— Estou escrevendo um livro sobre a minha vida. Não que *você* saiba qualquer coisa a respeito.

— Você tinha perguntas.

Rio e sinto as lágrimas vindo, o que me deixa com raiva.

— É. Que bem que isso me fez!

— Tully, talvez...

— Sem talvez. Não de você. Não de novo.

Não suporto. — Eu a seguro pelo braço e a levo para fora do apartamento — ela não pesa nada. Antes que possa dizer alguma coisa, empurro-a para o corredor e bato a porta. Depois, vou para meu quarto e me deito na cama, cobrindo a cabeça com as cobertas.

Ouçõ minha própria respiração no escuro.

Ela está enganada. Não tenho um problema. E daí que preciso de Xanax para controlar os ataques de pânico e Ambien para dormir? E

daí se gosto de tomar algumas taças de vinho à noite? Posso controlar isso, parar sempre que quiser.

Mas, droga, tenho uma dor de cabeça agora. É culpa dela. Minha mãe. Ela e Margie me traíram.

Esta é a parte mais cruel de tudo. Não espero nada da minha mãe, menos do que nada, mas Margie foi um dos portos seguros da minha vida. A traição dela é um golpe que não suporto. Ao pensar nisso, minha raiva se dissolve num desespero.

Viro-me para o lado e abro a gaveta da mesa de cabeceira e pego o Xanax.

Você acha que foi uma traição? Kate pergunta ao meu lado, e sua voz me traz lembranças, levantando-me de repente.

Eu me lembro de onde estou. Numa cama de hospital, ligada a um respirador, um buraco na minha cabeça, observando minha vida diante de meus olhos.

— Eu estava com problemas — digo. E elas tentaram me ajudar. Como não vi isso? Como ignorei o óbvio?

Você vê agora, não vê?

— Pare, pare, pare. Não quero mais isso.

— Viro-me para o lado e fecho meus olhos.

Você precisa se lembrar.

— Não. Preciso esquecer.

**3 de setembro de 2010
14h10**

Na sala de reuniões do hospital, o detetive da polícia estava com as pernas tão abertas que poderiam mantê-lo de pé num terremoto. Ele tinha um bloquinho aberto e estava reavaliando suas anotações.

Johnny olhou para o ambiente silencioso.

A maioria das cadeiras estava vazia, encostadas na mesa.

Duas caixas de Kleenex estavam no meio da mesa. Ao lado dele, Margie tentava se sentar direito, mas fora uma vigília cansativa; ela continuava se curvando, derrotada.

Ele tinha ligado para ela no começo da manhã; ela e Bud pegaram um avião no Arizona às 9h15. Agora Bud estava na casa de Johnny, esperando os meninos voltarem da escola. Marah estava com Tully.

Ele e Margie estiveram nesta sala antes.

Aqui, ouviram os cirurgiões falarem que não conseguiram limpar as margens do câncer de Kate e que ele se espalhara pelos nódulos linfáticos e que havia decisões sobre a qualidade de vida a serem tomadas. Ele pegou nas mãos frias e grandes de Margie.

O detetive pigarreou.

Johnny levantou os olhos.

— O relatório toxicológico não vai ficar pronto rapidamente, mas a busca na casa da Srta. Hart revelou vários remédios prescritos — Vicodin, Xanax e Ambien, principalmente. Não encontramos testemunhas do acidente ainda, mas nossa estimativa, com base na análise da cena, é que ela estava dirigindo a noventa quilômetros por hora na Columbia Street, indo para a orla, na chuva. Ela bateu na mureta de concreto a toda velocidade.

— Havia marcas de frenagem? — perguntou Johnny. Ele ouviu Margie respirar fundo e sabia que esta era uma pergunta que não lhe ocorrera. Marcas de freio antes de uma colisão significam que o motorista tentara parar. A ausência dessas marcas significava outra coisa.

O detetive olhou para Johnny.

— Não sei.

Johnny meneou a cabeça.

— Obrigado, detetive.

Depois que o detetive saiu, Margie se virou para Johnny. Ele viu lágrimas nos olhos dela e se arrependeu da pergunta. Sua sogra já havia sofrido demais.

— Desculpe, Margie.

— Você está dizendo... Você acha que ela bateu de propósito?

A pergunta tirou as forças de Johnny e o deixou exposto.

— Johnny?

— Você a viu mais recentemente do que eu. O que acha?

Margie suspirou.

— Acho que ela se sentiu muito sozinha no último ano.

Johnny se levantou e resmungou uma desculpa sobre precisar ir ao banheiro e deixou a sala.

No corredor, ele se inclinou contra a parede e abaixou a cabeça. Quando finalmente a ergueu, viu uma porta diante dele, com um cartaz: CAPELA.

Quando fora a última vez que estivera numa igreja?

No funeral de Kate.

Ele cruzou o corredor e abriu a porta. Era uma salinha estreita, utilitária, na melhor das hipóteses, com alguns bancos e um altar improvisado. A primeira coisa que ele notou foi o silêncio. A segunda foi uma menina sentada à direita, no banco da frente. Ela estava tão curvada que tudo o que ele conseguia ver era um tufo de cabelos rosa.

Ele avançou lentamente, seus passos perdidos no piso acarpetado.

— Posso me juntar a você?

Marah levantou os olhos. Ele pôde ver que ela estivera chorando.

— Como se eu pudesse impedir.

— Quer me impedir? — perguntou ele.

Johnny cometera tantos erros com ela que não queria adicionar mais um à pilha pressionando-a quando ela viera aqui para ficar sozinha.

Marah o encarou por um longo tempo e lentamente balançou a cabeça. Ela parecia tão jovem agora, como uma criança no Dia das Bruxas, vestida para chamar a atenção.

Ele se sentou com cuidado e esperou um pouco antes de perguntar: — Rezar ajuda?

— Não muito. — As lágrimas se acumulavam em seus olhos. — Sabe o que fiz à Tully na semana passada?

— Não.

— É minha culpa o fato de ela estar aqui.

— Não é sua culpa, querida. Foi um acidente de carro. Não há nada que você possa ter feito...

— É sua culpa também — disse Marah, parecendo arrasada.

Quanto a isso, Johnny não sabia o que dizer. Ele sabia o que sua filha queria dizer; ele sentia a mesma coisa. Eles decepcionaram

Tully, a excluíram de suas vidas, fizeram com que ela se sentisse só, e aqui estava ela.

— Não *suporto* isso — gritou Marah. Ela se levantou e foi para a porta.

— Marah! — gritou ele.

Na porta, ela parou e olhou para trás.

— Não se machuque — disse ele.

— Tarde demais — respondeu ela, e saiu da sala. A porta foi batida atrás dela.

Johnny se levantou lentamente. Sentindo cada um de seus cinquenta e cinco anos, ele voltou para a sala de espera, onde encontrou Margie sentada num canto, fazendo tricô.

Ele se sentou ao lado dela.

— Tentei ligar para a Dorothy de novo — disse ela depois de um tempo. — Nenhuma resposta.

— Ela vai ver o bilhete que o Bud colocou na porta?

Margie pareceu aceitar isso.

— Cedo ou tarde — disse ela. E depois: — Espero que cedo.

**3 de setembro de 2010
14h59**

Nesta tarde fria de setembro, as folhas estavam caindo por toda Snohomish, na beirada das ruas, nos estacionamentos e nas margens dos rios. Enquanto Dorothy Hart estava na sua banquinha de feira, encarando a vista que se tornou a sua vida, ela viu pedacinhos de beleza. As últimas rosas silvestres à venda na floricultura de Erika do outro lado da rua, uma jovem com um bebê de cabelos encaracolados saboreando um pouco do salmão defumado de Kent, um menino bebendo cidra feita em casa de um copo Dixie. A feira era uma confusão de cores e atividades e visões e sons. A apenas alguns quarteirões do centro histórico da cidade, esta feira animada se espalha por uma rua todas as sextas-feiras, do meio-dia às cinco: telhados brancos das barracas se elevam sobre

tudo como pontas de sorvete; sob eles, várias frutas e nozes, amoras, ervas, legumes, produtos artesanais e mel. As cores eram belíssimas na luz amena de outono.

Na barraquinha, Dorothy estava chegando ao limite do seu suprimento de produtos. Ela tinha uma longa mesa envolta em jornal — a página de quadrinhos dominical — e com caixas que continham a colheita da semana: maçãs bem vermelhas, framboesas, cestas de ervas e legumes: ervilhas, tomates, brócolis e abobrinha. Destas, poucas restavam; maçãs solitárias no fundo de uma caixa vazia e um punhado de ervilhas.

Ela estava quase sem nada. O céu — sem nuvens e azul — era o pano de fundo para a confusão enquanto ela embalava caixas e as levava pela rua até a barraquinha de Cascade Farms.

O proprietário, um homem de cabelos amarelhados com uma barriga imensa e um nariz pontudo, lhe deu um sorriso.

— Parece um bom dia para você, Dorothy.

— Bom mesmo, Owen. Obrigada novamente por me deixar usar parte da sua barraca. As framboesas se foram rapidamente.

Ela lhe entregou uma pilha de caixas de madeira. Ele as pegou e as colocou na parte de trás de uma caminhonete enferrujada. Ele as deixaria na casa dela mais tarde.

— Tem certeza de que não posso lhe dar carona para casa?

— Não. Estou bem, mas obrigada. Diga oi pra Erika. Vejo vocês mais tarde.

Ela voltou para sua parte da barraquinha, sentindo uma gota de suor na nuca. A gota escorreu pelas suas costas, umedecendo a cintura de sua calça. Ela desabotoou a camisa simples que era basicamente seu uniforme — ela tinha ao menos seis delas — e a tirou, amarrando-a na cintura pelas mangas.

A camiseta vermelha que ela tinha sob a camisa estava manchada de suor sob os braços, mas não havia nada que ela pudesse fazer a respeito disso.

Ela tinha sessenta e nove anos, cabelos compridos grisalhos, uma pele que parecia um rio seco e olhos que expressavam a dor que ela vivenciara. A última coisa que a preocupava era como cheirava.

Dorothy recolocou a bandana na testa e subiu em sua velha bicicleta, que era seu único meio de transporte.

Um dia de cada vez.

O mote da sua nova vida. Nos últimos cinco anos, ela mudara completamente, aparara as arestas e se descascara até que apenas o que importava permanecesse. Ela não deixava quase nenhuma pegada de carbono no planeta. Fazia compostagem com tudo. Cultivava e vendia seus produtos orgânicos e só comia comida orgânica. Frutas, nozes, legumes e grãos. Ela não era mais bonita e estava magra e marcada como suas ervilhas, mas nada disso a incomodava. Na verdade, a agradava. A vida que ela levara transparecia em seu rosto.

Dorothy estava sozinha agora. Era como ela sempre deveria estar. Quantas vezes seu pai lhe dissera isso? Você é fria como gelo, Doty. Vai terminar sozinha se não derreter.

Era um crime que a voz de seu pai ainda estivesse na mente dela depois de tantos anos.

Ela pôs uma faixa de borracha em torno da perna da calça e subiu na bicicleta. Com um floreio, ela se pôs em movimento, pedalando com sua caixa de dinheiro batendo na cestinha presa entre os guidões. Carros buzonavam e se aproximavam demais, mas ela mal os notava. Aprendera que as pessoas se sentiam pouco à vontade com velhos hippies em geral, especialmente os que usavam bicicletas.

Na esquina, ela estendeu o braço para indicar sua intenção e entrou na Main Street.

Isso de seguir as regras, indicar que viraria, lhe dava prazer. Ela sabia que soava estranho e que a maioria das pessoas não entenderia, mas toda a sua vida fora gasta em anarquia, e a paz que vinha com regras e cercas e sociedade provou ser incrivelmente consoladora. Dorothy estacionou sua bicicleta nas barracas do lado de fora da farmácia. Os novos residentes da cidade, suburbanos ricos que escolheram esta que fora uma cidade dormitório como seu lar, porque ela ficava a não mais do que quarenta quilômetros de Seattle, prenderiam suas bicicletas com uma corrente vermelha e protegeriam seu investimento.

Dorothy sempre sorria ao ver o cuidado que as pessoas tinham com as *coisas*. Algum dia, se tivessem sorte, aprenderiam o que precisava ser mantido próximo na vida e com o que não valia a pena se preocupar. Recolocando a bandana e caminhando pela calçada irregular, ela ficou surpresa com a quantidade de pessoas na cidade hoje. Turistas entravam e saíam das lojas de antiguidade que fizeram a fama de Snohomish. Nesta rua, antes a única da cidade, margeada num dos lados pelo rio Snohomish e no outro pela parte nova da cidade, as vitrines mantinham a aparência de antigamente.

Ela entrou numa farmácia bem iluminada e foi diretamente para o balcão dos remédios controlados.

Pelo caminho havia várias coisas que chamavam sua atenção — grampos coloridos, xícaras de café com frases inspiradoras, cartões —, mas ela sabia que menos era mais.

Além do mais, Dorothy não tinha dinheiro, e o cheque de Tully ainda não viera este mês.

— Ei, Dorothy — disse o farmacêutico.

— Oi, Scott.

— Como estava a feira hoje?

— Ótima. Tenho um pouco de mel pra você e pra Lori. Vou trazer.

Ele lhe entregou o remédio que fez tanta diferença em sua vida.

— Obrigada.

Ela pagou pelos comprimidos embalados num pequeno frasco alaranjado e saiu.

Dorothy voltou para a rua movimentada, subiu na sua bicicleta e pedalou cinco quilômetros até sua casa.

Como sempre, subir a Summer Hill a deixava morta, e, assim que ela chegava ao alto e virava na Firefly Lane, suave muito e respirava pesadamente. Na sua garagem, virou à esquerda e insistiu enquanto avançava com a velha bicicleta para a casa.

Havia um bilhete na porta da frente.

Franzindo a testa, ela desceu da bicicleta e a deixou cair no chão. Quando fora a última vez que alguém lhe deixara um bilhete?

D — Tully está no Sacred Heart Hospital. Johnny diz para se apressar. O dinheiro para o táxi está sob o capacho. 426 E. M

Dorothy se abaixou e levantou o capacho preto de borracha. Um envelope branco estava sobre o cimento manchado. Dentro do envelope havia uma nota de cem dólares.

Dorothy correu pela calçada que uma vez pertencera a seus pais e agora pertencia a sua filha — a mesma casa onde uma Dorothy muito mais jovem vivera com a Tully de quatorze anos. O único lugar onde elas moraram juntas.

Nos últimos anos, Dorothy fizera algumas melhorias nesse lugar, mas não muitas. O exterior ainda era bege e precisava de uma pintura; o telhado ainda tinha musgo em alguns lugares. Dentro, ela tirara o carpete cor de abacate e encontrara um piso de madeira embaixo, piso que um dia ela pretendia reformar. A cozinha ainda tinha a cor apocalíptica que algum locatário escolhera nos anos 1970, mas as horríveis cortinas de algodão se foram. O único ambiente de que Dorothy realmente cuidara fora a suíte máster. Ela tirara as cortinas baratas e o carpete dourado e pintara as paredes com uma bela cor de creme.

Dorothy abriu seu frasco e tomou o comprimido, juntamente com um pouco de água da torneira.

Pegando um velho telefone com fio na cozinha — uma antiguidade nesta era de celulares —, ela abriu a lista telefônica, procurou o número e pediu um táxi. Não havia tempo para tomar banho, por isso ela simplesmente penteou os cabelos e escovou os dentes.

Fazendo uma trança ao entrar no quarto, ela se viu no espelho oval sobre a penteadeira.

Ela parecia Gandalf depois de um porre.

O táxi buzinou diante da casa. Ela pegou sua bolsa e saiu. Só quando já estava no banco de veludo marrom, olhando pela janela suja, é que percebeu que uma das pernas da calça ainda estava presa com uma tira de borracha no tornozelo.

Ela encarou a fazenda enquanto o táxi partia. Havia mais de quatro anos — quando Dorothy finalmente aceitara a ideia da verdadeira mudança —, este lugar a salvara. Ela geralmente pensava que suas lágrimas eram a umidade que fazia os legumes crescerem.

Ela se sentia grata pelos remédios em seu corpo. O véu que eles criavam era fino e amenizava o mundo ao seu redor. O bastante para que suas emoções — seus humores perigosos e pouco confiáveis — se acalmassem.

Sem os remédios, ela sabia que poderia cair numa espiral para a escuridão em que vivera a maior parte de sua vida.

Lembranças a chamavam, a empurravam, exigiam tanto dela até que não pudesse mais ouvir o taxista respirando, o motor roncando ou o tráfego em volta deles.

O tempo a envolvia e ela não queria resistir. Dorothy desistiu, entregou-se e, por um segundo, o mundo ficou completamente imóvel.

Ela ouviu um cachorro latindo, a correia chicoteando e soube onde estava, *quando* estava: 2005.

Novembro. Ela tinha sessenta e quatro anos, era uma mulher que se fazia chamar de Cloud e sua filha era uma das pessoas mais famosas da TV. Cloud vivia num trailer quebrado num terreno lamacento numa estrada vicinal perto de Eatonville. O cheiro doce de...

... maconha a envolvia. Ela estava chapada, mas não chapada o bastante. Ultimamente, não havia erva o suficiente no mundo para protegê-la.

Talvez uma bebida ajudasse. Ela saiu da cama Barcalounger e se arrastou até a mesa de fórmica do café. Sua perna doeu e latas de cerveja caíram no chão.

Ela se moveu com cuidado pela casa móvel, perguntando-se se o piso se inclinara de repente ou se estava mais chapada do que imaginava. Na cozinha, parou. Para que viera ali mesmo?

Cloud olhou em volta, notando a pilha de louça suja no fogão. Ela deveria lavá-las antes que Truc voltasse para casa. Ele odiava quando ela não limpava... *Aquelas moscas estavam voando ao redor das caixas de pizza?*

Ela foi até a geladeira e abriu a porta. A luz se acendeu, iluminando restos de sanduíches, latas de cerveja e um leite que parecia vagamente verde. Cloud fechou a porta e abriu a do freezer.

Havia um quinto de vodca na porta. Ela estava pegando a bebida com a mão trêmula quando seu coração ouviu um motor a diesel.

Droga.

Ela devia começar a limpar, mas estava tremendo tanto que se sentia enjoada.

Lá fora, os cães estavam latindo, rosnando. Ela podia ouvi-los correndo para ele, esticando as coleiras, pulando sobre as correntes.

Cloud tinha de recebê-lo. Ela passou as mãos trêmulas pelos cabelos longos e despenteados. Quando fora a última vez que tomara banho? Ela cheirava mal? Ele odiava aquilo.

Ela foi até a porta e a abriu. A princípio, tudo o que viu foi uma tarde cinza que cheirava a diesel, cocô de cachorro e terra molhada.

Ela piscou, focando o olhar.

Havia um enorme caminhão vermelho estacionado perto da pilha de lenha.

Truc desceu da cabine, sua bota com salto de aço batendo na lama. Ele era um homem grande, com uma barriga que entrava no ambiente primeiro e cabelos castanhos que emolduravam um rosto quadrado e desgastado.

A verdade estava em seus olhos. Eram pequenos e pretos e a luz neles podia escurecer num instante.

— O-oi, Truc — disse ela, abrindo uma cerveja para ele. — Achei que você só voltaria para casa na terça-feira.

Ele se aproximou e Cloud percebeu que estivera bebendo. Seus olhos pareciam de vidro, sua boca estava mole. Ele parou para acariciar seus amados dobermanns, pegando biscoitos caninos dos bolsos.

O barulho das mandíbulas parecia terrivelmente alto na noite silenciosa. Ela recuou, tentando continuar sorrindo.

Truc pegou a cerveja dela e ficou lá naquele retângulo de luz. Os cães estavam quietos ao lado dele agora, servis, babando de afeição. Do jeito que ele gostava. Atrás deles, os campos desapareciam numa cerração que limpava o jardim dos carros enferrujados, geladeiras quebradas e móveis descartados.

— É terça-feira — resmungou Truc. Ele terminou de beber sua cerveja e jogou a lata para os cachorros, que imediatamente

começaram a brigar por ela. Ele estendeu seus grandes braços e lhe deu um abraço. — Senti sua falta — sussurrou ele com sua voz grave, e ela se perguntou onde ele estivera desde que seu turno terminara. No Lucky Spot, provavelmente, bebendo e reclamando dos cortes na fábrica. Truc cheirava a serragem, fumaça e uísque.

Cloud tentou ficar imóvel, mal ousando respirar. Ele estava sensível ultimamente, e ficando mais sensível o tempo todo. Ela nunca sabia o que o irritaria.

— Senti a sua falta também — disse ela, percebendo a mentira em sua voz. Sua mente estava vagarosa, os pensamentos avançando pelo lodo.

— Você não está usando a blusa que lhe comprei.

Ela recuou lentamente. Que blusa? Honestamente, ela não se lembrava.

— Eu... Eu sinto muito. Estou economizando para uma oportunidade. É tão linda.

Ele fez um som, talvez de nojo, talvez de resignação, talvez de apatia. Ela não sabia dizer. Seus pensamentos estavam confusos demais e isso era ruim, ruim, ruim. Cloud o pegou pela mão, apertando-a enquanto o levava para dentro do trailer.

Um lugar fedendo a maconha, percebeu ela de repente. E algo mais; lixo, talvez.

— Cloud — disse ele, tão baixinho que os pelos na nuca dela se eriçaram. O que ele vira? O que ela fizera ou não fizera?

Faxina. Ela se esquecera de limpar. Ele odiava louça suja na pia.

Cloud virou-se lentamente, incapaz de pensar numa desculpa.

Ele a beijou nos lábios, com tanto amor que ela soltou um suspiro de alívio.

— Você sabe que odeio bagunça. Com tudo o que lhe dou...

Ela recuou.

— Por favor...

Antes mesmo que pudesse erguer as mãos para se defender, ele lhe dera um soco no rosto. Cloud sentiu seu nariz quebrando; o sangue se espalhou por todo o lugar e ela ficou lá, sangrando. Chorar só pioraria as coisas.

Ela acordou ao som de uma respiração pesada. Por um segundo, não se lembrou de nada, mas a dor a lembrou. Cloud abriu um dos olhos e imediatamente fez uma cara feia.

A luz da TV a atingia, fazia-a piscar. Sua boca estava seca; ela estava tremendo incontrolavelmente e tudo doía.

Refleta.

Ela acordara nesta situação vezes demais.

Sabia o que fazer.

Cloud estava na cama, com Truc espalhado ao lado dela, sua barriga para cima, os braços peludos abertos. Já estava escuro agora. A noite caía.

Ela saiu da cama e fez uma careta ao apoiar o peso no tornozelo esquerdo. Torcido numa de suas quedas, obviamente.

Ela mancou até o banheiro e se viu no espelho atrás da porta. Seus cabelos estavam despenteados e grudados com sangue. Seu olho estava roxo e o ferimento ao redor dele era uma mistura de roxo, marrom e amarelo.

Seu nariz estava quebrado e sangue seco recobria seu queixo e rosto.

Machucada demais para se limpar, ela vestiu o que pôde encontrar, as roupas de ontem ou da noite passada, não se lembrava; doía demais ver se havia sangue no tecido.

Ela tinha de sair dali, se afastar de Truc antes que ele a matasse. Cloud pensara nisso antes, dezenas de vezes, todas as vezes que ele a espancara, e uma vez, havia cerca de um ano, ela até mesmo fora embora por um tempo, chegara até Tacoma, mas por fim ele a encontrara e a trouxera de volta porque Cloud não tinha para onde ir e, na verdade, era isso o que ela esperava de sua vida. O que sempre esperara.

Mas ela não era mais jovem; era uma velha, na verdade. Seus ossos se quebravam com facilidade ultimamente, e se numa destas vezes ela atingisse a parede e sua espinha se quebrasse?

Faça.

Passando por ele até a mesinha de cabeceira e remexendo tremulamente na carteira dele, encontrou três notas de vinte.

Segurando o dinheiro, Cloud sabia que as coisas só piorariam se ela não fugisse, mas ela *fugiria* desta vez. Tinha de fugir.

No maior silêncio possível, ela deu um passo.

O piso rangeu e Truc fez um som no seu sono e se virou para ela.

Cloud ficou paralisada, o coração batendo forte, mas ele não acordou. Aliviada, ela pegou seus dois pertences mais importantes — um cordão de macarrão e contas e uma velha fotografia em preto e branco. Ela vestiu o cordão e colocou a fotografia no bolso da camisa de flanela, abotoando o bolso para protegê-la.

Ela se virou rapidamente, apoiada no pé bom, e saiu mancando do ambiente.

Lá fora, os cães imediatamente se sentaram, observando-a intensamente. O Monte Rainer se elevava não muito ao longe, seu pico nevado iluminado pela lua.

— Shhh, meninos — disse ela, passando pelos cachorros.

Estava passando pela velha poltrona Barcalounger quando o primeiro cão latiu. Ela continuou em frente, sem olhar para trás.

Estava escuro na floresta, tão escuro que apenas com paciência ela podia encontrar seu caminho, e a dor a cada passo reverberava por seu corpo. Seu pescoço doía e seu rosto latejava, mas ela não parou nem diminuiu o passo até chegar à estação de ônibus em Eatonville. Lá, escondida pelo vidro sujo, Cloud se sentou num banco e finalmente respirou.

Ela pegou um cigarro de maconha — o último — e o fumou sentada no escuro, e ajudou, mas não o bastante. Sua dor ainda era insuportável, assim como seu arrependimento. Ela já temia ter que voltar.

Cloud entrou no ônibus, ignorando o olhar preconceituoso do motorista.

Duas horas e meia mais tarde, pouco depois das dez da noite, ela desceu do ônibus no centro de Seattle. Na Pioneer Square, para ser mais exata. Era onde se podia desaparecer em Seattle. Ela sabia tudo sobre ser invisível. E era disto que precisava agora: tornar-se uma sombra num mundo borrado.

Mas, ao se mover naquele lugar que deveria recebê-la com esquinas escuras e ruelas, sua dor de cabeça se intensificou.

Parecia que martelavam em seu crânio. Ela ouviu o murmúrio baixinho que soltou, e foi como se aquele som não tivesse saído dela.

Cloud aprendera a sofrer com a dor em silêncio, não é? Ela aprendera havia muito tempo.

Doía tanto que ela não conseguia pensar direito.

Quando deu por si, estava caindo.

CAPÍTULO DEZENOVE

CLOUD ACORDOU AOS POUCOS. *Primeiro veio a percepção da dor, depois a da respiração e do cheiro de limpeza. Isto lhe disse onde ela estava.*

Hospital. Ela estivera em hospitais o suficiente para reconhecer os sinais e cheiros.

Era novembro de 2005, e ela estava fugindo.

Ficou deitada em silêncio, com medo de abrir os olhos. Cloud se lembrava da noite anterior em imagens desconexas — uma luz vermelha, ser colocada numa maca e entrar numa sala branca.

Médicos e enfermeiras ao redor dela, perguntando quem a espancara e para quem podiam ligar. Ela fechou os olhos e os ignorou.

Sua boca estava tão seca que ela não poderia falar se tivesse o que dizer, e agora o tremor nas suas mãos voltara.

Havia alguém no quarto com ela. Cloud podia ouvir a respiração e o virar das páginas do prontuário.

Com cuidado, abriu o olho bom. O outro estava inchado e fechado.

— Oi, Dorothy — disse uma negra gorda com dreadlocks e um monte de sardas em suas bochechas cheias de carne.

Cloud engoliu em seco. Ela poderia ter corrigido a mulher e dito que Dorothy morrera em 1973, mas quem se importava?

— Vá embora — disse ela, querendo poder erguer a mão para gesticular. Tinha medo de revelar o quanto estava tremendo.

Nunca se quer mostrar fraqueza num hospital. Um movimento errado e você pode ir para a ala psiquiátrica.

— Sou a Dra. Karen Moody. Não sei se você se lembra, mas você tentou atacar um dos paramédicos que a trouxeram até aqui.

Cloud suspirou.

— Você está aqui para me avaliar. Me deixe facilitar as coisas. Não sou uma ameaça para mim ou para os outros. Se me descontrolei, foi por acidente.

— Suponho que esta não seja sua primeira avaliação psiquiátrica. Você conhece as regras.

Cloud deu de ombros.

— Estou com seu histórico médico, Dorothy. E falei com a polícia. É uma história e tanto.

Cloud a encarou sem dizer nada.

— A quantidade de ossos quebrados certamente não é normal. Vi marcas de cigarro na sua clavícula. Suponho que haja mais.

— Sou desastrada.

A médica fechou o prontuário.

— Duvido, Dorothy. E suponho que você se automedique para se esquecer.

— É assim que você me chama de bêbada e chapada? Se é, tem razão. Sou as duas coisas. Sou assim há décadas.

A médica a olhou com os olhos estreitos, analíticos. Depois ela pegou um cartão do seu bolso.

— Pegue isto, Dorothy. Trabalho numa clínica de reabilitação. Se você estiver preparada para mudar de vida, eu gostaria de ajudar.

Cloud pegou o cartão e o estudou.

— Suponho que você saiba quem é minha filha. Você acha que ela pagará qualquer coisa.

— Quero ajudar você, Dorothy. É o que eu faço.

— Por quê? Por que você iria querer me ajudar?

A médica lentamente ergueu a manga.

Cloud viu uma série de marcas rosadas na pele escura. Queimaduras de cigarro.

— Sei alguma coisa sobre beber para esquecer.

Cloud não sabia o que dizer.

— Deixa de funcionar. Na verdade, nunca funcionou, mas depois de um tempo a bebida só piora as coisas. Eu *sei*. Posso ajudar você. Ou gostaria de tentar. Cabe a você.

Cloud viu a mulher sair do quarto e bater a porta atrás de si. Na escuridão silenciosa, ela teve dificuldade para respirar. Não pensava naquelas cicatrizes havia anos.

Fique imóvel, droga, você sabia que isto aconteceria.

Ela engoliu em seco. Na parede diante dela, um relógio indicava a hora. Eram 12h01. Havia passado da meia-noite.

Um novo dia.

Ela fechou os olhos e dormiu.

Alguém a estava tocando, acariciando sua testa.

Tinha de ser um sonho.

Ela abriu os olhos. A princípio, viu apenas a escuridão. Depois, aos poucos, seu olho bom se ajustou. Ela viu uma janela com a luz exterior lançando um brilho dourado para dentro do quarto. A porta estava aberta; para além dela, a estação das enfermeiras estava iluminada e silenciosa.

Era o meio da noite. Ela sabia pelo silêncio.

— Oi — disse alguém.

Tully.

Ela reconheceria a voz da sua filha em qualquer lugar, até mesmo na escuridão antisséptica.

Cloud virou sua cabeça no travesseiro, fazendo uma careta para a dor que isso causou.

Sua filha estava lá, arqueando ligeiramente as sobrancelhas. Mesmo a esta hora, Tully estava linda — cabelos castanhos, belos olhos cor de chocolate, uma boca que deveria ser grande demais, mas que de algum modo se encaixava perfeitamente. Ela tinha o quê, quarenta e quatro agora? Quarenta e cinco?

— O que aconteceu? — perguntou Tully, tirando a mão da testa de Cloud.

Ela não tinha direito, mas sentiu falta do carinho.

— Fui espancada — disse, acrescentando: — por um estranho — para que parecesse menos patética.

— Não estava perguntando o que pôs você aqui. Estava perguntando o que lhe aconteceu.

— Acho que sua preciosa avó nunca lhe contou, né? — Ela queria encontrar a raiva que a alimentara durante tantos anos, mas não havia nada. Só lhe restava a tristeza e o arrependimento e o cansaço. Como podia explicar à sua filha que ela nunca fora capaz de entender a si mesma? Havia uma escuridão nela, uma fraqueza que a consumia toda. A vida inteira ela tentara proteger Tully desta

verdade, mantendo-a distante, como quando se diz a uma criança para ficar longe de um penhasco. Era tarde demais para desfazer o estrago agora.

Nada disso importava e saber a verdade não a ajudaria tampouco. Talvez tenha havido um tempo em que falar faria a diferença, mas não mais. Tully ainda estava falando — claro —, mas Cloud não estava ouvindo. Ela sabia o que Tully queria, do que precisava, mas Cloud não tinha forças ou a clareza para ser o que sua filha precisava. Ela nunca tivera.

— Me esqueça.

— Gostaria de conseguir fazer isso, mas você é minha mãe.

— Você parte meu coração — disse Cloud.

— Você parte o meu também.

— Eu queria... — começou Cloud, e parou.

Qual era o sentido desta dor toda?

— O quê?

— Gostaria de ser aquilo de que você precisa, mas não consigo. Você precisa se libertar de mim.

— Não sei como fazer isso. Depois de tudo, você ainda é minha mãe.

— Nunca fui sua mãe. Ambas sabemos disso.

— Sempre vou voltar. Um dia você vai estar preparada para mim.

E lá estava, a totalidade da relação delas reduzida à sua essência. A necessidade sem fim da filha e o fracasso avassalador de Cloud. Elas eram um brinquedo quebrado que não podia ser consertado. Agora Tully estava falando algo sobre sonhos e maternidade e se manter. Tudo isso só fazia com que Cloud se sentisse pior.

Ela fechou os olhos e disse: — Vá embora.

Ela podia sentir Tully ao seu lado, ouvir a respiração da filha no escuro.

O tempo passou com sons: o rangido do piso sob os pés de Tully, o peso de um suspiro.

Por fim, depois do que pareceram horas de fingimento, o quarto ficou em silêncio.

Cloud abriu o olho bom e viu que Tully dormira na poltrona perto da parede. Ela tirou as cobertas e saiu da cama, fazendo uma careta

quando apoiou o peso no tornozelo ruim. Mancando, ela abriu a porta do armário, na esperança de que seus pertences ali estivessem.

Por sorte, ela viu um saco de papel. Suas mãos tremiam enquanto ela o abria. Dentro estavam as roupas que ela usava — calça velha, camiseta cinza manchada, camisa de flanela, botas gastas e sua calcinha. Nenhum sutiã ou meia.

No fundo, encolhido como uma cobra, o colar.

Bem, não era mais um colar, e sim apenas alguns pedaços de macarrão seco e uma única conta pendurados num fio.

Cloud o pegou. A coisinha patética em sua mão a fez se lembrar.

Feliz aniversário. Fiz isso pra você...

A Tully de dez anos o estendia na palma das mãos como se fosse um diamante. Aqui, mamãe.

O que teria acontecido se Cloud tivesse dito: *É perfeito. Adorei. Amo você,* havia tantos anos?

Ela sentiu dor. Guardando o colar, vestiu-se rapidamente e depois olhou de volta para sua filha.

Ela se aproximou e começou a estender a mão, mas, ao ver sua mão pálida, nodosa, cheia de veias e trêmula — a mão de uma bruxa —, Cloud recuou sem tocar na manga da blusa da filha.

Ela não tinha o direito de tocar esta mulher, de ansiar pelo que nunca fora, de se arrepender.

Diante disso, Cloud pensou: *Preciso de uma bebida.* Ela olhou sua filha uma última vez e abriu a porta. Movendo-se com cuidado pelos corredores, encontrou a saída.

Lá fora, a escuridão de Seattle a engoliu e mais uma vez ela estava invisível.

Enfiando as mãos no bolso, Cloud encontrou os sessenta dólares que pegara de Truc.

Ele acordaria logo, resmungando como um urso, esticando os braços e gritando para ela lhe trazer café.

Ela tentou não pensar e continuou andando. Mancando. O dia nascia. A luz pálida caía entre os prédios ao lado dela. Quando a chuva começou a cair, aos poucos e depois com mais força, Cloud

subiu os degraus de um prédio abandonado e se sentou, puxando os pés para perto do corpo.

Sua dor de cabeça estava piorando. Suas mãos tremiam. Mas os bares ainda não estavam abertos, tampouco as lojas de bebidas.

Do outro lado da rua, o alvorecer iluminava o céu por trás de uma fileira de prédios antigos. Lençóis pendiam de janelas quebradas. Ao lado dela, um gato fuçava entre as latas de lixo. A chuva molhava pedaços de papel e lixo nas calçadas.

Quantas vezes na sua vida ela dormira em lugares como este? E esta era a melhor escolha dentre outras que fizera. Homens como Truc. No escuro, eles eram sempre os mesmos, os homens de sua vida. Punhos, bebidas e raiva.

Ela pegou o dinheiro que tirara da carteira de Truc. Talvez, caso se livrasse dele, caso o deixasse cair na chuva, isso fosse uma espécie de reinício.

Mas o que ela pegou foi um cartão de visitas com uma orelha dobrada.

Dra. Karen Moody [nome engraçado para uma psiquiatra [\[2\]](#)]

Occidental Rehab No fim do cartão estava escrito: Quando você estiver preparado para mudar.

[\[2\]](#) *Moody*, em inglês, que dizer “de mau humor” ou “de humor instável”. (N. T.)

Cloud ouvira estas palavras milhares de vezes na vida, de médicos e assistentes sociais. Até mesmo de sua filha. As pessoas fingiam o tempo todo que podiam ajudar, que queriam ajudar.

Cloud nunca confiara neles, nem quando era Dorothy e jovem o suficiente para acreditar na gentileza de estranhos. Ela jogara fora dezenas de cartões e panfletos como este ao longo dos anos.

Mas, desta vez, ao se sentar sobre uma lixeira, com a chuva pingando de seus pés, a palavra *mudança* a encheu de ansiedade. Ela percebeu toda a sua solidão, como ela era profunda e escura.

Occidental.

A rua ficava a menos de um quarteirão.

Aquilo era um sinal?

Houvera uma época em que ela viveria acreditando em sinais. Os anos do *est* e do unitarismo. Ela se jogava de uma crença em outra. Os saltos de fé sempre eram seguidos por depressões, humores tão ruins e baixos que ela mal podia se levantar. Sempre fracassava, e cada fracasso tirava algo dela.

O único deus para o qual ela nunca se voltara fora para si mesma. Reabilitação.

Sobriedade. Um dia de cada vez. Essas palavras e expressões sempre a assustaram. E se ela realmente *tentasse* melhorar — ser mais sã — e fracassasse? Sobraria algo dela?

Mesmo assim, lá estava ela. Mais de sessenta anos, namorada de um bêbado mau, um saco de pancadas, essencialmente sem-teto, desempregada, alcoólatra e maconheira. Mãe e não mãe.

Aquilo não bastava para salvá-la. Este era o fundo do poço que ela temera durante toda a sua vida.

Ela estava mal. A única maneira de se levantar era se alguém a ajudasse.

Ela estava tão cansada daquela vida...

Exausta.

E foi isso, a exaustão, o que a fez tomar uma decisão.

Ela se apegou ao corrimão e se levantou, pisando num terreno trêmulo e inseguro.

Rangendo os dentes, mancou para a chuva e continuou em frente.

O centro de reabilitação ficava num predinho de telhado plano que remontava aos tempos pioneiros de Seattle. Perto dali, um viaduto preto de concreto vibrava com o tráfego. Ela respirou fundo e segurou a maçaneta.

Estava trancada.

Ela se sentou no degrau de concreto, desta vez desprotegida da chuva. A chuva a abatia, a encharcava. Sua dor de cabeça continuava, assim como a dor no pescoço e no tornozelo, e o tremor piorava, mas ela não saía dali. Ficou lá, toda encolhida, tremendo, até que um som chamou sua atenção. Ela olhou para cima e viu a Dra. Moody diante dos degraus, sob uma bela sombrinha.

— Vou fracassar — disse Cloud, tremendo muito.

A Dra. Moody subiu os degraus e lhe deu a mão.

— Vamos, Dorothy. Vamos para dentro, onde está seco.

— Acho que é de secura que preciso.

A Dra. Moody riu.

— Senso de humor. Isso é bom. Você vai precisar.

Cloud Hart entrou na reabilitação e, quarenta e cinco dias depois, emergiu como Dorothy Hart. Agora ela estava no seu quatinho, pegando seus poucos pertences: o colar de macarrão e contas e uma fotografia ligeiramente fora de foco com a data *Outubro de 1962* marcada em sua margem branca.

Eles pareciam nada quando ela entrou neste prédio, aqueles dois itens pessoais.

Tranqueiras, ela diria, mas agora entendia o valor deles. Eram seus tesouros; de algum modo, ao longo dos anos de alcoolismo e vício, ela se apegara a eles. A Dra. Moody dizia que fora a Verdadeira Dorothy que os mantivera; a parte frágil e saudável dela que, de algum modo, fora forte o suficiente para sobreviver a tudo.

Dorothy não sabia disso. Sinceramente, ela sempre tentava não pensar na menina que fora um dia, e em seus dias naquela casa de loteamento em Rancho Flamingo. Não era fácil olhar para a sobriedade.

Na verdade, era difícil. Agora ela vivia sua vida em momentos, em inspirações e expirações, em bebidas não consumidas e maconha não fumada. Todo segundo limpo era um triunfo.

Tudo começara como sempre foram seus atos desesperados — uma sensação de alívio.

Nada era mais gostoso no início do que relegar o controle. Ela caminhava pelo centro e seguia as regras. Cloud não tinha enxaguantes bucais ou produtos com álcool ou drogas para entregar, nenhuma mochila para ser averiguada. Ela deixou que a Dra. Moody a levasse para o quatinho com janelas com barras que davam para um trecho de concreto do viaduto.

Quando os tremores começaram e as dores de cabeça se intensificaram, Cloud percebera a verdade sobre a decisão que ela tomara pela primeira vez, e ficara louca. Não havia outra palavra para isso, embora ela odiasse a palavra. Sua loucura fora épica —

lançando cadeiras, batendo com a cabeça contra a parede até sangrar, gritando para que a deixassem sair.

Ela passara 72 das horas mais compridas da sua vida na ala de desintoxicação.

Lembrava-se disso em imagens que se sobrepunham até que nada fizesse sentido.

Lembrava-se do cheiro do seu suor ou da bile subindo-lhe à garganta. Ela xingara e chutara e vomitara e gritara. Havia implorado por liberdade, por tomar só uma dose.

E então, milagrosamente, Cloud dormira e acordara noutro mundo. Desorientada, ainda tremendo, fraca como um filhotinho.

Seca.

Era difícil descrever como ela estava vulnerável, frágil e delicada. Ela se sentava nas sessões de terapia de grupo como um fantasma dia após dia, ouvindo seus colegas começarem discursos lamuriosos com: *Oi, sou Barb e sou uma alcoólatra. Oi, Barb!*

Era como um terrível momento no acampamento Kumbaya, e ela se desfocava, roía suas unhas até sangrarem, batendo o pé, pensando como queria uma bebida e que ela não pertencia àquele lugar — aquelas pessoas tinham tido overdoses e mataram pessoas em acidentes de carro e foram demitidas de seus empregos. Elas eram bêbadas com “b” maiúsculo; ela era apenas uma perdedora que bebia demais.

Lembrava-se de quando tudo mudara para ela. Fora no grupo matinal, umas três semanas depois da desintoxicação. Ela olhava para a unha roída e sangrando do polegar, ouvindo — remotamente — uma menina gorda chamada Gilda reclamando da ocasião em que fora estuprada numa festa de fraternidade, chorando, fungando, e a Dra. Moody olhava diretamente para Cloud.

— Como isso faz você se sentir, Cloud?

Ela começara a rir diante da ideia de que a história significava alguma coisa para ela, e daí sua memória flutuara, emergindo no fundo de seus pensamentos como um cadáver.

Está escuro. Ele está fumando. A ponta vermelha é horrível de se ver. Cheiro a fumaça. Por que você não é boazinha? Você me faz parecer mau. Não sou mau.

Sei que não.

— Cloud?

— Eu era a Dorothy — fora o que ela respondera, apesar de nada daquilo fazer sentido.

— Você pode ser ela novamente — dissera a Dra. Moody.

— Eu quero ser — dissera ela, percebendo imediatamente como aquilo era verdade, havia quanto tempo era verdade e como ela estava com medo de que não fosse capaz.

— Sei que é assustador — disse a Dra. Moody. As pessoas no grupo menearam a cabeça e concordaram com murmúrios.

— Sou Dorothy — dissera ela lentamente — e sou viciada...

Aquele fora o início, talvez o único verdadeiro. A partir de então, a recuperação fora seu vício; a honestidade, sua droga. Ela falava e falava e falava, falava a qualquer um que quisesse ouvir sobre seus blecautes e erros e os homens com quem estivera — eram todos o mesmo, ela via agora, uma fila de homens bêbados com algo a provar. Esse padrão não a surpreendeu quando ela pensou no assunto, o que ela fez incansavelmente. Mas, mesmo com todo o seu novo zelo pela sobriedade, ela nunca falou sobre sua filha ou sua juventude. Algumas dores são difíceis de compartilhar com estranhos.

— Você está preparada para nos deixar?

Ela ouviu a voz gentil da Dra. Moody e Dorothy se virou.

A Dra. Moody estava na porta. Com sua calça jeans alta e justa e sua túnica étnica, ela parecia ser exatamente o que era: uma mulher que devotava todo o seu tempo e energia a ajudar os outros.

Dorothy queria ter dinheiro para dar a esta mulher que a salvara.

— Acho que estou pronta, mas não sinto que estou pronta. E se...?

— Um dia de cada vez — disse a Dra. Moody.

Era um clichê, como as palavras da Oração da Serenidade. Ambos a faziam revirar os olhos. Mas agora ela sabia que algumas coisas podiam ser clichê e verdade ao mesmo tempo.

— Um dia de cada vez — disse Dorothy, meneando a cabeça. Ela podia fazer daquele jeito, esperava. Dividir sua vida em pedaços menores.

A Dra. Moody lhe entregou um pequeno envelope.

— Isto é para você.

Dorothy o recebeu, olhando para a imagem de tomates-cereja.

— Sementes de tomate. Para seu jardim orgânico.

Dorothy levantou os olhos. Nas últimas semanas, ela tivera um “plano”. Ela estudara, imaginara, sonhara. Mas como poderia fazer? Será que ela poderia mesmo voltar para a velha casa de seus pais na Firefly Lane e tirar as ervas daninhas, preparar a terra e plantar coisas?

Ela nunca soubera cuidar de nada em sua vida. Nunca tivera sucesso, ponto final. Em nada. O pânico começou a borbulhar lentamente dentro dela.

— Vou na sexta-feira — disse a Dra. Moody. — Levo meus meninos. Vamos ajudar você a começar a limpar.

— Mesmo?

— Você consegue, Dorothy. Você é mais forte do que imagina.

Não, não sou. Mas que escolha tenho?

Ela não podia voltar de novo.

— Você vai entrar em contato com a sua filha?

Dorothy suspirou. Várias lembranças surgiram. Todas as vezes “Cloud” abandonara Tully. Ela podia mudar seu nome para Dorothy, mas Cloud ainda era parte dela, e ela partira o coração da sua filha mais vezes do que era capaz de contar.

— Não ainda.

— Quando?

— Quando eu acreditar.

— No quê?

Dorothy olhou para sua conselheira e viu tristeza em seus olhos negros. Era compreensível. A Dra. Moody queria curar Dorothy; este era seu objetivo. Na busca por essa cura, a médica fizera Dorothy passar pela desintoxicação, conversara com ela ao longo do pior período da síndrome de abstinência e a convencera a tomar remédios para suas alterações de humor. Tudo ajudou.

Mas não era uma cura do passado. Não havia pílula capaz de oferecer redenção.

Tudo o que Dorothy podia fazer era mudar e se arrepender e esperar que algum dia ela tivesse força suficiente para enfrentar sua filha e pedir desculpas.

— Em mim — disse ela finalmente, e a Dra. Moody fez que sim. Era uma boa resposta. Algo sobre o que conversavam na terapia de grupo o tempo todo. Acreditar em si mesmo era importante — e difícil para as pessoas que se aperfeiçoaram na arte de decepcionar seus amigos e familiares. Para falar a verdade, Dorothy disse as palavras e tentou soar sincera, mas não acreditava na possibilidade de redenção. Não para ela.

Um dia de cada vez, um respirar de cada vez, um momento de cada vez. Era assim que Dorothy aprendera a viver sua nova vida. Ela não perdera sua ansiedade pelas drogas, pelo álcool e pelo esquecimento que eles ofereciam; não se esquecera das coisas ruins que fizera ou dos corações que partira. Na verdade, Dorothy fazia questão de se lembrar deles. Ela se tornara uma militante da própria mudança. Ela suportava a dor e nadava em águas gélidas de clareza.

Ela começou lentamente, e fez as coisas em ordem. Dorothy escreveu para o administrador financeiro da filha e disse que estava se mudando para a velha casa dos pais na Firefly Lane. A casa estava vazia havia anos e ela não via motivo para não usá-la. Assim que enviou a carta, sentiu a ameaça da esperança. Todos os dias, ao verificar a caixa do correio, pensava: *Ela vai responder*. Mas, em janeiro de 2006, o primeiro ano de sua vida sóbria, ela ouviu um simples: *Vou lhe encaminhar a permissão para assumir a casa da Firefly Lane* do administrador e nem uma palavra da filha.

Claro.

Seus dias naquele primeiro inverno foram uma mistura confusa de desespero, disciplina e cansaço.

Ela se esforçou mais do que se jamais esforçara antes. Dorothy acordava ao nascer do sol e trabalhava na terra até a noite, quando caía na cama tão cansada que às vezes se esquecia até de escovar os dentes. Ela tomava o café da manhã (uma banana e um bolinho orgânico) e almoçava (um sanduíche de peru e uma maçã) no campo todos os dias, sentada de pernas cruzadas sobre a terra

preta que cheirava a possibilidades fecundas. À noite, ia de bicicleta até a cidade e frequentava reuniões. *Oi, meu nome é Dorothy e eu sou viciada. Oi, Dorothy!*

Por mais estranho que soasse, a rotina a consolava e confortava. Os estranhos que se reuniam depois dos encontros, beber café ruim em copos de isopor e comer biscoitos, fazer amigos. Ela conheceu Myron lá e, por meio de Myron, Peggy e, por meio de Peggy, Edgar e Owen e a comunidade de cultivo orgânico.

Em junho de 2006, ela havia limpado mil metros quadrados e arado uma pequena porção da terra.

Comprou coelhos e construiu um abrigo e aprendeu a misturar seus dejetos com folhas secas e seus restos de comida numa compostagem. Dorothy parou de roer as unhas e trocou sua obsessão por maconha e álcool pela obsessão por frutas e legumes orgânicos. Ela ignorava boa parte do mundo, pensando que uma vida sem escolhas modernas se encaixaria melhor na sua recém-descoberta autodisciplina.

Dorothy estava ajoelhada na terra, arando-a, quando ouviu alguém chamar.

Ela deixou de lado o rastelo e se levantou, tirando a terra de suas luvas grandes demais.

Uma mulher menor e mais velha estava cruzando a rua, aproximando-se do portão.

Ela estava usando calça jeans escura e um moletom no qual se lia MELHOR VOVÓ DO MUNDO. Seus cabelos pretos tinham uma mecha mais clara e emolduravam um rosto redondo com um queixo pronunciado.

— Ah — disse a mulher, parando de repente. — É você.

Dorothy tirou as luvas e as colocou no cinto de utilidades. Com o suor pingando da testa, foi até a cerca. Estava prestes a dizer *Eu não conheço você* quando se lembrou.

Estou deitada no sofá, largada, um bocado de maconha sobre a minha barriga.

Tento sorrir para a boa alma que entrou em casa, mas tudo o que consigo fazer é rir e xingar. Tallulah está vermelha de vergonha.

— Você é a mãe da garota prendada — disse Dorothy. — Do outro lado da rua.

— Margie Mularkey. E, sim, para o horror da minha filha, eu a enviei aqui com uma tigela quente por volta de 1974. Você estava... indisposta.

— Chapada. E provavelmente bêbada.

Margie fez que sim.

— Vim ver o que estava acontecendo aqui. Não sabia que você tinha se mudado. A casa estava vazia havia algum tempo. Devia ter notado, mas... Tivemos um ano difícil. Estive muito tempo fora.

— Posso olhar o lugar para você. Pegar a correspondência. — Assim que fez a proposta, Dorothy se sentiu exposta. Uma bela mulher como Margie Mularkey, que recebia bem os vizinhos e provavelmente tricotava, jamais aceitaria a ajuda de alguém como Dorothy.

— Seria ótimo. Agradeço. Há uma caixa de leite na varanda. Você pode colocar a correspondência lá.

— Posso fazer isso.

Margie desviou o olhar. Ela estava olhando para a estrada vazia, encarando diretamente o sol por meio de seus grandes óculos escuros.

— As meninas costumavam fugir à noite e andar de bicicleta por esta rua. Elas achavam que eu não sabia. — Ao dizer isso, suas pernas perderam a força e Margie caiu no chão.

Dorothy abriu o portão e foi ajudar a mulher a se levantar. Segurando-a pelo cotovelo, ela levou a mulher até uma área no jardim e até uma velha cadeira suja.

— Eu... uh... não limpei os móveis externos ainda.

Margie riu.

— É junho. O verão acabou de começar.

— Ela colocou as mãos nos bolsos e pegou um maço de cigarros.

Dorothy se sentou de pernas cruzadas no pátio, observando uma lágrima rolar pelo rosto da mulher e cair em sua mão marcada por veias.

— Não se importe comigo — disse Margie. — Tenho guardado isso há muito tempo.

— Ah.

— A Katie, minha filha — disse Margie —, tem câncer.

Dorothy não fazia ideia do que as pessoas diziam em momentos como este. *Sinto muito* parecia patético e óbvio, mas o que mais havia para dizer?

— Obrigada — disse Margie para o silêncio.

Dorothy inspirou um pouco da fumaça mentolada.

— Por quê?

— Por não dizer “ela vai ficar bem” ou “sinto muito”.

— Coisas ruins acontecem — disse Dorothy.

— É. Eu não sabia disso.

— Como está a Tully?

— Ela está com a Katie agora. — Margie levantou os olhos. — Acho que ela gostaria se você fosse vê-la. Ela acabou de parar com o programa de TV.

Dorothy tentou sorrir, mas não conseguiu.

— Não estou preparada. Eu a magoei demais. Não quero fazer isso novamente.

— Sim — disse Margie. — Ela sempre foi mais frágil do que parecia.

Elas ficaram sentadas sem dizer nada.

Por fim, Margie se levantou.

— Bom. Tenho que voltar.

Dorothy fez que sim. Ela se ergueu lentamente e acompanhou Margie até a Firefly Lane. Quando Margie começou a cruzar a rua, Dorothy disse: — Margie?

Margie se virou.

— Sim?

— Aposto como ela sabe que você a ama. Sua Katie. Significa muito.

Margie fez que sim e limpou os olhos.

— Obrigada, Cloud.

— Sou Dorothy agora.

Margie sorriu cansadamente.

— Dorothy, espero que você não se importe com o que vou dizer: o tempo passa. Confie em mim. Meninas fortes de repente adoecem.

Não espere demais para ver sua filha.

CAPÍTULO VINTE

EM OUTUBRO DE 2006, a chuva caía das nuvens inchadas dia após dia, transformando os campos bem cuidados de Dorothy num lamaçal. Mesmo assim ela saía todos os dias, com chuva ou sol, para cuidar daquele terreno que vinha tomando toda a sua atenção. Ela plantava alho e uma mistura de centeio de inverno e ervilhaça para recobrir o terreno úmido. Preparava os canteiros para as plantas que plantaria na primavera, recobrando-os com dolomita e compostagem. Estava ocupada na plantação quando uma van de entrega de flores parou do outro lado da rua.

Dorothy se sentou apoiada nos tornozelos e olhou para a casa dos Mularkey. A chuva atrapalhava a visão, caindo da aba do chapéu e obscurecendo a Firefly Lane.

A casa estava vazia agora, ela sabia; os Mularkey estavam no hospital ou na casa de Kate todos os dias. Dorothy pegava a correspondência, empilhava-a e a colocava-a na caixa de entrega do leite.

Várias vezes ela encontrou a caixa vazia, por isso sabia que Bud e Margie às vezes apareciam em casa, mas não os vira em seus carros no último mês.

Ela deixou de lado seu rastelo e se levantou lentamente, tirando as luvas.

Pendurando-as no cinto de utilidades, atravessou o jardim, passou pelo pátio e o jardim lateral, rumo à rua.

Dorothy estava na sua caixa de correio quando um caminhão de entrega passou pela entrada da casa dos Mularkey e virou à esquerda na Firefly Lane.

Ela cruzou a rua nas suas botas de borracha grandes demais. À sua direita, o pasto verdejante se afastava da casa e terminava numa cerca que delimitava a propriedade.

Ao se aproximar da casa, não pôde deixar de pensar que aquela casa era o mais próximo de um lar para sua filha e ela, Dorothy, nunca tinha estado lá dentro.

A varanda estava cheia de arranjos de flores. Eles estavam no chão, nas mesas e até na caixa de leite. Dorothy sentiu um nó no estômago. Ela pegou o envelope de um buquê e o leu.

Sentimos muito por sua perda.

Kate fará falta.

Com amor, família Goldstein

Dorothy não tinha ideia de por que sentia tamanha perda. Ela nem sequer conseguia fazer uma imagem mental de Kate Ryan. Nada lhe vinha além da lembrança de cabelos loiros e um sorriso contido.

Maconha e álcool. Eles roubaram muito dela e ela nunca sentira tanta falta de suas lembranças como agora.

Isso partiria o coração de Tully, pura e simplesmente. Dorothy podia não saber muito sobre sua filha, mas sabia disso: Kate era o chão sobre o qual ela pisava, o corrimão que a impedia de cair. Era a irmã pela qual Tully tanto ansiara, mas nunca tivera; a família que sua filha tanto queria.

Dorothy rezou para que os Mularkey não voltassem para a casa e encontrassem a varanda cheia de flores mortas — quão deprimente seria isso? Mas o que ela podia fazer para ajudar?

Podia finalmente tentar ver sua filha.

A ideia a encheu de uma esperança inesperada e tênue. Talvez esta fosse a ocasião para mostrar a Tully que ela havia mudado.

Dorothy voltou para sua casa. Ela levou menos de trinta minutos para descobrir os planos para o funeral. Seria realizado em poucos dias, numa igreja católica em Bainbridge Island. Numa cidade tão pequena quanto Snohomish, a notícia da morte de alguém corria rápido.

Pela primeira vez desde que Dorothy conseguia se lembrar, ela se preparou para um evento. Foi de bicicleta para o centro da cidade no dia 5 de outubro — sob chuva — e cortou o cabelo. Pela maneira como a jovem cabeleireira ria e reprovava, dava para ver que ela achava que o cabelo de Dorothy era longo e cinza demais, mas Dorothy tinha um histórico de ser algo *demais* e estava bem com isso. Ela não precisava parecer Jane Fonda, impossivelmente jovem e adequada.

Só queria não envergonhar Tully, mostrar à filha que havia mudado.

Ela cortou os cabelos na altura dos ombros e deixou uma menina com botas de motoqueira secá-los até que ele caísse em belas ondas. Depois, foi a uma das boutiques da First Street (onde enfrentou mais caras e bocas) e comprou uma calça escura e uma blusa de gola rulê. Dorothy colocou as roupas em sacolas plásticas e as levou para sua bicicleta. Ao chegar, seus cabelos já estavam arruinados novamente, mas ela mal notou. Estava envolvida demais com a conversa que se passava em sua mente.

É bom ver você de novo.

Sinto muito por sua perda.

Sei o quanto ela era importante para você.

Estou sóbria agora. Há duzentos e noventa e sete dias.

Dorothy comprou um livro sobre como ajudar alguém que passava por um momento de luto. A maioria das frases soaria ridícula vinda dela: *Ela está num lugar melhor. O tempo ajudará. A oração pode ser um consolo. Mas algumas frases ela podia tentar: Sei o quanto ela era importante para você. Você teve sorte por tê-la.* Dorothy grifou algumas das condolências e praticou as frases diante do espelho, fingindo não ver como parecia velha e arrasada, o preço que as drogas e o álcool cobraram de sua pele.

No dia do funeral, ela acordou numa manhã surpreendentemente vívida e ensolarada. Tomou banho cuidadosamente e lavou os cabelos, apesar de ser péssima em questão de estilo e, na verdade, aquele corte fazia pouca diferença. Ela ainda tinha um quê de Albert Einstein e velha hippie. Mas o que podia fazer quanto a isso? Seu rosto enrugado e olhos cansados não podiam ser consertados com maquiagem. Com sua visão que se deteriorava e a mão insegura, ela provavelmente acabaria parecendo Bette Davis em *O Que Terá Acontecido a Baby Jane?*

Mas Dorothy fez o seu melhor. Ela escovou os dentes e vestiu as roupas novas. Ela parecia um pouco — bem pouco — Blythe Danner depois de uma noite com tequila, mas suas roupas pareciam respeitáveis.

Ela subiu na sua bicicleta e andou até a cidade, feliz pelo sol, mas estava frio lá fora.

No centro, bebeu um chá com leite de soja e esperou impacientemente pelo ônibus, repassando as sentenças na sua mente de novo. Quando o ônibus chegou, ela subiu.

Dorothy era capaz. Era capaz de ir até sua filha e ajudá-la. Finalmente.

Ela encarou a janela, vendo uma versão fantasmagórica de seu rosto. Para além da janela estava a rodovia e, para além da rodovia, uma lembrança inesperada.

Um estacionamento cheio de carros.

Bordos dando sombra, um parque com crianças brincando...

Estou chapada. É a única maneira.

Estou aqui porque minha mãe morreu.

— Mamãe! Graças a Deus que você está aqui.

Minha filha é tão linda e a visão dela me deixa insuportavelmente triste. Ela tem dezesseis anos? Como posso não ter certeza? A tristeza aumenta, transborda, e eu me sinto menor e mais fraca.

— Você sabia que eu precisaria de você.

Tully está sorrindo. Sorrindo.

Penso no quanto tentei ser o que esta menina precisava e como fracasei miseravelmente. Tully está falando, dizendo mais, e eu sinto as lágrimas. Avanço e digo:

— Olhe para mim.

— Estou olhando.

— Não. Olhe. Não posso ajudar você.

Tully franze a testa e recua.

— Mas eu preciso de você.

Dorothy se afasta da janela. O que ela dissera para sua filha no dia do funeral de sua própria mãe?

Não se lembrava agora. Só se lembrava de sair... E dos escuros dias — meses, anos — que seguiram.

Os homens. As drogas.

Naquele dia ela deixou que sua filha se tornasse legalmente maior de idade.

O ônibus estacionou no terminal da balsa. Dorothy desceu e entrou na balsa para Bainbridge.

Ela já estivera aqui antes? Dorothy achava que não; ou, se estivera, devia estar bêbada ou chapada, porque não se lembrava.

A ilha era linda, bem cuidada, com lojinhas e ruas silenciosas. Definitivamente o lugar onde todos conheciam todos e alguém como ela se destacaria, mesmo com roupas novas e limpas.

Dorothy sabia que, se não estivesse tomando remédios, estaria mal agora. Mas com seus medicamentos estava bem. Com o pensamento um pouco confuso, mas firme, e era o que importava.

Durante anos ela odiara o efeito dos remédios, sofrendo picos de montanha-russa e baixos subterrâneos.

Mas agora, em qualquer dia, ela estava segura.

Honestamente, ela queria uma bebida. Só uma.

Pôs a mão no bolso do casaco e pegou uma ficha de nove meses limpa que ganhara na última reunião. Em pouco tempo ela celebraria dez meses. Um dia de cada vez.

Seguiu os nativos e os turistas para fora da balsa, pelo terminal e para o sol. Seguindo as direções, caminhou pela cidade, que estava silenciosa naquele dia de outubro. A igreja católica ficava mais distante do que ela achava, e, quando chegou, Dorothy estava atrasada. O serviço já havia começado.

As portas duplas estavam fechadas. Ela fizera muitas coisas em sua vida, mas não entraria naquela igreja sozinha.

Dorothy encontrou um banco sob um par de bordos na extremidade do estacionamento e sentou-se sob a cobertura multicolorida. Sobre ela, uma folha outonal se despreendeu e caiu no chão.

Dorothy tirou-a do rosto e olhou para suas mãos, pensando.

Quando ergueu os olhos novamente, Tully estava sozinha diante da igreja.

Dorothy se levantou e começou a caminhar, mas parou.

O estacionamento estava se enchendo de pessoas. Os enlutados saíam da igreja. Vários deles se reuniam em torno de Tully.

A família de Kate, provavelmente. Um belo homem, uma linda adolescente e dois meninos.

Margie abraçou Tully, que chorava nos braços dela.

Dorothy recuou para as sombras da árvore. Ela fora uma idiota em pensar que tinha um lugar ali, que sua presença ajudaria.

Sua filha *tinha* pessoas que se importavam com ela, e com as quais ela se importava. Elas se reuniriam hoje e amenizariam sua dor, compartilhando-a. Não era isso o que as pessoas faziam? O que as famílias faziam? Dorothy se sentiu triste, velha e cansada. Ela fora até ali seguindo um raio de luz que não podia agarrar.

Não é bom fingir, sabia? E não temos *todo o tempo do mundo*. Ouço a voz de Kate e, honestamente, não queria ouvi-la. *Você percebe agora, não?*

Sou como uma criancinha, apertando os olhos, certa de que, na minha escuridão auto-imposta, não posso ser vista. É isso o que quero agora: desaparecer. Não quero toda essa coisa de ir para a luz/analisar sua vida. Dói demais.

Você está se escondendo de mim.

— É. Sem chance. Vocês, mortos, não perdem nada.

Sinto-a se aproximando; é como uma tocha. Estrelinhas amarelas e brancas explodem no espaço escuro da minha visão. Sinto cheiro de lavanda e spray Love's Baby Soft e... maconha.

Isso me traz de volta.

Abra seus olhos.

O modo como ela diz rompe minha resolução. Lentamente faço o que ela pede, mas, antes mesmo de ver o pôster de David Cassidy e ouvir Elton John cantando *Goodbye, Yellow Brick Road*, sei onde estou. De volta ao meu quarto na Firefly Lane. Minha velha vitrola está na mesinha de cabeceira, juntamente com uma pilha de discos.

Dorothy. *Goodbye, Yellow Brick Road*. A Cidade das Esmeraldas. Como ignorei tantas dicas óbvias na minha vida? Eu era sempre uma menina perdida em Oz, procurando uma maneira de acreditar que não havia lugar no mundo como meu lar...

Kate está ao meu lado. Estamos sentadas na minha cama na casa da Firefly Lane, encostadas na cabeceira. Um pôster amarelo no qual se lê A GUERRA NÃO É SAUDÁVEL PARA CRIANÇAS E OUTROS SERES VIVOS preenche minha visão.

Você vê agora, não?, diz Kate novamente, mais baixinho agora. *Não quero pensar nisso* — no dia em que minha mãe apareceu para me “ajudar” com meu “vício” e como lidei mal com aquilo. Sobre o que mais me enganei? Mas, antes que eu possa responder-lhe, há outra voz sussurrando no meu ouvido. *Sinto muito.*

Ah, meu Deus.

É a minha mãe. O quarto se dissolve ao meu redor. Sinto cheiro de desinfetante.

Viro-me para ver Kate.

— Ela está aqui? Ou lá? No hospital, quero dizer?

Ouçã, diz Kate suavemente. *Feche seus olhos.*

3 de setembro de 2010

16h57

— Dona? Dona? A senhora vai descer?

Dorothy voltou repentinamente ao presente. Ela estava num táxi, diante da porta de emergência do hospital. Ela pagou o taxista, dando uma gorjeta grande demais, e depois abriu a porta e saiu para a chuva.

A caminhada até a porta da frente a deixou nervosa. Cada passo parecia um ato de incrível esforço, e Deus sabia como seu esforço sempre tivera a resistência de cera quente.

Ao se aproximar da austera recepção, ela se sentiu tímida, uma velha hippie num mundo de alta tecnologia.

Na recepção, ela parou, pigarreando.

— Sou Doro... Cloud Hart — disse. O velho nome doeu como um sutiã ruim, mas era como Tully a conhecia. — A mãe de Tully Hart.

A mulher da recepção fez que sim e deu a ela o número do quarto.

Rangendo os dentes e fechando as mãos frias, Dorothy rumou para o elevador e foi até o quarto andar. Lá, sentindo-se nervosa a cada passo, ela seguiu por um piso branco de linóleo até a sala de

espera, que estava quase vazia — poltronas cor de mostarda, uma mulher numa mesa, algumas TVs sem som.

Vanna White virou a letra R na tela.

O cheiro do lugar — desinfetante, comida de cantina e desespero — a atingiu em cheio.

Ela havia se esforçado bastante em sua vida para evitar hospitais, apesar de ter acordado neles algumas vezes.

Margie estava sentada na sala de espera.

À chegada de Dorothy, ela deixou de lado o tricô e se levantou.

Ao lado dela estava o belo homem que fora marido de Kate. Ele viu Margie se levantar, seguiu seu olhar e franziu a testa.

Então ele lentamente se levantou também.

Dorothy o vira a distância no funeral; ele parecia mais velho agora. Mais magro.

Margie se aproximou, as mãos estendidas.

— Fico feliz por você ter recebido meu bilhete. Tive que pedir ao Bud que o pendurasse na porta. Não tinha tempo de sair procurando por você.

— Obrigada — disse Dorothy. — Como ela está?

— Nossa menina é uma lutadora — disse Margie.

Dorothy sentiu um arrepio — ansiedade, talvez. *Nossa* menina. Como se ela e Margie fossem mães de Tully. Dorothy queria que isso fosse verdade —, mas somente Margie podia reivindicar essa conexão. Ela começou a dizer alguma coisa — Dorothy não fazia ideia do quê — quando *e/le* se aproximou. Diante da raiva em seus olhos, a voz de Dorothy se transformou em cinzas.

— Você se lembra do Johnny — disse Margie. — Marido da Katie e amigo da Tully.

— Nós nos conhecemos há vários anos — disse Dorothy. Não era uma boa lembrança.

— Você nunca fez nada a não ser magoá-la — disse ele, num tom ameno.

— Eu sei.

— Se você a magoar agora, vai ter que se ver comigo. Entendeu? Dorothy engoliu em seco, mas não desviou o olhar.

— Obrigada.

Ele fez uma careta.

— Por quê?

— Por amá-la.

Ele pareceu surpreso.

Margie pegou Dorothy pelo braço e a levou pelo corredor, até o enclave de quartos envidraçados da UTI que cercavam a estação de enfermagem. Lá, Margie a deixou para falar com a mulher à mesa.

— Certo — disse Margie ao voltar. — O quarto dela fica bem ali. Pode ir falar com ela.

— Ela não me quer aqui.

— Simplesmente fale com ela, Dorothy. Os médicos dizem que ajuda.

Dorothy olhou para o painel de vidro; dentro, uma cortina escondia a cama da vista de todos.

— Simplesmente *converse* com ela.

Dorothy fez que sim. Ela deu um passo à frente, avançando como uma inválida, seu temor aumentando a cada passo, enchendo seus pulmões, doendo. Inválida. Inválida.

Esta era ela.

Suas mãos tremiam quando ela abriu a porta.

Dorothy respirou fundo e foi até a cama.

Tully estava lá, deitada, cercada por máquinas que zuniam. Um tubo plástico invadia sua boca. Seu rosto estava desfigurado, todo arranhado. Ela estava careca e um tubo plástico entrava em sua cabeça.

Um dos braços estava engessado.

Dorothy puxou uma cadeira para perto da cama e se sentou. Ela sabia o que Tully gostaria de ouvir.

Por isso é que ela fora a Snohomish, fora o que ela perguntara milhares de vezes ao longo dos anos. A verdade. A história de Dorothy. A história delas.

Ela podia fazer isso. Finalmente. *Podia*.

Era do que sua filha precisava. Dorothy respirou fundo.

— Quando eu era criança, a Califórnia era cheia de belos pomares de laranja em vez de estacionamentos e rodovias. Torres de perfuração bombeavam continuamente nas colinas, como

gigantescos oratórios enferrujados. Os primeiros Golden Arches. Eu me lembro de quando eles começaram a construir a Disneylândia e meu pai achava que Disney era um “louco de pedra por investir tanto dinheiro num parque infantil” — disse ela, amenamente, abrindo caminho palavra a palavra.

— Somos ucranianos. Você sabia? Claro que não. Nunca lhe contei nada sobre a minha vida ou nossa herança cultural. Acho que já é hora. Você sempre quis saber minha história. Então, aqui vai. Quando criança, eu...

... achava que significava “feio” — ucraniano — e talvez significasse. Foi o primeiro dos segredos que aprendi a esconder.

Adequar-se. Não se destacar. Ser norte-americano. Isso era o que importava para meus pais no mundo plástico e brilhante dos anos 1950. Você não pode entender o que era isso, aposto. Você é filha dos anos 1970, ousada e livre. Você cresceu ao redor de pessoas que tinham uma mentalidade completamente diferente.

Nos anos 1950, as meninas eram como bonecas. Extensões de seus pais. Pertences.

Esperava-se que fôssemos perfeitas, com nada em nossas mentes além de dar alegria a nossos pais, tirar boas notas e casar com o cara certo. Difícil pensar agora, neste mundo moderno, como era importante que você se casasse bem.

Tínhamos de ser boazinhas e dar festas e fazer bebês, mas não antes do casamento.

Morávamos num dos primeiros bairros de *Orange County*. Rancho Flamingo, chamava-se, casas ao estilo do interior com terrenos idênticos e jardins verdes e bem aparados na frente. Se você tivesse *mesmo* sucesso, sua casa tinha uma piscina.

Festas à beira da piscina eram tudo. Eu me lembro de ver as amigas da minha mãe reunidas em torno da piscina, usando trajes de banho e toucas de borracha, fumando e bebendo, enquanto os homens bebiam martínis perto da churrasqueira. Eles já estavam todos bêbados quando alguém pulava na piscina.

Os finais de semana eram banquetes; uma festa tropical na piscina atrás da outra.

O estranho é que só consigo me lembrar de observar os adultos. Naquela época, as crianças não eram para serem vistas ou ouvidas.

Honestamente, nunca pensei muito nisso quando era pequena. Eu me misturava. Ninguém prestava atenção em mim. Eu era uma menina esquisita, com cabelos embaraçados e sobrancelhas grossas que ofuscavam meu rosto. Meu pai costumava dizer que eu parecia uma judia — o que parecia ser um xingamento para ele e eu não tinha ideia do motivo de isso incomodá-lo, por que *eu* o incomodava, eu obviamente o incomodava. A mamãe me dizia para ficar quieta e ser uma boa menina.

Eu obedeci.

Fiquei quieta, tão quieta que perdi as poucas amigas que tinha na escola. No Ensino Médio eu era uma excluída, ou talvez não uma excluída, apenas invisível. Naquela época o mundo estava mudando, mas não sabíamos. Coisas terríveis — injustiças — estavam acontecendo ao nosso redor, mas não víamos. Desviávamos o olhar. *Eles* — negros, hispânicos, judeus — eram “eles”, não “nós”.

Meus pais nunca mencionavam nossa etnia ao disseminarem seu racismo nas festas. A primeira vez que perguntei se ucranianos eram como comunistas, tinha quatorze anos de idade. Meu pai me deu um tapa na cara.

Corri para minha mãe. Ela estava na cozinha, de pé numa bancada de fórmica cor de abacate, usando um avental sobre seu vestido azul-claro, fumando um cigarro ao misturar sopa de cebola numa tigela de creme azedo.

Eu estava chorando tanto que ranho escorria para a minha boca, e eu sabia que meu rosto ficaria inchado. *O papai me bateu*, eu disse.

Ela se virou lentamente, um cigarro numa das mãos e o pacote de sopa vazio na outra. Ela me olhou através de seus óculos escuros e perguntou: *O que você fez?*

Eu? Respirei fundo. Ela tragou seu Lucky Strike e soltou a fumaça.

Foi quando entendi que era minha culpa.

Eu fizera algo ruim. Errado. E fora punida.

Quanto mais pensava no assunto, porém, menos entendia o que fizera de tão mau.

Mas sabia que não podia dizer a ninguém.

Foi o começo da minha queda. Não sei como descrevê-la. E tudo piorou. No verão, comecei a mudar fisicamente. Menstruei pela primeira vez (*Você é uma mulher agora*, disse minha mãe, entregando-me um absorvente, *não nos envergonhe nem se meta em confusão*) e meus seios se desenvolveram e eu perdi peso. Da primeira vez que apareci numa festa de piscina usando um biquíni, ouvi o Sr. Orrowan, nosso vizinho, derrubar sua taça de martíni. Meu pai me pegou pelo braço com tanta força que eu senti que meu osso se quebraria e me levou para dentro da casa, me empurrou e disse que eu parecia uma vadia.

O modo como ele me olhava era pior do que o tapa na cara. Sabia que ele queria algo de mim, algo sombrio e inexplicável, mas não entendia.

Até que.

Ele entrou no meu quarto certa noite quando eu tinha quinze anos. Ele estava bêbado e fedia a cigarro e me machucou. Não acho que tenha que dizer mais sobre o assunto.

Depois, ele disse que aquilo era minha culpa, por me vestir como uma vadia. Acreditei nele. Ele era meu pai. Costumava acreditar nele.

Tentei contar para minha mãe — mais de uma vez —, mas ela me evitava, brigando comigo pelas menores coisas. Ela estava constantemente me dizendo para ir para o meu quarto ou sair para uma caminhada. Ela não suportava me ver. Era óbvio.

Depois disso, tentei desaparecer.

Abotoava minhas blusas até o pescoço e não usava maquiagem.

Não falava com ninguém, não fiz mais amigos e perdi os poucos que tinha.

Minha vida foi assim por meses. Meu pai ficou mais bêbado, raivoso e mau; e eu ficava mais calada, deprimida e desesperançada, mas achava que estava tudo bem. Sabe, lidando com as coisas, até que um dia um menino da turma apontou para mim e riu e todos riram juntos. Ou achei que tivessem rido. Eu me senti como naquela cena de *De Repente, no Último Verão*, na qual os meninos riem de Liz Taylor e do cara com quem ela está. Voraz, faminto e ávido. Comecei a gritar e chorar e a puxar meus cabelos.

A sala ficou em silêncio. Ouvi o silêncio e olhei aterrorizada para o que eu havia feito. A professora perguntou o que havia de errado comigo, e eu simplesmente a encarei até que ela bufou e me mandou para a sala do diretor.

Aparências. Eis o que importava para os meus pais. Eles não se importavam com o *porquê* de eu ter chorado na sala de aula ou puxado meus cabelos, e sim com o fato de eu ter feito isso em público.

CAPÍTULO VINTE E UM

ELES DISSERAM *QUE O HOSPITAL* era para o meu próprio bem.

Você é uma menina má, Dorothy. Todos têm problemas, por que você é tão egoísta?

Claro que seu pai a ama. Por que você diz coisas tão horríveis?

Você pensa que não há universos paralelos, mas há. Eles podem existir dentro de você. Você pode ser uma menina comum num minuto e uma concha vazia no próximo.

Você pode virar uma esquina — ou abrir os olhos em sua própria cama — e entrar num mundo que se parece com o seu, mas não é.

O hospital — que chamavam de sanatório — ficava em outra cidade. Nem mesmo agora sei dizer onde ficava. Podia ser em Marte.

Eles me colocaram numa camisa de força.

Não queriam que eu me machucasse, foi isso que disseram os homens de branco que me agarraram.

Então, lá estava eu. Uma menina de dezesseis anos com cabelos com falhas, presa e gritando. Minha mãe chorava todas as vezes que olhava para mim, mas não porque eu estava sofrendo. Porque estava gritando.

Meu pai nem sequer veio conosco.

Cuide disso, Ma, disse ele.

Isso.

Quando chegamos ao lugar, parecia uma prisão numa colina.

Você vai ser boazinha? Vamos tirar a camisa de força se você for boazinha.

Prometi ser boa, o que sabia que queria dizer “quieta”. Nos anos 1950, meninas boas eram quietas.

Eles tiraram a camisa de força e me permitiram andar sozinha. Mamã caminhava ao meu lado, mas não perto o bastante para me tocar, como se eu tivesse contraído uma espécie de doença. Caminhava num nevoeiro no qual estava ao mesmo tempo acordada e dormindo. Mais tarde, fiquei sabendo que eles haviam me drogado. Não me lembro. Só me lembro de subir as escadas; era

como estar sob a água. Sabia onde estava e o que estava vendo, mas tudo era confuso e desproporcional.

Queria tanto que minha mãe segurasse minha mão. Tenho certeza de que continuava me lamuriando por ela, o que só a fazia caminhar mais rápido. Clique, clique, clique. Era o som que seus sapatos faziam nos degraus de pedra. Ela estava segurando a alça de couro da sua bolsa com tanta força que parecia que o couro se partiria.

Dentro, todos usavam branco e pareciam de mau humor. Acho que foi aí que notei as barras nas janelas. Lembro-me de pensar que era tão insubstancial que podia voar e passar por entre as barras se quisesse.

O nome do médico era Viscose. Ou Veludo. Algum tecido. Ele tinha um biquinho e um nariz de alcoólatra. Quando o vi, comecei a rir. Pensei que seu nariz parecia um paraquedas vermelho se abrindo e ri tanto que comecei a chorar, e minha mãe sussurrou *para mim*: Comporte-se, pelo amor de *Deus*, e seus dedos agarraram a alça da bolsa novamente.

Sente-se, Srta. Hart.

Fiz o que me mandavam e parei de rir.

Percebi o silêncio no consultório e a iluminação estranha.

Não havia janelas. Acho que pessoas demais olharam para o nariz de paraquedas do Sr. Algodão e saltaram.

Você sabe por que está aqui?, o Dr. Seda me perguntou.

Estou bem agora.

Não, Dorothy. Meninas que estão "bem" não puxam o cabelo e gritam e fazem acusações contra as pessoas que as amam.

Isso mesmo, disse minha mãe. O pobre Winston está abalado. O que há de errado com ela?

Olhei impotente para o Dr. Lã. Ele disse:

Podemos ajudá-la a se sentir melhor se você for uma boa menina.

Não acreditava nele. Virei-me para minha mãe e implorei para ser levada para casa, onde jurei que melhoraria.

Acabei ajoelhada ao lado dela, gritando.

Disse que não pretendia fazer aquilo e que sentia muito.

Está vendo?, disse ela para o Dr. Seda.

Está vendo?

Não consegui convencê-la de como sentia muito e de quão assustada eu estava, e comecei a gritar e a chorar. Sabia que era errado, mau, alto demais. Caí e bati com a cabeça no braço da cadeira da minha mãe.

Ouvi minha mãe gritar: FAÇA-A PARAR COM ISSO!

Senti alguém — pessoas — vindo por trás de mim, me agarrando, me segurando.

Quando acordei, estava numa cama, com os pulsos e os tornozelos presos de modo que eu não pudesse me mover.

Pessoas usando branco começaram a aparecer ao meu redor, colocando-se em posição como alvos numa roda num parque de diversões. Eu me lembro de querer gritar, de tentar, mas nenhum som saiu.

Elas estavam trabalhando em mim e ao meu redor sem nem mesmo me verem.

Ouvi um som e percebi que ainda podia virar minha cabeça, apesar de ser preciso me esforçar. Uma enfermeira — mais tarde soube que seu nome era Helen — trouxe uma máquina para o ambiente, até a cama.

Alguém tocou minha cabeça, esfregou algo frio nas minhas têmporas. Virei a cabeça e ouviu uma voz dizer *Merda*, e senti dedos nos meus cabelos.

Helen se inclinou sobre mim, tão perto que eu podia ver os pelinhos de suas narinas.

Não tenha medo. Vai acabar logo.

Senti o surgimento de lágrimas. Foi patético que aquela pequena gentileza pudesse me fazer chorar.

O Dr. Seersucker veio a seguir, seu rosto contraído, seu nariz precedendo-o. Ele se inclinou sobre mim sem dizer uma palavra e colocou placas de metal frias ao lado da minha cabeça. Parecia gelo, ao mesmo tempo congelante e quente, e eu comecei a cantar.

Cantar.

No que eu estava pensando? Não é de surpreender que achassem que eu era louca.

Fiquei lá, chorando e cantando *Rock Around the Clock* com toda a força.

O médico fechou um cinto ao redor da minha cabeça. Tentei lhe dizer que ele estava me machucando, me assustando, mas parecia que eu não conseguia deixar de cantar.

Ele enfiou algo na minha boca e eu engasguei.

Todos se afastaram de mim e eu me lembro de pensar: Bomba! Eles grudaram uma bomba na minha cabeça e vou explodir.

Tentei cuspir a coisa da minha boca, e então...

É impossível descrever o golpe. Hoje sei que era eletricidade passando por mim.

Balançava como uma boneca de pano e fiz xixi nas calças. O barulho era um *whirrrrrr* agudo. Achei que meus ossos se quebrariam.

Quando finalmente acabou, fiquei imóvel na cama, sentindo-me quase morta. Ouvei o pingar da minha urina no piso de linóleo.

Pronto, disse Helen, não foi tão ruim, foi?

Fechei meus olhos e orei para que Jesus me levasse. Não tinha ideia do que fizera de tão horrível para merecer aquele castigo, e queria uma mãe, mas não *minha* mãe, e com certeza não queria meu pai. Acho que queria que alguém me abraçasse e me amasse e dissesse que tudo ficaria bem.

Mas, bem, se desejos fossem cavalos, todos os mendigos cavalgariam, não é?

Você pode pensar que sou estúpida porque me viu chapada na maior parte do tempo, mas sou inteligente. Não demorou para eu descobrir o que havia feito de errado.

Ah, eu sabia o que se esperava de mim antes de chegar ao hospital, mas não sabia qual era o custo de mudar de caminho. Aprendi.

Ah, se aprendi.

Seja boa. Fique quieta. Faça o que lhe mandam. Dê respostas diretas, nunca diga que não sabe, nunca diga que seu pai lhe faz mal. Não lhes diga que sua mãe sabe o que está acontecendo, mas que não se importa.

Ah, não. E nunca diga que sente muito. Ele odeia isso mais do que tudo.

Entrei no hospital quebrada. Mas aprendi a reunir as peças e segurá-las no meu peito.

Fiz que sim e sorri e tomei os comprimidos que me deram e perguntei quando minha mãe viria. Não fiz amigas porque as outras meninas eram “más” ou arruinadas. Minha mãe não aprovaria. Como poderia ser amiga de uma menina que cortou os pulsos ou de outra que pôs fogo no cão da família?

Fiquei sozinha. Quieta. Sorri.

O tempo passava de modo estranho lá.

Lembro-me de ver as folhas mudarem de cor e caírem no chão, mas esta é minha única maneira de contar a passagem dos dias. Um dia, depois de um tratamento de choque, estava no “salão de jogos” — assim chamado porque havia jogos de damas sobre as mesas, acho. Estava numa cadeira de rodas, olhando para a janela. Minhas mãos começaram a tremer e eu estava tentando escondê-las de todos.

Dorothy Jean?

Minha mãe nunca parecera mais gentil.

Virei-me lentamente e ergui o queixo para que pudesse vê-la.

Ela parecia mais magra do que eu lembrava e seus cabelos estavam tão bem penteados que pareciam esmaltados. Usava uma saia simples e uma blusa com gola de Peter Pan e óculos de aros escuros. Segurava sua bolsa com ambas as mãos e desta vez usava luvas.

Mamãe, eu disse, esforçando-me para não chorar.

Como você está?

Melhor. Juro. Posso voltar para casa agora? Vou ser boazinha. Os médicos dizem que sim. Espero que eles tenham razão. Não acredito que você seja como... estas pessoas. *Ela olhou em volta, fazendo careta.*

Por isso é que estava usando luvas. Ela não queria pegar a loucura. Acho que eu deveria ficar feliz por ela não se sentir mal em me tocar, em respirar o ar entre nós. E eu tentei ser feliz depois daquilo, tentei mesmo.

Fui educada ao dizer adeus ao Dr. Gabardine e cumprimentei Helen e tentei sorrir quando ela disse à minha mãe que fora um

prazer me ter por perto. Segui minha mãe até o Chrysler azul e me sentei no banco de couro.

Ela imediatamente acendeu um cigarro e, ao colocar o carro em primeira marcha, cinzas caíram no banco. Foi quando percebi que ela estava irritada. Minha mãe não gostava de bagunça.

Quando voltei para casa, vi o lugar. Vi-o realmente. A casa térrea decorada para parecer parte de um rancho, combinada com cortinas de haras, portas de garagem como se fosse um celeiro e caixilhos *western* nas janelas. Na frente, um jóquei de metal segurava um cartaz de boas-vindas.

Era tudo mentira, e uma mentira que se infiltrava naquele universo paralelo. Uma vez que você a visse, mudava. Você não poderia deixar de vê-la.

Minha mãe não me deixou sair do carro diante da casa. Não onde os vizinhos pudessem ver. *Fique aqui*, sussurrou ela, batendo a porta do carro e abrindo a da garagem. Depois de estarmos dentro da garagem, saí. Atravessei a escuridão e entrei na sala de estar da era espacial, com sua aparência aerodinâmica e futurista. O teto apontava para o alto e fora decorado com pedrinhas coloridas.

Enormes vitrais davam para a piscina decorada com temas polinésios. A lareira ficava numa parede de grandes pedras brancas. A mobília era sóbria e prateada.

Meu pai estava perto da lareira, ainda vestido com seu terno de Frank Sinatra, segurando um martíni numa das mãos e um Camel aceso na outra. O tipo de cigarro que John Wayne fumava — um bom cigarro norte-americano. Ele me olhou através de seus óculos de arame e casco de tartaruga.

Então você voltou.

Os médicos disseram que ela está bem, Winston, disse minha mãe.

Está?

Podia ter dito ao idiota que se danasse, mas fiquei lá, murchando como uma flor sob o castigo de seu olhar. Agora sabia o preço de dar um escândalo. Eu sabia quem tinha o poder neste mundo, e sabia que não era eu.

Ela está chorando, pelo amor de Deus.

Não tinha percebido, até ele falar. Mas ainda assim fiquei quieta. Agora sabia o que eles esperavam de mim.

Ao voltar do hospício, eu era intocável.

Eu fizera o impensável em Rancho Flamingo — dera um show, envergonhara meus pais — e, depois disso, eu era como uma espécie de animal perigoso que só podia viver na vizinhança atrelado a uma correia.

Hoje em dia, programas como o seu e o do Dr. Phil dizem às pessoas que você precisa falar sobre as feridas que tem e o fardo que carrega. Na minha época, era o oposto.

Algumas coisas jamais eram ditas, e meu rompante caía nessa categoria. Nas raras ocasiões em que minha mãe se referia ao meu tempo no hospício — o que ela tentava nunca fazer —, ele era chamado de “férias”. A única vez que ela me olhou nos olhos e disse a palavra *hospital* foi no primeiro dia em que voltei para casa.

Eu me lembro de pôr a mesa para o jantar naquela noite, tentando entender o que eu deveria ser.

Virei-me lentamente para olhar minha mãe, que estava na cozinha preparando alguma coisa. Frango *à La King*, acho. Seus cabelos, ainda castanhos na época — tintura, acho —, eram uma cobertura de ondas cuidadosamente controladas que não ficaria bem em ninguém. Seu rosto era o que você pode chamar de elegante hoje em dia; cheio de arestas e um pouco masculino, com a testa proeminente e bochechas ressaltadas. Ela usava óculos em forma de olhos de gato e um suéter cinza. Não havia nenhuma ternura nela.

Mamãe?, eu disse, aproximando-me dela.

Ela virou a cabeça apenas o bastante para me ver. *Quando a vida lhe dá limões, Dorothy Jean, você faz uma limonada.*

Mas ele...

Basta, disse ela. *Não quero ouvir. Você tem que esquecer. Esqueça tudo e você vai aprender logo a sorrir. Como eu aprendi.*

Ela arregalava os olhos por trás das lentes, implorando. *Por favor, Dorothy. Seu pai não vai suportar isso.*

Não sabia dizer se ela queria me ajudar, mas não sabia como, ou se não se importava.

O que eu sabia era que, se dissesse a verdade de novo, ou se mostrasse minha dor de alguma forma, meu pai me enviaria para algum lugar e ela permitiria.

E havia lugares piores do que aquele onde eu estivera. Sabia disso. Falava-se no hospital sobre crianças com olhos brancos e mãos trêmulas, banhos de gelo e coisas piores. Lobotomia.

Eu entendia.

Naquela noite, sem nem mudar de roupa, deitei na minha cama de menininha e caí no sono.

Ele me acordou, claro. Ele devia estar esperando o tempo todo. Enquanto eu estava distante, sua ânsia criara tentáculos e feria tudo, crescendo até que eu pudesse ver como aquilo o estava sufocando.

Eu o humilhara com minhas “mentiras”.

Ele me ensinaria uma lição.

Eu lhe disse que sentia muito — um erro terrível. Ele me queimou com cigarro e me mandou ficar calada. Eu só olhei para ele.

Meu silêncio o deixou com mais raiva ainda.

Mas era tudo o que eu tinha.

Eu aprendera minha lição, lembre-se.

Não podia impedir que ele me machucasse, mas, quando ele me olhou naquela noite, ele viu algo novo também. Podia denunciá-lo de novo. *Meninas têm bebês, sabia?*, eu sussurrei. *Prova.*

Ele recuou e bateu a porta. Foi a última vez que ele veio até minha cama, mas não a última vez que me machucou. Tudo o que eu tinha de fazer era olhar para ele e ele me batia. E eu ficava deitada na cama todas as noites, esperando, preocupada, imaginando quando ele mudaria de ideia e voltaria aos velhos tempos.

A escola ficou pior quando voltei do sanatório também.

Mas sobrevivi. Mantive a cabeça baixa e ignorei os acenos e as gozações. Eu estava arruinada e todos sabiam. Havia um estranho consolo nisso. Não tinha que fingir.

Minha mãe não suportava aquela nova versão de mim, com as roupas largas, cabelos despenteados e olhos sonolentos. Sempre que me via, ela fechava a boca e resmungava:

Argh, Dorothy Jean, você não tem amor próprio?

Mas, pensando bem, eu gostava de ser uma marginal. Eu via as coisas com mais clareza.

Estávamos no ápice de um novo mundo na Califórnia do fim da era do plástico. Os subúrbios estavam se abrindo, criando um novo sonho americano. Tudo era imaculado, limpinho. Tínhamos shoppings com terraços para o amanhã e lanchonetes *drive-in*. Como alguém à margem, via as coisas com a clareza que a distância proporciona. Só depois de perder a cabeça é que notei as facções que habitavam os corredores da nossa escola. Havia os jovens populares, que se vestiam na última moda e faziam bolas de chiclete ao conversar e dirigiam os novos carros de seus pais pela rua no sábado à noite. Eles se reuniam no Bob's Big Boy e passeavam pela rua à noite, acenando, apostando corridas e rindo. Havia os jovens que os professores adoravam; meninos que lançavam *touchdowns* vencedores e meninas que falavam sobre a faculdade e como gastar o dinheiro de seus pais. Eles seguiam as regras, pelo menos parecia, e para mim eram de alguma forma dourados, como se suas peles e corações estivessem protegidos das dores que me afetavam.

Mas, na primavera do meu primeiro ano no Ensino Médio, comecei a notar outros jovens que eu não havia visto antes, aqueles que viviam do lado errado da vida. Um dia eles eram invisíveis para mim e no outro eles estavam em todos os lugares, vestidos como *James Dean em Rebelde sem Causa*, passando gel no cabelo, prendendo maços de cigarro nas mangas de suas camisetas.

Jaquetas pretas de couro andavam junto de blusas de gola alta.

Brigões, nós os chamávamos a princípio, e depois gangues. Era para ser um insulto, mas eles apenas riam e acendiam os cigarros e tiravam sarro dos "melhores". Quase da noite para o dia, surgiam rumores de brigas.

Então um menino "bonzinho" foi morto numa corrida de carros e nossa comunidade irrompeu numa espécie de raiva que eu não imaginava que existisse antes.

Aquela raiva se comunicou comigo. Eu só percebi que tinha raiva quando ela estava no ar, infectando a todos. Mas, como sempre, eu a contive. Ao andar pelos corredores — sozinha na multidão, meus

livros perto do meu corpo —, ouvia os dois grupos se provocando, os meninos de jaqueta preta gritando: *Aqui, lindas*, para as meninas com saias plissadas, que se enfureciam e se afastavam, os olhos fervendo de superioridade.

Na manhã depois do acidente, eu me lembro de estar na aula de prendas domésticas, ouvindo a Sra. Peabody falar da importância de um armário bem cuidado para a jovem esposa.

Ela reluzia ao nos falar como impressionar convidados com salsichas Vienna e uns poucos outros ingredientes. Ela prometeu nos mostrar como preparar molho branco, o que quer que fosse isso.

Eu mal ouvia. Quero dizer, quem se importava? Mas as meninas populares — aquelas que passavam os dias envoltas em suéteres de gola alta e agitando a cabeça como cavalos na linha de largada, elas se sentavam na beira das carteiras, tomando nota.

Quando o sino tocava, eu era a última a sair. Era sempre melhor assim. As meninas populares raramente se incomodavam em olhar para trás.

Eu andava com cuidado em meio ao terreno minado que os corredores do Ensino Médio podiam ser para os jovens não populares.

Parecia o tráfego para mim, só que sem os carros fazendo confusão; eram as meninas e meninos populares, falando todos ao mesmo tempo, rindo de todos.

Caminhava rígida para meu armário, ouvindo as vozes se elevarem. Não muito longe dali, Judy Morgan estava perto do chafariz, cercada, como sempre, por suas animadas amigas. Um broche dourado decorava seu colarinho.

— Ei, Hart, bom ver que seus cabelos estão crescendo de novo.

Meu rosto ficou vermelho de vergonha.

Abaixei a cabeça e remexi no meu cadeado.

Senti alguém vindo por trás. De repente, todo o corredor ficou em silêncio. Virei-me.

Ele era alto e tinha ombros largos, com cabelos pretos encaracolados o bastante para deixar minha mãe louca. Ele os penteava para trás, mas mesmo assim não os controlava. Sua pele era escura — inaceitavelmente escura — e ele tinha dentes brancos

e um queixo quadrado. Usava uma camiseta branca e jeans desbotado. Uma jaqueta preta de couro pendia negligentemente de sua mão, as mangas arrastando no chão.

Ele pegou o maço de cigarro em sua manga enrolada. *Você não se importa com o que uma vaca como aquela pensa, não é?*

Ele acendeu o cigarro, bem ali no corredor. A ponta acesa me dava medo, mas mesmo assim não desviei o olhar.

Ela é louca, disse Judy. *Perfeita para você, valentão.*

A diretora Moro passou correndo pelo corredor, abrindo caminho pela multidão, assoprando seu apito de prata e dizendo a todos para entrarem nas salas de aula.

O menino tocou no meu queixo, fez-me olhar para cima, e foi como ver um cara totalmente diferente. Ele era só um menino com cabelos pretos fumando cigarro num corredor da escola. *Sou Rafe Montoya*, disse ele.

Dorothy Jean, foi tudo o que consegui dizer.

Você não parece louca para mim, Dorothy, disse ele. *Você é mesmo louca?*

Era a primeira vez que alguém perguntava, perguntava de verdade, e meu primeiro impulso foi mentir. Depois, vi como ele estava me olhando e disse: *Talvez.*

O sorriso que ele me deu foi triste, o que fez meu peito arfar. *Isso só quer dizer que você está prestando atenção, Dorothy.*

Antes que eu pudesse responder, a diretora Moro me pegou pelo braço, afastando-me de Rafe e arrastando-me pelo corredor.

Eu tropeçava ao lado dela.

Não sabia muito da vida naquela época, mas de uma coisa eu tinha certeza: meninas boazinhas do Rancho Flamingo não conversavam com meninos de pele escura chamados Montoya.

Mas, a partir do momento em que o vi, não conseguia pensar em mais nada.

Soa clichê, mas Rafael Montoya mudou minha vida quando disse aquelas palavras para mim. *Só quer dizer que você está prestando atenção.*

Repeti aquelas palavras várias vezes em minha mente ao voltar da escola, estudando-as de cada ângulo possível. Pela primeira vez eu

me perguntava se talvez não fosse mesmo uma louca ou alienígena. Talvez o mundo fosse tão desequilibrado quanto eu o sentia.

Na semana seguinte, passei por minha rotina diária como em transe. Dormia, acordava, me vestia e ia para a escola, tudo como camuflagem. Estava sempre pensando nele, procurando por ele. Sabia que era errado, até mesmo perigoso, mas não me importava.

Não. Isso não está certo. Eu estava *envolvida* por aquela coisa errada.

De repente, queria ser uma menina má. A coisa toda de menina boazinha fora um desastre. Achava que ser má talvez me libertasse.

Sofria com os meus cabelos, tentando fazer com que eles se parecessem com os das meninas populares. Eu os passava, enrolava, penteava. Tirava as sobrancelhas até que fossem arcos perfeitos sobre meus olhos.

Usava um vestidinho Peter Pan depois do outro, com suéteres combinando sobre os ombros e cintos apertados para mostrar minha cinturinha. Lavava meus tênis até que estivessem tão brancos que doía ver. Em vez de ser a primeira a entrar na aula e a última a sair, fazia o oposto, sem me importar se os meninos e meninas me olhavam enquanto eu entrava na sala ao ouvir o sino. Todos notaram a mudança. Meu pai se enfurecia todas as vezes que me via, mas mantinha distância.

Ele tinha medo de mim agora, o mesmo medo que eu sentia dele. Eu era instável e lhe disse isso — era louca o bastante para fazer ou dizer qualquer coisa.

Os meninos começaram a me perseguir, mas eu não me importava. Não queria o tipo de cara que queria uma menina como eu. Eu pairava pelos corredores, procurando por ele.

Eu me senti mudando. Era como se, na falta dele, eu tivesse me partido e remoldado à imagem do que eu sonhava que ele gostaria. Soa loucura — droga, eu *era* louca — mas parecia perfeitamente são para mim. Mais são do que eu fora em anos.

Meu pai me olhava de perto. Sentia sua observação, mas me recusava a me deixar afetar. O desejo me deu uma nova força. Eu me lembro de um jantar, sentada àquela mesa de fórmica mostarda, comendo o coelho galês sem gosto com tomate e salsicha da minha

mãe. Meu pai fumava durante toda a refeição — alternando um trago e uma garfada. Ele falava em sentenças curtas que pareciam tiros.

Minha mãe preenchia o silêncio, como se para provar que éramos felizes e normais.

Quando ela dizia algo de errado — me perguntava sobre meu novo cabelo —, meu pai batia na mesa, agitando os pratos brancos Corningware que eram a aquisição mais recente da minha mãe.

Não a encoraje, dizia ele. Ela parece uma vadia.

Eu quase dizia: *Você gostaria assim, não é?*, e a ideia de dizer aquilo me assustava tanto que eu tinha de me segurar. Sabia que uma única palavra errada poderia me mandar de volta para o hospício.

Só o fato de *querer* falar me assustava.

Abaixava a cabeça e começava a limpar a mesa. Assim que tudo estava limpo, murmurava algo sobre lição de casa e ia para o meu quarto, fechando a porta atrás de mim.

Não posso me lembrar de quanto tempo levou, esta espera e ansiedade. Duas semanas, pelo menos; talvez mais. Daí um dia eu estava de pé no meu armário, concentrada com os números, quando o ouvi dizer: *Estive procurando por você.*

Congelei.

Minha boca ficou seca.

Lentamente, virei-me e o vi perto demais, elevando-se sobre mim.

Você procurou por mim?

E você procurou por mim. Admita.

C-como você sabe?

Como resposta à minha pergunta, ele se aproximou ainda mais. A jaqueta preta de couro que ele usava fez um barulho enquanto ele lentamente ergueu o braço e usou um dedo para arrumar uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ao seu toque, senti esta chama de ansiedade. Era como se, pela primeira vez, alguém me visse. Até aquele momento, eu não sabia o quanto minha invisibilidade doía. Queria ser vista. Mais do que isso, queria seu toque, e esse desejo era assustador. Tudo o que eu sabia sobre sexo era dor e degradação.

Sabia que era ruim me sentir como eu me sentia, e que era perigoso me sentir excitada por aquele menino que era errado para mim.

Devia ter desejado apagar tudo, desviar o olhar, murmurar alguma coisa sobre ser errado, mas, quando ele tocou em meu queixo e me fez olhar para ele, era tarde demais.

Seu rosto era todo irregular sob a luz do corredor. Seus cabelos eram compridos demais — oleosos demais — e quase azuis em alguns lugares, e sua pele era escura demais, mas eu não me importava.

Antes de conhecer Rafe, meu futuro era o de uma esposa suburbana.

E então as coisas fizeram sentido.

Simple assim. Qualquer pessoa que diga que um segundo não pode mudar toda a sua vida é tola. Eu queria romper com as regras.

Qualquer coisa por ele.

Ele era a imagem da perfeição, de pé e sorrindo para mim, mas nele vi as mesmas emoções que haviam me transformado em uma pessoa nova.

Perigosos. Era isso o que seríamos juntos. Tinha certeza. Nós nos pressionaríamos a cada segundo para sentirmos aquilo de novo.

Fique comigo, disse ele, estendendo a mão. *Não se importe com o que os outros vão pensar.*

“Os outros” era todo mundo — meus pais, os vizinhos, os professores, os médicos que me trataram.

Ninguém nos aprovaria. Isso assustaria a todos, e eu era louca também.

Perigosos, pensei de novo.

Podemos manter segredo?, perguntei.

Percebi que minha pergunta o magoou e odiei. Só depois, quando ele me levou para a cama e me ensinou sobre o amor, a paixão e o sexo, é que lhe contei tudo, todo detalhe sórdido da minha vida estéril. Ele me abraçou e me deixou chorar e me disse que não deixaria ninguém me fazer mal de novo. Ele beijou a constelação de cicatrizes no meu peito e nos meus braços. Então ele entendeu.

Durante meses, mantivemos nossa relação em segredo. Até que eu percebi que estava grávida.

CAPÍTULO VINTE E DOIS

AS PESSOAS ACHAM QUE MENINAS NÃO ficavam grávidas na minha época, mas ficávamos. Algumas coisas no mundo são certas, e uma delas é que adolescentes farão sexo. A diferença é que desaparecíamos. Havia sempre rumores e insinuações. As meninas simplesmente desapareciam um dia — foram visitar uma tia idosa ou um primo doente — e voltavam mais tarde, geralmente mais magras e quietas. Para onde elas realmente iam, nunca soube nem me importei.

Eu amava Rafe; não do jeito ingênuo e escolar do nosso primeiro encontro, mas por completo e profundamente. Ainda não sabia que o amor era frágil e que o futuro podia mudar num instante. Certa noite, no final de maio, meu pai chegou em casa, estranhamente sorrindo, e disse para minha mãe que fora promovido e que estávamos nos mudando para Seattle. Ele nos mostrou uma foto da casa que comprara e deu um beijinho no rosto da minha mãe. Ele parecia tão impressionado quanto eu me sentia.

Num instante.

Primeiro de julho, disse o papai. *Eis o dia em que iremos.*

Tinha de contar tudo a Rafe. Não havia mais tempo para me preocupar ou planejar.

Meu futuro — a não ser que Rafe o alterasse — seria num lugar chamado *Queen Anne Hill*, em Seattle.

Por mais assustada que eu estivesse, estava empolgada também. Talvez até mesmo um pouco orgulhosa. Nós fizemos isso, geramos uma criança do nosso amor, e não era para isso que eu fui criada?

Ele não se afastou de mim na noite em que finalmente lhe contei. Tínhamos dezessete e dezoito anos, respectivamente; crianças. A ele faltava menos de um mês de Ensino Médio. Eu tinha mais de um ano.

Deitamos no “nosso” lugar, um recanto que criáramos no pomar *Old Man Kreske*. Lá, deixávamos um velho saco de dormir e um travesseiro. Guardávamos nossa cama num saco de lixo e a

enfiávamos num lugar coberto quando não estávamos lá. Depois da escola, estendíamos nosso saco de dormir e nos deitávamos nele. De costas, sempre nos tocando, olhávamos o céu. O ar cheirava a laranjas maduras e solo fértil e terra assada pelo sol.

Um bebê, disse ele, e de repente eu estava imaginando você: dez dedos da mão, dez do pé, cabelos pretos. Num instante, imaginei uma vida de sonhos para nós três, mas ele ficou quieto e a dúvida se assentou. Como ele ia me querer daquele jeito, eu, que era tão errada?

Podemos fugir, eu disse, quebrando o silêncio. *Para... onde quer que as meninas vão. Quando eu voltar...*

Não. Este é o nosso bebê, disse ele, com ênfase. *Vamos ser uma família.*

Nunca amei ninguém como o amei naquela ocasião.

Naquela tarde cheirando a laranja, começamos a planejar. Sabia que não podia contar a meus pais.

Se eles pudessem me trancar e doar meu filho, sei que o fariam. Não pensei duas vezes em desistir da escola. Eu não era estudiosa e não havia começado a perceber como o mundo era grande ou o quanto durava uma vida. Eu era uma menina da minha época.

Queria ser uma esposa e uma mãe.

Partiríamos logo depois da formatura dele. Ele estava essencialmente sozinho também. Sua mãe morrera no parto; ele viera do sul da Califórnia com um tio, depois que seu pai desertara da família.

Eles eram imigrantes. Rafe queria mais para si mesmo e éramos ingênuos o bastante para pensar que poderíamos encontrar isso juntos.

No dia que escolhemos para nossa escapada, eu estava nervosa. No jantar, não consegui dizer nada.

A última coisa que queria era sobremesa; não podia nem mesmo comer a torta de maçã que minha mãe havia preparado.

O que há de errado com ela? perguntou meu pai, franzindo a testa para mim em meio à fumaça azul de seu cigarro.

Lição de casa, murmurei, e me ergui. Lavei e sequei a louça enquanto meu pai fumava entre garfadas de torta e minha mãe fazia

um bordado com algum dito sentimental. Não os ouvi conversarem entre si, o que era incomum. E meu coração estava batendo com tanta força que não sei se ouviria as vozes deles mesmo.

Certifiquei-me de que tudo fora feito perfeitamente, de acordo com os padrões do meu pai, antes de pendurar o pano de prato na alça de metal do forno. Meus pais haviam passado para a sala de estar.

Eles se sentaram em seus respectivos lugares — o papai numa poltrona verde-oliva com franjas e a mamãe na extremidade de um sofá cor de creme. Atrás de ambos, cortinas escuras numa estampa abstrata verde oliva, branca e vermelha emolduravam a vista da casa do vizinho.

Tenho muita lição de casa hoje à noite, disse, de pé num canto do ambiente como uma penitente, de mãos dadas, os ombros curvados. Estava me esforçando para ser boazinha. Não queria irritar meu pai.

É melhor você ir, então, disse ele, acendendo um cigarro no outro.

Saí da sala. Atrás da minha porta fechada, esperei que eles desligassem a luz, andando de um lado para o outro, minha mala já feita sob a cama.

Cada segundo parecia uma hora. Através das paredes finas, ouvi Danny Thomas cantando algo na televisão e, sob a porta, o cheiro do cigarro do meu pai.

Às nove e quinze, ouvi-os desligando a TV e trancando a casa. Esperei mais vinte minutos, o bastante para minha mãe passar Noxzema no seu rosto, prender os cabelos e cobri-los com uma redinha.

Estava assustada quando posicionei travesseiros e bichinhos de pelúcia na minha cama e os cobri.

Vesti-me com cuidado no escuro. Era junho, mas mesmo no sul da Califórnia fica fresquinho à noite.

Coloquei uma saia colorida e um suéter preto com mangas três quartos. Penteei o cabelo num rabo de cavalo e abri minha porta.

O corredor estava silencioso e escuro.

Nenhuma luz brilhava por debaixo da porta do quarto dos meus pais.

Caminhei pelo corredor, com medo do som dos meus passos no carpete. Esperava ser detida, agarrada, espancada a cada passo, mas ninguém me seguiu e as luzes não foram acesas. Na porta dos fundos, com seu exterior falso de celeiro, parei e olhei para a casa.

Jurei silenciosamente que nunca mais voltaria. Depois me virei, vi os faróis aguardando no fim do beco e corri para o meu futuro.

Só depois que consumimos o primeiro tanque de gasolina é que o medo se apresentou. O que faríamos? Como viveríamos? Eu tinha dezessete anos e estava grávida, sem diploma do Ensino Médio nem conhecimento técnico. Rafe tinha dezoito anos, sem família ou dinheiro com que contar. Por fim, o dinheiro que tínhamos nos levou apenas ao norte da Califórnia. Rafe fez a única coisa que sabia.

Trabalhou nas fazendas, colhendo o que quer que estivesse na época de colher.

Vivíamos em barracas, celeiros, cabanas. O que quer que encontrássemos.

Lembro-me de estar sempre cansada e sem dinheiro, suja e solitária. Ele não me deixaria trabalhar na minha condição, e eu não me importava. Em vez disso, ficava em qualquer buraco que encontrávamos e tentava fazer dele um lar. Queríamos nos casar. A princípio, eu não tinha idade, e, depois que completei dezoito anos, o mundo começou a mudar ao nosso redor e nos incluiu no caos.

Dizíamos a nós mesmos que um pedaço de papel não importava a pessoas apaixonadas.

Éramos felizes. Lembro-me disso. Eu amava seu pai. Mesmo quando nós dois começamos a mudar, eu me mantive próxima.

No dia em que você nasceu — numa tenda num campo em Salinas, por sinal —, senti-me cheia de poder e assolada pelo amor.

Demos a você o nome de Tallulah porque sabíamos que você seria extraordinária, e Rose porque sua pele rosa era a coisa mais doce e macia que jamais havíamos tocado.

Eu amava você. *Amo.*

Mas alguma coisa me aconteceu quando você nasceu. Comecei a ter pesadelos com meu pai. Hoje em dia, alguém falaria a uma jovem mãe sobre depressão pós-parto, mas não naquela época,

muito menos num campo de imigrantes em Salinas. Na nossa tenda, eu acordava no meio da noite, gritando.

As cicatrizes da pele queimada pelo cigarro pareciam latejar. Às vezes eu achava que o via por entre as roupas. Rafe não entendia.

Comecei a lembrar como era ser louca e sentir aquilo de novo. Aquilo me assustou tanto que me calei e simplesmente tentei ser boazinha. Mas Rafe não me queria boazinha, silenciosa; ele continuava me agarrando, me balançando, implorando que eu lhe dissesse o que havia de errado. Certa noite, quando ele estava morrendo de preocupação comigo, começamos a brigar. Nossa primeira briga de verdade. Ele queria algo de mim que eu não podia dar. Ele tirou de mim ou eu puxei. Não lembro. De qualquer modo, ele saiu, e, na ausência dele, eu me desestabilizei. Sabia que tinha sido má, que o perdera, que ele nunca me amara — como poderia me amar?

Quando ele finalmente voltou para casa você estava nua e gritando e fizera cocô no chão todo e eu apenas ficara lá, sentada, em estupor, olhando para você. Ele me chamou de louca e eu... bati. Bati no rosto dele com toda a força que eu tinha.

Foi horrível. A polícia foi chamada. Eles colocaram algemas em Rafe e o levaram e me obrigaram a dar minha carteira de motorista.

Era 1962, lembre-se. Eu era adulta, mãe, mas eles ligaram para o meu pai. Naqueles dias, minha mãe nem mesmo tinha seu próprio cartão de crédito. Meu pai mandou que me prendessem e eles o fizeram.

Fiquei sentada na cela suja da cadeia por horas. O bastante para tirarem as impressões digitais de Rafe e o acusarem de violência doméstica (eu era uma menina branca, lembre-se). Uma assistente social tirou você de mim, dizendo que você estava suja. Eu deveria estar gritando por você, estendendo os braços, exigindo minha filha. Mas fiquei lá, sentada, assolada por um desespero tão grande que não conseguia respirar, por uma dor que parecia impossível dissipar. Eu era louca. Agora sabia disso.

Por quanto tempo fiquei lá? Ainda não sei. Pela manhã, tentei dizer à polícia que eu mentira sobre Rafe me bater, mas eles não se

importaram. Eles me mantinham presa “para minha própria segurança”, até que meu pai viesse me buscar.

O hospital para onde me levaram da segunda vez era muito pior do que o primeiro.

Eu deveria ter gritado e lutado para me desvencilhar. Não sei por que não o fiz. Simplesmente fiquei ao lado da minha mãe enquanto ela me guiava pelos degraus de pedra e para dentro de um prédio que cheirava a morte, álcool e urina.

Dorothy fugiu e teve um bebê e bateu no namorado. Agora ela não quer falar.

Foi quando comecei a ignorar grandes porções de tempo, em algum lugar daquele prédio branco e fedido, com janelas protegidas por telas.

Tenho lembranças daquele lugar, mas não posso falar sobre elas. Ainda. Depois de todo esse tempo.

A essência de tudo: medicamentos. Elavil para depressão, hidrato clorídrico para dormir e algo de que não me lembro para ansiedade. E eletrochoques e banhos de gelo... e... de qualquer modo, eles disseram que era para o meu bem. Sabia que não, mas o Thorazine me transformou num zumbi; a luz começou a ferir meus olhos, minha pele ficou ressecada e eu comecei a me enrugando, meu rosto inchou.

Quando encontrei energia para me levantar e olhar no espelho, sabia que eles tinham razão. Eu estava doente e precisava de ajuda. Eles só queriam que eu melhorasse.

Para melhorar, eu tinha de ser boazinha de novo. Parar com os gritos e as lutas e de mentir sobre o meu pai e exigir minha filha.

Fiquei lá por dois anos.

Saí do hospital uma pessoa diferente. Esgotada. Este é o melhor jeito de descrever.

Achava que conhecia o medo antes que aquelas portas se fechassem atrás de mim, antes de aprender a ver o sol em meio a barras e telas, mas estava enganada. Quando saí, minha memória estava confusa — o tempo corria em sobressaltos e havia porções da minha vida das quais não conseguia me lembrar.

Mas me lembrava do amor. Era fraca a minha lembrança disso, mas me mantivera viva no hospital.

Agarrava-me à minha memória no escuro, dedilhando-a como um rosário. *Ele me ama.* Repetia isso vezes sem fim. *Não estou sozinha.* E havia você.

Guardei uma imagem sua em minha mente ao longo de tudo isso — suas bochechas rosadas e olhos cor de chocolate (os olhos de Rafe), e a maneira como você se lançava para a frente quando estava tentando engatinhar.

Quando eles finalmente me liberaram, saí do hospital em roupas que não reconhecia como minhas.

Minha mãe estava lá esperando por mim, suas mãos enluvadas segurando a bolsa. Ela usava um vestido marrom de mangas curtas com um cinto branco. Seus cabelos pareciam uma touca de natação.

Ela se calou e me olhou através dos óculos de gato.

Está melhor agora?

A pergunta me cansou, mas escondi o cansaço. *Estou. Como está a Tallulah?*

Minha mãe deixou escapar um suspiro de desprazer e eu sabia que não deveria perguntar. *Contamos a todos que ela é nossa sobrinha. Eles sabem que entramos na justiça para pedir a custódia, por isso não diga nada.*

Você a tirou de mim?

Olhe para você. Seu pai tem razão. Você não sabe criar uma filha.

Meu pai, foi tudo o que disse, mas bastava. As pernas da minha mãe se eriçaram.

Não comece com isso de novo. Ela me pegou pelo braço e me levou para fora do hospital até um Chevrolet Impala azul novo.

Só conseguia pensar em salvar você da terrível casa onde *ele* morava, mas eu sabia que teria de ser inteligente. Se estragasse tudo de novo, eles podiam encontrar uma maneira de garantir que eu nunca lhes causasse problemas de novo. Eu vira como eles faziam isso naqueles lugares. As cabeças raspadas e as cicatrizes das cirurgias; os olhos vazios e os pés pesados dos pacientes que babavam e mijavam de pé mesmo.

A viagem para casa demorou mais de duas horas. Eu me lembro de observar a autoestrada passar por mim e perceber que não conhecia aquela cidade. Meus pais viviam à sombra desta coisa nova chamada Space Needle, que parecia uma nave espacial no alto de uma torre. Não me lembro de trocarmos uma só palavra até estacionarmos.

Ajudou, não foi?, perguntou minha mãe, um brilho de preocupação em seus olhos.

Eles nos disseram que você precisava de ajuda.

Sabia que não podia dizer a verdade — se a conseguisse encontrar. *Estou melhor*, disse.

Mas, quando entrei na nova casa, cheia de mobília da minha juventude e cheirando a loção pós-barba Old Spice e cigarros Camel do meu pai, fiquei tão enjoada que corri para a pia da cozinha e vomitei.

Quando vi você, comecei a chorar.

Dorothy, não a irrite, disse minha mãe, ríspida. *Ela não conhece você.*

Ela não me deixava tocar você. Minha mãe tinha certeza de que meu veneno infectaria você de alguma forma, e como eu poderia discordar?

Você parecia feliz com ela, e ela sorria e até ria. Não me lembro de fazê-la feliz como você a fazia.

Você tinha seu próprio quarto e um monte de brinquedos, e ela embalava você para dormir. Na primeira noite em casa, fiquei na porta do seu quarto e a observei cantar *Hush, Little Baby* para você.

Senti meu pai vindo por trás de mim; o ar gelou. Ele chegou perto demais, pôs a mão na minha cintura e sussurrou no meu ouvido: *Ela vai ser linda. Sua pequena imigrante ilegal.*

Virei-me. *Não ouse olhar para minha filha.*

Ele sorriu. *Vou fazer o que eu quiser. Você ainda não sabe?*

Gritei de raiva e o afastei de mim. Seus olhos se arregalaram e ele perdeu o equilíbrio. Ele tentou me alcançar, mas eu me afastei, observando-o cair pela escada — rolando, batendo, quebrando o corrimão.

Quando ele estava imóvel, fui vê-lo. Sangue corria da sua nuca.

Senti uma frieza se apoderar de mim; ela me separava do rosto. Ajoelhei-me no sangue ao lado dele. *Odeio você*, eu disse, esperando que estas fossem as últimas palavras que ele ouvisse. Quando ouvi a voz da minha mãe, olhei para cima.

O que você fez?, gritou minha mãe. Você estava nos braços dela, dormindo. Nem mesmo os gritos dela acordaram você.

Ele está morto, eu disse.

Ah, meu Deus. Winston! Minha mãe correu para a sala e eu a ouvi ligar para a polícia.

Corri atrás dela, surpreendendo-a enquanto ela desligava.

Ela se virou. *Vou ajudar você*, disse ela.

Ajuda.

Sabia o que aquilo queria dizer. Eletrochoques e banhos gelados e barras e medicamentos que me fariam esquecer tudo e todos.

Quero ela, implorei.

Ela não está segura com você. Minha mãe segurou você com mais força. Vi como ela estava lutando por você e aquilo me magoou tanto que não conseguia respirar.

Por que você não lutou por mim?

Como?

Você sabe como. Você sabe o que ele fazia comigo.

Ela fez que não, dizendo algo que eu não pude ouvir. Então, bem baixinho: *Vou protegê-la*.

Você não me protegeu.

Não, disse ela.

Ouvi as sirenes se aproximando. *Quero ela*, implorei novamente, mas sabia que era tarde demais.

Por favor.

Minha mãe fez que não.

Se eles me encontrassem ali, me prenderiam. Eu era uma assassina agora. Minha própria mãe chamara a polícia, e Deus sabia que ela não me protegeria.

Vou voltar por ela, prometi, chorando. *Vou encontrar o Rafe e vamos voltar*.

Fugui da casa dos meus pais e me escondi atrás de um grande arbusto no jardim. Ainda estava lá quando a polícia e a ambulância

apareceram, e os vizinhos.

Queria odiar quem eu me tornara — uma assassina —, mas não podia sentir outra coisa que não felicidade pela morte dele. Eu salvei você dele, pelo menos. Queria salvar você da minha mãe também, mas como podia cuidar de você sozinha? Eu era nada. Não tinha trabalho, dinheiro ou diploma do Ensino Médio.

Precisávamos de Rafe para formar uma família.

Rafe. O nome dele transformou-se em tudo — minha religião, meu mantra, meu destino.

Andei pela First Avenue e pedi carona.

Quando uma Kombi parou, o motorista me perguntou para onde eu estava indo.

Salinas, eu disse. Foi tudo em que consegui pensar. O último lugar onde o vi.

Entre.

Entrei. Entrei e olhei pelas janelas e ouvi a música que soava do rádio: *Blowin' in The Wind.*

Você curte ficar chapada?, ele me perguntou. E eu pensei: *Por que não?*

Dizem que maconha não vicia. A mim, sim. Uma vez que fumei meu primeiro cigarro, não pude parar.

Precisava da calma que ela me dava. Foi quando comecei a viver como uma vampira, acordada a noite toda, sempre chapada.

Dormia com homens dos quais não me lembrava em colchões sujos. Mas, aonde quer que fosse, perguntava por Rafe. Em todas as cidades da Califórnia, pedi carona para as fazendas locais e perguntei por ele com meu espanhol ruim, mostrando a única fotografia dele que eu tinha para trabalhadores que me olhavam com desconfiança.

Vaguei por meses, até que cheguei a Los Angeles. Sozinha, pedi carona até Rancho Flamingo e vi a casa onde cresci. Depois fui até a velha casa de Rafe. Nunca tinha estado lá antes e levei algum tempo para encontrá-la. Não esperava achá-lo ali, e não estava enganada. Mesmo assim, alguém abriu a porta.

Seu tio: soube assim que o vi. Ele tinha os olhos escuros de Rafe — seus olhos, Tully — e os mesmos cabelos ondulados. Ele parecia

incrivelmente velho para mim, enrugado e desbotado por uma vida de trabalho duro sob o sol forte.

Sou Dorothy Hart, disse, limpando o suor.

Ele levantou a aba de seu velho chapéu de palha. *Sei quem você é. Você o pôs na cadeia.* Ele disse assim: *Usted o pôs.*

O que eu podia dizer? *O senhor me diria onde ele está?*

Ele me olhou durante tanto tempo que comecei a ficar enjoada. Depois, fez um sinal de siga-me com a mão.

Permiti-me ter um pouco de esperança e segui em frente nos degraus irregulares da varanda. Segui-o para dentro de uma casa limpa e cheia de sombras que cheirava a limão e algo mais, charuto, talvez, e carne assada.

Diante de uma lareira pequena, o velho parou. Seus ombros caíram e ele se virou para mim. *Ele te amava.*

Via Rafe nos olhos tristes do homem e o amor apertou meu coração. Como podia expressar para esse homem minha vergonha — a de que fora trancada como um animal por anos? Que eu teria cortado meu braço para me libertar? *Eu o amo também. Sei que ele acha que fugi, mas...*

Então entendi.

Amava. Amava.

Balancei a cabeça. Não queria ouvir o que ele diria em seguida.

Ele procurou por você. Muito.

Contive as lágrimas.

Vietnã, disse ele finalmente.

Foi quando notei a bandeira dobrada num pequeno triângulo e emoldurada sobre a lareira.

Não pudemos nem mesmo enterrá-lo na terra que ele amava. Não sobrou muito dele.

Vietnã. Não conseguia imaginá-lo lá, meu Rafe, com seus cabelos longos, sorriso exuberante e mãos ternas.

Ele sabia que você procuraria por ele.

Ele me disse para lhe dar isso.

O velho pegou um pedaço de papel de trás da bandeira — o tipo de papel que você usa na escola.

Estava dobrado num quadradinho. O tempo e o pó o transformaram em cor de tabaco.

Minhas mãos tremiam ao abri-lo.

Querida, escrevera ele, e meu coração parou. Juro que ouvi a voz dele e senti cheiro de laranja. *Eu a amo e sempre vou amá-la. Quando eu voltar, vou encontrar você e Tallulah e vamos recomeçar. Espere por mim, querida, como espero por você.*

Olhei para o velho e vi minha dor refletida em seus olhos. Dobrei a cartinha — ela pareceu cinzas em minhas mãos, impossivelmente frágil. Saí com dificuldade da casa e andei até escurecer, e mesmo depois disso continuei andando.

No dia seguinte, quando fui à manifestação que me trouxera a Los Angeles, ainda estava chorando.

Minhas lágrimas se misturavam à sujeira e se transformavam numa pintura de guerra da perda. Fiquei no meio da multidão — na maioria jovens como eu, tinha uns mil de nós — e ouvi as palavras de ordem contra a guerra, e aquilo me atingiu. As pessoas estavam *morrendo*. E a raiva que sempre estivera dentro de mim encontrou uma válvula de escape.

Naquele dia, fui presa pela primeira vez.

Comecei a perder a noção do tempo novamente. Dias, semanas e até mesmo um mês. Agora sei que era porque estava usando muitas drogas. Maconha, soníferos e LSD.

Tudo parecia seguro naquela época, e eu estava desesperada para ligar e desligar.

Você me assombrava, Tully; você e seu papai. Comecei a ver vocês no ar quente que se elevava do deserto na comuna no Mojave onde morei. Eu a ouvia chorando quando lavava a louça ou pegava água da cisterna. Às vezes sentia sua mãozinha tocar a minha e gritava de susto e dava um salto. Meus amigos simplesmente riam e me alertavam sobre viagens ruins e diziam que o LSD ajudaria.

Quando analiso o passado — finalmente, quando fiquei sóbria —, penso: *Claro*. Eram os anos 1960, eu mal era adulta; fora molestada e maltratada e achava que a culpa era minha. Não é de admirar que tenha me perdido tão completamente nas drogas. Tornei-me um fio num rio, boiando. Chapada o tempo todo.

Certa noite, quando estava tão quente que não conseguia ficar à vontade no meu saco de dormir, sonhei com meu pai. Em meu pesadelo ele estava vivo e indo pegar você. Depois que o pesadelo se apegou à minha vida, não consegui me desapegar dele. Não havia drogas, sexo ou medicamento para isso. Por fim, não aguentava mais. Disse a esse cara — Ursinho Pooh, como o chamávamos — que o chuparia até Seattle se ele me levasse para casa. Dei-lhe o endereço.

Quando dei por mim, éramos cinco na Kombi, indo para o norte, cantando *The Doors* numa nuvem de fumaça. Acampávamos, fazíamos brownies de maconha e tomávamos ácido.

Meus pesadelos estavam piores e mais intensos. Comecei a ver Rafe durante o dia também, e comecei a pensar que seu espírito estava me perseguindo. Ouvia sua voz me chamando de vadia e de péssima mãe.

Chorava no sono o tempo todo.

E um dia acordei, ainda chapada, e descobri que estávamos diante da casa da minha mãe. A Kombi estava metade na rua e metade na calçada. Acho que nenhum de nós se lembrava de ter estacionado.

Saí da Kombi e ganhei a rua. Sabia que parecia e cheirava mal, mas o que eu podia fazer?

Atravessei a rua e fui para a casa.

Você estava à mesa da cozinha, brincando com uma colher, quando abri a tela e entrei.

Em algum lugar no andar de cima, tocou um sino.

É o vovô, você disse, e eu senti raiva dentro de mim. Como ele podia estar vivo? E o que ele fizera a você?

Subi as escadas, batendo nas paredes e gritando pela minha mãe. Ela estava no quarto com meu pai, que parecia um cadáver sobre a cama. Seu rosto estava flácido, acinzentado; baba escorria de seu queixo.

Ele está vivo?, gritei.

Paralisado, disse ela, levantando-se.

Queria dizer à minha mãe que estava levando você; queria ver a dor nos olhos dela.

Mas estava tão louca que não conseguia pensar direito. Corri para baixo e peguei você no colo.

Minha mãe correu atrás de mim. *Ele está paralisado, Dorothy Jean. Disse à polícia que ele teve um ataque. Juro! Você está segura. Ninguém sabe que você o empurrou. Você pode ficar.*

Seu vovô pode se mover?, perguntei para você.

Você fez que não e colocou o dedo na boca.

Ainda assim. Eu tinha você no colo e não a deixaria ali. Imaginei a redenção para mim mesma, um novo começo para nós. Imaginei uma vida com cerquinhas brancas e bicicletas com rodinhas e reuniões de escoteiras.

Por isso peguei você.

E quase matei você deixando que comesse um brownie de maconha.

Não foi nem mesmo minha ideia levar você para o hospital quando começou a chapar.

Foi do Ursinho Pooh.

Não sei, Dot. É, acho, maconha demais para uma criança. Ela parece... verde.

Levei você para a emergência e disse que tinha comido a maconha do meu vizinho.

Ninguém acreditou em mim.

Mais tarde, quando você estava dormindo, entrei e pus seu nome na camiseta com o telefone da minha mãe. Era tudo o que eu podia fazer. Entendi, finalmente. Não merecia você.

Beijei-a antes de sair.

Aposto como você não se lembra de nada disso. Espero.

Depois disso, cáí. O tempo se tornou elástico para mim. Maconha e outras drogas entorpeciam minha mente e não me deixavam me importar com nada. Passei os seis anos seguintes em comunas e em ônibus escolares e pedindo carona ao lado de estradas. Em geral eu estava chapada demais para saber onde estava. Fui para São Francisco. O epicentro. Sexo. Drogas. Rock 'n' roll. Jimi no Fillmore. Joan e Bob no Avalon. Não me lembro de quase nada. Até um dia em 1970, quando olhei pela janela suja da Kombi a caminho de uma

manifestação pela paz e vi a Space Needle. Nem sabia que havíamos saído da Califórnia. Gritei: *Espera! Minha filha mora perto daqui.*

Quando estacionamos diante da casa da minha mãe, sabia que não deveria sair do carro. Você ficava melhor sem mim, mas eu estava chapada demais para me importar.

Saí da Kombi e a fumaça da maconha me acompanhou, me protegendo. Fui até a porta da frente e bati. Depois tentei ficar imóvel. O esforço foi um fracasso tamanho que não conseguia deixar de rir.

Estava tão chapada, eu...

**3 de setembro de 2010
18h15**

Beeeeep...

O barulho interrompeu as recordações de Dorothy e a trouxe de volta ao presente. Ela estava tão concentrada na história que precisou de um instante para voltar. Um alarme estava soando.

Ela se levantou rapidamente.

— Socorro — gritou. — Alguém aqui! Por favor. Acho que o coração dela está parando. Por favor! Agora! Alguém salve a minha filha!

O brilho ao meu redor é maravilhoso, como estar deitada dentro de uma estrela. Ao meu lado, escuto Katie respirando. O cheiro de lavanda perfuma o ar da noite.

— Ela está lá... aqui — digo, maravilhada, diante da ideia de a minha mãe vir me visitar.

Estou ouvindo a voz dela, tentando compreender as palavras. Há algo sobre uma fotografia e uma palavra — *querida* — que não faz sentido. Nada faz sentido, na verdade.

Sons e pausas se misturam. A voz é ao mesmo tempo esquecida e gravada na minha alma.

Depois escuto algo mais. Um barulho que não pertence a este belo lugar. Um bipe.

Não, um zangão. Um avião no alto do céu... Ou um mosquito zunindo no meu ouvido.

Ouçoo um barulho abafado. Pessoas andando em sapatos de sola grossa. Uma porta fechando-se.

Mas não há porta. Há?

Talvez.

O alarme dispara.

— Katie?

Olho de lado e vejo que estou sozinha.

Tremo com um frio inesperado. O que há de errado? Algo está mudando...

Concentro-me para ver onde estou — sei que estou num quarto de hospital, presa a máquinas. Uma tela se prolonga acima de mim. Azulejos acústicos. Um teto alto, com marcas cinza. Áspero. Como pedra-pomes ou concreto velho.

E, de repente, estou de volta ao meu corpo. Estou numa cama estreita com corrimãos de metal que ondulam como enguias, brilhando ao se moverem. Vejo minha mãe ao meu lado. Ela está gritando algo sobre sua filha — eu — e depois se afasta. Enfermeiras e médicos correm e a tiram do caminho.

As máquinas ficam em silêncio e olham com expectativa para mim, com ênfase no seu antropomorfismo. Elas sussurram entre elas, mas não consigo entender suas palavras. Uma linha verde se move por um quadrado preto, sorrindo e fazendo careta, bipando. Ao meu lado, algo zune.

A dor explode em meu peito, vindo tão rápida que não tenho nem tempo de gritar por Katie.

E então a linha verde fica reta.

CAPÍTULO VINTE E TRÊS

**3 de setembro de 2010
18h26**

— ELA ESTÁ MORTA. Por que ainda estamos aqui?

Marah se virou para Paxton. Ele estava sentado no chão da sala de espera, as longas pernas esticadas e cruzadas nos tornozelos. Ao lado dele, várias embalagens de comida — biscoitos, bolinhos, batata frita, doces; ele comprava o que quer que estivesse à venda nas máquinas perto do elevador. Insistia em fazer com que Marah pedisse dinheiro ao seu pai. Ela fazia cara feia para ele.

— Por que você está me olhando assim? Na TV, quando a linha fica reta, acabou. Seu pai lhe enviou uma mensagem de texto há, o quê, dez minutos dizendo que o coração dela parou. Depois o médico quis uma reunião. Sabemos do que se trata. Ela já era.

De repente, Marah *o viu*. Foi como ter a casa toda iluminada num teatro decrepito que parecia mágico no escuro. Ela notou sua pele pálida e sobrancelhas furadas e unhas pretas e a sujeira que marcava seu pescoço.

Ela se levantou, quase caiu, endireitou-se e começou a correr. Ela entrou na UTI de Tully justamente quando o Dr. Bevan estava dizendo: — Nós a estabilizamos de novo. A atividade cerebral é boa, mas claro que não podemos saber antes de ela acordar. — Ele fez uma pausa. — Se ela acordar.

Marah se encostou na parede. Seu pai e a avó estavam ao lado do médico. Dorothy estava sozinha, de braços cruzados, a boca fechada.

— Começamos a aquecê-la e a estamos tirando do coma, mas é um processo lento. Amanhã examinaremos seu progresso. Tiraremos o respiradouro e veremos.

— Ela vai morrer quando você a tirar da máquina? — perguntou Marah, surpreendendo-se por falar em voz alta.

Todos na sala a olharam.

— Venha cá — disse o papai. Ela entendeu de repente por que ele não queria que seus irmãos estivessem aqui.

Aproximou-se lentamente dele. Eles estiveram brigados por tanto tempo que parecia estranho se aproximar do seu pai em busca de consolo, mas, quando ele ergueu seu braço, ela se aconchegou e, por um belo segundo, os anos ruins desapareceram.

— A verdade é que não sabemos — disse o Dr. Bevan. — É impossível prever. Ela pode acordar e respirar por conta própria e pode respirar por conta própria e não acordar. Ou pode não ser capaz de respirar sozinha. Quando ela estiver sem remédios e a temperatura corporal estiver de volta ao normal, seremos capazes de avaliar a atividade cerebral de maneira melhor. — Ele olhou de uma pessoa a outra. — Ela está muito instável, como vocês sabem. Em várias ocasiões o coração dela parou. Isso não é um indicador das chances de sobrevivência, mas é preocupante. — Ele fechou o prontuário. — Vamos nos reunir amanhã novamente e reavaliar.

Marah olhou para seu pai.

— Quero pegar o iPod dela, aquele que a mamãe lhe deu. Talvez, se ela ouvir música... — Ela não conseguiu terminar. A esperança era perigosa, efêmera e amorfa; ela não se adequava ao mundo das palavras ditas em voz alta.

— Esta é a minha menina — disse ele, apertando seu braço.

De repente Marah se lembrou de como era ser “a menina dele”, de como era seguro.

— Lembra quando elas costumavam dançar *Dancing Queen*? — Ela tentou sorrir. — Elas se divertiam tanto.

— Lembro — disse ele com uma voz contida. Ela sabia que seu pai estava pensando naquilo também: em como a mamãe e Tully costumavam se sentar juntas na varanda, mesmo quando as coisas estavam ruins e a mamãe estava pálida e magra como uma folha de papel, ouvindo as músicas dos anos 1980 e cantando juntas. Ele desviou o olhar por um instante e depois sorriu para a filha.

— O porteiro vai deixar você entrar no apartamento dela?

— Ainda tenho a chave. Vou levar o Pax para a casa dela e pegar o iPod. Depois... — Ela levantou os olhos. — Podíamos voltar para

casa. Se estiver tudo bem.

— Bem? Nós nos mudamos para Bainbridge por você, Marah. Mantenho a luz acesa todas as noites desde que você partiu.

Uma hora mais tarde, Marah e Pax estavam no táxi a caminho do litoral.

— O que somos nós, *empregados*? — Paxton se sentava ao lado dela. Ele encontrou um fio saindo de sua camiseta preta e o puxou até que houvesse um monte de fio no seu colo e um rasgo no seu colarinho.

Era pelo menos a décima vez que ele fazia a Marah a mesma pergunta nos últimos oito quarteirões.

Ela não respondeu. Pouco depois, ele disse: — Estou com fome. Quanto dinheiro o velho lhe deu? Podemos parar na Kidd Valley para um hambúrguer no caminho?

Marah não olhou para ele. Ambos sabiam muito bem que seu pai lhe dera dinheiro suficiente para um hambúrguer e que Paxton gastaria até o último centavo.

O táxi parou diante do prédio de Tully.

Marah se inclinou no seu banco e pagou o taxista, depois seguiu Paxton na noite fria de Seattle. O azul do céu escurecia.

— Não entendo por que temos que fazer isso. Ela não consegue ouvir nada.

Marah acenou para o porteiro, que fez uma careta para ela e Paxton, como quase todos os adultos faziam. Ela levou Pax pela elegante recepção creme e para o elevador espelhado. No último andar, eles saíram do elevador e entraram no apartamento de Tully.

Ela destrancou a porta e a abriu. O ar de dentro parecia estranho. Sempre havia música tocando no apartamento de Tully.

Ela acendeu as luzes e entrou.

Na sala de estar, Paxton pegou uma escultura de vidro e a revirou nas mãos. Ela quase disse: *Tome cuidado, é um Chihuly*, mas se conteve. Nunca fora bom criticar Pax.

Ele era sensibilíssimo e podia ficar com raiva de repente.

— Estou com fome — disse Pax, já entediado. — Aquilo é um Red Robin na esquina? Um cheeseburger seria bom.

Marah estava feliz por lhe dar dinheiro o suficiente para se livrar dele.

— Quer alguma coisa?

— Não. Estou bem.

Ele pegou os vinte dólares do pai dela.

Quando saiu e o lugar ficou em silêncio de novo, Marah passou pela mesinha de centro, onde havia uma pilha de correspondência.

No chão ao lado estava a revista *Star*, as páginas abertas com a história.

As pernas de Marah amoleceram. Tully lera a revista na noite passada... antes de entrar no carro. Aqui estava a prova.

Ela desviou o olhar da prova de sua traição e continuou andando. A estação do iPod na sala estava vazia, por isso Marah foi ao quarto e o procurou. Nada na cama. Ela foi até o enorme armário de Tully e parou de repente.

Aqui, tente este, Marah. Você parece uma princesa nisso. Adoro experimentar roupas, você não?

A culpa a envolvia como uma fumaça escura, elevando-se, manchando o ar que ela respirava. Marah podia sentir o cheiro, pairava sobre sua pele exposta, eriçando-a. Ela se ajoelhou, incapaz de ficar de pé.

Ele vai acabar com você. Esta fora a última coisa que Tully lhe dissera naquela terrível noite de dezembro quando Marah escolhera Paxton no lugar de todos que a amavam. Ela fechou os olhos, lembrando-se.

Fazia mesmo apenas nove meses desde que o papai e Tully entraram no seu dormitório?

Parecia toda uma vida. Pax pegara sua mão e a guiara pela noite nevada, rindo — rindo — chamando-os de...

... Romeu e Julieta.

Parecia romântico, a princípio, toda aquela coisa de "nós contra eles". Marah abandonou a faculdade e se mudou para um apartamento que Paxton dividia com seis outros jovens. Era um apartamento sem escadas no quinto andar na Pioneer Square, mas de algum modo não importava o fato de raramente terem eletricidade ou água quente e que a descarga não funcionasse. O

que importava era que Paxton a amava e que eles podiam passar a noite juntos e ir para onde quisessem.

Ela não se importava com o fato de ele não ter dinheiro ou trabalho. Sua poesia o deixaria rico algum dia. Além disso, Marah tinha dinheiro. Ela economizara todo o dinheiro da formatura do Ensino Médio numa poupança. Durante a faculdade, ela recebera dinheiro suficiente para não ter de usar suas economias.

Quando o dinheiro de Marah acabou, tudo começou a mudar. Paxton decidiu que maconha era “caída” e que metanfetamina e às vezes heroína eram “legais”. O dinheiro começou a desaparecer da carteira de Marah — quantias pequenas, ela nunca tinha certeza, não o bastante para acusá-lo, mas parecia que o dinheiro desaparecia mais rápido do que ela esperava.

Ela trabalhou desde o princípio. Paxton não podia trabalhar porque precisava da noite para recitar sua poesia nas casas noturnas e do dia para trabalhar nos seus versos. Marah estava feliz em ser sua musa.

Seu primeiro trabalho foi como atendente num hotel, mas não durou muito tempo. Depois, ela passou de um trabalho a outro, incapaz de se manter num lugar por muito tempo.

Havia alguns meses, em junho, Paxton viera de uma casa noturna certa noite e dissera-lhe que Seattle estava “acabada”.

Eles arrumaram as coisas no dia seguinte e seguiram um dos novos amigos de Paxton até Portland, onde se mudaram para um apartamento sujo com mais três jovens. Ela conseguiu trabalho na Dark Magick em uma semana. O trabalho na livraria era diferente dos outros trabalhos, mas também era a mesma coisa. Longas horas de pé, ajudar pessoas rudes, pouco dinheiro.

Os meses se passaram assim.

Havia não mais de dez dias Marah entendera a precariedade da vida deles.

Nesta noite ela chegou em casa com uma nota de despejo presa na porta do apartamento. Ela abriu a porta — a tranca não funcionava quando eles se mudaram e o zelador nunca se dera ao trabalho de consertá-la — e encontrou seus colegas sentados na sala de estar, passando um cachimbo entre eles.

— Fomos despejados — disse ela.

Eles riram. Paxton rolou e a encarou com os olhos vítreos e sem foco.

— Você tem um emprego...

Durante dias, Marah andou em meio a um nevoeiro; o medo se assentou como um iceberg, profundo e sólido. Ela não queria ser mendiga. Vira as crianças de rua de Portland pedindo esmola, dormindo em cobertores sujos, revirando lixeiras atrás de comida, usando o dinheiro para comprar drogas.

Não havia ninguém com quem Marah pudesse conversar sobre seu medo. Nenhuma mãe. Nenhuma melhor amiga. Essa percepção a fez sentir-se ainda mais sozinha.

Até que ela se lembrou: *Meu trabalho é amar você.*

Depois que pensou isso, não conseguiu mais esquecer. Quantas vezes Tully se oferecera para ajudá-la? *Não julgo as pessoas. Sei como é difícil ser humano.*

Assim, ela sabia para onde ir.

No dia seguinte, sem falar a Paxton, ela não foi trabalhar e pegou seus últimos e preciosos dólares e comprou uma passagem de ônibus para Seattle.

Marah chegou ao apartamento de Tully pouco depois das sete da noite. Ela ficou na porta por um longo tempo, no mínimo quinze minutos, tentando reunir coragem para bater. Quando finalmente o fez, ela mal podia respirar.

Não houve resposta.

Marah pegou suas chaves no bolso.

Destrancando a porta, ela entrou. O lugar estava silencioso e iluminado, com música tocando do iPod de Tully na sala de estar.

Marah sabia pela música — *Diamonds and Rust* — que era o iPod que mamãe gravara para Tully quando estava doente.

Tully e Kate. Quando Tully tocara outra coisa?

— Tully?

Tully saiu do quarto parecendo uma mendiga, com cabelos embaraçados, roupas desajustadas e olhos cansados.

— Marah — disse ela, parando de repente. Ela parecia... estranha. Abalada e pálida. Continuava piscando como se não fosse capaz de

focar.

Ela está chapada. Marah vira isso vezes suficientes nos últimos dois anos para perceber.

Marah soube instantaneamente que Tully não a ajudaria. Não esta Tully, que mal podia se levantar.

Mesmo assim, Marah tentou. Ela implorou e pediu dinheiro.

Tully disse coisas lindas e seus olhos se encheram de lágrimas, mas, por fim, a resposta foi não.

Marah queria chorar; ela estava tão decepcionada.

— Minha mãe disse que eu podia contar com você. Quando ela estava morrendo, disse que você me ajudaria e me amaria.

— Estou tentando, Marah. Quero ajudar você...

— Desde que eu faça o que você quer. O

Paxton tinha razão. — Marah disse essas palavras num espasmo de dor. Sem nem mesmo esperar pela resposta de Tully, ela foi embora do apartamento.

Quando estava na rodoviária no centro de Seattle, sentada num banco frio, ela soube como resolver seu problema. Ao lado dela estava uma dessas revistas de celebridades.

Estava aberta numa história sobre Lindsay Lohan, que fora parada dirigindo um Maserati enquanto estava em condicional. Na manchete, lia-se ESTRELA FORA DE CONTROLE DIAS DEPOIS DE SAIR DA REABILITAÇÃO.

Marah pegou a revista, ligou para o centro de atendimento e disse: *Sou Marah Ryan, afilhada da Tully Hart. Quanto vocês pagariam por uma história sobre o problema dela com drogas?* Enquanto fazia a pergunta, ela se sentiu enojada. Algumas coisas, algumas escolhas, você simplesmente sabe que são erradas.

— Marah? Olhe só isso.

Ela ouviu seu nome a distância. Voltou ao presente lentamente, lembrando-se de onde estava: ajoelhada no armário de Tully.

Sua madrinha estava no hospital, em coma. Marah viera encontrar o iPod com as músicas preferidas de Tully para que talvez — talvez — a música pudesse alcançar a escuridão e ajudar Tully a acordar.

Marah se virou lentamente, viu Paxton segurando um hambúrguer meio comido com uma das mãos enquanto vasculhava o porta-joias de Tully com a outra. Ela se levantou lentamente.

— Pax...

— Não, sério. Olhe só isso. — Ele segurava um único brinco de diamante do tamanho de uma borracha de lápis. Ele brilhou, mesmo no armário escuro.

— Devolva isso, Paxton — disse ela, cansada.

Ele lhe sorriu.

— Ah, o que é isso? Sua madrinha nem sequer notaria se ele desaparecesse. Pense nisso, Marah. Poderíamos ir para San Francisco, como sonhamos. Você sabe como estou paralisado na minha poesia. Porque não temos dinheiro. Como posso ser criativo enquanto você trabalha? — Ele se aproximou dela. Paxton a puxou para perto e lhe deu um beijo malicioso. Suas mãos deslizaram pelas costas dela e pararam em seu traseiro. — Este pode ser nosso futuro, Mar. — Os olhos, pretos de rímel, a assustaram um pouco.

Ela saiu de seu abraço e recuou. Pela primeira vez, Marah percebeu o egoísmo no seu olhar, a rebelião em sua boca, as mãos macias pela preguiça e a vaidade de suas vestimentas.

Ele tirou o brinco de caveira da orelha e colocou o brinco de diamante de Tully no lugar.

— Vamos.

Ele estava tão seguro dela, tão certo de que ela abriria mão de suas vontades. E por que haveria de não ser assim? Fora o que ela fizera desde o início. No consultório da Dra. Bloom ela vira um lindo e conturbado poeta que lhe prometera um caminho para enfrentar a dor. Paxton a deixara chorar em seus braços e lhe recitara letras de música e poemas que podiam mudar sua vida. Ele dissera que não havia nada demais em se cortar — estava tudo bem, dissera; era lindo. Ela pintara seus cabelos e os cortara com uma lâmina e pintara seu rosto de branco. Depois o acompanhara no submundo e deixara que sua escuridão a trancasse.

— Por que você me ama, Pax?

Ele olhou para ela.

Foi como se seu coração pendesse de um anzol prateado.

— Você é minha musa. Você sabe disso. — Ele lhe lançou um sorriso preguiçoso e voltou a remexer no porta-joias.

— Mas você mal escreve.

Paxton se virou para ela. Ela viu raiva em seus olhos.

— O que você sabe sobre isso?

E lá se foi seu coração, em queda, partido.

Ela não podia deixar de pensar sobre o amor com o qual ela crescera. O modo como seus pais se amavam e amavam seus filhos. Ela deu um passo à frente, sentindo-se estranha, como se estivesse se livrando e crescendo ao mesmo tempo. Marah imaginou a vista da sala de estar, de Bainbridge Island, e de repente quis a vida que tivera, ser a menina que um dia fora. Estava tudo lá para ela, do outro lado da baía.

Ela suspirou e disse o nome dele.

Paxton olhou para ela, impaciência no rosto, os olhos escuros. Ela sabia como ele odiava quando Marah questionava sua arte.

Pensando bem, ele odiava ser questionado sobre qualquer coisa. Ele a amava mais quando ela estava quieta e arruinada e se cortando. Que tipo de amor era esse?

— Fala.

— Me beije, Pax — disse ela, aproximando-se dele.

Ele a beijou rapidamente; ela o puxou para perto, esperando que seu beijo a consumisse como antes.

Não deu.

Foi então que ela aprendeu que algumas relações terminavam sem fogos de artifício, lágrimas ou arrependimento. Elas terminavam em silêncio. Essa escolha inesperada a assustava, deixava clara a profundidade de sua solidão. Não era de surpreender que ela estivesse fugindo disso havia anos.

Ela sabia como ele estava ferido pela morte de sua irmã e o abandono de seus pais. Marah sabia que ele às vezes chorava no sono e que certas músicas deixavam seu humor negro. Ela sabia que só dizer o nome de sua irmã — Emma — podia abalá-lo.

Havia mais nele do que o poeta, o gótico ou mesmo o ladrão. Ou, alguns dias, talvez houvesse mais. Mas Paxton não era o bastante para ela agora.

— Amei você — disse ela.

— E eu amo você. — Ele a pegou pela mão e a levou para fora do apartamento.

Marah se perguntava se o amor — ou o fim dele — sempre doía assim.

— Esqueci-me de uma coisa — disse ela na porta, livrando-se dele e parando. — Me encontre no elevador.

— Claro. — Ele foi até o elevador e apertou o botão.

Marah voltou para o apartamento, fechando a porta. Ela hesitou por um segundo, não mais do que isso, e trancou a porta.

Paxton voltou correndo para ela, implorando, gritando. Lágrimas se acumulavam em seus olhos e Marah as deixou cair até que ele gritou: — Foda-se, então, sua falsa! — E foi embora.

Depois disso, ela ficou lá, sentada no chão, as costas contra a porta. Quando o som dos passos dele desapareceu, ela ergueu a manga e contou as cicatrizes nos seus braços, perguntando-se o que faria agora.

Marah encontrou o iPod e o colocou numa sacola juntamente com as caixas de som. Depois, passeou lentamente pelo apartamento, permitindo-se lembrar de vários pequenos momentos com Tully. Ela encontrou o diário da sua mãe também, e o colocou na bolsa. Para algum dia.

Quando não suportava mais — não suportava o silêncio opressivo desse lugar sem a risada fácil de Tully e suas conversas intermináveis —, ela deixou o apartamento e foi para o terminal das balsas.

Entrando na balsa seguinte, ela se sentou e pegou o iPod. Pôs os fones nos ouvidos e apertou “play”.

Elton John cantou para ela. *Goodbye... yellow brick ro... ad...*

Ela virou a cabeça e ficou olhando para o estreito, observando as luzinhas douradas da Bainbridge Island aparecerem. Quando a balsa parou, ela colocou o iPod de volta na caixa e saiu do terminal, onde pegou um ônibus e saiu com ele para a rua.

Viu sua casa pela primeira vez em mais de um ano, uma visão que a fez parar repentinamente. O telhado de ardósia, manchado de

caramelo, parecia escuro na noite fria; a borda branca praticamente brilhava na luz dourada que jorrava de dentro.

Na varanda, ela parou, esperando por um segundo ouvir a voz da sua mãe. *Ei, menina, como foi seu dia?*

Marah abriu a porta e entrou. A casa a recebeu do mesmo jeito que a recebera da primeira vez que ela voltara do jardim de infância, com luz, som e móveis confortáveis e exagerados. Antes que pudesse pensar no que dizer, ela ouviu uma porta se abrir lá em cima.

— Ela está aqui! Ande logo, Skywalker!

Seus irmãos saíram correndo do quarto e desceram numa torrente as escadas. Ambos estavam vestidos em trajes de futebol e usavam o mesmo corte de cabelo e tinham aparelhos dourados nos dentes. O rosto de Will era vermelho e claro e mostrava os primeiros sinais de um bigode. O rosto de Lucas estava vermelho por causa da acne.

Eles se empurraram e se reuniram para pegá-la no colo. Eles riram de seus esforços para se libertar.

Quando Marah os vira pela última vez eles eram *meninos*; agora, tinham quase doze anos, mas a abraçaram com a força de menininhos que sentiam falta da irmã mais velha. E ela sentira falta deles também.

Marah só percebia isso agora.

— Onde está o Paxton? — perguntou Wills quando finalmente a libertaram.

— Foi embora — disse ela. — Sou só eu.

— Excelente — disse Wills em sua melhor voz, meneando a cabeça. — Aquele menino era um babaca.

Marah não pôde deixar de rir.

— Sentimos sua falta, Mar — disse diretamente Lucas. — Foi errado fugir.

Ela os abraçou com tanta força que eles gemeram e se libertaram.

— Como está a Tully? — perguntou Lucas.

— Você a viu? O papai diz que podemos ir amanhã. Ela vai estar acordada até lá, né?

A boca de Marah ficou seca. Ela não sabia o que dizer, por isso deu um sorrisinho.

— Claro.

— Legal — disse Wills.

Em poucos instantes eles subiam as escadas novamente, disputando alguma coisa.

Marah pegou a sacola e subiu as escadas até seu velho quarto, abrindo a porta lentamente.

Dentro, nada mudara. Suas imagens ainda estavam grudadas no armário, os livros do ano estavam empilhados juntamente com sua coleção de *Harry Potter*. Ela jogou a sacola na cama e foi até a mesa.

Não ficou surpresa ao perceber suas mãos tremendo ao pegar seu velho exemplar de *O Hobbit*. O livro que mamãe lhe dera havia tantos anos.

Não acho que você esteja preparada para O Hobbit ainda, mas logo, em poucos anos, algo vai acontecer e magoar você novamente. Talvez você se sinta solitária, despreparada para compartilhar a história comigo ou com o papai, e, se isso acontecer, você vai se lembrar deste livro na sua mesinha.

Você pode lê-lo, porque ele vai levar você para longe. Parece bobagem, mas ele realmente me ajudou quando eu tinha treze anos.

— Eu amo você, mamãe — Marah dissera, e sua mãe rira e dissera: — Só espero que você se lembre disso quando for adolescente.

Mas Marah havia se esquecido. Como?

Ela passou os dedos nas letras douradas.

Talvez você se sinta solitária e triste.

Marah sentiu uma dor tão forte que a fez chorar e pensou: *Ela me conhecia.*

CAPÍTULO VINTE E QUATRO

ESTOU DE VOLTA NO MEU MUNDO DE FAZ DE CONTA, de era-uma-vez, com minha melhor amiga ao meu lado. Não sei exatamente onde, mas estou deitada na grama, olhando para o céu estrelado. Ouço música. Acho que é Pat Benatar, lembrando-me que o amor é um campo de batalha. Não sei se é possível todo este ir e vir, mas a teologia nunca foi meu forte. Quase tudo o que sei sobre religião vem de *Jesus Christ Superstar*.

Minha dor se foi; a lembrança dela permanece, porém, como uma melodia distante, baixinha, mas lá, no fundo da mente.

— Katie, como pode estar chovendo?

Sinto gotas, delicadas como asas de borboleta contra meu rosto, e, sem uma razão que faça sentido, sinto-me triste. Este mundo ao meu redor — por mais estranho que seja — fez sentido antes. Agora algo está mudando e eu não gosto. Não me sinto mais segura. Algo de essencial e importante está errado.

Não está chovendo.

Sua voz tem um cuidado que não ouvi antes. Outra mudança.

É sua mãe. Ela está chorando. Olhe.

Com meus olhos fechados?

Abro-os lentamente. A escuridão desaparece irregularmente; as imagens se formam, sugando a luz.

Grãos de escuridão se reúnem e compõem formas. A luz aparece repentinamente e vejo onde estou.

O quarto de hospital. Claro. Estou sempre aqui; os outros lugares é que são miragens. Isto é real.

Posso ver meu corpo na cama; meu peito se eleva e se abaixa de acordo com a máquina que faz barulho a cada exalação. Um gráfico mostra a linha verde das batidas do meu coração. Para cima e para baixo, para cima e para baixo.

Minha mãe está ao lado da cama. Ela é menor do que me lembro, mais magra, e seus ombros são caídos como se ela tivesse passado a vida carregando um pesado fardo. Ela também está vestida para

uma outra era — um tempo de Flower Power, maconha e Woodstock. Ela está usando meias brancas e sandálias Birkenstock. Mas nada disso importa.

Ela está chorando. Por mim.

Não sei como acreditar nela, mas não sei também como ignorar. Ela é minha mãe. No final das contas, todas as vezes que ela se apegou a mim e todas as vezes que me ignorou, ela ainda está entrelaçada a mim, uma parte do tecido da minha alma, e isso significa algo, que ela está aqui.

Sinto-me chegando perto, ouvindo a voz dela. Parece alta no silêncio deste ambiente.

Posso ver que é o meio da noite. Para além das janelas, está escuro lá fora.

— Nunca vi você sofrendo — diz ela para o meu corpo. Sua voz é quase um sussurro.

— Nunca vi você cair das escadas ou arranhar o joelho ou cair da bicicleta. — Lágrimas rolam de seus olhos.

— Vou lhe dizer tudo. Como me transformei na Cloud, como tentei ser boa para você, mas fracassei. Como sobrevivi a todos aqueles anos ruins. Vou lhe contar tudo o que você quiser saber, mas não posso fazer isso se você não acordar. — Ela se inclina na cama e olha para mim.

— Sinto tanto orgulho de você — minha mãe diz. — Nunca lhe disse isso, não é?

Ela limpa suas lágrimas. Elas caem no meu rosto. Aproximando-se, ela está quase perto o bastante para me dar um beijo no rosto. Uma coisa que nunca me lembro de ela ter feito.

— Amo você, Tully. — Ao dizer isso, sua voz falha. — Talvez você não se importe e talvez seja tarde demais, mas amo você.

Esperei minha vida toda para ouvir estas palavras da minha mãe.

Tul?

Viro-me para Kate, vejo seu rosto e seus belos olhos verdes. Neles, vejo toda a minha vida. Tudo o que fui e que jamais quis ser.

Isto é o que sua melhor amiga é: um espelho.

Já é hora, diz ela, e eu finalmente entendo. Tenho navegado com Kate, descendo preguiçosamente o rio da minha vida com ela ao

meu lado, mas há corredeiras à frente.

Tenho de fazer uma escolha, mas primeiro tenho de me lembrar. Sei instintivamente que vai doer.

— Fica comigo?

Para sempre, se puder.

Já é hora, finalmente, de encarar o porquê de o meu corpo estar aqui, arruinado e preso a máquinas neste quarto branquíssimo.

— Certo — digo, reunindo coragem. — Começa com Marah. Há quanto tempo ela veio me visitar? Uma semana? Dez dias? Não sei. É final de agosto de 2010, depois da chamada intervenção da minha mãe, e, honestamente, o tempo não é meu amigo. Tenho tentado...

... escrever minhas memórias, mas não está dando certo. Uma dor de cabeça parece ser minha companheira constante.

Quanto tempo faz desde que saí do meu apartamento? Tenho vergonha de admitir que não posso mais fazer isso. Não consigo abrir a porta. Não consigo nem mesmo tocar a maçaneta, o pânico se abate sobre mim e começo a tremer e hiperventilar. Odeio essa fraqueza minha, tenho vergonha, mas não consigo superá-la. Pela primeira vez na vida, não tenho força de vontade. Sem ela, não tenho nada.

A cada manhã, faço um voto a mim mesma: vou parar de tomar Xanax, deixar minha casa e me aventurar no mundo. Vou procurar Marah. Ou um trabalho. Ou uma vida. Imagino cenários diferentes nos quais vou para Bainbridge Island e imploro e recebo o perdão de Johnny.

Hoje não é diferente. Acordo tarde e percebo imediatamente que devo ter tomado comprimidos demais. Sinto-me horrível.

Minha boca está grudenta e parece que esqueci de escovar os dentes na noite passada.

Rolo na cama, vejo meu relógio de cabeceira.

Aperto os lábios e esfrego os olhos, que parecem ásperos e injetados de sangue. Sem dúvida chorei no sono. E, mais uma vez, dormi o dia todo.

Levanto-me e tento me concentrar. No meu banheiro, encontro um monte de roupas no chão.

É. Ontem tentei sair. Acho que as roupas me impediram. Há maquiagem espalhada pela bancada.

Isto está realmente fugindo ao controle.

Hoje vou mudar minha vida.

Começo com um banho. A água quente cai sobre mim, mas, em vez de lavar minha letargia, ela de alguma forma a piora. No banho cheio de vapor, alivio coisas demais: a raiva de Johnny, a morte de Kate, a fuga de Marah.

Quando percebo, a água está fria. Fecho os olhos, perguntando-me o que aconteceu comigo.

Congelando agora, tremendo, saio do chuveiro e me enxugo.

Comer.

Sim.

Isso ajudará.

Visto-me lentamente, com peças que encontro no chão do quarto. Estou trêmula e com dor de cabeça. Comer vai ajudar. E um Xanax.

Só um.

Ando pelo meu apartamento escuro, acendendo as luzes pelo caminho, ignorando a correspondência na mesinha de centro. Ao me servir de uma xícara de café, meu celular toca. Atendo rapidamente.

— Sim?

— Tully? É o George. Consegui um ingresso para uma exibição de *Um Homem Misterioso*, com o George Clooney. Vou lhe enviar os detalhes. É um evento de caridade num cinema no centro de Seattle. Os caras das emissoras de TV vão estar lá. É sua chance de impressioná-los. Dia 2 de setembro. Oito da noite. Não se atrase e esteja linda.

— Obrigada, George — digo, sorrindo pela primeira vez em dias.

Sinto esperança dentro de mim. Preciso tanto disso. Choro em seco. Não posso mais viver assim.

Então, percebo: tenho de sair do meu apartamento e ir a público. Começo a entrar em pânico, tentando me acalmar.

Não.

Consigo fazer isso. Consigo. Tomo outro Xanax (paro amanhã) e volto ao meu armário para escolher algumas roupas para o evento.

Vou precisar...

O quê? Por que estou de pé no meu armário?

Ah. Um corte de cabelo.

— Tully?

Estou imaginando a voz de Marah? Viro-me tão rapidamente que tropeço, batendo na porta do meu armário. Estou insegura ao andar pelo apartamento, rumo à voz que nem sequer sei se está mesmo lá.

Mas lá está ela, na minha sala de estar, diante da vidraça. Ela está usando preto, com o cabelo curto e espetado e rosa; tem enfeites prateados pendendo da sobancelha.

Ela parece perigosamente magra; as maçãs do rosto são como lâminas sobre suas bochechas fundas e pálidas.

Ela vai me dar outra chance.

— Marah — digo, amando-a tanto que dói. — Estou feliz por você ter voltado.

Nervosa, ela se apoia num pé e no outro.

Marah parece não exatamente assustada, mas desconfortável.

Queria que minha cabeça estivesse mais clara, que esta maldita dor de cabeça amainasse. Sinto-me cansada e um pouco impaciente.

— Preciso... — começa ela.

Aproximo-me, um pouco desequilibrada.

Tenho vergonha da minha instabilidade.

Será que ela percebe?

— Do que você precisa, bebê? — Digo tudo isso ou apenas penso? Não queria ter tomado o segundo Xanax. Ela está fugindo de Paxton? — Você está bem?

— Estou bem. O Pax e eu precisamos de dinheiro.

Paro.

— Você veio em busca de dinheiro?

— É como você pode me ajudar.

Levo os dedos à têmpora, tentando conter a dor. Meu pequeno conto de fadas desaba ao meu redor.

Ela não *me* quer, ela não está aqui por ajuda. Ela quer dinheiro e depois irá embora novamente.

Dinheiro para Paxton, provavelmente.

Ele a obrigou a fazer isso. Tenho certeza. E o que Johnny diria se descobrisse que lhe dei dinheiro e que a deixei fugir de novo?

Com o máximo de cuidado, pego-a pelo pulso e empurro sua manga para cima. Seu braço está branco e cheio de cicatrizes, algumas prateadas e antigas, outras novas e vermelhas.

Marah tira a mão.

Meu coração se parte. Posso ver que ela está magoada. É o que temos em comum nestes dias, mas hoje vamos nos reunir novamente, presentes uma para a outra. Nunca a decepcionarei novamente.

Serei a madrinha que Kate queria que eu fosse. Não decepcionarei Kate e Johnny novamente.

— Se você está bem, por que está se cortando? — Tento perguntar com cuidado, mas estou tremendo. Sinto-me com dor de cabeça e nauseada. O sangue lateja em meus ouvidos. É como um ataque de pânico se aproximando, mas por quê? — Quero ajudar, você sabe que quero...

— Você vai me dar dinheiro ou não?

— Para quê?

— Não é da sua conta.

As palavras me machucam profundamente, como ela obviamente pretendia.

— Então você veio atrás de dinheiro. — Olho para esta menina que mal reconheço. — Olhe para mim — digo, querendo desesperadamente que ela entenda o perigo de suas escolhas. — Arruinei minha vida, Marah. Não tenho família, marido ou filhos. A única coisa que eu tinha, minha carreira, está perdida. Não acabe assim. Sozinha. Você tem uma família que a ama. Vá para casa. Johnny vai ajudar você.

— Tenho o Pax.

— Alguns homens são piores do que ficar sozinha, Marah.

— Como se você soubesse. Vai me ajudar ou não?

Mesmo no meu estado precário, sei que não posso fazer o que ela está pedindo.

Quero, quero como o ar, mas não posso facilitar sua fuga de novo. Cometi muitos erros com esta menina ao longo dos anos, nenhum

pior do que romantizar Paxton e esconder a relação deles de Johnny, mas aprendi minha lição.

— Vou lhe dar um lugar para viver e marcar consultas com a Dra. Bloom, mas não vou cometer o mesmo erro de novo. Não vou agir pelas costas do seu pai e lhe dar dinheiro para que você possa morar numa choupana qualquer com um esquisitão que não se importa com o fato de você se cortar.

Depois disso, dizemos coisas terríveis uma para a outra, coisas que queremos esquecer. Esta menina que amo tanto me dá um olhar capaz de quebrar madeira. Depois ela sai, batendo a porta atrás dela.

O dia da estreia do filme me escapa.

Como, não sei. Só sei que, na tarde do dia 2 de setembro, movo-me perdidamente de sala a sala, fazendo nada, fingindo trabalhar nas minhas memórias, quando meu celular avisa do compromisso.

Olho para a tela. *Filme. Oito horas.*

Chefões das emissoras. Depois olho a hora.

São 19h03.

Vou. *Tenho* que ir. É minha oportunidade. Não deixarei o medo, o pânico ou o desespero me impedirem. Vou me vestir, ficar bonita e reassumir meu lugar sob os holofotes. Afinal, aqui é a América, terra das segundas chances, especialmente para celebridades. Ah, talvez eu tenha de passar vergonha como Hugh Grant, pedir desculpa com um sorriso, falar da minha ansiedade e depressão, mas as pessoas compreenderão.

Quem não tem ansiedade nesta época, nesta economia? Quem não perdeu o trabalho que ama?

Estou um pouco em pânico ao ir para o quarto, mas um Xanax ajudará, por isso tomo dois. Não posso me preocupar com um ataque de ansiedade esta noite. Tenho de ser perfeita. E posso ser. Não sou o tipo de mulher que se esconde sob as cobertas ou atrás de portas trancadas.

Vou ao meu armário, piso em roupas que não me lembro de ter comprado, muito menos de ter vestido, e fico diante das prateleiras. Estou muito acima do peso para estar na moda, por isso pego um vestido básico do cabide: um Valentino preto clássico com gola assimétrica e uma meia-calça também preta.

O vestido ficava lindo em mim; agora, me faz parecer uma salsicha, mas é preto e é o melhor que posso fazer.

Minhas mãos tremem, não posso fazer muito com o cabelo além de amarrá-lo num rabo de cavalo.

Brincos enormes de ouro e pérolas pretas tiram a atenção do meu rosto inchado (espero). Ponho muita maquiagem, mas ainda pareço cansada. Velha. Tentando não pensar nisso, calço sapatos caros cor-de-rosa e pego uma bolsa de noite.

Estou prestes a sair de casa quando o pânico ataca, mas ranjo os dentes e o enfrento. Abro a porta, saio para o corredor.

Ao chegar à recepção, estou hiperventilando, mas me recuso a voltar para a segurança do meu apartamento.

O porteiro chama o táxi e eu entro no banco de trás.

Você consegue você consegue você consegue.

Fecho os olhos e sobrevivo a este pânico mais uma vez, mas, quando o carro para diante do cinema, sinto-me leve o suficiente.

— Vai sair, senhora?

Sim. Claro.

Saio. Parece que me arrasto pela lama ao me aproximar do tapete vermelho. A iluminação queima meus olhos, me deixa cega.

Está chovendo, noto. Quando começou?

Uma luz vermelha desce da marquise, refletindo nas poças da rua. Para além dos limites, uma multidão de fãs está esperando a chegada das celebridades.

Minhas mãos tremem; minha boca está tão seca que mal consigo engolir em seco.

Levanto a cabeça e me obrigo a passar pelo tapete vermelho. Alguns flashes espocam — depois veem que sou eu e os fotógrafos somem.

Dentro do cinema, penso que sou a mulher mais velha ali. Preocupo-me com o calorão, ficando vermelha de repente e suando.

Deveria procurar os executivos das emissoras de TV, mas não consigo.

Em vez disso, entro no cinema e me sento num dos lugares de veludo.

A luz diminui, o filme começa. Ao meu redor as pessoas estão respirando, movendo-se silenciosamente, as poltronas rangendo.

Tento ficar calma e prestar atenção, mas não consigo. A ansiedade é um ser vivo dentro de mim.

Preciso sair daqui, só por um segundo.

Encontro um cartaz que indica o banheiro e o sigo. O banheiro está tão iluminado que fere meus olhos. Ignorando o espelho, entro numa cabine e me sento, chutando a porta. Recosto-me, tentando me acalmar, e fecho meus olhos. Relaxe, Tully. Relaxe.

Quando dou por mim, estou acordando.

Há quanto tempo fiquei aqui, desmaiada numa cabine de banheiro num cinema?

Saindo da cabine com tanta força que a porta bate na cabine seguinte, deparo-me com um grupo de mulheres. Elas olham para mim, boquiabertas. O filme deve ter acabado.

Lá embaixo, vejo como as pessoas me olham. Elas abrem caminho, como se estivesse com dinamite ou carregando uma doença contagiosa. Minha foto de prisão é o que elas veem quando olham para mim. E, de repente, percebo: não consigo fazer isso. Não posso me reunir com os chefões das emissoras de TV e implorar e conseguir meu emprego de volta. É tarde demais. Perdi minha chance.

Esta ideia é uma areia movediça que me detém. Abro caminho por entre a multidão, pedindo desculpas falsas, até que consigo respirar novamente. Acabo numa ruela na chuva.

Pouco depois, um homem tenta me agarrar num bar. Quase permito. Vejo-o olhando para mim, sorrindo, dizendo algo que me faz ansiar — não por ele, claro, mas pela minha vida perdida, mas ele está ali e a vida se perdeu. Ouço-me implorar — implorar — para que ele me beije e chorar quando ele me beija porque é tão bom e no entanto não é o bastante.

Depois que o bar fecha, caminho para casa (ou pego um táxi ou uma carona — quem sabe? — pelo menos chego em casa).

Meu apartamento está escuro quando chego lá. Nenhuma luz acesa. Acendo todas, apoiando-me nas paredes e mesas.

Sinto tanta vergonha que poderia chorar, mas qual o sentido? Jogo-me no sofá e fecho meus olhos.

Quando abro os olhos de novo, vejo a correspondência na mesinha de centro. Com os olhos turvos, encaro o que resta da minha ex-vida. Estou prestes a desviar o olhar quando uma imagem chama minha atenção.

Minha imagem.

Aproximo-me e afasto as pilhas de envelopes e catálogos; lá, sob as contas e malas diretas, está uma revista *Star* com minha foto da prisão no canto superior esquerdo.

Sob ela, uma única e terrível palavra.

Viciada.

Pego a revista e a abro no artigo. Não é a reportagem de capa, somente uma notinha a mais.

As palavras se confundem diante de meus olhos, dançam e saltam, mas eu as leio uma a uma.

A HISTÓRIA REAL POR TRÁS DOS RUMORES

A idade não é fácil para nenhuma mulher pública, mas pode se provar especialmente difícil para Tully Hart, a ex-estrela do fenomenal *talk show The Girlfriend Hour*. A afilhada da Srta. Hart, Marah Ryan, fez contato exclusivo com a *Star*. A Srta. Ryan, 20, confirma que Hart, de 50 anos, tem lutado ultimamente com problemas que teve durante toda a vida.

Recentemente, Hart “ganhou muito peso” e esteve abusando de drogas e álcool, de acordo com a Srta. Ryan...

Tully Hart já pareceu ter tudo, mas a apresentadora, que falava abertamente da infância difícil e que nunca se casou nem teve filhos, parece estar sofrendo sob a pressão de seus fracassos recentes.

A Dra. Lorri Mull, psiquiatra de Beverly Hills que não tratou a estrela, diz: “A Srta. Hart está exibindo o comportamento clássico de

uma viciada. Ela está claramente fora de controle”.

A maioria dos viciados...

Deixo a revista cair no chão. A dor que estou controlando há meses, anos, vem à tona, sugando-me para o pior e mais solitário lugar onde jamais estive. Nunca vou ser capaz de me recuperar.

Ando pela sala de estar e deixo meu apartamento, pegando as chaves do carro.

Não sei para onde estou indo. Só saindo.

Para longe.

Não posso mais viver assim. Tentei seguir sozinha; Deus sabe como tentei. Mas o mundo é grande demais e eu me sinto incrivelmente pequena, não sou mais eu mesma. Sou como um desenho da mulher que fui, só um contorno preto com um espaço em branco, uma silhueta. Meu coração não suporta esta dor. Não posso... desviar o olhar. Agora que vejo o vazio ao meu redor, ao meu lado.

Dentro de mim.

Um vento mais forte vai me soprar para longe, de tão fraca que estou, e está tudo bem. Não quero mais ser forte. Quero... ir embora.

No elevador, aperto o botão para descer.

Ao ir até a garagem subterrânea, pego o Xanax da minha bolsa, engulo dois, enjoada com o gosto amargo.

Entro no carro, ligo o motor e dirijo. Viro na First Street sem olhar para a minha esquerda. As lágrimas e a chuva atrapalham minha visão, transformando a paisagem conhecida numa que nunca vi antes, um borrão de arranha-céus e luminárias de néon e postes criando formas impossíveis e aquosas.

Meu desespero está transbordando, superando tudo o mais. Desvio à direita para não bater em alguma coisa — um pedestre, um ciclista, uma forma da minha imaginação — e lá está: a enorme armação de concreto que suporta o velho viaduto, aparecendo diante de mim.

Vejo o enorme poste preto e penso: *acabe com isso*.

Acabe com isso.

A simplicidade disso me tira o fôlego. O pensamento esteve sempre ali? Estou circundando-o na obscuridade do meu inconsciente, observando-o? Não sei. Só sei que ele está ali agora, tão sedutor quanto um beijo no escuro.

Não preciso mais sofrer. Só preciso virar o volante.

CAPÍTULO VINTE E CINCO

— AH, MEU DEUS. — VIRO-ME PARA KATE. — Tentei virar no último segundo para evitar o poste.

Eu sei.

— Houve uma fração de segundo na qual pensei: *Quem se importa?*, e mantive o pé no acelerador, mas depois virei. Só que... era tarde demais.

Olhe.

No momento em que ela diz isso, vejo que estamos no quarto de hospital de novo.

Está tudo iluminado e há pessoas ao redor da minha cama.

Pairo sobre todos, observando-os.

Vejo Johnny de braços cruzados, balançando para a frente e para trás. Sua boca está fechada numa careta e Margie chora baixinho, um lenço na boca, e minha mãe parece devastada. Os gêmeos estão aqui, juntos. Vejo lágrimas nos olhos de Lucas e a expressão desafiadora no queixo de Wills. Eles parecem insubstanciais, meninos que foram parcialmente apagados.

Eles já passaram tanto tempo neste hospital, os meninos. Parte meu coração ter de trazê-los aqui de novo.

Meus meninos, diz Kate, e a suavidade em sua voz desvia minha atenção. *Eles se lembrarão de mim?* Ela pergunta isso tão baixinho que acho que devo ter imaginado.

Ou talvez esteja lendo sua mente como amigas fazem.

— Quer falar sobre isso?

Sobre meus meninos crescerem sem mim? Não. Ela balança a cabeça, cabelos loiros prateados eriçando-se diante do momento. *O que há para dizer?*

No silêncio que se abate sobre nós, ouço uma canção que vem do iPod na mesinha de cabeceira; o volume é tão baixo que mal consigo ouvi-la. *Hello darkness, my old friend...*

Depois ouço vozes.

— ...é hora... não esperançoso...

- ...temperatura normal... remover respirador.
- ...removemos o dreno, mas...
- ...drenado...
- ...por si mesma, vamos ver...

O homem de branco parece ameaçador; tremo quando ele diz: — ...estão prontos?

Eles estão falando sobre meu corpo, sobre *mim*, de me tirar das máquinas. Eles estão aqui, meus amigos e família, para me ver morrer.

Ou respirar, diz Kate. Depois: *É hora. Quer voltar?*

Entendo. Tudo isso leva a este momento.

Vejo isso com uma clareza que deveria ter percebido antes.

Vejo Marah entrar no quarto de hospital.

Ela parece tão magra e frágil ao se colocar ao lado de Johnny, que a abraça.

Ela precisa de você, *diz Kate para mim. E meus meninos também*. Há um nó na sua voz; uma emoção profunda. Prometi estar presente para seus filhos e fracasei. De certo modo, a prova está nos piercings. Sinto minha velha inimiga — a ansiedade — renascer das profundezas e transbordar.

Eles me amam. De onde estou, em meio à mistura de mundos, posso ver isso. Por que não via quando estava ao lado deles? Talvez vejamos aquilo que esperamos ver. *Quero desfazer o que fiz* — esta coisa terrível e egoísta —, quero desfazê-la e ter a oportunidade de ser uma versão nova de mim mesma.

Uma versão melhor.

E eu *os amo*. Por que acreditei ser incapaz de amar nestes anos todos, quando sentia o amor tão profundamente? Viro-me para dizer isso para Kate e ela sorri para mim, minha melhor amiga, com seus cabelos loiros compridos, cílios espessos e o sorriso que ilumina qualquer ambiente.

Minha outra metade. A menina que pegou em minha mão há tanto tempo e só a soltou quando foi obrigada.

Nos olhos dela, vejo nossas vidas: dançando com nossa música, andando de bicicleta no escuro, sentando em cadeiras na praia, conversando e rindo. Ela está no meu coração; é quem me deixa

voar e me mantém com os pés no chão. Não é de surpreender que eu fosse louca por ela. Era ela quem nos mantinha unidos.

Diga adeus para mim, diz ela baixinho.

No quarto do hospital — e agora ele parece bem distante —, ouço alguém — o médico — dizer: — Alguém quer dizer alguma coisa?

Mas estou ouvindo Kate agora: *Sempre vou estar com você, Tul. Sempre. Amigas incondicionais. Desta vez você não vai deixar de acreditar.*

Eu *deixara* de acreditar — nela, em mim, em nós. Em tudo.

Olho para ela, vejo em meio ao brilho o rosto que conheço tão bem quanto o meu mesmo.

Quando alguém cutucar você ou disser que não se trata só de você ou quando nossa música tocar. Ouça e você me perceberá em tudo. Estou em suas lembranças.

Sei que ela tem razão. Talvez sempre tenha sabido. Ela se foi. Eu a perdi há muito tempo, mas não soube deixar para lá. Como você se liberta da sua outra metade? Mas tenho que... para nosso próprio bem. Vejo isso agora. Mas ainda não posso dizer a palavra.

— Ah, Katie... — digo, sentindo lágrimas.

Vê?, diz ela. *Você está dizendo adeus.*

Ela se aproxima de mim e eu sinto o calor dela e, como uma chama, sinto a pele dela contra a minha e me arrepio toda, e os pelos da minha nuca se eriçam. *Slip out the back, Jack*, diz ela. *Make a new plan, Stan*^[3].

^[3] Referência à música *Fifty Ways to Leave Your Lover*, de Simon e Garfunkel. (N.T.)

A música. Sempre a música.

— Amo você — digo, baixinho, e finalmente basta. O amor é o que perdura. Entendo isso agora. — Adeus.

Com essa palavra emocionada, volto à escuridão.

Posso ver, acho, a distância. Estou com dor. Uma dor de cabeça me cega, dói demais.

Mova-se. É uma palavra antiga, *uma* que eu costumava saber, e ela me vem agora.

Há uma cortina de veludo preta diante de mim. Estou nas coxias, talvez. Em algum lugar fora da luz...

Tenho de ficar de pé... Caminhar... Mas estou cansada. Tão cansada.

Mas tento. Levanto-me. Cada passo dói, mas não deixo a dor me impedir. Há uma luz lá no palco.

Como um farol, ela brilha forte, me mostra o caminho e depois desaparece.

Continuo andando, avançando, pensando: *Por favor*, mas minha mente está tão confusa que não sei para quem estou orando.

Depois, de repente, há uma colina sobre mim, crescendo, elevando-se, afastando-se da escuridão diante de mim.

Não consigo.

De longe, escuto: — Acorde, Tully, por favor...

E trechos de música, algo sobre sonhos que quase reconheço.

Tento dar outro passo, mas meus pulmões doem com o esforço e sinto dores em toda parte. Minhas pernas não me suportam e caio de joelhos com tanta força que isso me faz mudar de ideia.

— Não consigo, Katie.

Quase lhe pergunto *por quê*, quase grito de frustração. Mas sei por quê.

Fé.

É algo que nunca tive.

— Volte, Tully.

Sigo a voz da minha afilhada. Neste mundo negro, ela reluz como teia de aranha, pouco além do meu alcance.

Estendo a mão, sigo-a. Depois respiro profunda e dolorosamente e tento me levantar.

4 de setembro de 2010
11h21

— Estão prontos? — perguntou o Dr. Bevan. — Alguém quer dizer algo antes?

Marah mal podia menear a cabeça. Ela não queria isso. Era melhor manter a madrinha presa às máquinas, respirando, do que tirá-la das máquinas. E se ela morresse?

A mãe de Tully se aproximou da cama.

Seus lábios sem cor e rachados se moveram silenciosamente, formando palavras que Marah não conseguia ouvir. Estavam todos lá, reunidos ao redor da cama de hospital: o papai, a vovó e o vovô, os gêmeos e a mãe de Tully. O papai falou com Marah e os meninos esta manhã na balsa, explicando o que tudo isso significava. Eles elevaram a temperatura corporal de Tully e tiraram os medicamentos pesados. Agora iam tirá-la do respirador.

Com sorte ela acordaria e respiraria por si só.

O Dr. Bevan pôs o prontuário de Tully numa pasta no pé da cama. Uma enfermeira entrou e tirou o tubo do respirador da boca de Tully. O tempo parecia berrar.

Tully inspirou agitadamente e exalou.

Sob o cobertor de algodão, seu peito subiu e desceu, subiu e desceu.

— Tallulah — disse o Dr. Bevan, inclinando-se sobre Tully. Ele abriu suas pálpebras e as examinou com uma lanterna.

Suas pupilas reagiram. — Pode me ouvir?

— Não a chame assim — disse Dorothy com uma voz trêmula. Depois, mais baixinho, como se pensasse que não deveria ter falado: — Ela odeia esse nome.

A vovó pegou na mão de Dorothy.

Marah se afastou de seu pai e se aproximou aos poucos da cama. Tully estava respirando sozinha, mas parecia morta, toda ferida, com curativos e careca.

— Vamos lá, Tully — disse ela. — Volte para nós.

Nada aconteceu.

Quanto tempo Marah ficou lá, segurando no corrimão da cama, esperando sua madrinha acordar?

Pareceu que horas haviam passado até que ela finalmente ouvisse o Dr. Bevan dizer:

— Bom. O tempo nos dirá, acho. Danos cerebrais são complicados. Vamos monitorá-la de perto pelas próximas horas. Com

sorte, ela acordará.

— Com sorte? — perguntou a vovó. Todos aprenderam a ouvir com suspeita esta palavra dos médicos.

— É tudo o que há agora — disse o Dr. Bevan. — Esperança. Mas sua atividade cerebral está normal e as pupilas, reativas. E ela está respirando sozinha. São bons sinais.

— Então esperamos — disse o papai.

O Dr. Bevan fez que sim.

— Esperaremos.

Assim que Marah olhou para o relógio, viu os ponteiros se movendo, engolindo os minutos e seguindo adiante.

Ela ouviu os adultos sussurrando atrás dela, conversando entre si. Marah se virou para eles.

— O quê? *O quê?*

O papai se aproximou. Ele segurou suas mãos e ela percebeu que a coisa estava feia.

— Você acha que ela vai morrer? — perguntou Marah.

Ele suspirou, e isso pareceu tão triste que ela quase começou a chorar.

— Não sei.

De repente, a mão dele era um salva-vidas. Como ela pudera se esquecer disso, de como seu pai podia mantê-la segura? Ele sempre fora capaz disso, mesmo antigamente, quando Marah brigava com sua mãe constantemente.

— Ela vai acordar — disse Marah, tentando acreditar. Sua mãe costumava dizer: *Não pare de acreditar até ser obrigada e não pare mesmo assim.* Claro, ela morrera assim mesmo. — Nós só esperamos?

Papai fez que sim.

— Vou levar os meninos e seu avô para almoçar. Você sabe que o Wills tem de comer a cada hora ou tem um colapso. Você está com fome?

Marah fez que não.

— A Dorothy e eu vamos tomar um café — disse a vovó, aproximando-se de Marah. — Foram horas difíceis. Quer vir conosco? Pago-lhe um chocolate quente.

— Vou ficar com ela — disse Marah.

Depois que todos saíram, ela ficou ao lado da cama da madrinha, segurando na grade. Lembranças a envolviam. Em quase todas as suas melhores lembranças de infância, Tully estava lá. Ela se lembrava de Tully e da mamãe na peça da escola de Marah, quando a mamãe estava tão doente, careca e presa a uma cadeira de rodas. De seu lugar no palco, Marah olhara as duas melhores amigas e vira que ambas choravam. Tully se inclinara e limpara as lágrimas dos olhos da mamãe.

— Tully? — disse Marah. — *Por favor*, me ouça. Estou bem aqui. Sou a Marah e sinto muito pelo que fiz. Quero que você acorde e brigue comigo. Por favor.

12 de setembro de 2010
10h17

— Sinto muito — disse o Dr. Bevan.

Dorothy se perguntava se o homem sabia quantas vezes dissera aquelas palavras na última semana.

Se havia uma coisa de que todos estavam certos era isto: o Dr. Bevan sentia muito por Tully não ter acordado do coma. Ele ainda distribuía esperança como se fosse um docinho que tirava de seu bolso para emergências, mas a esperança em seus olhos começara a diminuir. Ele ordenara uma traqueostomia no segundo dia para manter uma coisa chamada aeração eficiente dos pulmões; um tubo de alimentação nasogástrico fora colocado nas narinas dela.

Tully parecia dormir. Isso era o que mais incomodava Dorothy, sentada neste quarto hora após hora.

Cada segundo parecia carregado de possibilidades.

Em cada um dos últimos oito dias, ela pensara: *hoje*.

Hoje Tully acordará.

Mas a noite chegava, lançando escuridão sobre o quarto, e o sono artificial de sua filha continuava.

Agora o Dr. Bevan os convocara para uma reunião. Não podia ser um bom sinal.

Dorothy estava no canto, com as costas na parede. Com suas roupas amassadas e sandálias alaranjadas, ela parecia a pessoa menos importante na sala.

Johnny estava de pé, com os braços cruzados e os filhos perto. Sua dor se revelava nas pequenas coisas — as falhas em sua barba e o modo como ele abotoava a camisa.

Margie parecia pequena, encolhida. A semana passada a arruinara, acrescentara uma dor a um coração que já estava cheio dela.

E Bud mal tirava seus óculos de sol.

Dorothy geralmente sentia que ele estava chorando atrás daquelas lentes escuras. Mas era Marah quem parecia pior. Ela era a mágoa em pessoa: magra, desequilibrada.

Ela se movia como se cada passo precisasse ser calculado com cuidado. A maioria das pessoas olharia a menina, com seus cabelos recém-tingidos de preto e jeans largo e moletom e pele clara, e veria uma jovem sofrendo, mas Dorothy, que conhecia o arrependimento bem, via culpa no olhar de Marah, e ela esperava — como todos — que esta meia-vida de Tully terminasse com boas notícias. Dorothy não tinha certeza se eles suportariam o contrário.

— É hora — disse o Dr. Bevan, pigarreando para chamar a atenção de novo — de falar sobre o futuro. A Tully não dá respostas há oito dias. Ela se recuperou adequadamente dos piores ferimentos e não dá provas de graves danos cerebrais, mas a prova de ciência cognitiva não cumpre os critérios médicos para reabilitação intensiva. Em termos laicos, isso significa que, apesar de alguns relatos de ela abrir os olhos e — uma vez — tossir, é hora de considerarmos um serviço de manutenção. Um hospital não é mais o lugar para ela.

— Ela pode pagar... — começou Johnny, mas o médico balançou a cabeça.

— Dinheiro não é a questão, John. Tratamos pacientes gravemente doentes. É isso o que fazemos aqui.

Margie se encolheu e se aproximou de Bud, que a abraçou.

— Há várias excelentes casas de apoio na região. Tenho uma lista...

— Não — disse Dorothy. Ela levantou a cabeça lentamente. Todos a olharam.

Ela engoliu em seco.

— Posso... cuidar dela em casa?

Era difícil não se retorcer desconfortavelmente sob a leitura atenciosa do médico. Ela sabia o que ele via quando olhava para ela.

Uma velha hippie com uma higiene de moderada a ruim.

Mas ele não tinha ideia do que Dorothy passara para estar ali. Ela ergueu a cabeça e encarou o olhar do médico.

— É possível? Posso cuidar dela em casa?

— É possível, Sra. Hart — disse ele lentamente. — Mas a senhora não parece...

Margie se afastou de Bud e foi para perto de Dorothy.

— Ela não parece o quê?

O médico fechou a boca numa careta.

— É um trabalho difícil cuidar de um paciente em coma. E pessoas sozinhas geralmente se sentem assoberbadas. Só isso.

Johnny se moveu para ficar ao lado da sua sogra.

— Eu poderia ir toda semana ajudar.

— Eu também — disse Marah, colocando-se do outro lado de Dorothy.

Os gêmeos se adiantaram, os olhares sinceros e maduros sob os cabelos.

— Nós também.

Dorothy estava surpresa pela emoção que sentiu. Ela nunca cuidara da sua filha antes e ninguém cuidara dela. Ela queria se virar para Tully e dizer: *Vê? Você é amada*. Em vez disso, fechou as mãos e fez que sim, contendo as lágrimas que enevoavam sua visão.

— Há uma empresa local que se especializa no cuidado de pacientes em coma em casa. Ela pode ser cara para a maioria dos pacientes — e seus familiares —, mas, se o dinheiro não é problema, você pode contratar seus serviços. Uma enfermeira pode ir à casa todos os dias ou a cada dois dias, para trocar o cateter da Tully e verificar suas córneas quanto à ulceração e realizar alguns testes,

mas mesmo assim será muito trabalho, Sra. Hart. Tem de seguir uma rotina rigorosa. Não vou deixá-la a seus cuidados a não ser que a senhora esteja certa de que é capaz.

Dorothy se lembrou de todas as vezes em que soltara a mão da filha ou a deixara no meio da multidão; todos os aniversários de que esquecera e todas as perguntas a que não respondera. Todos naquele quarto conheciam a história triste e patética de Dorothy como mãe. Ela nunca preparara o almoço para Tully nem falara sobre sua vida ou dissera “eu te amo”.

Se ela não mudasse agora, se não se aproximasse agora, esta seria a história delas.

— Vou cuidar dela — disse Dorothy.

— Vou consultar o plano de saúde e cuidar de todos os assuntos financeiros e médicos — disse Johnny. A Tully vai ter o melhor cuidado possível.

— Os custos — e o coma — podem seguir por algum tempo. Entendo que ela não tem um testamento e que Kathleen Ryan é a executora da sua herança e tem o poder de tomar decisões médicas em seu lugar, e que Sra. Ryan morreu.

Johnny fez que sim.

— Vamos cuidar de tudo isso como uma família. — Ele olhou para Dorothy, que concordou. — Podemos reavaliar mais tarde, se precisarmos. Vou falar com o consultor financeiro dela esta semana.

O apartamento dela vale alguns milhões, mesmo nesta economia. Podemos vendê-lo, se precisarmos, mas suponho que ela tenha a melhor cobertura de saúde.

Margie segurou a mão de Dorothy. As duas mulheres olharam solenemente uma para a outra.

— A casa de Snohomish não foi vendida ainda. O Bud e eu podemos nos mudar para ajudá-la.

— Vocês são incríveis — disse Dorothy. — Mas, se vocês estiverem presentes, vai ser fácil demais para mim deixar de ser a mãe dela. Preciso ser a pessoa responsável. Espero que vocês entendam.

O olhar de Margie dizia tudo.

— Estou a um telefonema de distância.

Dorothy suspirou.

Estava feito. Pela primeira vez em sua vida, Dorothy seria a mãe de Tully.

**12 de setembro de 2010
18h17**

Johnny passou a maior parte do dia com o consultor financeiro de Tully, tratando das finanças dela.

Agora ele estava sentado em seu carro na balsa, com uma pilha de registros financeiros no banco do passageiro.

Ele não tinha ideia de como a vida dela se descontrolara desde a morte de Kate. Johnny imaginava que seu afastamento da TV fora por escolha, que o livro fora lucrativo e o início de outra carreira de sucesso. Ele teria descoberto a verdade facilmente — se tivesse se importado em olhar.

O que ele não fizera.

Ah, Katie, pensou, cansado. Você vai ficar furiosa comigo por isso...

Inclinando-se em seu banco de couro, ele olhava pela abertura da balsa quando Wing Point apareceu no seu campo de visão.

Quando atracaram, ele passou pela rampa de metal e entrou no asfalto da estrada.

Na entrada para carros, a casa estava inundada pela luz do fim da tarde. Era a hora dourada, aquele momento belo e cristalino antes do pôr do sol, quando todas as cores ficavam claras. Setembro era um bom mês no noroeste, uma temporada de recompensa por todos os dias cinzentos de chuva que estavam por vir.

Por um instante, Johnny viu o lugar como ele fora um dia. A casa e o jardim — como tudo o mais — mudaram desde a morte de Kate. Antes, o jardim tinha uma aparência selvagem e malcuidada. Sua esposa sempre estivera “prestes a” começar a cuidar dele.

Antes, todas as plantas e flores e arbustos estavam grandes demais. As flores se amontoavam umas sobre as outras como valentões lutando por terreno. Sempre houvera brinquedos

espalhados pelo jardim — skates, capacetes e dinossauros de plástico.

Hoje em dia, o jardim estava em ordem.

Um jardineiro vinha uma vez por semana e cuidava dele.

As plantas estavam mais saudáveis, as flores, maiores e mais vivas.

Ele estacionou na garagem e parou um minuto para pensar melhor. Quando se sentiu forte de novo, entrou na casa.

Ao entrar, os meninos vieram correndo pelas escadas, batendo um no outro, se empurrando. Era como assistir a *Rollerball* numa colina. Havia muito tempo ele deixara de gritar com os filhos sobre isso ou de se preocupar que cairiam. Era assim que eles eram. Ambos estavam usando suéteres azuis e dourados de Bainbridge Island e usando tênis que Johnny jurava serem dois tamanhos maiores.

Nos últimos anos eles se tornaram um trio, ele e os gêmeos. O tempo deles em Los Angeles os aproximara e eles estavam felizes por se mudarem de volta para Seattle. Mas

Johnny já via fissuras em seu relacionamento. Ambos, mais especialmente Wills, começaram a guardar segredos. Wills começara a responder a perguntas simples evasivamente. “Quem era ao telefone?” era um bom exemplo. “Ninguém”. “Ah, então você estava falando com ninguém?” Coisas do gênero.

— Oi, papai — disse Wills, saltando os últimos três degraus. Lucas veio depois. Eles bateram com força no piso.

Deus, como Johnny amava estes meninos. E no entanto ele os decepcionara de várias maneiras sem Kate para orientá-lo.

Sozinho, não fora um pai tão bom quanto seus filhos — ou Marah — mereciam.

Ele se apoiou na mesinha ao lado dele.

Johnny cometera tantos erros nos anos sem Kate. Como era possível que ele visse suas falhas com tanta clareza? Será que eles o perdoariam um dia?

— Você está bem, papai? — perguntou Lucas, claro. *Cuide do Lucas... ele não vai entender. Ele vai sentir minha falta mais do que todos...*

Johnny fez que sim.

— Vamos limpar e pintar a casa da Dorothy amanhã. Prepará-la para a Tully. Sei que vocês querem ajudar.

— Ela e a mamãe gostavam de azul — disse Wills. — Seria uma boa cor para o quarto.

Lucas deu um passo à frente, olhando para Johnny.

— Não é sua culpa, papai — disse ele. — A Tully, quero dizer.

Johnny estendeu a mão, tocou o rosto de Lucas.

— Você é tão parecido com a sua mãe — disse.

— E o Wills é parecido com você — disse Lucas. O mito familiar; reiterado, passado adiante, repetido. E verdadeiro.

Johnny sorriu. Talvez fosse assim que eles viveriam o futuro, mantendo Kate viva em milhares de pequenos trejeitos ao longo do caminho. Ironicamente, o acidente de Tully lhe mostrara o que realmente importava.

— Onde está sua irmã?

— Xi, papai. Adivinha — disse Wills.

— No quarto dela?

— O que ela faz lá o tempo todo?

— Ela está passando por um momento difícil agora. Vamos lhe dar espaço, certo, Conquistador?

— Certo — disseram os dois juntos.

Ele passou pelos gêmeos e subiu as escadas. Apesar de parar diante da porta fechada de Marah, ele não bateu nem disse nada.

Johnny estava se esforçando para lhe dar espaço. Hoje, no hospital, ele vira como sua dor era profunda e aprendera uma boa lição nos últimos anos: ouvir é tão importante quanto falar. Quando ela estivesse pronta para falar, ele seria a melhor versão de si mesmo. Ele não fracassaria de novo.

Johnny entrou no seu quarto, jogou a pilha de papel em cima da cama e tomou um banho demorado.

Estava secando os cabelos quando ouviu uma batida em sua porta.

Ele se vestiu rapidamente com uma calça jeans e uma camiseta e gritou: — Entre.

A porta se abriu. Marah estava lá, apertando as mãos firmemente uma contra a outra. Johnny sentia uma pontada de tristeza sempre

que a via. Ela estava tão magra e pálida, uma espécie de versão de luto da menina que ela era.

— Posso conversar com você?

— Claro.

Ela desviou o olhar.

— Não aqui. — Virando-se, ela deixou o quarto e desceu as escadas. Na entrada, pegou um suéter pesado do cabide e vestiu-o ao passar pela porta.

Na varanda, sentou-se na poltrona Adirondack preferida da sua mãe. Sobre eles, os galhos do bordo resplandeciam com o outono. Folhas vermelhas, alaranjadas e amarelas estavam espalhadas pela varanda e se acumulavam aqui e ali. Quantas vezes ele e Katie se sentaram ali à noite, depois que as crianças estavam na cama, com a noite a seus pés e velas brilhando acima deles, ouvindo um ao outro e às ondas?

Johnny deixou a lembrança de lado e se sentou na cadeira ao lado da filha. A velha madeira rangeu enquanto ele se acomodava.

— Vendi uma história para a revista *Star* — disse ela. — Disse-lhes que a Tully era viciada em drogas e alcoólatra. Eles me pagaram oitocentos e cinquenta dólares. Saiu na semana passada. Eu... vi no apartamento da Tully. Ela leu antes de entrar no carro.

Johnny respirou fundo. Ele respirou fundo mais uma vez, pensando: *Ajude-me, Katie*. Quando teve certeza de que sua voz estava firme, disse: — Foi isso o que você quis dizer quando falou que a culpa era sua.

Ela se virou para ele. A angústia em seus olhos era de doer.

— É minha culpa.

Johnny encarou sua filha, viu dor em seus olhos.

— Nós nos separamos sem sua mãe — disse ele. — E isso é culpa minha. Doía demais estar por perto da Tully, por isso me afastei. Droga, eu fugi. Você não foi a única a magoá-la.

— Isso não ajuda muito — disse Marah, triste.

— Pensei naquele dia no seu dormitório milhares de vezes. Estava errado em fazer tanto escândalo. Daria tudo para ter lhe dito que amava você não importa que escolha você fizesse e que sempre poderia contar comigo para amá-la.

— Precisava disso — disse ela, limpando os olhos.

— E diria à Tully que sinto muito também. Estava errado em culpá-la.

Marah fez que sim, mas não disse nada.

Johnny pensou em todos os erros que cometera com esta menina, nas vezes em que se afastara quando deveria ficar por perto; nas vezes em que ficara em silêncio quando deveria ter falado. Todos os erros que um pai comete quando está sobrecarregado.

— Pode me perdoar?

Ela o encarou.

— Amo você, papai — disse.

— Amo você também, fofinha.

O sorriso de Marah era débil e um pouco triste.

— E quanto à Tully? Ela provavelmente acha...

— O que você lhe diria agora mesmo?

— Diria que a amo, mas não vou ter essa chance.

— Você vai ter uma chance. Pode lhe dizer quando ela acordar.

— Tenho problemas para acreditar em milagres ultimamente.

O que ele queria dizer era: *Você não acha que todos temos?*, mas disse: — Sua mãe odiaria ouvir isso. Ela lhe diria que tudo funciona como deveria e para não desistir da esperança até ser obrigada, e...

— Certamente não, então — completou Marah baixinho, sua voz um eco da dele.

Por um belo segundo, ele sentiu Katie ao lado dele. As folhas caíam sobre sua cabeça.

— Quero ver a Dra. Bloom de novo, se estiver tudo bem.

Johnny levantou a cabeça brevemente e viu um movimento no jarro Mason. *Obrigado, Katie.*

— Vou marcar a consulta.

CAPÍTULO VINTE E SEIS

**14 de setembro de 2010
9h13**

NA VÉSPERA DA CHEGADA DE TULLY, os Ryan e os Mularkey atacaram a casa da Firefly Lane como uma equipe de limpeza profissional. Dorothy nunca tinha visto pessoas trabalhando tanto e se dando tão bem.

O quarto dos fundos — de Tully aos quatorze anos e agora aos cinquenta — foi limpo e pintado de azul. A cama hospitalar fora entregue e montada com vista para a única janela do quarto. De seu lugar na cama, Tully seria capaz de olhar pela janela aberta e ver a horta e a velha casa de sua melhor amiga. As novas roupas de cama — escolhidas por Marah — eram de um belo branco com estampa floral, e os gêmeos escolheram fotos para colocar no armário — havia ao menos uma dúzia delas; fotos de Kate e Tully ao longo de suas vidas, de Tully segurando um bebê de cara rosada, de Johnny e Tully aceitando algum prêmio num palco. Dorothy queria ter uma imagem dela e Tully para acrescentar, mas não havia nenhuma. No meio de tudo, veio uma enfermeira da empresa de cuidados médicos; ela conversou com Dorothy por pelo menos duas horas sobre como lidar com Tully.

Quando todos finalmente foram embora, Dorothy andou de um cômodo a outro, dizendo a si mesma que podia fazer aquilo.

Ela lera os folhetos da enfermeira duas vezes, fazendo anotações nas margens.

Por duas vezes ela quase bebeu, mas por fim conseguiu evitar, e agora estava no hospital de novo, andando pelo corredor iluminado até o quarto da filha. Sorrindo para uma das enfermeiras, ela abriu a porta e entrou.

Havia um homem sentado perto da cama da sua filha, lendo. À entrada de Dorothy, ele levantou a cabeça. Ela notou várias coisas

nele ao mesmo tempo: era jovem, provavelmente não mais do que quarenta e cinco anos, e havia um quê de exótico e multicultural em sua aparência. Seus cabelos estavam presos num rabo de cavalo e ela tinha certeza de que, sob seu avental branco de médico, havia uma calça jeans desgastada e uma camiseta de banda de rock. Ele usava as mesmas sandálias de plástico que eram as preferidas de Dorothy.

— Desculpe — disse ele, levantando-se e deixando o livro de lado. Ela viu que era algo intitulado *Shantaram*. Era um livro grosso e ele estava na metade.

— Está lendo para ela?

Ele fez que sim, aproximando-se e dando-lhe a mão.

— Sou Desmond Grant, médico do pronto-socorro.

— Dorothy. A mãe dela.

— Bom. Devo voltar ao trabalho.

— Você a visita com frequência?

— Tento vir antes ou depois do meu turno. Vejo-a muito no meio da noite. — Ele sorriu. — Ouvi dizer que ela vai para casa hoje.

— Sim. Dentro de uma hora.

— Foi bom conhecer você. — Ele foi para a porta.

— Desmond?

Ele se virou.

— Sim?

— Firefly Lane, número 17. Em Snohomish. É onde vamos estar. Se você quiser terminar de ler aquele livro.

— Obrigado, Dorothy. Eu gostaria.

Ela o observou sair e depois se aproximou da cama. Nos onze dias desde o acidente, os ferimentos faciais de Tully mudaram de roxo para um marrom cor de banana podre. Os pequenos cortes formavam uma crosta; alguns tinham pus. Seus lábios estavam rachados e secos.

Dorothy pegou um pequeno frasco de cera de abelha em sua bolsa. Usando o dedo, ela passou a mistura nos lábios de Tully.

— Com isso eles vão ficar melhores, acho. Como você passou a noite passada?

— Eu? Não tão bem — continuou ela, como se estivessem conversando. — Estava nervosa com sua volta para casa. Não quero decepcionar você. Não acha que vou decepcionar você? Fico feliz por isso.

Ela pôs a mão sobre o crânio seco e nu da filha.

— Você vai acordar quando estiver pronta. Curar-se leva tempo. Acha que não sei?

Ao terminar a frase, a porta se abriu e o Dr. Bevan e Johnny entraram no quarto.

— Aí está você, Dorothy — disse o médico, dando lugar para permitir que várias enfermeiras e paramédicos entrassem no quarto.

Ela conseguiu sorrir. Se eram necessárias todas aquelas pessoas apenas para transportar Tully, como Dorothy podia pensar que era capaz de cuidar dela sozinha?

— Respire, Dorothy — disse Johnny, aproximando-se dela.

Ela lhe deu um olhar de agradecimento.

Depois disso, tudo aconteceu muito rápido. Tully foi transportada da cama para uma maca, desconectada das máquinas e levada embora. Na recepção, Dorothy assinou vários documentos, reuniu os papéis da alta, folhetos e anotações do Dr. Bevan.

Quando entrou no carro de Johnny, seguindo a ambulância, ela estava nauseada de preocupação.

Na Columbia, eles desceram — e lá estava o poste no qual Tully havia batido. Na rua, um memorial improvisado surgira. Balões e flores e velas compunham uma espécie de santuário. Num cartaz, lia-se ACORDE, TULLY. Noutro, ESTAMOS REZANDO POR VOCÊ.

— Você acha que ela sabe quantas pessoas estão rezando por ela? — perguntou Dorothy.

— Espero que sim.

Dorothy ficou em silêncio. Ela se recostou no confortável banco de couro e observou a paisagem mudar de urbana para rural, de prédios para cercas baixas, do tráfego intenso para ruas arborizadas com apenas uns poucos carros. Em casa, eles estacionaram atrás da ambulância.

Ela correu para abrir a porta da frente e acender as luzes e guiar os paramédicos até o quarto de Tully, onde as crianças prenderam

um enorme cartaz no qual se lia SEJA BEM-VINDA, TULLY.

Dorothy seguiu os paramédicos, fez perguntas e anotou as respostas.

De repente, tudo estava feito. Tully estava no quarto, aparentemente dormindo, e a ambulância se foi.

— Quer que eu fique? — perguntou Johnny.

Dorothy estava tão perdida em seus próprios pensamentos que a voz a surpreendeu.

— Ah, não. Mas obrigada.

— A Marah vai estar aqui na quinta-feira. Ela vai trazer comida. E eu venho no fim de semana com os meninos. A Margie e o Bud nos deram a chave da casa do outro lado da rua.

Hoje era segunda-feira.

— E a Margie queria que eu a lembrasse que ela está a algumas horas de distância. Se você mudar de ideia e precisar de ajuda, ela vem no próximo avião.

Dorothy forçou um sorriso.

— Eu posso fazer isso — disse ela, tanto para si mesma quanto para ele.

Eles caminharam até a porta. Lá, Johnny parou e olhou para ela.

— Eu me pergunto se você sabe como isso é importante para ela.

— Sei o quanto significa para mim. Com que frequência temos segundas chances?

— Se você se sentir assoberbada...

— Não vou beber. Não se preocupe.

— Não estava preocupado com isso. Quero que você saiba que estamos todos aqui por ela. E por você. Era isso o que eu ia dizer.

Ela encarou o belo homem e disse: — Eu me pergunto se ela sabe como é sortuda.

— Nós não sabíamos — disse ele, baixinho, e Dorothy viu arrependimento nas rugas de seu rosto.

Dorothy sabia que era melhor não dizer mais nada. Às vezes você simplesmente faz a escolha errada e tem de viver com isso. Você pode apenas mudar o futuro. Ela caminhou com ele para fora da casa e o observou ir embora. Depois, fechou a porta e voltou para ficar ao lado da cama da filha.

Uma hora mais tarde, a enfermeira apareceu e deu a Dorothy uma lista de cuidados e disse: — Venha comigo.

Nas três horas seguintes, Dorothy acompanhou cada movimento da mulher; ela aprendeu passo a passo o que fazer para cuidar da filha. Ao fim da visita, ela tinha um caderno cheio de anotações.

— Você está preparada — disse finalmente a enfermeira.

Dorothy engoliu em seco.

— Eu não sei.

A enfermeira sorriu.

— É como quando ela era pequena — disse. — Lembra de que eles constantemente precisavam de alguma coisa — troca de fraldas, colo, uma história para dormir — e você nunca sabia o que era até que ficassem quietos? É assim. Simplesmente faça as coisas da lista. Você vai ficar bem.

— Não fui exatamente uma mãe para ela — disse Dorothy.

A enfermeira lhe deu um tapinha nas costas.

— Todos pensamos isso, querida. Você vai ficar bem. E não se esqueça. Ela provavelmente pode ouvir você. Por isso, converse, cante, conte piadas. Qualquer coisa.

Naquela noite, quando estava sozinha com sua filha pela primeira vez, Dorothy entrou no quarto e acendeu uma vela com cheiro de gardênia e acendeu o abajur.

Ela apertou os controles da cama e a elevou a exatos trinta e cinco graus. Ela parou e abaixou.

Depois, ergueu de novo.

— Espero que isto não esteja deixando você tonta. Devo erguer e abaixar sua cabeça por quinze minutos a cada duas horas.

Ao terminar, Dorothy cuidadosamente tirou o cobertor e começou a massagear as mãos e braços de Tully. Ao massagear os membros da filha, ela conversava.

Depois, ela não tinha ideia do que dissera. Ela só sabia que, enquanto tocava o pé de Tully, passando loção pela pele seca e rachada, começou a chorar.

Duas semanas depois de Tully sair do hospital, Marah teve sua primeira consulta com a Dra. Bloom.

Ao andar pela sala de espera vazia, ela não pôde deixar de imaginar Paxton ali, com seus olhos tristes e o cabelo preto que continuamente caía sobre seu rosto.

— Marah — disse a Dra. Bloom, recebendo-a com um sorriso. — Que bom ver você de novo.

— Obrigada.

Marah se sentou na cadeira de frente para uma mesa de madeira. O consultório parecia menor do que ela se lembrava, e mais íntimo. A vista da Elliott Bay era bela, mesmo naquele dia cinzento e chuvoso.

A Dra. Bloom se sentou.

— Sobre o que você gostaria de conversar hoje?

Havia tantas opções; tantos equívocos para repassar e coisas para compreender e tanta culpa e dor.

Ela queria desviar o olhar ou contar as folhas da planta. Em vez disso, disse:

— Sinto falta da minha mãe e a Tully está em coma e estraguei tanto a minha vida que só quero me esconder em algum lugar.

— Você já fez isso — disse a Dra. Bloom.

Sua voz sempre fora gentil assim?

— Com o Paxton. E aqui está você.

Marah sentiu a surpresa do reconhecimento diante dessas palavras; uma nova compreensão se assentou. Bloom tinha razão. Fora uma forma de se esconder — os cabelos cor-de-rosa, os piercings, as drogas, o sexo. Mas ela amara Paxton. Isso, ao menos, fora real. Destrutivo, talvez, nada saudável e perigoso, mas real.

— Do que você estava se escondendo?

— Na época? De sentir falta da minha mãe.

— Há dores das quais não se pode fugir, Marah. Talvez você saiba disso agora. Algumas dores você tem que encarar. Do que você sente mais falta sobre sua mãe?

— A voz dela — respondeu. — A forma como ela me abraçava. Como ela me amava.

— Você sempre vai sentir a falta dela. Você sabe disso por experiência própria. Haverá dias — até mesmo daqui a anos — em que a falta será tão forte que deixará você sem fôlego. Mas haverá dias bons também; meses e anos. De qualquer modo, você buscará por ela durante toda a vida. Você a encontrará também. Ao crescer, vai entendê-la mais e mais. Prometo.

— Ela odiaria a maneira como tratei a Tully — disse ela.

— Acho que você se surpreenderia com a facilidade com que uma mãe perdoa. E uma madrinha também. A questão é: você consegue se perdoar?

Marah levantou os olhos cheios de lágrimas.

— Preciso.

— Certo. É aí que vamos começar.

Ajudava, aprendeu Marah, toda essa coisa de olhar o passado, de falar sobre sua mãe e Tully e culpa e perdão. Às vezes ela se deitava na cama à noite, evocava memórias e tentava imaginar sua mãe conversando com ela no escuro.

Porque era disso que ela sentia mais falta: da voz da sua mãe. E ela sabia o que teria de fazer algum dia; sabia que havia um lugar onde poderia encontrar a voz da sua mãe quando tivesse força suficiente para procurar.

Mas ela precisava de Tully com ela. Essa fora a promessa que Marah fizera para sua mãe.

Durante semanas, Dorothy caía exausta na cama à noite e acordava cansada. A lista de afazeres nunca estava muito distante; ela a segurava continuamente e a relia várias vezes, sempre com medo de ter ignorado alguma coisa. As tarefas eram como uma litania em sua mente. Erguer e abaixar, quinze minutos a cada duas horas; verificar os fluidos e a alimentação, verificar o tubo nasogástrico, massagear mãos e pés, aplicar loção; escovar os dentes; exercitar os membros cuidadosamente; manter a cama seca e os lençóis limpos; virá-la de lado de hora em hora; verificar a sucção traqueobronquial.

Ela levou mais de um mês para deixar de ter medo e mais de seis semanas antes de a enfermeira deixar de acrescentar anotações à lista.

No fim de novembro, quando as folhas começaram a cair e manchar com suas cores o jardim enlameado e malcuidado, ela começou a pensar — finalmente — que podia cuidar da filha, e perto do seu primeiro Natal com Tully ela começou a deixar a lista de afazeres de lado. Os dias se tornaram rotina.

A enfermeira — Nora, uma avó de doze netos que iam dos seis meses aos vinte e quatro anos — vinha quatro vezes por semana. Somente na semana passada ela dissera: — Uau, Dot, eu não poderia fazer melhor.

Honestamente!

À medida que o Natal de 2010 se aproximava na cidadezinha de Snohomish, ela finalmente se sentia em paz, ou pelo menos a paz que uma mulher com uma filha em coma podia sentir. Ela acordou mais cedo do que o normal e preparou a casa para que ela parecesse um lugar natalino. Não havia enfeites no armário, claro, e ela não tinha problemas com isso. Improvisar era uma de suas habilidades, mas, quando ela estava no armário, deparou-se com duas caixas cheias de lembranças de Tully.

Dorothy parou, se endireitou e os encarou. Uma camada de pó cobria a parte de cima.

Quando Johnny entregara essas caixas, juntamente com as roupas, cosméticos e fotos de Tully, Dorothy pensara que elas pareciam sacrossantas, que eram apenas para Tully, mas agora se perguntava se o conteúdo poderia ajudar. Ela se inclinou e pegou uma caixa marcada com os dizeres *Queen Anne*.

Era leve — claro. Quantas coisas uma Tully de dezessete anos pensara em guardar?

Dorothy limpou a poeira e levou a caixa até o quarto de Tully.

Tully estava deitada, de olhos fechados, a respiração regular. Uma luz prateada brilhava pela janela, combinando e retorcendo-se no piso, o desenho mudando com o movimento das árvores lá fora. Luz e sombra se perseguiam no chão, amplificadas pelas contas de vidro do caçador de sonhos pendurado na janela.

— Trouxe suas coisas — disse ela para Tully. — Achei que, talvez, para o Natal, pudesse conversar com você sobre o que está aqui. — Ela pôs a caixa na cama.

Tully não se moveu. Seus cabelos grisalhos começaram a crescer, dando-lhe uma aparência de menino. Os ferimentos e cortes se curaram; apenas algumas cicatrizes marcavam os antigos cortes.

Dorothy passou um pouco de creme nos lábios secos da filha.

Depois ela puxou uma cadeira e se sentou ao lado da cama. Inclinando-se, abriu a caixa. A primeira coisa que ela pegou foi uma pequena camiseta de Maguila, o Gorila; ao tocá-la, foi assolada por uma lembrança.

Mamãe, posso comer um brownie?

Claro. Um pouco de maconha não faz mal a ninguém. Clem, me passe os brownies.

E então: *Dot, sua filha está se retorcendo...*

Ela olhou para a camiseta. Tão pequena...

Dorothy percebeu que ficara muito tempo em silêncio.

— Ah, desculpe. Você provavelmente acha que eu fui embora, mas ainda estou aqui. Algum dia você vai saber que significava alguma coisa o fato de eu continuar voltando. Sempre soube qual era o meu lugar. Só não conseguia... fazer. — Ela deixou a camiseta de lado, dobrando-a cuidadosamente.

Depois ela pegou um álbum grande, a capa plástica pontuada por flores azuis e uma menina pioneira. Alguém escrevera *Scrapbook da Tully* no alto.

As mãos de Dorothy tremiam ao abrir o álbum na primeira página, onde havia uma pequena fotografia de uma menina magra soprando uma vela. Na página oposta havia uma carta. Ela começou a ler em voz alta.

Querida mamãe, hoje é meu 11º aniversário.

Como está você? Eu estou bem. Aposto que você vem me ver porque você sente tanto a minha falta quanto eu sinto a sua.

Com amor, sua filha Tully

Querida mamãe, Você sente a minha falta? Sinto sua falta.

Com amor, sua filha Tully

Ela virou a página e continuou lendo. Mais cartas.

Querida mamãe,

Hoje na escola andamos de pônei. Você gosta de pôneis? Eu gosto. A vovó diz que você talvez seja alérgica, mas espero que não. Quando você vier me pegar talvez possamos ter um pônei.

Com amor, sua filha Tully

— Você assinou todas com *sua filha Tully*. Você se perguntava se eu sabia quem você era?

Na cama, Tully fez um som. Seus olhos se abriram. Dorothy se levantou rapidamente.

— Tully? Você me ouve?

Tully fez um som, como um suspiro cansado, e seus olhos se fecharam novamente.

Dorothy ficou lá por muito tempo, esperando mais. Não era incomum que Tully abrisse os olhos, mas sempre parecia importante.

— Vou continuar lendo — disse Dorothy, sentando-se de novo, virando a página.

Havia centenas de cartas, escritas primeiro com a letra de uma criança e, depois, à medida que o tempo passava, com a letra mais confiante de uma jovem. Dorothy as leu todas.

Fiz teste para cheerleader hoje, para China Grove.

Você conhece essa canção?

Sei o nome de todos os presidentes. Você ainda quer que eu seja presidente?

Por que você nunca volta?

Ela queria parar de ler — cada palavra era uma facada em seu coração —, mas não conseguia parar.

Aqui estava a vida da sua filha, toda exposta em cartas. Ela leu entre lágrimas, cada carta, cartão postal e recorte do jornal da escola.

Por volta de 1972, as cartas cessaram.

Elas nunca se tornaram raivosas ou acusatórias; simplesmente cessaram.

Dorothy virou a última página. Lá, grudada no verso, ela encontrou um envelope azul fechado e endereçado a *Dorothy Jean*.

Respirou fundo. Só uma pessoa a chamava de Dorothy Jean.

Lentamente, ela abriu o envelope, dizendo numa voz nervosa: — Há uma carta da minha mãe. Você sabia que estava aqui, Tully? Ou ela pôs aqui depois que você desistiu de mim?

Dorothy pegou uma única página de papel de carta, fino como pergaminho e enrugado, como se tivesse sido amassado e depois alisado.

Cara Dorothy Jean,

Sempre achei que você voltaria para casa. Durante anos, rezei. Implorei a Deus que a trouxesse para casa para mim. Disse-Lhe que, se Ele me desse mais uma chance, eu não ficaria cega de novo.

Mas nem Deus nem você ouviram as orações de uma velha. Não posso dizer que posso culpá-los.

Alguns erros não podem ser perdoados, não é? Os pastores se enganam quanto a isso. Devo ter rezado um milhão de vezes a Deus. Uma única palavra para você teria sido melhor.

Desculpe. Isto é tão pequeno. Apenas cinco cartas e nunca tive forças suficientes para dizer. Nunca tentei impedir seu pai.

Não podia. Tinha medo demais. Nós duas sabemos que ele gostava de seus cigarros acesos, não sabemos?

Estou morrendo agora, desaparecendo, apesar da minha vontade de esperar por você. Fui melhor com Tully. Quero que você saiba disso. Fui uma avó melhor do que fui mãe. Este é o pecado que levarei comigo.

Não ousaria pedir perdão, Dorothy Jean. Mas sinto muito. Quero que você saiba disso.

Se ao menos pudesse tentar de novo...

Se ao menos...

Dorothy encarou as palavras; elas dançavam e se desfocavam diante dela. Ela sempre pensara em si mesma como a única vítima naquela casa. Talvez houvesse duas.

Três, se você contar Tully, que certamente fora arruinada pelo mal do avô, não diretamente, talvez, mas arruinada mesmo assim. Três gerações de mulheres arruinadas por um único homem.

Ela respirou fundo e pensou: *Certo*.

Só isso, uma única e simples palavra.

Certo. Este era seu passado.

Seu passado.

Dorothy olhou para sua filha, que parecia a Bela Adormecida, rejuvenescida por seus cabelos novos.

— Chega de segredos — disse ela; sussurrou, na verdade. Ela diria tudo a Tully, incluindo o arrependimento na carta da sua mãe. Este seria seu presente de Natal para a filha. Dorothy diria as coisas ao lado da cama, começando por quando ela saíra do hospital. Depois escreveria toda a história, para que Tully a tivesse em suas memórias, o que quer que precisasse. Não haveria mais segredos, nenhuma fuga das coisas que eram sua culpa e das coisas que não eram. Então talvez algum dia os segredos pudessem se curar.

— Você gostaria disso, Tully? — perguntou ela, orando por uma resposta.

Ao lado dela, Tully respirava regularmente, inspirava e expirava.

CAPÍTULO VINTE E SETE

NAQUELE ANO, O INVERNO PARECEU DURAR PARA SEMPRE. Os dias cinzentos se sucederam como lençóis sujos num varal. Nuvens cheias escureciam o céu, provocando chuvas intermitentes até que os campos ficassem negros e viscosos e os galhos dos cedros caíssem como mangas úmidas. Quando os primeiros dias ensolarados da primavera chegaram, o verde surgiu nos campos de Snohomish Valley e as árvores se endireitaram novamente, buscando luz, com suas pontas verdes crescendo. Os pássaros voltaram, piando e pegando minhocas rosadas que surgiam na terra úmida.

Em junho, os nativos haviam se esquecido do inverno e da decepcionante primavera. Em julho, quando a feira dos produtores recomeçou, já havia reclamações sobre o calor no verão de 2011.

Como as flores no jardim, Marah passara os meses cinzentos acumulando forças ou encontrando forças que já possuía.

Agora, porém, era o fim de agosto.

Tempo de olhar adiante.

— Tem certeza de que quer fazer isso sozinha? — perguntou seu pai, aproximando-se dela. Marah fechou os olhos e se apoiou nele.

Johnny a abraçou.

— Sim — disse ela, e era só disso que ela tinha certeza. Ela tinha coisas a dizer para Tully, coisas que guardara para si, esperando por um milagre; mas não haveria milagre.

Havia se passado quase um ano desde o acidente, e Marah agora estava se preparando para voltar à faculdade. Na noite passada, ela ajudara seu pai com seu documentário sobre crianças de rua, e as imagens das crianças com seus rostos magros, olhos vazios e coragem falsa a fizeram tremer. Ela sabia que tinha sorte por estar em casa. Em segurança. E foi isso o que ela disse quando seu pai a filmou. *Estou feliz por ter voltado.*

Mas ela ainda tinha algo para fazer.

— Prometi algo à mamãe e tenho que manter a promessa — disse ela.

Johnny a beijou na testa.

— Tenho orgulho de você. Já lhe disse isso?

Ela sorriu.

— Todos os dias desde que me liberei dos cabelos rosa e do piercing na minha sobrancelha.

— Não é por isso.

— Eu sei.

Ele a pegou pela mão e a acompanhou para fora de casa até o carro.

— Dirija em segurança.

Era uma frase que significava muito ultimamente. Fazendo que sim, ela entrou no carro e o ligou.

Era um belo dia de verão. Na ilha, turistas iam e vinham pela balsa, enchendo as calçadas do centro de Winslow. Do outro lado da baía, o tráfego era intenso, e Marah seguiu para o norte.

Em Snohomish, ela saiu da autoestrada e rumou para a Firefly Lane.

Ela ficou na entrada da garagem por um tempo, olhando para a sacola da Nordstrom ao lado dela.

Por fim, pegou-a e foi para a porta da frente.

O ar tinha cheiro de maçãs e pêssegos maduros. Dali ela podia ver que a pequena horta de Dorothy crescia: tomates vermelhos, ervilhas verdes, fileiras de brócolis.

A porta se abriu antes de ela bater.

Dorothy estava lá, usando uma túnica florida e calça cargo larga.

— Marah! Ela está esperando por você — disse, abraçando Marah. Era o que Dorothy dizia a Marah todas as quintas-feiras havia quase um ano. — Ela abriu os olhos duas vezes esta semana. Isso é um bom sinal, acho. Você não acha?

— Claro — disse Marah, com a voz embargada. Ela achava isso fazia alguns meses, quando começara a acontecer. Da primeira vez, na verdade, ela ficara empolgada. Ela chamara Dorothy e esperara, dizendo:

Vamos Lá, Tully, volte.

Ela ergueu a sacola cinza.

— Trouxe algo para ler.

— Ótimo! Ótimo! Posso passar algum tempo na horta. As ervas daninhas estão me provocando este mês. Quer limonada? É caseira.

— Claro. — Ela seguiu Dorothy por um corredor limpo. Lavanda seca pendia do teto, perfumando o ar. Buquês de rosas estavam à mostra em vasos, e panelas de metal decoravam as bancadas.

Dorothy desapareceu na cozinha e voltou com um copo de limonada.

— Obrigada.

Elas se olharam por um instante e depois Marah meneou a cabeça e foi até o quarto de Tully. O sol entrava pela janela, fazendo as paredes azuis tremeluzirem como se fossem a água do mar.

Tully estava deitada na cama hospitalar, inclinada, os olhos fechados, os cabelos morenos com mechas grisalhas enroladas ao redor de seu rosto pálido e magro de maneira desordenada. Um cobertor de cor creme a cobria até o pescoço. Seu peito se erguia e abaixava em movimentos regulares.

Ela parecia em paz. Como sempre, por um segundo Marah pensou que Tully abriria seus olhos e lhe daria um belo e largo sorriso, dizendo: *Oi*.

Marah se obrigou a ir adiante. O quarto cheirava a loção de gardênia, que Dorothy tanto amava. Na mesinha estava um exemplar de *Anna Karenina* que Desmond lia para Tully havia meses.

— Oi — disse Marah para a madrinha. — Vou para a faculdade. Sei que você sabe, estou falando sobre isso há meses. Loyola Marymount. Em Los Angeles. Irônico, né? Acho que uma escola menor seria boa para mim. — Ela prendeu as mãos. Não fora para isso que Marah viera. Não hoje.

Durante meses e meses, ela acreditara num milagre. Agora, porém, era hora de dizer adeus.

E algo mais.

A dor no seu peito era grande e estava aumentando. Ela pegou a cadeira e se sentou, aproximando-se.

— Foi por minha causa que você bateu o carro, né? Porque fui uma bruxa e vendi aquela história para a revista. Disse ao mundo que você era viciada.

O silêncio depois da fala a devastou. A Dra. Bloom tentara convencê-la de que a condição de Tully não era culpa dela — todos tinham tentado —, mas esta era mais uma coisa em que Marah não conseguia acreditar.

Ela não podia deixar de pedir desculpas sempre que visitava a madrinha.

— Queria que pudéssemos recomeçar, você e eu. Sinto tanto a sua falta. — A voz de Marah era macia e insegura.

No silêncio, ela suspirou e pegou a sacola cinza no chão. Tirou seu bem mais precioso.

O diário de sua mãe.

Suas mãos tremiam um pouco ao abrir o diário e ver *A História de Katie* escrita com a letra de Tully.

Marah ficou olhando para aquelas quatro palavras. Como era possível que ainda tivesse medo de ler o que estava escrito naquelas páginas? Ela deveria *querer* ler os últimos pensamentos de sua mãe, mas a ideia daquilo a deixava quase enjoada.

— Prometi a ela que leria isto com você quando estivesse preparada. Não estou muito preparada, e você não é exatamente você, mas estou indo embora e a Dra. Bloom me disse que já é hora. E ela tem razão. É hora.

Baixinho, Marah disse: — Aqui vai — e começou a ler em voz alta.

O pânico sempre vem para mim do mesmo jeito. Primeiro, um nó no estômago que se transforma numa náusea, depois uma falta de ar que respiração nenhuma cura. Mas o que me dá medo é diferente a cada dia; nunca sei o que me assustará.

Pode ser um beijo do meu marido ou um olhar de tristeza em seus olhos quando ele recua. Às vezes sei que ele já está sofrendo a minha falta. Pior ainda é a aceitação silenciosa de Marah de tudo o que eu digo. Daria qualquer coisa por outra de nossas brigas.

Esta é uma das primeiras coisas que eu lhe diria agora, Marah: aquelas brigas eram a vida real. Você está lutando para deixar de ser minha filha, mas insegura demais para ser você mesma, enquanto eu estou com medo de deixá-la partir. É o ciclo do amor.

Só queria que tivesse percebido antes. Sua avó me disse que eu sabia que você sentiria falta destes anos antes que se desse conta, e

ela tinha razão. Sei que você se arrepende de algumas coisas que disse para mim, assim como me arrependo das minhas palavras. Mas nada disso importa. Quero que você saiba disso. Amo você e sei que você me ama.

Mas isso são apenas mais palavras, não é? Eu quero ir mais fundo do que isso.

Assim, se você ficar comigo (eu não escrevo nada há anos), tenho uma história para lhe contar. É a minha história, que é sua também. Ela começa em 1960, numa fazendinha no norte, numa casa de madeira numa colina acima do pasto dos cavalos. Quando ela fica boa, contudo, é em 1974, quando a menina mais legal do mundo se muda para a rua do outro lado da rua...

Marah se perdeu na história de uma solitária menina de quatorze anos de quem se ria no ônibus e que vivia por meio de seus personagens fictícios preferidos. *Elas me chamavam de Kootie e riam das minhas roupas e perguntavam onde fora a enchente e eu nunca dizia nada, simplesmente me apegava a meus livros. Frodo era meu melhor amigo naquele ano, e Gandalf, Sam e Aragorn. Eu me imaginava numa espécie de busca mítica.* Marah podia imaginar perfeitamente: uma menina não popular que se sentava de noite sob as estrelas e que conheceu outra menina solitária. Algumas palavras ao acaso se tornaram o início de uma amizade que mudou a vida das duas.

E achávamos que estávamos bem. Você já passou por isso, Marah? Seguir a moda até não fazer sentido e ainda assim olhar no espelho e parecer uma versão legal e mágica de si mesma? Assim foram os anos 1980 para mim. Claro que Tully estava no controle do meu armário...

Marah tocou seus cabelos pretos curtos, lembrando-se de quando eles eram rosa e cheios de gel...

Quando conheci seu pai, foi mágico. Não para ele — não na época —, mas para mim. Às vezes, se você tem sorte, pode olhar para um par de olhos e ver todo o seu futuro.

Desejo esse tipo de amor para vocês, meus filhos — não aceitem nada menos do que isso.

Quando segurei meus bebês e olhei em seus olhos, descobri o sentido da vida. Minha paixão. Meu objetivo. Pode não estar na moda, mas nasci para ser mãe, e amei cada segundo disso. Você e seus irmãos me ensinaram tudo o que há para saber sobre o amor, e parte meu coração deixá-los.

O diário continuava, serpenteando pelos anos da vida da mãe de Marah; quando ela terminou, o sol havia se posto; a noite caíra e Marah nem sequer percebera. Uma luz artificial alaranjada entrava pela persiana. Marah acendeu o abajur e continuou lendo em voz alta.

Eis o que você precisa saber, Marah. Você é uma lutadora, uma rebelde. Sei que me perder vai magoá-la profundamente. Você se lembrará de nossas discussões e brigas.

Esqueça-as, menininha. Isso é só você sendo você e eu sendo eu mesma. Lembre-se do restante — os abraços, os beijos, os castelos de areia que fizemos, os bolinhos que decoramos, as histórias que contamos uma para a outra. Lembre-se de quanto eu a amava, cada pequena parte de você.

Lembre-se de que eu amava seu fogo e sua paixão. Você é o melhor de mim, Marah, e espero que algum dia você descubra que sou o melhor de você também. Deixe tudo o mais. Apenas lembre-se de como nos amávamos.

Amor. Família. Risadas. Eis do que me lembro no final das contas. Durante parte da minha vida eu achei que não tinha feito ou querido o suficiente. Acho que posso ser perdoada por minha estupidez.

Eu era jovem. Quero que meus filhos saibam como tenho orgulho deles e de mim. Somos tudo de que precisamos — você, seu pai, os meninos e eu. Tive tudo o que sempre quis. Amor. É disso que nos lembramos.

Marah leu a última palavra — *lembramos* — em meio a lágrimas que queimavam seus olhos e desfocavam o texto. Naquele olhar aguado, ela imaginou sua mãe com os mínimos detalhes — seus cabelos loiros que nunca pareciam direitos, seus olhos verdes que pareciam alinhados com sua alma e sabiam exatamente o que você estava pensando, o modo como ela sabia quando uma batida de porta era um convite e quando não era, o jeito como ela ria, o jeito

como ela tirava os olhos de cima dos olhos de Marah e sussurrava: *Sempre, menininha*, antes de dar um beijo de boa noite.

— Ah, meu Deus, Tully... Eu me lembro dela...

Sinto meu coração batendo. Ouço o aumento e a diminuição das marés, a brisa de verão, a batida de um tambor.

Memórias do som.

Mas agora há algo na escuridão, cutucando-me, atrapalhando a batida do meu coração.

Abro meus olhos, sem nem perceber que eles estavam fechados, mas não faz diferença; não há nada além da escuridão interminável ao meu redor.

— Tully.

Sou eu. Eu era eu. Ouço de novo meu nome, e, à medida que as letras se aglutinam, juntamente com o som, percebo a luz, vagalumes, talvez, ou feixes de luz dançando ao meu redor como peixes.

Palavras. As luzes são palavras pairando sobre mim.

“... a menina mais legal do mundo...”

“... os castelos de areia que fizemos...”

“... o melhor de você...”

Respiro fundo; sinto uma pancada no peito.

Marah.

É a voz dela que ouço, mas as palavras são de Kate. O diário dela. Li-o tantas vezes ao longo dos anos que o memorizei. Percebo-me fazendo um esforço para ir para a frente.

A escuridão pressiona, me contém, luzes passam por mim.

Alguém segura minha mão. *Marah.* Sinto o calor de sua pegada, seus dedos ao redor dos meus, a única coisa real neste mundo que não faz sentido.

Você pode ouvi-la, diz Kate.

Viro-me e lá está ela, banhada numa luz belíssima. Vejo-a em meio ao brilho, seus olhos verdes, seus cabelos loiros, seu sorriso largo.

Em meio à escuridão, escuto: — Ah, meu Deus, Tully... Eu me lembro dela...

E, assim, eu me lembro de *mim*. A vida que vivi, as lições que não aprendi, como fracasei com as pessoas que amava e quanto as amava. Lembro-me de vê-las se reunindo ao meu redor, de ouvi-las rezando por mim.

Quero-as de volta. Quero a mim mesma de volta.

Encaro Katie e vejo tudo em seus olhos: nosso passado. Há mais: ansiedade. Vejo o amor que ela tem por todos nós — eu, seu marido, seus filhos, seus pais — e como esse amor brilha com esperança e perda.

O que você quer, Tully?

As palavras de Marah caem ao nosso redor, brilham na água, pousam na pele como beijos.

— Quero outra chance — digo, e, ao dizer isso, o poder da minha escolha pulsa e dá força a meus membros cansados.

Vim dizer adeus. Preciso seguir adiante, Tul. Assim como você. Preciso que você diga adeus e sorria. É disso que preciso. Um sorriso para me dizer que você vai ficar bem.

— Estou com medo.

Ao vento.

— Mas...

Vou embora, Tul. Mas sempre vou estar com você. Vá...

— Nunca vou me esquecer de nós.

Sei disso. Agora vá. Viva. É uma dádiva... E... diga aos meus meninos...

— Eu sei — digo, baixinho. Ela me transmitiu mensagens. Guardo as palavras perto do coração, na alma. Vou dizer a Lucas que sua mãe se aproxima todas as noites e sussurra em seu ouvido e cuida do seu sono, e que ela está feliz e que quer o mesmo para ele... Vou dizer a Wills que não há nada de errado em estar triste e que ele precisa deixar de lutar para preencher aquele espaço vazio que sua mãe ocupava. *Não fui embora*, era a mensagem dela. *Só me afastei*. Vou lhes ensinar todas as coisas que ela teria ensinado e garantirei que todos saibam o quanto ela os ama.

Afastar-me dela foi a coisa mais difícil que fiz. Num instante estou com frio e meu corpo parece pesado. Há uma enorme colina escura diante de mim, tão íngreme que caio ao tentar escalá-la.

No alto, há um feixe de luz. Aproximo-me, inclino-me, dou outro passo.

A luz está se afastando de mim.

Tenho de chegar no alto, onde está o mundo, mas estou tão cansada, tão cansada.

Mas continuo tentando. Subo lentamente.

Cada passo é uma luta. A escuridão me puxa de volta. A luz se transforma em neve e cada floco queima minha pele. Mas há uma luz ficando mais forte. É como um farol, iluminando e mostrando-me o caminho.

Estou respirando fundo agora, pensando, *por favor*, percebendo que é uma prece. A primeira oração verdadeira da minha vida.

Não vou conseguir.

Não.

Vou conseguir. Imagino Katie ao meu lado, como antigamente, empurrando nossas bicicletas pela Summer Hill somente com o luar a nos guiar. Jogo-me para a frente e de repente estou no alto do monte. Sinto cheiro de gardênia e lavanda.

A luz está por todos os lugares agora, ferindo meus olhos, cegando-me. Vem de uma coisa cônica dentro de mim.

Pisco, tento controlar minha respiração.

— Consegui, Katie — sussurro, minha voz baixa demais para ser ouvida. Talvez não diga em voz alta. Espero que ela diga: *Eu sei*, mas escuto apenas o som da minha respiração.

Abro meus olhos de novo, tento me concentrar. Há alguém ao meu lado; vejo as luzes e sombras.

Um rosto olhando para mim.

Marah. Ela está como antes, linda e saudável.

— Tully? — diz ela cuidadosamente, como se eu fosse um espírito ou uma ilusão.

Se estou sonhando, aceito. Estou de volta.

— Marah — levo um tempão para dizer.

Tento me manter, ficar, mas não consigo.

O tempo me escapa. Abro meus olhos — vejo Marah e Margie — e tento sorrir, mas estou fraca demais. É o rosto da minha mãe? Tento

dizer algo, mas só sai um som grasnado. E talvez eu tenha imaginado isso.

Assim que percebo, estou dormindo de novo.

CAPÍTULO VINTE E OITO

DOROTHY ESTAVA SENTADA NA SALA de espera do hospital, as mãos sobre o colo, os joelhos tão juntos que os ossos batiam um no outro.

Estavam todos ali: Johnny e os gêmeos; Marah, que parecia vidrada e nervosa e não conseguia ficar imóvel; Margie e Bud. Fazia três dias desde que Tully abrisse os olhos e tentara falar. Eles a transferiram imediatamente para o hospital, onde o jogo de espera recomeçou.

Parecia um milagre a princípio, mas agora Dorothy não tinha tanta certeza. De qualquer modo, ela sabia que não deveria acreditar em milagres, não é mesmo?

O Dr. Bevan lhes garantiu que Tully estava acordada; ele lhes disse que geralmente uma pessoa demorava para se tornar totalmente consciente depois de um longo sono.

Ele os alertou de que provavelmente haveria efeitos duradouros, e isso certamente fez sentido. Você não podia dormir por um ano e depois acordar e pedir café e uma rosquinha.

Durante meses, Dorothy rezara por isso. Ela se ajoelhou ao lado da cama da filha todas as noites. Era incômodo, doloroso em suas articulações, mas ela tinha certeza de que a dor era parte do preço.

Assim, ela se ajoelhou e rezou, noite após noite, à medida que o outono virava inverno e depois primavera. Ela rezou enquanto seus legumes criavam raízes e reuniam força para crescer; ela rezou enquanto as maçãs germinavam nas árvores e começavam a apodrecer. Sua oração era sempre a mesma: *Por favor, Deus, permita que ela acorde.*

Durante todo o tempo, ao longo da jornada de suas palavras desesperadas, ela nunca se permitira pensar realmente naquele momento. Dorothy tinha medo de imaginar uma resposta a suas orações, como se sua necessidade pudesse estragar tudo.

De qualquer modo, era isso o que ela dizia a si mesma. Agora ela via que era mais uma mentira que contava a si mesma ao longo dos

anos. Dorothy não ousava imaginar este momento porque ele a aterrorizava.

E se Tully acordasse e não quisesse ter ligação nenhuma com ela?

Era um cenário provável. Dorothy fora uma mãe ruim por tanto tempo e, agora, quando finalmente aprendera a ser uma mãe melhor, agora que finalmente ousara mergulhar na maternidade, não era real.

Não para Tully, que dormira durante todo o tempo.

— Você está murmurando de novo — disse Margie.

Dorothy fechou a boca.

— Tique nervoso.

Margie tocou a mão de Dorothy. Ela ainda se surpreendia com a intimidade fácil que encontrara em Margie; ela também ficava surpresa ao perceber o quanto era importante simplesmente ser tocada por outro ser humano que a compreendia.

— Estou com medo — disse.

— Claro que está. Você é mãe. O medo faz parte do trabalho.

Dorothy se virou para olhar para Margie.

— O que sei eu sobre a maternidade?

— Você aprende rápido.

— E se ela não quiser nada comigo quando acordar? Não sei como voltar a ser quem eu era sem ela. Não posso apenas me aproximar da cama dela e dizer oi.

O sorriso de Margie era triste e tão cansado quanto seu olhar.

— Ela sempre quis ter algo com você, Dorothy. Lembro-me da primeira vez que ela me perguntou o que havia de errado com ela, por que você não a amava. Partiu meu coração, sinceramente. Disse-lhe que às vezes a vida simplesmente não funcionava como se esperava, mas que nunca se devia abandonar a esperança. Ela tinha dezessete anos. Sua mãe havia morrido e ela tinha medo de onde viveria. Nós a aceitamos, lhe demos um lugar para viver. Naquela primeira noite, quando ela estava na cama no quarto de Katie, sentei-me ao lado dela e lhe disse boa-noite. Ela olhou para mim e disse: “Ela vai sentir minha falta algum dia”, e eu disse: “Como não sentiria?”, e a Tully disse — tão baixinho que mal pude ouvir: “Vou

esperar". E ela esperou, Dorothy. Ela esperou por você de mil maneiras diferentes.

Dorothy queria ser o tipo de mulher que acreditava numa coisa daquelas.

O tempo passou para Tully em imagens borradas e vinhetas sem sentido — um carro branco, uma mulher de rosa dizendo algo sobre se sentir melhor agora, uma cama móvel, uma TV no canto de um cômodo branco, vozes distantes. Agora havia apenas uma voz. Os sons lhe vinham, se decompunham, formando... palavras.

— Olá, Tully.

Tully piscou lentamente e abriu os olhos.

Havia um homem ao lado dela. Um homem com um avental branco. Ela não conseguia focar o olhar nele; as luzes ali estavam escuras demais. Ela sentia falta da luz. O que aquilo significava? E ela estava com frio.

— Sou o Dr. Bevan. Você está no Sacred Heart Hospital. Chegou aqui há cinco dias. Você se lembra?

Ela fez uma careta, tentando pensar.

Tully sentia como se estivesse na escuridão havia horas, anos, vidas. Ela não se lembrava de nada. Só algo sobre uma luz... O som de água corrente... O cheiro de mato na primavera.

Tully tentou umedecer seus lábios — estavam dolorosamente secos —, e sua garganta estava queimando.

— O que...

— Você sofreu um acidente de carro e passou por um sério trauma na cabeça. Seu braço esquerdo foi quebrado em três lugares, assim como seu tornozelo esquerdo... Mas foi uma única fratura. Ambos os ossos estão consolidados.

Acidente de carro?

— Não, Tully, não tente se mover.

Ela estava tentando se mover?

— Há quanto... tempo? — Ela nem sabia o que estava perguntando e, ao dizer alguma coisa — e não tinha ideia do quê —, estava fechando os olhos novamente. Ela dormiria por só mais um minutinho...

Ela ouviu alguma coisa. Sentiu alguma coisa. Não estava sozinha. Respirou fundo e abriu os olhos.

— Oi.

Johnny. Ele estava ali, ao lado dela. Ao lado dele estavam Margie e Marah e...

Cloud? O que sua mãe estava fazendo ali?

— Você voltou — disse Johnny, a voz trêmula. — Pensamos que tínhamos perdido você.

Ela tentou falar, mas, mesmo se esforçando, as palavras saíram distorcidas.

Tully não conseguia pensar com clareza.

Ele tocou seu rosto.

— Estamos aqui. Todos nós.

Ela se esforçou para se concentrar, de repente desesperada para dizer alguma coisa.

— Johnny... Eu...

Eu a vi.

O que isso significava? Vira quem?

— Não se preocupe, Tul — disse ele. — Agora temos tempo.

Ela fechou os olhos e voltou a dormir.

Mais tarde, achou ter ouvido vozes — Johnny e outro homem. Palavras pairavam sobre ela — incrível recuperação, atividade cerebral normal, dê-lhe tempo —, mas nada fazia sentido para ela, que desistiu.

Johnny ainda estava lá quando Tully acordou de novo. Assim como Margie. Ambos estavam ao lado da sua cama, conversando baixinho, quando ela abriu os olhos.

Pareceu diferente esse despertar; ela percebeu instantaneamente.

Margie a viu abrir os olhos e começou a chorar.

— Aí está você.

— Oi — disse Tully. Foi necessária concentração para encontrar aquela palavra simples, para se encontrar na palavra. Ela disse alguma coisa — não sabia o quê e tinha certeza de que não fazia sentido. Ela percebia que sua voz era baixa, um pouco arrastada, mas a forma como eles sorriam superava tudo.

Johnny se aproximou.

— Sentimos sua falta.

Margie chegou mais perto.

— Aí está minha garota.

— Quanto tempo... aqui? — Ela sabia que havia mais palavras pertencentes à pergunta, mas não conseguia evocá-las.

Margie olhou para Johnny.

— Você chegou aqui há seis dias — disse Johnny. Ele respirou fundo. — Seu acidente foi no dia 3 de setembro de 2010.

— Hoje é 27 de agosto de 2011 — disse Margie.

— Mas. Espere.

— Você esteve em coma por quase um ano — disse Johnny.

Um ano.

Ela fechou os olhos, sentindo-se em pânico. Tully não se lembrava do acidente de carro ou de estar em coma ou...

Oi, Tul.

De repente, estava lá na escuridão com ela, uma bela lembrança. Duas mulheres andando lado a lado de bicicleta, seus braços estendidos e... luzes... Katie ao lado dela dizendo: *Quem disse que você morre?*

Não podia ser real. Ela imaginara tudo. Essa tinha de ser a resposta.

— Eles me deram remédios pesados, não? — perguntou Tully, abrindo os olhos lentamente.

— Sim — disse Margie. — Para salvar sua vida.

Então era isso. Num estado drogado e semimorto, ela imaginara sua melhor amiga. Não era de surpreender.

— Você tem que fazer fisioterapia e terapia ocupacional. O Dr. Bevan recomendou um ótimo terapeuta que vai trabalhar com você. Ele não acha que vai demorar muito para você viver na sua casa sozinha.

— Casa — disse ela, baixinho, perguntando-se o que exatamente era isso.

No seu sonho, ela estava numa cadeira Adirondack perto da praia e Katie estava ao seu lado. Mas não era na praia cinzenta de Bainbridge Island que estavam, nem nas águas azuis da baía.

Onde estamos?, perguntou ela e esperou por uma resposta, a luz refletindo na água azul-turquesa, iluminando as coisas até que tudo estivesse tão brilhante que Tully não pudesse ver.

Quando alguém incomodar você ou lhe disser que não tem a ver com você ou quando nossa música tocar. Ouça e você vai me ouvir em tudo.

Tully acordou de repente. Ela se sentou tão rapidamente que lhe faltou ar e a dor de cabeça se intensificou.

Katie.

A lembrança da luz a tomou de assalto.

Ela estivera com Katie em algum lugar — lá — e segurara sua mão, ouvira-a dizer:

Sempre vou estar com você. Sempre que você ouvir nossa música ou rir alto, vou estar lá. Quando você fechar seus olhos à noite e se lembrar, vou estar lá. Sempre.

Era real. De algum modo. Impossível.

Não eram os remédios ou a lesão cerebral ou o pensamento positivo. Era real.

CAPÍTULO VINTE E NOVE

O DIA SEGUINTE FOI UMA SÉRIE interminável de exames:

Tully foi apalpada, espetada e fez raio-X. Ela — e todos os outros — estavam surpresos com sua rápida melhora.

— Está pronta? — perguntou Johnny quando ela finalmente recebeu alta.

— Onde estão todos?

— Preparando sua volta para casa. Será grandiosa. Está preparada?

Ela estava sentada numa cadeira de rodas perto da única janela do quarto, usando uma proteção na cabeça para o caso de uma queda. Seus reflexos estavam um pouco lentos, e ninguém queria que ela batesse a cabeça.

— Sim. — Ela tinha dificuldade para encontrar as palavras às vezes, por isso respondia com palavras curtas.

— Quantos estão lá?

Ela franziu a testa.

— Quantos o quê?

— Seus fãs.

Ela suspirou.

— Não tenho fãs.

Ele atravessou o quarto e ficou ao lado dela, virando a cadeira de rodas para a janela.

— Olhe com mais atenção.

Ela seguiu a direção do seu olhar. Uma multidão estava no estacionamento do hospital, segurando guarda-chuvas coloridos. Havia ao menos trinta pessoas.

— Não vejo... — disse ela, mas depois viu os cartazes.

NÓS VOCÊ, TULLY !

FIQUE BEM, TULLY

NOSSAS AMIGAS NUNCA DESISTEM!

— Eles estão lá por mim?

— Sua recuperação é notícia. Fãs e repórteres começaram a chegar assim que a notícia se espalhou.

A multidão desapareceu diante dos olhos de Tully. A princípio ela pensou que a chuva havia apertado. Depois, percebeu que estava se lembrando de tudo por que passara nos últimos anos e estava chorando diante dessa prova de que não fora esquecida no final das contas.

— Eles amam você, Tul. Ouvi dizer que a Barbara Walters quer uma entrevista.

Ela não sabia o que dizer. Não importava; Johnny estava se movimentando. Ele pegou sua cadeira de rodas e a levou para fora do hospital. Tully deu uma última olhada ao sair.

Na recepção, ele parou e travou o freio.

— Não demoro. Vou só chamar seus fãs e os repórteres.

Ele a posicionou contra a parede, com a recepção atrás dela, e saiu pela porta automática.

Naquela tarde de agosto, uma chuva fina caía mesmo com o sol. Era o que os nativos chamavam de sol intermitente.

À medida que Johnny avançou, câmeras apontaram para ele e flashes espocaram. Os cartazes — NÓS VOCÊ, TULLY ; MELHORE; ESTAMOS REZANDO POR VOCÊ — se abaixaram lentamente.

— Sei que vocês estão felizes com a recuperação milagrosa da Tully Hart. E é milagrosa mesmo. Os médicos aqui no Sacred Heart, especialmente o Dr. Reginald Bevan, trataram a Tully bem e eu sei que ela gostaria que eu lhes agradecesse por ela. Sei que ela quer que eu agradeça aos fãs também, muitos dos quais rezaram por essa recuperação.

— Onde está ela? — alguém gritou.

— Queremos vê-la!

Johnny pediu silêncio com a mão.

— Tenho certeza de que vocês todos entendem que a Tully está focada em sua recuperação agora. Ela...

Um suspiro tomou conta da multidão. As pessoas diante de Johnny se viraram para as portas do hospital. Os fotógrafos tropeçaram uns nos outros, os flashes espocando.

Tully estava sentada do lado de fora do hospital, com as portas se abrindo e se fechando atrás dela.

Ela estava sem fôlego e a cadeira estava torta, sem dúvida porque ela estava fraca demais para empurrá-la. Uma chuva fina caía em seu capacete e molhava sua blusa.

Johnny se aproximou dela.

— Tem certeza? — perguntou ele.

— Abso... lutamente não. Vamos lá.

Ele a empurrou para a frente; a multidão silenciou.

Ela sorriu para eles e disse: — Já estive melhor.

O estrondo de aprovação quase derrubou Johnny. Cartazes voltaram a ser erguidos.

— Obrigada — disse ela quando a multidão finalmente se aquietou.

— Você vai voltar ao ar? — perguntou um dos repórteres.

Ela olhou para a multidão e depois para Johnny, que a conhecia tão bem, que estivera com ela desde o início da sua carreira. Ela viu como ele a olhava: estaria se lembrando dela com vinte e um anos, toda empolgada ao lhe enviar um currículo por dia durante meses e trabalhando de graça? Johnny sabia que ela desesperadamente precisava ser *alguém*. Droga, ela abdicaria de tudo para ser amada por estranhos.

Ela respirou fundo e disse.

— Não. — Tully queria se explicar, dizer que se enchera da fama, que não precisava mais disso, mas era difícil demais reunir as palavras e colocá-las em ordem. Ela sabia o que importava agora.

A multidão fazia barulho; perguntas eram feitas para Tully.

Ela se virou para Johnny.

— Nunca tive tanto orgulho de você — disse ele, baixinho.

— Por desistir?

Ele tocou seu rosto com uma gentileza que a fez perder o fôlego.

— Por nunca desistir.

Com a multidão ainda fazendo perguntas, Johnny assumiu o controle da cadeira de rodas e voltou para a recepção do hospital.

Em pouco tempo eles estavam no carro e indo para o norte pela I-5.

Para onde estavam indo? Ela deveria ir para casa.

— Caminho errado.

— Você está dirigindo? — perguntou Johnny. Ele não olhou para Tully, mas podia ver que ela estava sorrindo. — Não. Não está. Está no banco do passageiro. Sei que você recentemente sofreu uma lesão cerebral, mas tenho certeza de que se lembra que o motorista dirige e o passageiro aproveita a paisagem.

— Para onde... estamos indo?

— Snohomish.

Pela primeira vez, Tully pensou em seu coma. Como ninguém lhe dissera onde ela estivera o tempo todo? E por que a pergunta não lhe ocorrera antes?

— O Bud e a Margie cuidaram de mim?

— Não.

— Você?

— Não.

Ela fez uma careta.

— Uma casa de repouso?

Ele indicou uma entrada e saiu da autoestrada rumo a Snohomish.

— Você ficou na sua casa em Snohomish. Com sua mãe.

— Minha *mãe*?

O olhar dele se abrandou.

— Houve mais do que alguns milagres em tudo isso.

Tully não sabia o que dizer. Seria menos surpreendente ouvir que Johnny Depp cuidara dela nos meses de escuridão.

Ainda assim, uma lembrança a provocava, se aproximava e depois se afastava.

Uma combinação de palavras e luz. O cheiro de lavanda e Love's Baby Soft... *Billy, don't be a hero...*

Katie dizendo: *Ouça. É sua mãe.*

Johnny estacionou diante da casa na Firefly Lane e se virou para Tully. Depois de um tempo, ele disse:

— Não sei como lhe dizer o quanto eu lamento.

A ternura que ela sentiu por aquele homem era tão grande que era quase uma dor. Como fazê-lo entender o que ela aprendera na escuridão — e na luz?

— Eu a vi — disse ela, baixinho.

Ele franziu a testa.

— Ela?

Tully percebeu que ele entendia.

— Katie.

— Ah.

— Pode me chamar de louca, ferida ou drogada. Que seja. Eu a vi e ela segurou minha mão e me disse para lhe dizer que “você se saiu bem e não há por que as crianças o perdoarem”.

Ele fez uma careta.

— Ela achava que você estaria furioso consigo mesmo por não ter sido forte o suficiente. Você queria ter deixado que ela lhe dissesse que tinha medo. Ela disse: “Diga-lhe que ele foi tudo de que sempre precisei e que ele disse tudo o que eu precisava ouvir”.

Tully tocou-lhe a mão e lá estavam novamente, entre eles, todos os anos que passaram juntos, todas as vezes que riram, choraram, esperaram e sonharam.

— Eu perdoo você por partir meu coração se você me perdoar também. Por tudo.

Ele fez que sim, os olhos marejados de lágrimas.

— Senti sua falta, Tul.

— É, Johnny. Senti sua falta também.

Marah mergulhou nos preparativos para a volta de Tully, mas, ao conversar com seus avós e brincar com seus irmãos, ela sentia que estava pisando em ovos. Seu estômago estava apertado com a ansiedade. Ela queria desesperadamente o perdão de Tully, mas não o merecia. A única outra pessoa que parecia incomodada com a celebração era Dorothy. A mãe de Tully parecia diminuta nos últimos dias, e ficando ainda menor.

Marah sabia que a idosa começara a guardar seus poucos pertences numa sacola. Enquanto todos se ocupavam da decoração, Dorothy dissera alguma coisa sobre precisar comprar remédios. Ela saíra havia horas e ainda não havia voltado.

Com a volta de Tully, todos gritaram e bateram palmas e a receberam de volta em casa. A vovó e o vovô a abraçaram e os gêmeos gritaram à chegada dela.

— Sabia que você ficaria bem — disse Lucas para Tully. — Rezei todas as noites.

— Eu rezei todas as noites também — disse Wills, para não ser vencido.

Tully parecia exausta, sentada lá, a cabeça pendendo estranhamente, o capacete prateado fazendo-a parecer quase uma criança.

— Eu conheço... dois meninos... cujo aniversário está chegando. Perdi um ano. Vou comprar dois presentes agora. — Tully teve de se esforçar para dizer tudo aquilo e, quando terminou, seu rosto estava vermelho e ela estava sem fôlego.

— Provavelmente Porsches combinando — disse o papai.

A vovó riu e levou os meninos para a cozinha para pegarem o bolo.

Marah passou a festa toda sorrindo e murmurando comentários. Para a sorte dela, Tully se cansou facilmente e disse boa-noite por volta das oito horas.

— Me leva para a cama? — pediu Tully, segurando a mão de Marah, apertando.

— Claro. — Marah pegou a cadeira de rodas e empurrou a madrinha pelo corredor até o quarto. Lá, ela manobrou Tully pela porta e para dentro do quarto, onde estavam a cama hospitalar e flores e imagens espalhadas pelas mesas. Um apoio para medicamento intravenoso estava ao lado da cama.

— Foi aqui que estive — disse Tully. — Por um ano...

— Sim.

— Gardênias — disse ela. — Eu me lembro...

Marah a ajudou a entrar no banheiro, onde Tully escovou os dentes e vestiu uma camisola branca que estava pendurada num gancho atrás da porta. Depois ela voltou para sua cadeira de rodas e Marah a levou para a cama. Lá, ajudou Tully a se levantar.

Tully a encarou. Num olhar, Marah viu tudo: *Meu trabalho é amar você... a briga... Você é minha melhor amiga...* e as mentiras.

— Senti sua falta — disse Tully.

Marah começou a chorar. De repente, ela estava chorando por tudo — pela perda de sua mãe, por encontrá-la no diário, pela forma como traíra Tully e pelas mágoas que infligira às pessoas que a amavam.

— Desculpe, Tully.

Tully levantou as mãos lentamente, envolvendo o rosto de Marah em suas mãos secas.

— Sua voz me trouxe de volta.

— O artigo da *Star...*

— Águas passadas. Aqui, me ajude a me deitar. Estou exausta.

Marah enxugou os olhos e abriu as cobertas e ajudou Tully a se deitar. Depois, subiu na cama ao lado da madrinha, como antigamente.

Tully ficou em silêncio por um instante, antes de dizer: — É verdadeira aquela coisa de ir para a luz e a vida toda passar diante de seus olhos. Quando estava em coma, eu... deixei meu corpo. Pude ver seu pai no hospital comigo. Era como se eu estivesse flutuando num canto, olhando o que acontecia a esta mulher que se parecia comigo, mas não era eu. E eu não suportava, por isso me virei e lá estava... aquela luz, e eu a segui e, quando percebi, estava na minha bicicleta, na Summer Hill, pedalando no escuro. Com sua mãe ao meu lado.

Marah respirou fundo, levando a mão à boca.

— Ela está com a gente, Marah. Ela vai estar *sempre* observando e amando você.

— Quero acreditar nisso.

— É uma escolha. — Tully sorriu. — Ela está feliz por você ter se livrado dos cabelos cor-de-rosa, por sinal. Eu deveria lhe falar isso. Ah, e há mais uma coisa... — Ela fez uma careta, tentando se lembrar. — Ah, sim. Ela disse: “Todas as coisas terminam, até mesmo esta história”. Faz sentido?

— É do *Hobbit* — disse Marah. *Talvez algum dia você se sinta sozinha com a tristeza, incapaz de compartilhá-la comigo ou com seu pai, e você vai se lembrar deste livro na sua mesa de cabeceira.*

— O livro? Que estranho.

Marah sorriu. Ela não achava nada estranho.

— Sou Dorothy, e sou uma viciada.

— Oi, Dorothy!

Ela estava no meio do círculo de pessoas que vieram à reunião dos Narcóticos Anônimos. Como sempre, a reunião acontecia numa velha igreja na Front Street, em Snohomish.

Na sala fria e mal iluminada que cheirava a café e rosquinhas, ela falou da sua recuperação, de quanto tempo levava para ela se curar e de como era difícil às vezes. Ela precisava disso esta noite mais do que todas as noites.

Ao final da reunião, ela deixou a igrejinha de madeira e subiu na sua bicicleta. Pela primeira vez em anos, não parou para conversar com ninguém depois da reunião.

Dorothy estava nervosa demais.

Era uma noite escura, cheia de árvores ao vento e estrelinhas. Ela andou pela rua principal, indicou que viraria e rumou para o centro da cidade.

Na sua casa, entrou na garagem e parou.

Equilibrando a bicicleta com cuidado contra a lateral da casa, foi até a porta da frente e girou a maçaneta. Dentro, tudo estava quieto. Havia um aroma de sobras no ar — espaguete, talvez — e um pouco de manjeriço fresco. Algumas luzes estavam acesas, mas a casa estava em silêncio.

Ela pendurou a bolsa no ombro e fechou a porta. O cheiro pungente de lavanda preenchia suas narinas. Dorothy se movia silenciosamente pela casa. Tudo o que ela via era prova da festa que perdera — uma faixa de BEM-VINDA AO LAR, uma pilha de guardanapos coloridos na bancada, as taças de vinho na pia.

Que covarde ela era.

Na cozinha, Dorothy se serviu de um copo de água da pia e se recostou na bancada, bebendo o líquido como se estivesse morrendo de sede. Diante dela, o corredor escuro se estendia. Num dos lados estava a porta do seu quarto; no outro, a porta do quarto de Tully.

Covarde, pensou novamente. Em vez de andar pelo corredor, fazendo o que precisava ser feito, ela se percebeu andando pela casa, rumo à porta dos fundos, saindo para a varanda.

Ela sentiu cheiro de cigarro.

— Você estava esperando por mim? — perguntou.

Margie se levantou.

— Claro. Sabia que seria difícil para você. Mas você esteve escondida por muito tempo.

Dorothy quase sentiu as pernas falharem.

Ela nunca tivera uma boa amiga na vida, nenhuma dessas mulheres que estariam lá por você se você precisasse delas. Até agora.

Ela pegou a cadeira de madeira ao lado dela e se apoiou.

Havia três cadeiras ali. Dorothy passara meses restaurando as cadeiras que encontrara num bazar de caridade. Quando terminara de lixá-las e pintá-las — uma vasta palheta de cores —, ela pintara nomes nas costas. *Dorothy. Tully. Kate.*

Na época, parecera algo romântico e otimista. Ao segurar o pincel e espalhar as cores pela madeira, ela imaginara o que Tully diria quando acordasse. Agora, porém, tudo o que ela via era a presunção de suas ações.

O que a fazia pensar que Tully gostaria de se sentar com sua mãe pela manhã e tomar uma xícara de chá... ou que não se magoaria por se sentar ao lado de uma cadeira sempre vazia, seu lugar sempre à espera de uma mulher que nunca voltaria?

— Você se lembra do que lhe falei sobre a maternidade? — perguntou Margie na escuridão, soltando fumaça.

Dorothy passou por uma cesta vazia e se sentou na cadeira com seu nome. Margie, ela notou, estava sentada na cadeira de Tully.

— Você me disse várias coisas — disse Dorothy, recostando-se com um suspiro.

— Quando você é mãe, aprende sobre o medo. Você está sempre com medo. Sempre. De tudo, desde portas de madeira a sequestradores e do clima. Não há nada que não possa machucar seus filhos, juro. — Ela se virou. — A ironia é que eles precisam que sejamos fortes.

Dorothy engoliu em seco.

— Fui forte para a minha Katie — disse Margie.

Dorothy percebeu o nó na garganta da amiga e, sem pensar, levantou-se da cadeira e abraçou Margie. Ela sentiu como a mulher era magra, como ela tremia a esse toque, e Dorothy compreendeu.

Às vezes dói mais ser confortada do que deixada sozinha.

— O Johnny quer espalhar as cinzas dela no verão. Não sei como fazer isso, mas sei que é a hora.

Dorothy não tinha ideia do que dizer.

Quando Margie recuou, seus olhos estavam úmidos de lágrimas.

— Você me ajudou, sabia? Para o caso de nunca ter lhe dito. Todas as vezes que me deixou sentar aqui e fumar meus cigarros enquanto você plantava sementes e tirava ervas daninhas.

— Eu não falava nada.

— Você estava lá para mim, Dorothy. Como estava lá para a Tully.

— Ela enxugou os olhos e tentou sorrir, depois ficou em silêncio. —
Vá ver sua filha.

Tully acordou de um sono profundo, desorientada. Ela se sentou rapidamente — rápido demais; a tontura fez o ambiente estranho girar por um instante.

— Tully, você está bem?

Ela piscou lentamente e se lembrou de onde estava. Em seu velho quarto, na casa da Firefly Lane.

Ligou o abajur.

Sua mãe estava sentada numa cadeira contra a parede. Ela se levantou, as mãos dadas.

Dorothy estava usando roupas largas, meias brancas e sandálias Birkenstock. E os resquícios do colar de macarrão que Tully fizera para ela no acampamento bíblico. Sua mãe o guardara durante todos esses anos.

— Eu... estava preocupada — disse sua mãe. — Sua primeira noite aqui e tal. Espero que você não se importe por eu estar aqui.

— Oi, Cloud — disse Tully, baixinho.

— Sou Dorothy agora — disse sua mãe.

Ela deu um sorriso tímido e se aproximou da cama. — Escolhi o nome “Cloud” numa comuna nos anos 1970. Estávamos chapados o tempo todo, e nus. Muitas más ideias pareciam boas na época. — Ela olhou para Tully.

— Me disseram que você cuidou de mim.

— Não foi nada.

— Um ano cuidando de uma mulher em coma? Isso não é pouca coisa.

Sua mãe pôs a mão no bolso e pegou uma medalhinha. Era dourada, redonda e pouco maior do que uma moeda de vinte e cinco centavos. Havia um triângulo gravado na medalha; no lado esquerdo do triângulo estava escrito *sobriedade*; no lado direito, *aniversário*. Dentro do triângulo estava o número romano X.

— Lembra da noite em que você me viu no hospital, em 2005?

Tully se lembrava de todas as vezes em que vira sua mãe.

— Sim.

— Foi o fundo do poço para mim. Uma mulher se cansa de ser espancada. Entrei na reabilitação não muito depois daquilo. Você pagou por isso, então, obrigada.

— E você permaneceu sóbria?

— Sim.

Tully tinha medo de acreditar na esperança que se anunciava diante da confissão de sua mãe. E tinha medo de não acreditar.

— Foi por isso que você foi ao meu apartamento e tentou me ajudar.

— No que diz respeito à intervenção, foi péssimo. Só uma velha e uma filha irritada.

— Ela deu um sorriso torto. — Você vê a vida com mais clareza quando está sóbria. Cuidei de você para compensar todas as vezes em que não cuidei de você.

Sua mãe se aproximou, tocando o colar de macarrão no pescoço. Havia uma gentileza no seu olhar que surpreendeu Tully.

— Sei que foi só um ano. Não espero nada.

— Ouvi sua voz — disse Tully. Ela se lembrava de pedaços, momentos. Escuridão e luz. Disto: *Sinto tanto orgulho de você.*

Nunca lhe disse isso, disse? A lembrança era como o recheio cremoso de um chocolate caro. — Você ficou ao meu lado e me contou uma história, não é?

Dorothy pareceu surpresa e depois um pouco triste.

— Eu deveria ter lhe contado há vários anos.

— Você disse que tinha orgulho de mim.

Ela finalmente estendeu o braço e tocou o rosto de Tully com a ternura de uma mãe.

— Como posso não ter orgulho de você?

Seus olhos se encheram de lágrimas.

— Sempre amei você, Tully. Era da minha vida que estava fugindo.

— Lentamente, ela pegou uma fotografia no criado-mudo. — Talvez este seja nosso início. — Ela deu a foto para Tully.

Tully pegou a fotografia que pendia dos dedos magros e trêmulos de sua mãe.

Era quadrada e pequena, do tamanho de uma carta de baralho, com as extremidades gastas. Os anos criaram uma pátina sobre a impressão em preto e branco.

Era a fotografia de um homem, um jovem, sentado numa varanda, com uma das pernas esticadas.

Seus cabelos eram longos, pretos e sujos.

Marcas de suor escureciam a camiseta branca que ele usava; suas botas de caubói já haviam visto dias melhores e suas mãos estavam sujas.

Seu sorriso era amplo e branco e deveria ser grande demais para seu rosto cheio de arestas, mas não era; o sorriso pendia um pouco para um dos lados. Seus olhos eram escuros como a noite e pareciam conter mil segredos. Ao lado dele, no degrau da varanda, havia um bebê de cabelos castanhos dormindo e usando fralda. A enorme mão do homem repousava possessivamente sobre as costas nuas da criança.

— Você e seu pai — disse sua mãe.

— Meu pai? Você disse que não sabia quem...

— Mentir. Eu me apaixonei por ele na escola.

Tully olhou para a imagem. Ela passou o dedo sobre a fotografia, estudando cada traço e sombra, quase incapaz de respirar.

Ela nunca tinha visto qualquer traço de sua aparência no rosto de um parente. Mas ali estava seu *pai*, e ela se parecia com ele.

— Tenho o sorriso dele.

— Sim. E sua risada é como a dele.

Tully sentiu algo dentro dela se encaixar de repente.

— Ele amava você — disse Dorothy. — E eu também.

Tully percebeu o tremor na voz de sua mãe. Quando ela levantou os olhos, as lágrimas na voz de sua mãe se igualavam às suas próprias lágrimas.

— Rafael Benecio Montoya.

Tully disse o nome com reverência: — Rafael.

— Rafe.

Tully não podia conter a emoção inflando seu coração. Isso mudava *tudo*, mudava-a.

Ela tinha um pai. Um papai. E ele a *amava*.

— Posso...?

— O Rafe morreu no Vietnã.

Tully não havia se dado conta de que construía um sonho, mas, com aquela palavra, sentiu que aquele sonho se despedaçava ao seu redor.

— Oh.

— Mas vou lhe contar tudo sobre ele — disse Dorothy. — Como ele lhe cantava músicas em espanhol e jogava você no ar para ouvir sua risada. Ele escolheu seu nome porque era Choctaw e ele dizia que este nome fazia de você uma norte-americana *de verdade*. Por isso sempre chamei você de Tallulah. Para lembrá-lo.

Tully olhou nos olhos úmidos de sua mãe e viu amor, perda e dor. E esperança também. Toda a vida delas.

— Esperei tanto tempo.

Dorothy tocou cuidadosamente o rosto de Tully.

— Eu sei — disse, baixinho.

Era o carinho pelo qual Tully esperara toda a sua vida.

Em seus sonhos, Tully estava sentada numa das cadeiras Adirondack na minha varanda. Eu estava ao lado dela, claro, como sempre estávamos: jovens e rindo.

Sempre conversando. Nos galhos do velho bordo, com folhas vermelhas e douradas do outono, vários potes de vidro pendiam de trepadeiras; neles, velas queimavam sobre nossas cabeças, derramando luz pelo chão.

Sei que, às vezes, quando Tully se senta naquela cadeira, ela pensa em mim. Ela se lembra de nós duas andando de bicicleta na Summer Hill, os braços para o alto, acreditando que o mundo era impossivelmente grande e feliz.

Aqui, em seus sonhos, sempre seremos amigas, juntas. Crescendo, usando roxo e cantando músicas tolas que não significam nada e significam tudo. Aqui não há câncer, envelhecimento, chances perdidas, brigas.

Estou sempre com você, digo-lhe no sono dela, e ela sabe que é verdade.

Viro-me — mal me movimento —, dando uma olhada de soslaio, e estou em algum outro lugar, em algum outro tempo. Dentro da minha casa em Bainbridge Island.

Minha família está reunida, rindo de alguma piada que não ouço. Marah veio da faculdade para as férias de inverno; ela fez uma daquelas amizades que duram para toda a vida — e meu pai está saudável.

Johnny começou a sorrir de novo — em pouco tempo ele vai se apaixonar. Ele vai lutar contra isso... e vai ceder. E meus meninos — meus belos filhos — estão se tornando homens diante de meus olhos. Wills ainda vive em quinta marcha, alto, valente e desafiador, enquanto Lucas segue atrás, mal notado na multidão até que se veja seu sorriso.

Mas é Lucas que ouço à noite, é Lucas que fala comigo no seu sono, com medo de me esquecer. Sinto uma falta quase insuportável deles. Mas eles ficarão bem. Sei disso e agora eles sabem também.

Em pouco tempo, minha mãe estará comigo, embora ela não saiba disso ainda.

Desvio o olhar por um instante e estou de volta a Firefly Lane. É manhã. Tully entra na cozinha e toma chá com sua mãe e elas trabalham na horta e posso ver como ela está ficando forte. Nada de cadeira de rodas. Nem mesmo uma bengala.

O tempo passa. Quanto?

No mundo dela, talvez dias. Semanas...

E de repente há um homem no orquidário, conversando com Dorothy.

Tully deixa de lado sua xícara e se aproxima dele; seus passos são lentos e inseguros na terra do jardim. Seu equilíbrio ainda é tênue. Ela passa por sua mãe e vai até o homem, que segura um par de...

Chinelos?

— Des — diz Tully. Ela dá a mão para ele. Quando eles se tocam, vejo o futuro deles — uma praia cinza com um par de cadeiras de madeira colocadas perto da água... Uma mesa posta para os jantares de festas, com minha família e a deles reunida e uma poltrona alta... Uma casa velha com varanda coberta e vista para o mar. Vejo tudo isso num segundo.

Sei que ela vai ficar bem. A vida vai continuar para ela; corações serão partidos e sonhos serão realizados e riscos serão aceitos, mas ela sempre se lembrará de nós — duas meninas que confiaram uma na outra há muito tempo e se tornaram melhores amigas.

Aproximo-me dela; sei que ela me sente.

Finalmente, sussurro em seu ouvido. Ela me ouve, ou talvez apenas ache que sabe o que eu diria agora. Não importa.

É tempo de eu sair de cena.

Não de Tully e Kate. Sempre seremos parte uma da outra. Melhores amigas.

Mas tenho de seguir em frente, como ela.

Quando olho pela última vez, de muito, muito longe, ela está sorrindo.

Table of Contents

[Por Toda A Eternidade](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO UM](#)

[CAPÍTULO DOIS](#)

[CAPÍTULO TRÊS](#)

[CAPÍTULO QUATRO](#)

[CAPÍTULO CINCO](#)

[CAPÍTULO SEIS](#)

[CAPÍTULO SETE](#)

[CAPÍTULO OITO](#)

[CAPÍTULO NOVE](#)

[CAPÍTULO DEZ](#)

[CAPÍTULO ONZE](#)

[CAPÍTULO DOZE](#)

[CAPÍTULO TREZE](#)

[CAPÍTULO QUATORZE](#)

[CAPÍTULO QUINZE](#)

[CAPÍTULO DEZESSEIS](#)

[CAPÍTULO DEZESSETE](#)

[CAPÍTULO DEZOITO](#)

[CAPÍTULO DEZENOVE](#)

[CAPÍTULO VINTE](#)

[CAPÍTULO VINTE E UM](#)

[CAPÍTULO VINTE E DOIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E TRÊS](#)

[CAPÍTULO VINTE E QUATRO](#)

[CAPÍTULO VINTE E CINCO](#)

[CAPÍTULO VINTE E SEIS](#)

[CAPÍTULO VINTE E SETE](#)

[CAPÍTULO VINTE E OITO](#)

[CAPÍTULO VINTE E NOVE](#)